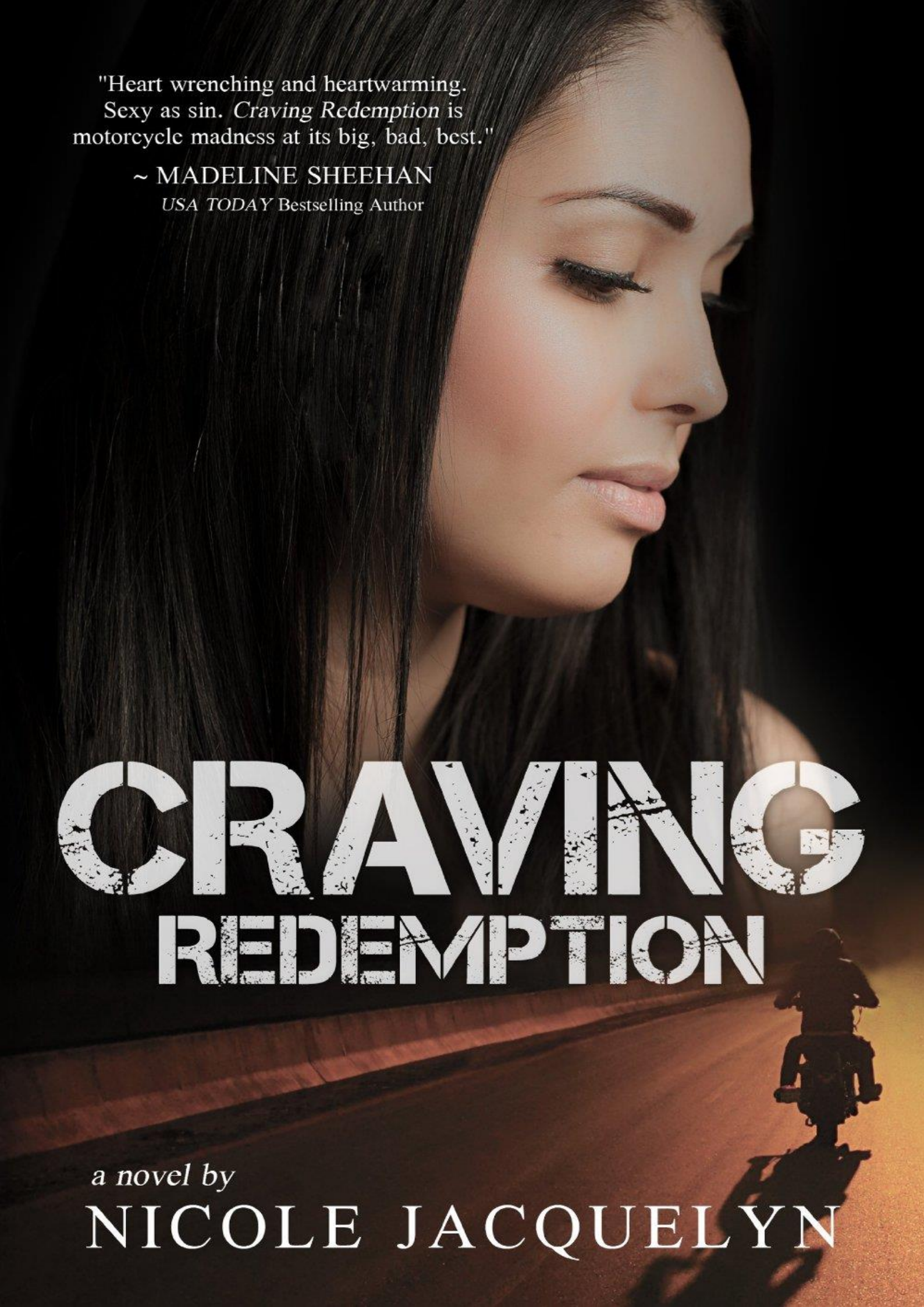
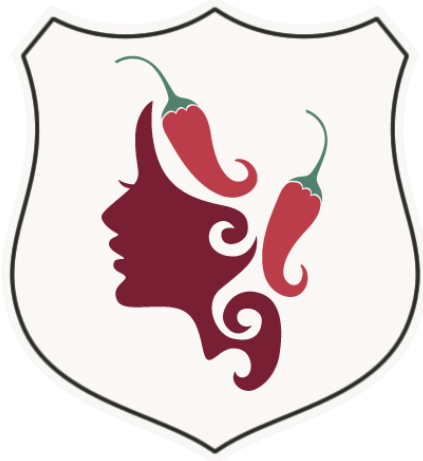

"Heart wrenching and heartwarming. Sexy as sin. *Craving Redemption* is motorcycle madness at its big, bad, best."
~ MADELINE SHEEHAN
USA TODAY Bestselling Author
CRAVING
REDEMPTION
a novel by
NICOLE JACQUELYN



Nicole Jacquelyn

#2 Craving Redemption

Série The Aces

Craving Redemption Copyright © 2014 Nicole Jacquelyn

SINOPSE

Asa e Callie não tinha nada em comum. Ele era um Ace, criado no clube e leal a isso acima de tudo. Ela era uma estudante do ensino médio, com aparelho nos dentes e uma visão limitada do mundo.

Eles nunca deveriam ter seus caminhos cruzados.

Mas quando Callie decide desafiar seus pais e Asa vai em uma missão para o clube, suas vidas colidem. Ele a salva e ela fica hipnotizada por ele.

Eles partem acreditando que nunca vão ver um ao outro novamente.

Nem poderiam ter previsto a cadeia de eventos que tinham posto em movimento.

Agora os dois têm que navegar nas águas escuras de uma relação baseada na tragédia e necessidade sem se afogar em culpa por coisas fora do controle deles.

Como é que você ama alguém quando a pior decisão da sua vida foi a razão que você se encontrou com ele?

A SÉRIE

Série The Aces — Nicole Jacquelyn



Prólogo

CALLIE

Eu tinha recebido um telefonema do meu irmãozinho quase três meses antes me dizendo que ele tinha sido baleado, mas que para eu não me preocupar. Com quem ele acha que está falando? Eu estava cuidando dele desde o dia em que o trouxeram do hospital para casa - e eu não pararia de me preocupar só porque ele estava fazendo Deus sabe o que em alguma cidade no Oregon. Eu nunca irei parar de me preocupar com o que estava acontecendo com ele, assim como ele nunca iria parar de ficar entre mim e o mundo. Era por isso que ele estava nesta bagunça para começar - o motivo dele desistir da sua educação em uma das universidades mais prestigiadas do país e se juntar a um clube de motoqueiros - me deixando sozinha.

Eu não tinha nada a dizer sobre o assunto. Ele tinha saído com Asa naquele dia um ano atrás e eu estava muito envolvida em me recompor para ser capaz de detê-lo. Eu estava uma bagunça - em choque e tentando descobrir como ele tinha jogado tudo para o alto da maneira que ele fez. Mas eu não era mais aquela garota quebrada que se permitiu ganhar um tapinha na cabeça e que dissessem que tudo ia ficar bem. Eu estava trazendo o meu irmão para casa, não importa o que eu tivesse que fazer.

Quando eu estacionei no portão, havia um homem encostado na cerca do lado de fora. Quando ele me viu, seus ombros enrijeceram por um minuto antes de relaxar novamente, como se ele não estivesse muito preocupado com o que eu estava fazendo ali. Esse foi seu primeiro erro. Então ele sorriu para mim, me verificando e olhando para o meu peito enquanto ele se dirigia para o meu carro. Esse foi o seu segundo erro. Seu terceiro erro foi andar até a minha janela e se inclinar, nem mesmo olhando para a minha mão que descansava no meu colo.

Se ele tivesse me visto como uma ameaça ao invés de ficar olhando para meus seios, ele não teria ficado tão surpreso quando eu apertei o *taser*[1] contra seu peito.

Assim que ele caiu, eu saí e abri o portão em frente ao meu carro. Eu estava contente, mas um pouco perplexa que não havia nenhuma tranca. Eles devem ter confiado em quem estava guardando o portão para manter intrusos do lado de fora. Erro *deles*.

Eu comecei a voltar para o meu carro, contornando o homem deitado no cascalho. Eu queria deixá-lo lá. Eu realmente queria. Mas a luz estava desaparecendo, e eu estava com medo que se eu o deixasse deitado no meio da entrada da garagem alguém iria atropelá-lo. Então, ao invés de pular no meu carro e descer a estrada antes que alguém pudesse me pegar, me inclinei e agarrei ambos seus tornozelos. Levei uma eternidade para arrastá-lo para o lado da estrada, e quando eu o tive acomodado, ele começou a se contorcer como se estivesse acordando. Eu precisava dar o fora de lá.

Eu mais uma vez caminhei em direção ao meu carro, pegando seu telefone do chão conforme passei. Se ele acordasse antes de eu chegar à casa grande, ou qualquer merda que aquilo fosse chamado, eu não queria ele avisando ninguém que eu estava chegando. Eu não precisava deles esperando por mim. A única coisa que eu tinha a meu favor no momento era o elemento surpresa.

Eu parei o carro no portão, mas minha consciência não me deixaria simplesmente deixar as coisas como estavam. Jesus, eu precisava parar de ter um coração sangrando em pânico. Deixei o meu carro ligado e rapidamente corri de volta para fechar o portão antes de ir para a estrada. Eles não iam ficar felizes que eu nocauteei seu guarda, mas pelo menos eu não deixei o portão aberto. Isso tinha que trabalhar de alguma forma a meu favor.

Quando eu dirigi até o enorme edifício, eu podia ver que havia algum tipo de aglomeração acontecendo, mas isso não me impediu. Nem uma vez eu pensei que deveria voltar ou esperar uma melhor hora. Eu estava em uma missão para tirar o meu irmão de lá e nada iria me parar.

Eu sabia que era uma má ideia - sabia que toda a viagem estava a um passo de estar fodida - e assim que eu vi Asa, eu dei esse passo final. Eu estava tão consumida pela raiva que minha visão escureceu nas bordas. Era culpa dele. Tudo; do filho que eu tinha em casa em um

[1] Aparelho de choque.

apartamento de merda, pelo fato de que meu irmão estava morando com algum grupo de motoqueiros no meio deum maldito lugar arruinando sua vida e, por fim, levando um tiro. Tudo poderia ser levado até Asa. *O bastardo.*

Havia um casal do lado de fora quando eu estacionei, mas antes que eu pudesse abrir a porta do meu carro alugado, o homem estava gritando em direção ao prédio. Eu não conseguia entender o que ele estava dizendo com o barulho em meus ouvidos. Eu finalmente estava lá; eu sabia pelo colete de couro que o homem estava vestindo. Era quase idêntico ao que Asa usava pelo tempo que eu o conhecia.

Eu sabia que eu parecia uma pessoa louca, mas quando os homens começaram a brotar para fora do clube, eu usei a única proteção que eu tinha e comecei a acenar o taser ao redor. Eu estava esperando que eles não fossem capazes de dizer o que era até que eu pudesse descobrir o que diabos eu ia fazer. Eu não tinha pensado sobre as coisas muito bem. Eu estava tão ansiosa para chegar lá que as ramificações de dirigir até um complexo de um clube de motoqueiros sem ser convidada mal tinha passado pela minha cabeça.

Assim, conforme eu estava começando a ficar realmente com medo, vi Asa caminhando pelo grupo e toda a raiva dentro de mim limpou qualquer medo que eu sentia. Foi quando eu comecei a gritar.

— Seu bastardo! — eu gritei, minha voz soando estranha e tranquila em meus ouvidos, mas minha garganta estava doendo pela força do gripo. — Onde diabos está meu irmão?

Ele começou a caminhar em minha direção, e o olhar em seu rosto me fez retrair. — Que porra você está fazendo aqui, Callie? — ele gritou de volta, correndo os dedos pelos cabelos. — Você perdeu a maldita cabeça!

Eu não estava pensando direito. Eu estava com medo de que eu não iria ver o meu irmão no mar de rostos diante de mim, com medo de que ele não tinha dito a verdade quando ele me disse que ele estava bem. Levei meses comendo miojo para economizar dinheiro suficiente para vir buscá-lo, e eu estava com medo de que eu estivesse atrasada demais para ajudá-lo.

Eu ainda estava dando passos para trás em direção ao meu carro, enquanto eu gritava para Asa, buscando na multidão por qualquer sinal do meu irmãozinho e não o encontrando. Ele não estava lá. Oh Deus, ele não estava lá.

Eu comecei a entrar em pânico no momento em que Asa me atingiu e não ouvi muito do que ele disse conforme ele arrancou o *taser* dos meus dedos. Meu coração estava tão alto em meus ouvidos, e minha respiração estava vindo em um ritmo tão rápido, que eu sabia que era apenas uma questão de minutos antes de desmaiar. Isso já havia acontecido antes, e embora eu tentasse vencê-lo, eu simplesmente não conseguia ar suficiente em meus pulmões. *Oh Deus, onde está Cody?* Por que ele não estava lá, entre mim e Asa, fazendo as pazes e envolvendo os braços em volta de mim? Ele tinha que ter nos ouvido gritar; se ele estivesse lá, ele teria vindo para mim até então.

Quando Asa jogou o taser para o chão, efetivamente me desarmando e me deixando completamente indefesa, eu quebrei. Completamente e totalmente perdida.

Girei meu punho em seu rosto, roçando o queixo enquanto ele torceu para evitá-lo. Eu não parei por aí, no entanto. Eu estava no piloto automático, com cada movimento que eu conhecia para machucá-lo. Eu queria machucá-lo tanto quanto ele me machucou. Eu queria puni-lo e me propus a fazê-lo com uma sincera intenção que teria me assustado se eu estivesse pensando claramente. Ele me deixou bater e chutá-lo por alguns segundos antes de me envolver em seus braços e me levantar do chão. Quando eu apontei para a cara dele de novo, ele me pôs em seus ombros, então eu estava batendo em suas costas em seu lugar. Minha mente estava completamente em branco para além da necessidade de machucá-lo, minha garganta fazendo pequenos sons de angústia que eu não estava nem mesmo ciente.

Quanto mais eu lutava, mais suave ele se tornou; os braços mais reconfortantes do que punitivos, mesmo assim eu estava agindo como uma louca. Quando eu fiquei fora de opções e meus braços e pernas pareciam chumbo, fiz um último esforço para puni-lo e mordi seu ombro tão duro quanto eu podia, provando sangue, mas me recusando a deixar ir.

Sua voz rompeu quando o meu corpo se tornou exausto demais para lutar mais e minha mente finalmente começou a clarear.

— Está tudo bem, baby. Ele está bem. Ele está bem. Está tudo bem. Shhh, — ele me disse baixinho, esfregando minhas costas suavemente, mesmo que deva ter doído como o inferno onde tive meus dentes apertando o cerco sobre o músculo do seu ombro. Minha respiração ficou presa em um soluço conforme eu finalmente relaxei meu queixo e deixei meu corpo ficar mole, instintivamente sabendo que ele nunca me deixaria cair. Inclinei a cabeça para trás e olhei para ele

através das minhas lágrimas, silenciosamente implorando a ele para consertar as coisas. Ele roçou meu rosto suavemente, esfregando o sangue no meu rosto quando todo o meu corpo estremeceu com os soluços em silêncio.

— Porra, querida, que merda você estava pensando? — ele me perguntou antes de deslizar a boca sobre meus lábios.

Embora cercado por motoqueiros com raiva, com o seu sangue em minha boca e as lágrimas escorrendo pelo meu rosto, ele me beijou pela primeira vez em três anos.

Deus, eu o amava.

Capítulo um

CALLIE

Cinco anos atrás...

Eu não deveria ter ficado na festa. Tinha sido uma má ideia desde o início, e isso foi *antes* da minha carona ter desaparecido no andar de cima da casa para ter uma ficada bêbada com um cara que tinha mais acne do que cabelo facial. Não era a minha cena. Eu me orgulhava de ser a criança selvagem da minha escola, mas nada havia me preparado para essa parte da cidade. Eu não sabia os nomes das drogas que foram espalhados pela mesa do café, e eu não queria *fodidamente* saber - eu não queria nem estar perto delas.

Eu tinha decidido dar o foda-se aos meus pais saindo com uma amiga que eu sabia que eles não gostavam. Tinham me castigado na noite anterior por quebrar o toque de recolher por míseros dez minutos, mas depois eles me fizeram o favor de sair para jantar com o chefe do meu pai, me deixando sozinha e cheia de despeito adolescente. Liguei para Mallory para me pegar, e dentro de quinze minutos de sua partida, eu estava no meu caminho para Chula Vista com uma garota que fumava maconha enquanto dirigia e carregava uma garrafa ao redor com ela na escola.

Quando chegamos, eu fiquei perto de Mal, praticamente segurando a mão dela enquanto caminhávamos até a casa cheia de pessoas que eram mais velhos e mais duros do que qualquer um com quem eu festejei antes. A casa de festas do ensino médio onde roubávamos licor de nossos pais e passamos a noite com as crianças que tínhamos conhecidos desde a escola primária não tinha me preparado para o que nós entramos. Mal parecia se misturar na multidão. Ela riu das piadas que eu não entendia, e despreocupadamente acenou com a cabeça para a música estridente através dos alto-falantes enquanto eu saía como uma freira em um show de Rob Zombie.

Eu tinha me vestido para impressionar, combinando shorts jeans de cintura baixa com um top curto que mostrava um pedaço de minha barriga. Me senti quase ousada quando saí da casa, como se eu tivesse me transformado em uma versão mais vagabunda de mim mesma como um *foda-se* final para os meus pais excessivamente rígidos. Mas, quando chegamos à festa, a minha versão de vagabunda era uma brincadeira comparado com o que as outras mulheres estavam usando. E elas eram mulheres - mais velhas do que nós, pelo menos um par de anos de idade e centenas de anos de experiência. Era aterrorizante, como se estivéssemos brincando de ser gente grande.

Eu estava malditamente teimando em provar um ponto para os meus pais; eu poderia fazer o que eu queria. Eu não seria tratada como uma criança quando eu era praticamente uma adulta. Portanto, apesar de todos os meus sistemas de alerta internos estarem gritando, eu aceitei um copo de algum tipo de álcool de um homem que eu nunca conheci. Então eu sorri como eu tinha praticado, - com a boca fechada firmemente sobre os meus dentes e minha bochecha esquerda mostrando uma covinha.

A casa estava cheia de pessoas dançando, bebendo e gritando sobre a música de rock que eu nunca tinha ouvido antes. Não é que eu não ouço rock, eu escutei de tudo, realmente, mas esta era mais pesada do que eu preferia. Eu não podia sequer entender as palavras - onde estava a diversão nesse tipo de música? Eu estava sentada no canto, em uma poltrona que havia sido deixada de lado para liberar espaço e tentava ser o mais discreta possível. Eu não estava mais me sentindo rebelde. Eu não estava zangada com os meus pais e eu já não estava tentando provar um ponto.

Eu só queria ir pra casa.

O que quer que eu tenha tomado quando cheguei estava realmente me fazendo sentir mal do estomago, mas eu estava com muito medo de ir ao banheiro. Eu não queria me levantar e ser notada. Esses caras não eram do tipo que eu estava acostumada; os que eu poderia envolver em torno de meu dedo com uma jogada do meu cabelo e um sorriso largo. Eles eram grandes, e tatuados, e eles passavam em torno das mulheres como se fossem uísque Fireball e eles precisavam de uma dose. Eu tinha visto uma mulher sair do quarto quatro vezes sozinha com homens diferentes, e cada vez ela voltou parecendo atordoada, despenteada, e estranhamente satisfeita. Eu sabia o que ela estava fazendo, mas ter isso jogado na minha frente fez o meu rosto

corar em constrangimento. Eu estava tão fora do meu elemento que não era nem mesmo engraçado.

Eu só queria dar o fora de lá, mas a menos que eu ligasse para os meus pais para uma carona para casa, eu estava presa.

Eu tinha dezesseis anos. Eu preferiria correr para casa descalça através de um vidro quebrado do que chamar meus pais para que eles me pegassem em uma festa. Já era ruim o suficiente que eu tivesse usado aparelho durante meu primeiro ano do ensino médio, praticamente garantindo que eu não sorrisse com a boca aberta por todo ano - eu não precisava da minha mãe me pegando em uma festa também. Não havia nenhuma maneira no inferno que minha mãe iria apenas discretamente me buscar. Mesmo com meu pai tentando acalmá-la, ela estaria na porta da frente gritando e xingando em espanhol, me fazendo parecer como uma criança de doze anos de idade.

Então, eu me sentei naquele canto por mais de uma hora, enquanto o meu estômago ficava pior, até que, finalmente, eu pensei que iria desmaiar ou vomitar em todo o tapete. O pensamento de vomitar na frente de todas as pessoas ao meu redor foi suficiente para empurrar todos os meus medos de lado. Eu tinha que encontrar um banheiro. Quando me levantei, o mundo começou a girar, e eu encostei minha mão contra a parede para obter equilíbrio. *Essa bebida já não deveria estar fora?* Fazia horas desde que eu tivesse bebido algo. Eu não deveria estar piorando, mas estava. Eu só me senti assim uma vez antes, - meus pais tinham estado fora da cidade e eu tinha invadido o seu armário de bebidas com meu irmãozinho. Deus, eu desejei estar em casa com ele. Ele teria visto o problema chegando e teria me levado para o banheiro. Inferno, ele teria me colocado na cama até então.

Eu tomei um par de passos de distância da parede, e foi quando eu peguei a atenção da sala. Eu senti os olhos em mim, conforme eu fiz o meu caminho através do chão, arrastando meus pés sobre o tapete. Minhas pernas estavam pesadas e instáveis quando cheguei à porta de entrada da casa. Minha cabeça girava enquanto eu tentava decidir se eu deveria fazer o meu caminho para fora da porta da frente que estava tão perto, ou para o banheiro no final do corredor. Me virei lentamente em direção à porta da frente, pensando que seria a minha aposta mais segura. Eu só levei um par de passos lentos antes que houvesse um cara atrás de mim, duas mãos me segurando firme e fazendo a minha pele se arrepiar quando seus dedos pressionaram em minha barriga através da minha parte superior do top.

— Aonde você vai? A festa está aqui, querida, — ele me disse, puxando meu corpo em direção a sala de estar de novo.

Eu não conseguia chegar em minhas pernas para ficar parada, e os saltos dos meus sapatos rangeram no chão de madeira quando ele me puxou de volta. Minhas unhas estavam cavando em seus antebraços, mas fazendo pouco dano conforme eu gaguejei e gritei, tentando convencê-lo a me deixar ir.

— Eu preciso - eu estou passando mal, — eu gemi desesperadamente, gritando quando ele começou a rir.

Eu não tinha certeza do que estava acontecendo, mas eu sabia que eu não queria o homem me tocando. Sua mão livre foi vagueando em toda minha coxa e seios, e meu coração vibrava em meus ouvidos quando percebi que ele realmente não ia me deixar ir. Minha luta parecia torná-lo mais ousado e eu choraminguei quando sua mão começou a deslizar na minha bermuda.

Eu estava olhando ansiosamente para a porta da frente, meu coração na minha garganta e orando por salvamento, quando de repente ele veio. Mas não da forma que eu jamais teria imaginado.

A porta se abriu rapidamente, e o homem por trás de mim fez uma pausa na entrada da sala de estar, me dando um vislumbre dos homens pisoteando para dentro da casa. Eles eram enormes, todos eles, e eles estavam cobertos de tatuagens e coletes de couro preto. Eles não pareciam felizes.

Havia uma hierarquia clara no grupo que mesmo eu poderia pegar no meu estado distorcido, e o líder era um dos caras mais lindos que eu já vi. Ele tinha que ter mais de 1,80 de altura e os ombros eram enormes. Ele tinha tatuagens envolvidas em torno de seus braços, e eu me perguntei vagamente como eu poderia achá-lo atraente quando seu rosto estava coberto por uma barba cheia. Se eu não estivesse pronta para puxar meus braços e me envolver, eu poderia ter sorrido. Mas a vibração na sala tinha mudado quando os homens entraram pela porta e eu só queria chegar o mais longe da situação que pudesse. Eu era apenas uma estudante do ensino médio de Mira Mesa; eu só queria ir para casa.

— Jose, — o cara com barba acenou para o homem me segurando, seu corpo enrolou apertado. — Temos Negócio. Por que você não a deixa ir e podemos conversar.

— Eh, essa é minha para a noite. Pegue uma cerveja enquanto eu a levo para cima. Eu estarei com você em um minuto, — ele respondeu com uma risada forçada.

Quando seu braço me apertou para mover, eu gemi e tentei novamente puxar seu braço da minha cintura. Eu sabia que se ele conseguisse me levar lá em cima, eu não estaria indo em qualquer lugar naquela noite, e saliva reuniu na minha boca conforme eu imaginava o que isso implicaria. Minha cabeça caiu para frente, parecendo muito pesada para o meu pescoço, e eu a lancei para trás, tentando acertar qualquer coisa que eu pudesse. Parecia que eu estava me movendo em câmera lenta, e eu acho que eu estava, porque a minha cabeça pousou ineficaz em seu ombro. Eu a deixei lá, cansada demais para lutar.

O cara com barba levantou as sobrancelhas quando ele finalmente conseguiu uma boa olhada em mim, e eu só podia imaginar o que ele estava vendo. Minha parte superior do top havia subido com o braço em volta de mim, meu cabelo estava caindo de meu rabo de cavalo, e minha boca estava aberta, mostrando o meu aparelho com elásticos pequenos roxos. Pela primeira vez naquela noite eu esperava que alguém fôssemos me ver como eu realmente era - uma garota de dezesseis anos de idade, assustada com a boca cheia de aparelho e maquiagem cobrindo as espinhas.

Antes que eu pudesse falar, quatro homens que tinham estado na parte de trás da casa se juntaram a nós na entrada, e a energia na sala passou de tensa para elétrica. O homem me segurando me deixou ir e eu cai no chão em um monte de braços e pernas. Enquanto eu me apressei para chegar em minhas pernas para rastejar para longe, ouvi os homens discutindo acima de mim. O cara com barba nunca levantou a voz, mas a maneira como ele falava era muito mais assustador do que os gritos de Jose em espanhol. Eu não conseguia entender o que eles estavam discutindo, mas naquele momento eu estava muito preocupada comigo mesma para me importar. Eu fiquei em minhas mãos e joelhos e me arrastei em direção aos homens com coletes. Eles *tinham* que me levar com eles. Eu não ligo para qual era o problema deles com os caras na festa; eles não podiam me deixar sozinha com eles.

Quando cheguei ao líder, eu me ajoelhei aos seus pés e lentamente envolvi meu braço em torno de sua coxa. Ele estava quente e ele cheirava bem e eu queria descansar onde eu estava por um momento, então eu fechei os olhos e coloquei minha cabeça em sua coxa.

— Que porra é essa? — ouvi ele ressoar em cima de mim, enquanto sua mão tecia pelo meu cabelo. — Você drogou ela, porra?

Ele parecia chateado, mas eu não poderia dizer a quem sua raiva era dirigida, então eu inclinei minha cabeça para trás para olhar para o rosto dele. Ele não estava olhando para mim, então eu puxei a perna da calça para chamar sua atenção. Ele não desviou o olhar dos caras na frente dele, e só quando eu pensei que ele ia me ignorar completamente, ele olhou para baixo e seus olhos castanhos encontraram os meus.

Eu não achei que ele iria ajudar. Eu estava cansada e desorientada e com medo, mas eu sabia que eu tinha que tentar uma última vez fugir de lá. Não me ocorreu que eu poderia trocar uma situação ruim por outra.

— Por favor, — eu sussurrei, mas a minha palavra foi perdida no som de um tiro. Ele me empurrou para o chão, conforme outro tiro foi disparado, este mais perto de nós. Eu soluçava e tentei me arrastar para longe, mas ele segurou firme o meu cabelo, pressionando meu rosto no chão.

Eu me perguntava reservadamente se essa era a minha punição por desobedecer meus pais, e então tudo ficou escuro.

Capítulo dois

CALLIE

Eu acordei em um edredom áspero, e assim que eu abri meus olhos, eu os semicerrei para a luz brilhante na frente do meu rosto. *Onde diabos eu estava?* Parecia um quarto de hotel, mas eu não poderia me lembrar de ir para um hotel. A última coisa que eu conseguia lembrar era andar pela festa nos saltos de Mallory, tentando não chamar nenhuma atenção a mim mesma.

Fiquei ali em silêncio, tentando recuperar o rumo, quando eu percebi que não estava sozinha no quarto. Eu podia ouvir duas vozes masculinas, uma profunda e a outra rouca.

— Você fodeu o encontro, cara. Slider vai cortar suas bolas. — a voz rouca brincou.

— Cale a boca. Jose iria causar problemas e você sabe disso. Não teve nada a ver com a menina, — a voz profunda respondeu, parecendo frustrado.

— Sim, mas isso não teria sido uma porra de luta com armas se você tivesse mantido a cabeça.

— Eu mantive minha cabeça. Alguém começou a atirar em mim porra, eu atirei de volta. É a porra do senso comum. Jose é de baixo nível, ninguém vai sentir falta dele ou seus homens.

Em seguida, outra voz se juntou à discussão.

— Cara, vai parecer que você acabou com Jose por causa de um pedaço de bunda, — disse ele em voz baixa.

— Então você vai ter que explicar as coisas, não é? — a voz profunda advertiu.

— Não tenho certeza do que eu vou explicar. Você acabou com eles e, em seguida, agarrou a cadela e saiu. Parece muito claro pra mim...

— Irmão ou não, eu vou acabar com você se continuar.

— Tudo bem.

Eu tentei não entrar em pânico quando alguém pegou um pedaço do meu pé na beira da cama e o sacudiu.

— Grease, cara, parece que sua menina está acordando, — disse o cara de voz rouca para outra pessoa no quarto.

Fiquei ali em silêncio, implorando para estar em qualquer outro lugar, menos naquela porra de quarto de hotel esperando para ver o que iria acontecer. Minha cabeça estava começando a latejar com a batida do meu coração acelerado, e quando alguém falou bem atrás de mim, todo o meu corpo estremeceu.

— Tire a porra das suas mãos dos pés dela, — a voz profunda rosnou. — Não a toque, porra.

O tom de sua voz foi o suficiente para limpar todas as teias de aranha do meu cérebro. Antes mesmo de terminar de falar, eu tinha puxado as pernas para cima e empurrei com meus saltos até que eu estava sentada, enrolada em uma bola contra a cabeceira da cama. Assim que eu estava tão pequena quanto eu poderia fazer de mim mesma, eu empurrei minha cabeça para ver com o que eu estava lidando.

Havia quatro homens no quarto - *homens muito grandes* - e quando eu os vi, eu choraminguei um pouco na parte de trás da minha garganta. Três dos homens estavam vestindo coletes de couro preto iguais, tatuagens cobriram os seus braços e todos eles tinham barbas. Parecia que eles pertenciam a um documentário *Anjos do Inferno*, e eu engoli em seco, sabendo que eles pertenciam a algum clube de moto. *Moto clubes estavam cheios de criminosos, não estavam?*

Deus, se eu tivesse ficado em casa como eu deveria, eu não teria tido de lidar com qualquer bagunça que eu havia criado para mim. Meus olhos correram ao redor do quarto, vendo todos eles, e fiquei surpresa quando vi o quarto homem. Ele não estava usando um colete, e suas roupas pareciam semelhantes as que vi todos os dias na escola. A única coisa diferente nele dos meus colegas era o moicano em sua cabeça e a tatuagem que enrolava através de sua mão esquerda. Ele

não parecia assustador até que eu olhei para o rosto dele. Ele estava de cara feia para mim e seus olhos estavam vazios.

Eu não sabia o que diabos eu estava fazendo ali, mas eu sabia que era ruim. Eles pareciam assustadores. Nenhum deles estava sorrindo, e pela minha vida, eu não conseguia pensar em uma boa razão para estar em um quarto de hotel com quatro homens. Minhas roupas ainda estavam intactas - eu mesma ainda estava com meus sapatos - mas eu estava com medo de que eles estavam me esperando acordar.

Eu olhei para a porta, mas não havia nenhuma maneira que eu poderia sair da cama e pela porta antes que um deles me pegasse. Eles estavam sentados e de pé por todo o quarto, e um dos caras em um colete parecia estar montando guarda na frente da porta. *Por que ele estaria guardando a porta*? Oh Deus, eu estava com um problemão.

No segundo que eu estava prestes a entrar em pânico - chorando e gritando para eles me deixarem ir - o homem mais próximo de mim sentou na beira da cama. Ele era extremamente bonito, e provavelmente não muito mais velho do que eu, embora ele tivesse uma barba que cobria a metade inferior do rosto. Quando ele estendeu a mão para colocar a mão no meu joelho, eu gritei de medo e puxei minhas pernas mais perto do meu corpo. Deus, eu não queria que ele me tocasse.

— Ei, não irei te machucar, — ele me disse em voz baixa. — Você desmaiou e não tínhamos ideia de onde te levar. Agora que você está acordada, você pode ligar para alguém para vir e te pegar.

Sua voz, tão diferente do tom que ele tinha usado antes, me acalmou o suficiente para que eu fosse capaz de olhar em seus olhos. Assim que os vi, me lembrei da noite claramente. Ele me salvou. Ele tinha me levado para fora daquela casa com o cara nojento que estava tentando me levar para cima. Antes que esse pensamento fosse ainda concluído em minha mente, eu me lancei sobre a cama e para o seu colo, passando os braços em volta do seu pescoço apertado.

— Obrigada. Obrigada, — eu disse a ele uma e outra vez, pressionando minha testa em seu pescoço. Eu não tinha percebido que ele não tinha me tocado até que suas mãos agarraram meus braços e me afastou dele.

— Que merda você está fazendo? — ele me perguntou, suas sobrancelhas franzidas.

— Você me tirou de lá. Oh meu Deus, obrigada, — eu disse a ele novamente, lutando contra o seu agarre.

— Baby, eu não tenho certeza se tudo o que estava no seu sistema já saiu, ou se você é ingênua como o inferno, mas você não pode sentar na porra do meu colo, — ele murmurou enquanto ele me empurrava para a cama.

Meu rosto ficou vermelho beterraba conforme percebi o que eu tinha feito. O homem não era um policial ou um bombeiro. Ele não era um membro da família. Merda, ele não era nem mesmo como os caras que eu conhecia da escola. Ele era grande, forte e completamente áspero. Eu estava tão agradecida por sair da casa que eu não tinha compreendido a situação atual em que eu estava. Eu estava cercada por homens que eu não conhecia, e eles estavam todos olhando para mim como se em mim apenas tivesse brotado chifres.

— Eu, uh, me desculpe, — eu sussurrei, preocupada com o que iria acontecer.

— Não há necessidade de se desculpar. Apenas a necessidade de levá-la para casa. Você tem alguém que você pode chamar? — perguntou ele enquanto caminhava em direção à cômoda com um telefone celular em cima dela. Ele o jogou para a cama, e eu estendi a mão rapidamente para agarrá-lo. Eu precisava ir para casa, mas meu orgulho teimoso não me permitiria ligar para os meus pais. Eu não tinha certeza do que fazer, mas ele estava me tratando como uma adulta, e por algum motivo eu não queria parecer uma garota na frente dele.

Eu deveria estar assustada como o inferno, mas eu não estava. Eu só estava... preocupada. Eu não tinha certeza do que iria acontecer, mas o cara não disparou nenhum sino de alarme. Ele tinha me protegido, e é isso que eu senti - protegida. Eu estava muito preocupada com a forma como as coisas iriam acabar, no entanto. Eu não poderia apenas sentar lá na cama indefinidamente, olhando para o telefone, enquanto os homens no quarto me observavam em silêncio. O homem no canto fez minha pele se arrepiar um pouco, e embora meu protetor parecesse estar no comando, eu sabia que com a menor provocação o homem no canto faria a sua jogada.

— Um, eu não tenho ninguém para me vir buscar esta noite, — eu disse ao Protetor, — Mas eu vou chamar a minha avó. Ela pode vir me buscar na parte da manhã. Ela não pode dirigir à noite, — eu me apressei para explicar antes de passar a língua entre o meu aparelho e

os meus lábios. Minha boca estava seca a partir do que quer que eu tenha bebido na festa, e os meus lábios estavam começando a sangrar com os pequenos suportes de metal em minha boca.

— Sim. Ligue pra ela. Mas diga a ela que estou te levando pra casa, — ele resmungou, olhando para os meus lábios.

— Mas, — eu comecei, mas ele me cortou.

— Não. Você não está passando a noite no meu maldito quarto de hotel. Não vai acontecer. Ligue pra porra da sua avó, ou um amigo, ou a porra de um padre, mas você não vai ficar aqui.

Sua voz era tão afiada que eu senti minha respiração parar na minha garganta. Quer dizer, eu sabia que eu era um incômodo, e eu poderia dizer que eles não sabiam o que fazer comigo, mas ele não tinha que ser tão mau sobre isso.

Eu abri o telefone e disquei o número da memória enquanto o Protetor foi ficar contra a parede, seus olhos nunca me deixando. Depois de apenas metade de um toque, ela atendeu.

— Olá?

— Ei, Vó. O que você está fazendo acordada tão tarde? — eu coloquei minha mão na minha testa em constrangimento quando um dos caras riu tranquilamente em minha tentativa de conversa fiada.

— Callie? O que está acontecendo? Onde você está? Este não é seu número.

— Sim, eu perdi meu celular. — eu olhei para cima para ver o Protetor balançando minha bolsa de um lado ao outro pelo quarto. Ok, eu acho que eu não perdi o meu telefone. — Bem, eu quero dizer, eu não conseguia encontrar minha bolsa.

— Sua bolsa? Por que não está em casa? — ela perguntou, e eu podia ouvi-la se inclinando em sua poltrona reclinável.

— É uma longa história, Vovó. Estou no - eu tenho um amigo me levando pra sua casa. Se mamãe ligar você poderia dizer a ela que estou aí e que estou dormindo? — eu perguntei, cruzando meus dedos. Pedira vovó para cobrir para mim foi ganhar ou perder, eu não tinha certeza se ela iria me ajudar.

Depois de um minuto de silêncio, ela respondeu devagar, — Sim, eu vou dizer a eles. Mas se você não estiver aqui em uma hora, eu vou ligar para seu pai.

Eu não tenho certeza do que ela ouviu na minha voz, mas ela sabia que eu precisava da ajuda dela e pela primeira vez ela não ia me encher o saco e me deixe pendurada 'para o meu próprio bem'.

— Obrigada, vovó. Te vejo em breve. Amo você.

— Amo você, também. Traga sua bunda para casa, — ela me disse e então desligou.

Quando eu olhei para o quarto, oito olhos estavam me observando de perto, e parecia que o homem que me salvou ficou pálido. Olhei ao redor do quarto, tentando descobrir qual era o problema quando o homem perto da porta soltou uma risada aguda.

— Puta que pariu, Romeo. Você decide bancar a porra do cavaleiro de armadura brilhante, e a cadela que você leva para casa é chave de cadeia[2].

[2] É porque ela é menor de idade.

Capítulo três

CALLIE

O Protetor não disse nada enquanto ele se movia ao redor do quarto. Ele puxou dois casacos com capuz de uma mochila no pé da cama e me entregou um enquanto ele tirava seu colete.

— Coloque isso. Vai estar frio na moto, — ele instruiu, a maioria de suas palavras abafadas conforme ele puxou o casaco sobre a sua cabeça e, em seguida, enfiou os braços de volta no colete. Quando ele levantou os braços, a camiseta preta do Metallica levantou apenas o suficiente para que eu pudesse ver algum tipo de tatuagem na parte inferior do seu estômago. Eu rapidamente desviei o olhar antes que ele pudesse me pegar olhando.

Eu coloquei o casaco e respirei fundo, percebendo que cheirava como ele. Seu perfume era uma mistura de couro e, surpreendentemente, colônia Armani. Era quase irônico, esses dois aromas misturados. Quem era esse cara?

Assim que eu tinha o casaco posto, eu me levantei e ele me entregou minha bolsa para que eu pudesse colocá-la sobre o meu ombro. Eu sabia que eu deveria verificar meu telefone celular para mensagens, mas eu não achei que eu poderia ter mais drama. Decidi esperar e ver quem tinha ligado uma vez que eu estivesse segura na casa da Vovó; eu lidaria com tudo depois.

Eu estava perdida na minha cabeça, tentando decidir como eu ia explicar tudo para os meus pais quando a voz do Protetor cortou o silêncio no quarto. Metade de sua boca foi puxada para cima em um sorriso, seus olhos estavam enrugados nos cantos quando ele olhou para mim, e eu só sabia que eu estava pensando em voz alta.

Meu rosto queimou em mortificação enquanto eles me olhavam, mas eu endireitei meus ombros e inclinei meu queixo para cima, como se não tivessem acabado de me ouvir falando sozinha.

— Eu sou Grease, — ele murmurou, erguendo o braço para apertar a minha mão. Assim que eu a tomei, ele fez um gesto com a outra para os homens no quarto. — Esse é Dragon na cômoda.

— Ei, — Dragon falou em voz baixa, ocupado brincando com o telefone nas mãos.

— Sua voz geralmente não é assim, — Grease compartilhou, um sorriso genuíno explodiu em seu rosto. — Pegou infecção de garganta de alguma garota com as crianças.

— Cale a porra da boca, — ele cuspiu de volta, olhando para cima a partir de seu telefone.

Com um sorriso em sua voz, ele introduziu os dois últimos no quarto. — Esse é Tommy Gun perto da porta. O cara com o moicano é meu irmão, Deke.

Todos os homens levantaram o queixo para mim, me observando de seus lados do quarto, mas não disseram uma palavra.

Ele parou de falar conforme eu acenei para os rapazes, mas ele nunca soltou a minha mão, e eu não tentei me afastar.

— Eu sou Calliope. Callie, — eu respondi nervosamente, perguntando se eu deveria ter dado a eles um nome falso. Não é como se Calliope fosse um nome popular, seria difícil me encontrar se eles estivessem me procurando. Então eu percebi que Grease estaria me levando para a casa da minha vó, então não é como se dar a eles o meu nome verdadeiro teria importado de qualquer maneira.

— Que tipo de nome é Grease? — eu perguntei enquanto ele me puxou para fora do quarto, seguindo os outros homens conforme eles caminhavam pelas escadas até o estacionamento. Ele estava me puxando rapidamente, e minhas pernas não eram o suficiente para o ritmo que ele estava mantendo, assim eu continuei tropeçando em mergulhos inexistentes no concreto.

— O único nome que você vai conseguir, — respondeu ele, parando por um segundo para que eu pudesse recuperar o atraso com seus passos largos.

Assim que fizemos o nosso caminho para as motos, Grease nunca soltou minha mão. Eu pensei que talvez ele estivesse com medo de que eu decolasse se ele não tivesse um poder sobre mim, mas quando eu olhei para a expressão em seu rosto, eu sabia que era outra coisa. Eu não tinha certeza do que aconteceu no quarto que eu não percebi, mas

ir de mãos dadas era para o benefício dos homens, não meu. Ele estava cravando sua reivindicação.

— Fique bem aqui. Não se mecha, — ele ordenou, me colocando ao lado de uma grande Harley preta.

— Um, okay… — eu respondi, perguntando por que não estamos subindo na moto.

Ele respondeu a pergunta na minha voz andando dois metros de distância de onde o resto dos homens estavam amontoados na extremidades das motos. Eu não podia ouvir uma palavra do que eles estavam dizendo, mas a linguagem corporal de Dragon e Tommy Gun me levou a acreditar que eles não estavam felizes com o que Grease estava dizendo a eles. Quando meus olhos se mudaram para Deke, eu notei que ele estava me observando, ignorando completamente a conversa acontecendo ao seu redor. Quando ele sorriu para mim, todo o seu rosto mudou e eu sorri de volta, perguntando por que ele tinha me dado um sentimento tão estranho antes. Ele parecia legal o suficiente.

Grease pegou a nossa pequena interação e bateu em Deke na parte de trás de sua cabeça, quebrando o nosso contato com os olhos. Depois de mais algumas palavras, ele rompeu com o grupo e caminhou em minha direção.

Enquanto eu estava esperando por ele, eu finalmente compreendi o quão ruim isso poderia ir para mim. Eu estava subindo na parte traseira de uma moto com um homem que eu nunca tinha conhecido antes. Toda a noite tinha se transformado em algum especial depois da escola, um aviso para as crianças que desobedecem seus pais e bebiam álcool. Minhas mãos começaram a tremer, então eu as coloquei no bolso da frente do casaco que estava cobrindo meus shorts. Se havia alguma dúvida sobre como eu poderia lidar eu mesma contra estes homens, o fato de que o casaco que eu peguei emprestado ia até o meio das minhas coxas deu uma resposta bastante clara. Se qualquer um deles decidisse que eu era presa fácil, eles estariam corretos. Eu estava completamente indefesa.

Antes que eu pudesse abrir a boca para dizer a Grease que eu tinha acabado de ligar para os meus pais, ele falou, e minha apreensão começou a se desvanecer.

— Você já esteve em uma moto antes? — ele perguntou, puxando um capacete da parte traseira da moto e o colocando na minha cabeça.

— Não. O meu tio tinha uma moto quando eu era pequena, mas ele morreu antes que eu tivesse idade suficiente para montar, — eu compartilhei desnecessariamente, observando seu rosto quando ele fez uma careta para o capacete. De repente, ele puxou de minha cabeça, fazendo meu cabelo cheio voar em todas as direções diferentes.

Eu me assustei quando as mãos dele se aproximaram de ambos os lados do meu rosto, mas gentilmente ele começou a puxar meu cabelo para trás. Ele o afastou com os dedos, o agarrando em seu punho antes de puxar um laço de cabelo de seu pulso. O amarrou de volta e, em seguida, passou as mãos no meu pescoço quando eu parei de respirar completamente. Seus olhos não estavam no meu rosto, eles estavam na minha garganta, e o olhar em seus olhos era um que eu nunca tinha visto antes. Eu não conseguia decidir se eu deveria me afastar ou não, e antes que eu pudesse fazer a minha decisão, suas mãos tinham feito isso para a minha nuca e ele estava puxando o capuz do casaco sobre a minha cabeça.

Ele agiu como se ele não estivesse apenas admirando meu pescoço, - ele era todo o negócio quando ele bateu o capacete de volta na minha cabeça coberta de capuz e apertou a fivela.

Aproveitei o tempo enquanto ele estava ajeitando o capacete para explicar onde minha avó morava e perguntei se ele precisava de instruções, mas ele parecia conhecer a área muito bem. Eu não tinha certeza de onde ele era, mas eu não estava prestes a perguntar se ele morava em San Diego. Se ele morava, eu teria que decidir se eu queria tentar vê-lo novamente, e se ele não morava, eu teria que lidar com a decepção. Eu não queria fazer qualquer um.

— O capacete ainda está um pouco grande, mas deve ajudar um pouco, — ele me disse com um aceno de cabeça antes de começar a mexer com sua moto. Eu só fiquei lá como um idiota, me perguntando se aquele olhar que ele tinha me dado queria dizer alguma coisa. *Ele estava afim de mim?* Era uma pergunta ridícula, eu sabia que ele era mais velho do que eu e completamente fora do meu alcance, mas eu não podia evitar me sentir como se ele estivesse me verificando.

Ele montou na moto, se acomodando, e eu fiquei ali olhando. Ele tinha cabelo comprido. Como eu perdi isso antes? Não era super longo como o cara na capa dos romances da Vovó, mas era longo o suficiente para amarrar o cabelo na parte de trás de sua cabeça.

Normalmente, eu riria de um cara com cabelo longo, eu quero dizer, sério? Mas ele o fez funcionar. O fato de que ele não parece se

importar com o quão longo era, e o rabo de cavalo era mais de um bolo completamente confuso do que um rabo de cavalo liso... era quente.

Suas costas estavam levemente em direção a mim, me dando uma boa visão de seus ombros largos e calça jeans bem apertada em suas coxas de uma forma que fez meu coração acelerar. Puta merda. Eu nunca tinha sequer *notado* as coxas de um cara antes. Elas eram apenas uma parte das pernas de alguém, certo? Não é grande coisa, nada de especial sobre elas. Mas por alguma razão, olhar para as coxas desse cara fez o meu estômago se apertar.

Eu fui tirada da minha leitura pelo limpar de sua garganta. Quando eu virei meus olhos rapidamente em direção ao seu rosto, eu sabia que ele não tinha perdido o jeito que eu estava olhando para ele. Metade de sua boca puxou para cima em um sorriso e sua voz foi atada com humor enquanto ele falava.

— Bem? Suba.

Capítulo quatro

CALLIE

Eu subi na moto com pouca dificuldade, embora eu tivesse certeza de que eu iria cair. Me sentei com as minhas mãos em volta de sua cintura e minha bochecha contra as suas costas na maior parte do passeio. Eu poderia dizer que ele amava isso - o vento e a estrada aberta, - porque todo o seu corpo pareceu relaxar uma vez que estávamos na estrada. Ele fez pilotar parecer tão fácil, seus movimentos fluidos e graciosos, e o passeio teria ido para os dez melhores momentos da minha vida se não fosse por uma coisa.

Eu estava congelando, porra.

O vento cortou através do casaco que eu estava usando, e num primeiro momento, não me incomodava muito, mas assim que nós estávamos na estrada, o vento parecia como se pequenos pedaços de vidro cortavam em minha pele. Minhas pernas, completamente descobertas nos shorts que eu achava que eram tão ousados no início da noite, quase se sentia como uma queimadura de sol a partir do ar frio. Era miserável.

A primeira vez que eu tremi, eu não achei que ele percebeu, mas quando meus dentes começaram a bater nas costas dele, eu o senti tencionar. Seus ombros só apertaram por um momento, antes que ele deixasse cair uma mão do guidão e a estendeu para esfregar minha coxa rapidamente, correndo os dedos tão alto quanto ele poderia chegar e depois de volta para baixo sobre o meu joelho até minha canela. Ele fez isso mais e mais, antes de mudar a mão e esfregar a outra coxa da mesma maneira.

De primeira, não parecia importar o que ele estava fazendo, minhas pernas continuaram a queimar e eu contava os segundos até que chegaria na Vovó. Porém, menos de cinco minutos depois, eu estava queimando por uma razão completamente diferente.

Quando eu comecei a me contorcer atrás dele, ele parou com a mão no meu joelho. Eu tinha medo que ele fosse parar o que estava fazendo, mas em vez disso ele chegou ainda mais para trás e agarrou meu quadril, puxando meu corpo em direção ao seu até que não houvesse espaço entre nós. Uma vez que ele teve certeza de que eu parei de me mover, sua mão encontrou a minha coxa novamente, o dedo mindinho correndo sob o lado do meu shorts antes de varrer para baixo da minha perna mais lento do que tinha antes.

Ele soltou minha perna conforme pegamos a saída que precisávamos e eu estremeci uma vez antes de obter o controle de mim mesma. Senti meu rosto esquentar enquanto eu pensei na maneira que eu devo ter parecido, praticamente ronronando no momento em que ele aqueceu as minhas pernas, e eu estava feliz como o inferno que ele não podia me ver fazer de mim mesma uma completa idiota quando ele estava apenas tentando me aquecer.

Vovó vivia a apenas poucas quadras após a saída em um pequeno trailer que eu sabia que teria estado em silêncio às quatro horas da manhã se não fosse pelo rugido de sua moto. Felizmente, as pessoas que viviam lá estavam mais próximos da idade da minha avó do que a minha, portanto, a possibilidade de acordá-los sem os aparelhos auditivos eram bastante reduzidas.

Eu deixei ir um braço quando nos aproximávamos do trailer da minha avó, cavando os dedos de minha outra mão em seu estômago, embora estávamos indo a menos de 15 milhas por hora. Eu tinha feito isso toda a meia hora de viagem, eu não queria cair da moto quando eu estava tão perto de chegar em casa inteira. Eu usei a minha mão livre para apontá-la na direção certa, mas conforme nós deslizamos mais perto, percebi que ele deveria saber para onde ir de qualquer maneira. Era o único trailer no parque que estava totalmente iluminada e Vovó estava de pé na varanda esperando por nós quando paramos.

Eu saí do moto assim que estávamos parados, cambaleando e tropeçando como uma idiota enquanto eu tive meus pés de volta debaixo de mim. Vovó estava iluminada por luzes, então eu não podia ver seu rosto, mas, de repente, qualquer bravata que eu tinha sobre o passeio anteriormente desapareceu completamente e eu estava ansiosa para chegar em casa antes que ela enchesse meu saco por estar fora tão tarde. Eu estava mexendo e puxando a tira do capacete, tentando como o inferno retirá-la quando eu percebi que Grease estava descendo da moto.

Senti meus olhos se arregalarem, o universal 'pare o que está fazendo' olhar, mas ele me ignorou completamente e deu alguns passos para frente. Delicadamente empurrando minhas mãos longe do capacete, ele destravou lentamente a fivela como se minha Avó não estivesse nos dando o olhar do mal a partir da varanda.

— Programei meu número no seu telefone no hotel, querida, — ele retumbou baixinho. — Nada dessa merda deve explodir de volta em você, mas se você precisar de mim para qualquer coisa, você chama.

Eu fiquei ali olhando para ele, não sei o que a minha resposta deveria ser, até que a voz da Vovó rompeu o silêncio da noite.

— Bem? Vocês dois estão entrando? — ela perguntou, fazendo com que a minha cabeça se virasse em surpresa.

— É melhor eu ir, minha senhora, — Grease chamou em voz baixa.

— Besteira. Você acabou de trazer a minha menina para casa. Você provavelmente está com fome. Venha e coma, eu tenho o café da manhã pronto.

— Vovó. — Tentei argumentar com ela, mas ela me cortou.

— Callie, traga sua bunda nessa casa. Traga seu amigo com você, — ela me disse, se virando para entrar pela porta.

Me virei para Grease para dizer que ele não tinha que ficar, mas ele já estava ao meu lado. Ele colocou a mão nas minhas costas para me levar para dentro, e eu gaguejava enquanto eu caminhava em direção aos degraus da varanda.

— Querida, sua avó me convidou para entrar. Eu seria um idiota se simplesmente recusasse. Eu vou comer e eu vou embora. Não tem problema, — ele me assegurou conforme chegamos ao alpendre.

Quando chegamos à porta da frente e pude ver a mesa da cozinha da Vovó coberta com alimentos, ouvi a risada de Grease no meu ouvido. Ele se inclinou mais perto até que eu pude sentir sua respiração no lado do meu pescoço.

— Sua avó sempre cozinha refeições completas no meio da noite? — ele sussurrou, um sorriso em sua voz.

Eu bufei e lhe respondi, — Mais vezes do que você possa imaginar.

Nos sentamos à mesa enquanto Vovó se movia em torno da cozinha, lavando pratos e colocando as coisas para longe. Ela estava vestindo uma camisola que a cobria do pescoço aos pés e um avental envolvido em torno de sua cintura. Eu assisti por alguns momentos enquanto sua camisola levantava por suas pernas quando ela caminhava, desejando que eu não tivesse tirado ela da cama para lidar com a minha bagunça. Ela nunca se queixaria; para ela era exatamente o que a família fazia. Se alguém precisava de você, não importa que horas eram ou por que, você se prontificava e fazia o que pudesse.

Entreguei a Grease um dos pratos que estavam empilhados na minha frente e comecei a servir quando Vovó veio e ficou atrás de mim.

— Obrigada por trazer a minha menina pra casa. Não sei no que ela se meteu, ou como você é uma parte disso... mas obrigada por trazê-la para casa. Eu sou Rose, — disse ela a Grease conforme ela apertava meus ombros. Senti as lágrimas atingirem a traseira de meus olhos enquanto as ramificações de suas palavras se instalaram.

Ela não ia perguntar. Não importava onde eu tinha estado ou como eu tinha chegado lá. Eu estava segura em casa, e isso era o suficiente para ela.

Os olhos de Grease foram para trás e para frente entre Vovó e eu quando ele terminou de mastigar, e ele levou o seu tempo limpando a boca com um guardanapo antes que ele respondesse.

— Asa, — ele disse calmamente, metade de sua boca se inclinando ao perceber o olhar de surpresa no meu rosto. — E não foi um problema, minha senhora.

— Bem, vocês dois comam. Eu poderia muito bem ir me vestir.

Eu estava olhando para Asa tentando me orientar quando Vovó se afastou de mim. Antes que eu pudesse pedir a ela para ficar, Asa estava em pé e se movendo ao redor da mesa. Meu corpo ficou tenso enquanto eu o assisti, mas eu relaxei em minha cadeira conforme ele gentilmente pegou o cotovelo da Vovó e a guiou de volta para a mesa, falando baixinho em seu ouvido.

— Você se levantou e nos fez este enorme café da manhã. Eu me sentiria muito melhor se você se sentasse e comesse com a gente antes que ficasse frio.

— Bem, eu acho que posso fazer isso. De onde você é, Asa? — ela perguntou a ele enquanto ela pegava um prato da mesa e começou a enchê-lo.

— Sou do Oregon.

— Oh mesmo? Eu tenho uma irmã lá. Eu tento sair para vê-la pelo menos uma vez por ano, mas está ficando cada vez mais difícil de fazer. Tenho uma irmã aqui, também; muito mais fácil de ver essa. Estes ossos velhos não viagem muito bem mais.

Eles conversaram por uma hora, ocasionalmente me puxando para a conversa, mas principalmente me deixando concordar quando me senti que deveria. As últimas oito horas estavam realmente me pegando e eu senti como se estivesse em outra dimensão, observando o grande motoqueiro falar com minha Vovó como se ela fosse A Rainha da Inglaterra. Ele nunca xingou, embora a minha avó o fez, e seus modos à mesa eram impecáveis. Quem era esse cara? Eu pensei que eu o tinha atrelado pelo tempo que tínhamos deixado o quarto de hotel, mas ele não estava agindo da maneira que eu esperava que ele estivesse.

Minha cabeça começou a doer, mas eu estava muito encantada para deixar a mesa, então eu apenas coloquei minha cabeça para baixo em meus braços e deixei que suas vozes passassem por mim. Depois de um tempo, eu me encontrei naquele lugar entre vigília e sono, onde eu podia ouvir tudo o que acontece, mas eu não estava muito consciente. Eu senti a mesa mover um pouco debaixo de mim, e segundos depois, senti as mãos nodosas da Vovó passar por meu cabelo.

— Ela teve uma noite difícil. Há algo que eu precise saber? — ela perguntou em voz baixa.

— Ela deve estar bem depois de algumas horas de sono.

— Não faça isso. Não aja como se nada tivesse acontecido. Eu enterrei dois filhos. Eu assisti a três dos meus filhos irem para o fundo do poço, e eu cuidei de suas feridas eu mesma depois de brigas de bar e acidentes de carro. Minha neta entrou aqui com uma aparência chocada e com medo e eu quero saber o que aconteceu, — disse ela brevemente, sua voz não deixando nenhum espaço para discussão.

— Tanto quanto eu poderia dizer, ela foi a uma festa com uma amiga e foi deixada lá. Não sei o que aconteceu com a amiga, mas ela estava sozinha quando eu a vi. Parecia que ela tinha sido drogada - não tenho certeza com o que. Ela desmaiou, mas acordou cerca de duas

horas depois de eu a ter tirado daquela casa, — ele respondeu, suspirando alto no final.

— Você estava na festa? Por que você precisava levá-la de lá? Por que não a levou para um hospital?

— Eu não estava na festa. Eu tinha... negócios com um dos homens de lá. Parecia que ela poderia usar a ajuda, então eu a levei comigo.

Houve uma longa pausa antes que a Vovó falasse, como se ela estivesse vasculhando suas palavras, a fim de decidir se acreditava nele ou não.

— Ela... eles não fizeram? — ela sussurrou, seus dedos apertando ligeiramente no meu cabelo.

— Não senhora. Ela estava no andar de baixo e completamente vestida quando eu a encontrei. Até mesmo tinha sua bolsa atravessada sobre o peito.

Eu ouvi um pequeno suspiro acima de mim, quase um soluço, enquanto a mão de Vovó desceu pesada no meu ombro. Minha cabeça estava começando a perder essa qualidade de sonho que eu tinha vindo a desfrutar e eu comecei a me mexer, mas eu congelei quando ouvi a respiração da Vovó ficar irregular antes que ela a trouxesse sob controle.

— Obrigada, — ela disse a ele fortemente, com a voz mais uma vez em um nível normal. — Você sempre terá um lugar na minha mesa. Você está na cidade, eu espero que você venha me ver, você ouve?

Quando Asa se levantou da mesa, a cadeira raspou o linóleo e eu levantei a cabeça para vê-lo com os olhos turvos. Eu não tinha certeza de quanto tempo eu poderia ficar acordada, mas eu não queria perder de dizer adeus a ele. Vovó começou a se movimentar em torno da cozinha novamente. Era o jeito que ela lidava com muita emoção, mas eu sabia que ela também estava tentando nos dar alguma aparência de privacidade embora ela não estivesse pronta para me deixar fora de sua vista.

— Obrigada por me trazer para casa, — eu engasguei, minha voz áspera com o sono quando me levantei da minha cadeira. Uma vez que eu estava de pé, o mundo se inclinou um pouco, então eu apertei a palma da minha mão sobre a mesa para obter o meu equilíbrio. Isso não pareceu ajudar embora, e eu estava balançando como um

marinheiro bêbado quando Asa chamou Vovó e estendeu a mão para mim, me levantando como um bebê em seus braços.

Ele me levou e me deitou na cama da Vovó, beijando delicadamente minha testa antes de sair. Eu esperei, ouvindo o som de sua moto arrancar e ir embora. A última coisa que eu estava consciente era da Vovó subir na cama atrás de mim e envolver os braços firmemente em torno da minha cintura.

Capítulo cinco

GREASE

Eu tinha tido uma noite totalmente fodida.

Eu estava na Califórnia tentando negociar um desacordo de distribuição que o meu clube estava tendo com uma gangue em San Diego. Eu não tinha sido um membro da Aces Motorcycle Club por muito tempo - apenas um par de anos, - mas meu pai tinha sido um membro toda a minha vida, e aquilo me deu um pouco mais de influência do que os outros irmãos que haviam conseguido seus coletes na mesma época que eu. Fiquei feliz em fazer o que pude, mas todo o fiasco tinha me irritado pra caralho desde que eu viajei para San Diego, três dias antes.

Os homens que eu me encontrei eram peixes grandes em um pequeno lago e que tinham estado putos desde o início que Slider, meu Presidente, pelo menos não tinha enviado o VP[3] para lidar com eles. A coisa toda tinha se transformado em uma partida maldita de argumentos que eles não tinham a chance de ganhar, mas que não os tinha parado de tentar irritar mais profundamente e por mais tempo. Era uma maldita piada. Os Aces controlavam o comércio de armas praticamente por toda a costa oeste dos Estados Unidos, e esses palhaços cobriam cerca de um quarto do condado de San Diego. Comparar os dois não era nem mesmo como comparar maçãs e laranjas - era mais como maçãs e a porra do milho.

Foda-se, eu não tenho absolutamente nenhum problema com os mexicanos. Não mesmo. Eu conheci um monte de diferentes povos latino-americanos que eu gostei pra caralho. Meu meio-irmão é até mesmo membro da gangue Jimenez, que é parte da razão pela qual Slider me enviou para lá em primeiro lugar. Nosso querido velho Pai passou algum tempo na Califórnia cerca de vinte anos atrás, e quando ele voltou, ele deixou uma linda menina mexicana de coração partido e

[3] Vice – Presidente.

grávida. Ele cuidou dela até que ele morreu, e ele me levava para ver o meu irmão Deke sempre que tinha a chance. Nós não crescemos perto, mas ele era meu irmão - era tão simples como isso. Eu tinha suas costas e ele tinha as minhas.

Então, quando começamos a ter alguns problemas de pagamento com a gangue Jimenez, Slider pensou que iria aliviar algumas mentes se eu fosse lá recolher o pagamento. Não pareceria que estávamos tentando forçá-los, mesmo que isso fosse a nossa intenção. Era um lembrete amigável do irmão de um dos seus membros; um aviso para pegar o que queríamos.

Tudo tinha acabado relativamente bem se eu não fosse o presidente da gangue batendo no peito e tentando exercer seu domínio sempre que eu estava na sala. O homem era como uma semiautomática e tinha que pesar como uma pena. Eu poderia o ter quebrado em dois, mas em vez disso, eu era a porra de um diplomata e fiz o meu trabalho. Eu não ia ser atraído para alguma luta idiota quando todo o meu clube estava a um bom passeio de dezoito horas de distância.

Eu tinha Tommy Gun e Dragon comigo como apoio, mas Dragon era a porra de um prospecto[4] e eu conhecia Tommy desde o nascimento e ele não era a ferramenta mais afiada no galpão. Eu confiava que eles teriam as minhas costas, mas eu não estava prestes a colocá-los em uma situação onde eles seriam obrigados a isso - era o primeiro encontro no qual eu estava no comando, e eu não iria foder com isso.

Eu pensei que estava livre e limpo. Eu estava feliz por estar indo para casa com dinheiro nos meus alforjes[5], e eu estava ansioso para a longa viagem com nada para me preocupar, além de pausas para mijar e comida em parada de caminhões.

Quando El Presidente me pediu para parar e lidar com alguns negócios com Jose, dizendo que ele tinha um quarto do dinheiro que devia em sua casa segura, eu estava irritado como o inferno, mas eu fui mesmo assim. Aparentemente, Jose tinha negociado para a gague, e ele tinha acabado de entrar em uma porrada de dinheiro, mas ele ainda não tinha pagado. Era para ser apenas uma rápida parada no nosso caminho para fora da cidade, mas quando chegamos à casa eu sabia que a merda ia descer.

---

[4] Prospecto é como um estagiário. É um teste para entrar como membro. Enquanto prospecto, ele não participa das missas (que são reuniões dentro do clube) e nem tem direito à voto nas decisões.

[5] São aquelas bolsas amarradas às motos.

O cara tinha uma fodida casa cheia de gente, quando eu sabia que ele tinha sido informado que estávamos chegando. Eu não sabia se ele estava se sentindo louco, ou se ele não se importava com quem sabia que ele estava fazendo o negócio, mas eu não estava satisfeito com o cenário. Eram negócios, e eu estava ficando cansado como o inferno desses malditos filhos da puta agindo como se fossem bons demais e não nos dando o respeito que merecíamos.

Nós estacionamos nossas motos na rua, e meu irmão Deke estacionou atrás de nós em seu pequeno carro japonês. Eu não tinha certeza do porquê Deke sentiu a necessidade de nos seguir, mas meu cabelo se arrepiou na parte de trás do meu pescoço quando ele me disse que ele estava vindo para o passeio. Eu nunca ignorei esse sentimento, então eu apenas lhe dei um tapa nas costas antes de subir na minha moto. Eu encontrei os olhos de Dragon antes de sairmos e eu sabia que ele estava sentindo isso também. Alguma coisa estava errada.

A casa estava tão cheia como ela parecia do lado de fora, com as pessoas em todos os lugares quando caminhamos para dentro. Eu mantive minha guarda, mas para minha sorte, o idiota que eu estava procurando estava de pé na entrada quando aparecemos. Ele tinha o braço em torno de uma mulher que parecia estar tendo dificuldade em se manter em pé, mas eu mal a registrei enquanto eu absorvia tudo dentro.

Eu não a vi como uma ameaça, mas eu deveria ter.

Olhei ao redor da casa e olhei de volta para Jose assim quando a mulher deixou cair a cabeça para trás contra o ombro dele e eu dei uma boa olhada em seu rosto. Ela era linda. Belos seios, pele bronzeada e olhos azuis claros; uma mistura estranha que parecia estar funcionando nela. Mas essas não foram as coisas sobre ela que eram as mais aparentes. Ela não era uma mulher; ela era uma menina. Suas bochechas ainda estavam um pouco gordinhas, e quando sua boca se abriu eu podia ver o aparelho em sua boca com pequenos elásticos roxos. Isso fez o meu estômago se apertar que Jose, que era pelo menos dez anos mais velho do que eu, estava tateando a menina, mas não era o meu problema, então eu deliberadamente olhei para longe de seu rosto, mesmo que essa porra me matou.

Havia algo sobre ela. Eu tinha estado em torno de um monte de cadelas na minha vida, prostitutas e boas meninas, mas essa menina era diferente. Ela não se ajustava à situação. Ela era como uma peça de quebra-cabeça colorido misturado com um quebra-cabeça preto e cinza. Isso me perturbou pra caralho - mas eu não podia deixá-la quebrar o

meu foco. Tudo o que ela estava fazendo lá não tinha nada a ver comigo.

Comecei a conversar com Jose, dizendo a ele que tínhamos assuntos a tratar, quando quatro de seus meninos apareceram de algum lugar na parte de trás da casa. Assim que eles estavam perto, Jose derrubou a garota que ele estava segurando e eu sabia que a merda ia ficar ruim. *Muito ruim*. Três de seus meninos estavam se aproximando, e o que parecia um fácil recebimento de repente se transformou em algo que eu não tinha previsto. Eu estava tentando avaliar a situação, perguntando por que Jose estava sendo um idiota ao invés de apenas entregar o dinheiro, quando a menina que ele estava segurando se arrastou pelo chão e agarrou a minha perna.

Levou apenas um segundo.

Eu olhei para ela quando ela pegou um pedaço da minha coxa, suas unhas arranhando toda a minha calça jeans, e isso foi o suficiente de uma abertura para os filhos da puta. Eles puxaram suas armas, e antes que eu pudesse dizer uma palavra, começaram a atirar.

Quando as pessoas estão atirando em você, não é nada bom. Você não fica lá e atira de volta e espera que você não seja atingido. Você vai para baixo e, *em seguida*, você atira de volta. Então é isso que eu fiz. Eu me deixei cair duro em cima da menina, conforme cheguei para a minha arma na parte de trás da minha cintura.

Quando tudo foi dito e feito, havia pessoas por toda a casa do caralho gritando e correndo, mas Jose e os seus homens estavam mortos. Meus meninos podiam ser novos - ou no caso de Tommy, completamente estúpido - mas eles tinham feito o seu trabalho. Eu levantei enquanto as pessoas correriam para fora pela parte de trás da casa e comecei a andar em direção à porta da frente, mas o olhar no rosto de Dragon me parou. Ele estava olhando para o chão, e foi aí que me lembrei da menina.

Ela estava completamente fora de si, esparramada sobre a madeira dura. Ela não estava usando roupas reveladoras, nada que uma adolescente normal não usaria, mas a forma como ela estava esparramada no chão, porra, fez seus shorts curtos e top parecerem obsceno. Suas pernas estavam escancaradas com as pernas de seu short abrindo, um de seus braços estava cruzado sobre o peito e outro estava perto de seu rosto. Com a forma como seu cabelo cobria tudo do pescoço para cima, quase parecia que ela estava chupando o dedo. Ela

parecia tão malditamente jovem que eu senti como se tivesse levado um soco na garganta.

Eu não podia deixá-la ali daquele jeito - sozinha e vulnerável a qualquer idiota que se deparasse com ela.

Então eu a levei comigo.

Levá-la em uma moto não ia acontecer, então eu a coloquei na parte de trás do carro do meu irmão antes de irmos para um motel na rodovia. Nós tínhamos ficado mais ao sul, mas depois de mexer com Jose eu não ia ficar onde estávamos. A gangue saberia em poucos minutos o que se tinha acontecido e eu não estava prestes a ser emboscado por algo que não foi minha culpa, em primeiro lugar. Seu menino tinha decidido se sentir o maioral e ia me dar o calote dos vinte e cinco mil, que ele nos devia. *Besteira*. Ele deu o primeiro tiro - fodida má sorte para ele que ele não fez o último.

Eu não estava pensando direito. A adrenalina estava fluindo, e eu estava tentando descobrir por que eu não tinha apenas deixado aquela garota para trás, por isso, quando chegamos até o quarto de motel, fui pego de surpresa pelo fato de que eu realmente tinha uma adolescente no quarto e meu irmão estava andando no chão, murmurando para si mesmo. Quando a merda bateu no ventilador, eu não tinha pensado sobre o que isso significaria para Deke - ele foi colocado em uma posição muito ruim.

— Deke, cara. Posso conseguir um encontro com Slider, não se preocupe, — eu garanti a ele, mas ele não estava interessado.

Tentei convencê-lo a deixar tudo para trás, mas ele não estava ouvindo. Ele parecia estar sob a impressão de que ele não teria nenhum problema, e ele era um homem adulto, então eu não ia discutir. Se ele queria ficar, era com ele. Mesmo que eu fosse mais velho por um pouco menos de um ano, eu não poderia dizer a ele o que fazer. Ele estava cuidando de si mesmo por um inferno de um longo tempo.

Nós estávamos discutindo sobre o que tinha dado errado e o fato de que eu tinha uma garota que não conhecia na minha cama.

Tudo depois disso como uma espécie fodida da versão de *The Twilight Zone*[6] que eu não poderia escapar. Ela era tão jovem quanto eu pensava quando eu a vi com Jose, mas não era só isso. Ela tinha que estar em torno de dezessete ou dezoito anos de idade, mas Cristo, na

[6] Zona Perdida.

experiência? Ela era uma criança de dez anos de idade. Ela não tinha senso de autopreservação e ela pensou que eu era uma espécie de herói por salvar sua bunda de um lugar que ela não deveria ter estado em primeiro lugar. Eu sabia que ela era jovem, maldição, mas quando ela subiu no meu colo eu me senti endurecendo debaixo dela.

Não é como se eu fosse muito mais velho do que ela, eu tinha apenas vinte anos, mas eu tinha parado de foder meninas da idade dela quando eu tinha quatorze anos. Havia uma enorme lacuna na experiência de vida que fez tudo o que eu queria dela impossível, o que foi provado quando ela me disse que tinha que ligar para sua avó e falou com ela como se ela soubesse que ela estava em apuros. Quando nós nos apresentamos a ela, ela torceu o nariz em confusão e eu poderia dizer que as rodas giravam em sua cabeça enquanto ela nos dava o nome dela. Por uma fração de segundo, eu pensei que ela poderia nos ter dado um nome falso, mas eu poderia dizer olhando para seu rosto que ela não tinha - e ela estava se chutando por isso.

Fiz planos para encontrar os caras cerca de uma hora ao norte de San Diego e levei Callie à sua avó. Não havia mais nada que eu pudesse fazer. Ela era menor de idade, e mesmo que ela não fosse, não havia nenhuma maneira que ela iria passar a noite no meu quarto de motel. A garota tinha um fodido aparelho nos dentes. Ela veio de um mundo totalmente diferente.

Quando cheguei a casa dela, eu pensei que eu iria sentir alívio, mas não fiz. Ela passou toda a viagem se esfregando contra as minhas costas, com as mãozinhas apertando e soltando meu peito como um gatinho, e suas não tão inocentes ações me deixaram duro como uma rocha. Eu a queria. Muito.

Eu tinha programado o meu número em seu celular no quarto de motel, mas eu não via qualquer razão para que ela alguma vez tivesse necessidade de me chamar. Então, quando sua avó me ordenou para entrar por comida, eu aceitei sua oferta. Eu disse a mim mesmo que eu só queria um pouco de comida caseira, que eu não queria montar com meu jeans estrangulando meu pau, que eu queria ter certeza de que ela estava bem de tudo o que tenha sido dada a ela no início da noite, - mas nenhum desses motivos era a verdade. Eu só não queria deixá-la ainda.

Ela era tão doce - do jeito que ela olhou para a avó, do jeito que ela serviu meu prato sem mesmo perguntar o que eu queria, e do jeito que ela sorri com a boca fechada tentando esconder seu aparelho. Eu nunca tinha estado em torno dessa doçura antes - eu adorei pra

caralho. Ela não falou muita coisa, mas eu percebi que poderia ter sido por causa de tudo o que ela ainda tinha em seu sistema. Sua avó estava olhando para ela com um olho de águia, enquanto nós nos sentamos à mesa, mas Callie não pareceu notar. No momento em que terminamos de comer, ela desmaiou na mesa.

Me matou deixá-la ali, mas eu sabia que a sua avó iria cuidar dela e realmente não era da minha conta. Eu a tinha entregue em sua casa sã e salva e eu pareceria um idiota se me pendurasse por muito mais tempo - para não mencionar o fato de que eu provavelmente tinha quarenta rapazes mexicanos me caçando.

Eu precisava dar o fora de lá antes que eu fiz esse algo estúpido e morresse.

Capítulo seis

CALLIE

Acordei sozinha na cama da Vovó com o brilhante sol da tarde brilhando através das cortinas brancas rendadas. Minha cabeça latejava, e minha boca tinha gosto de algo se arrastou até lá e morreu. Eu tentei rolar, mas desisti com um gemido quando todo o meu corpo protestou contra o movimento. Levou apenas alguns segundos para ter imaginado o porque eu estava tão dolorida, para lembrar exatamente por que eu me sentia uma merda.

Minha mente correu sobre os acontecimentos da noite anterior, e eu estava completamente perplexa com tudo o que tinha acontecido. Merdas como essa só não acontecem comigo. Eu raramente me metia em problemas, e quando eu fiz, foram coisas normais, como retrucar para meus pais ou ficar fora depois do toque de recolher. Eu não poderia ter imaginado a noite anterior se eu tivesse tentado.

Eu estava ocupada vasculhando minhas memórias, tentando recuperar os esquivos, quando Vovó entrou no quarto para me acordar.

— Ah bom. Você está acordada. Eu estou indo para a tia Lily e vou te deixar em casa no caminho. Como está se sentindo? — ela me perguntou conforme ela caminhou ao redor do quarto, puxando um suéter e um par de tênis.

— Eh. Como se eu tivesse sido atropelada por um caminhão. Minha boca está seca como o maldito Sahara.

— Sim, bem ser drogada por algum pedaço de lixo vai fazer isso, — ela me disse com um olhar, se sentando ao meu lado na beira da cama. — Eu sei que você estava apenas se divertindo, Callie, mas merda como essa tem uma maneira de sair do controle. Eu cuidei das coisas para você na noite passada, mas se algo como isso acontecer de novo eu chamarei seu pai. Você me coloca em uma maldita posição.

Eu me senti como uma merda ouvindo as palavras dela, mas tive que esconder meu sorriso em seu caminho de culpa sutil. *Velha senhora sorrateira.* Forcei meu corpo dolorido em uma posição sentada e passei meus braços em volta da sua cintura, abraçando enquanto eu pedia desculpas. — Eu sinto muito, Vovó. Eu não vou fazer algo assim novamente. Eu não quero colocar você em problemas com papai.

Ela colocou os braços em volta de mim e esfregou minhas costas por um minuto enquanto eu relaxei perto dela, sabendo que eu estava perdoada. Foi impressionante o que um simples abraço poderia fazer para nos acalmar. Antes que eu pudesse ficar muito confortável ou voltar a dormir, ela se afastou, sacudindo minha cabeça latejante que estava descansando no ombro dela.

— Callie, eu amo você, baby, e nós estamos bem... mas o seu hálito cheira a merda. Vá escovar os dentes, — ela resmungou com um nariz amassado e um sorriso.

Eu amava minha avó.

Eu saí da cama e fui escovar os dentes, deslizando pela Vovó no balcão da cozinha e esfregando suas costas levemente conforme eu fui. Ela estava conferindo que sua carteira e chaves estavam em sua bolsa, assim como ela fazia cada vez que saia de casa por tanto tempo quanto eu conseguia me lembrar. Ela sempre checava e re-checava sua bolsa para tudo o que precisava e isso tinha sido como um tesouro de guloseimas quando eu era mais jovem. Havia sempre um caderninho e uma caneta se eu estava entediada na mercearia, um laço de cabelo se ela precisasse prender meu cabelo, ou um Band-Aid, se eu ralasse meu joelho. A bolsa da Vovó poderia resolver qualquer problema, não importa onde estávamos.

Assim que ela teve certeza que ela tinha tudo o que ela poderia possivelmente precisar, subimos no carro e partimos para a minha casa. Nós normalmente não falamos muito no carro, mas esse passeio foi significativamente mais silencioso enquanto eu pensava sobre a noite anterior. Fiquei tão aliviada que o meu pequeno calvário tinha acabado. Eu tive sorte - eu estava indo para casa sã e salva, quando eu poderia ter sido morta. A ideia daquele homem me tocando, ou a forma como os tiros soaram na entrada da casa me deixam tremendo de medo, e eu rapidamente virei minha mente para os meus pais e o que eu estaria enfrentando quando chegasse em casa.

Eu não tinha certeza do que Vovó disse aos meus pais, mas seja o que foi os acalmou o suficiente para eles não estarem chamando meu

telefone mais e mais como eu estava esperando. Fiquei contente com o adiamento, mas eu sabia que não iria durar muito. Eu tinha desaparecido há horas entre o momento em que eles teriam estado em casa para jantar e quando Vovó ligou às três da manhã. Eles iam ficar furiosos - especialmente meu pai.

Vovó era a mãe do meu pai. Ela criou três meninos com um bêbado como marido, e ela tinha praticamente visto de tudo. Infelizmente para mim e meu irmão, meu pai sabia todos os truques do livro porque ele os usou, o que significava que nós raramente fugimos com algo. Todos os filhos de Vovó eram problemáticos enquanto cresciam, mas de alguma forma o meu pai tinha saído desse caminho e estava no caminho certo. Meus tios não tiveram tanta sorte.

Me lembrei como meus tios eram divertidos e um pouco loucos, mas eu só os tinha visto uma vez por semana nos jantares de família que Vovó havia estabelecido para manter todos unidos. Eles me provocavam constantemente puxando minha trança e me chamando de *'pequena señorita'*, e eu amei a atenção, embora a boca de minha mãe apertava em uma linha firme cada vez que eles faziam isso. Eu não tinha entendido até poucos anos depois que meus pais viram isso como uma piada por meu pai se casar com uma mulher mexicana. Eu não sabia se eu concordava com a avaliação dos meus pais, mas isso não tinha importado de qualquer maneira.

Eu os tinha visto com uma espécie de culto ao herói, nunca entendendo por que nós os vimos apenas com minha avó e apenas por um par de horas de cada vez. Meus pais tinham me mantido fora do dia-a-dia de drama, mas quando eu tinha dez anos eles foram incapazes de proteger a mim e meu irmão, Cody, quando ambos os meus tios foram mortos em uma briga de bar em Los Angeles.

Eu era muito jovem para entender as implicações de suas mortes; eu só sabia que eu tinha perdido duas pessoas que eu pensei que tinham pendurado a lua especialmente para mim. Meus pais, no entanto, viram muito claramente que eles tinham morrido do jeito que viveram - com um flagrante desrespeito à lei e uma imprudência que eles não queriam fazer parte. Eu não tenho certeza do que aconteceu - minha mãe deve ter dito ou feito alguma coisa durante aquelas poucas semanas após Vovó ter perdido os meninos, - porque nós nunca mais fomos para os jantares de família e minha mãe e Vovó nunca mais se falaram.

Quando chegamos à minha casa, eu soltei meu cinto de segurança e me virei para Vovó cujas mãos estavam tensas no volante.

Ela não colocou o carro no em ponto morto, apenas ficou lá com o pé no freio, esperando que eu saltasse para fora. Isso não me surpreendeu, no entanto, eu sabia que ela nunca pisaria em nossa casa se ela pudesse evitar - nem mesmo se eu precisasse dela para executar uma interferência.

— Obrigada Vovó! — eu disse a ela com um beijo na bochecha. — Eu vou te ligar esta semana, eu tenho quinta e sexta de folga da escola, então talvez eu possa ir passar a noite.

— Parece bom, menina, — ela respondeu com um sorriso tenso. Ela estava ansiosa para sair, nervosa que ela teria que interagir com a minha mãe se ela saísse da casa.

Abri minha porta e sai, dando mais um sorriso para ela. Eu odiava deixá-la, mesmo que eu sabia que eu iria vê-la novamente em breve.

— Amo você!

— Amo você, também. Vá para dentro, — ela ordenou com um aceno enquanto eu fechava a porta atrás de mim.

Eu sabia que Vovó não se afastaria do meio-fio até que eu entrasse pela porta da frente, então eu corri para frente da nossa casa de dois andares e entrei. A casa estava silenciosa, quase assustadoramente. Eu deslizei meus sapatos e os coloquei em uma cesta na porta da frente e andei ainda mais para dentro da casa, encontrando meus pais sentados na sala de estar esperando por mim. Minha mãe estava no sofá de frente para a porta grande, e quando encontrei com os olhos dela, ela se levantou e começou a caminhar para mim.

Eu não poderia dizer o que ela estava pensando - seu rosto estava completamente em branco - então eu fiquei lá estupidamente enquanto ela chegava mais perto, e eu nem sequer pestanejei quando ela levantou o braço. Eu não estava preparada para ela me dar um tapa no rosto antes que meu pai que pulasse da cadeira e pudesse impedi-la. Ela estava gritando em espanhol sobre que filha horrível eu era, e tudo o que eu podia fazer era ficar lá em estado de choque, enquanto ela me repreendia. Eu podia me sentir chorando, lágrimas rolavam do meu queixo e meu rosto estava em chamas, mas eu estava atordoada demais para fazer qualquer coisa.

Ela nunca tinha me batido antes.

Finalmente, meu pai a puxou para longe de mim e tomou seu lugar, falando em voz baixa, mas furioso.

— Recebemos um telefonema de um de seus amigos esta manhã. Eu tenho certeza que eu lhe disse para ficar longe de Mallory, mas de acordo com ela, vocês duas foram a uma festa juntas na noite passada, — ele sussurrou, apertando sua mandíbula. — Ela estava preocupada quando ela tentou sair e não conseguia te encontrar. Ela disse que chamou o seu telefone mais e mais, e quando você não respondeu, ela decidiu tentar nos chamar. A coisa engraçada sobre isso, eu pensei que você tivesse passado a última noite na casa da sua avó.

— Pai, — tentei explicar, mas ele me cortou com um movimento de raiva de seu braço que tinha me empurrando para longe dele.

— Nem tente isso, Callie! Obviamente, você não pode ser confiável e nem a minha mãe pode ser. Vou ligar para ela quando eu terminar com você, — ele afirmou ameaçadoramente, fazendo culpa passar por mim enquanto eu imaginava o que minha Avó iria passar. — Você está de castigo. Vou deixar que você mantenha o seu telefone na chance que Cody chamar da escola, mas eu vou monitorar quando você usá-lo. Não o use, — ele me disse, sua voz gelada.

Eu estava de pé, congelada, não sabendo o que eu deveria estar fazendo depois que eu fui pega na maior mentira da minha vida. Eu nunca tinha estado em tantos problemas, e eu não poderia envolver minha cabeça em torno de como eles estavam com raiva. A noite anterior tinha sido um erro enorme, mas eu não sabia como dizer a eles que eu aprendi minha lição sem entrar em detalhes que eu sabia que só iria irritá-los mais.

Minha mãe ficou atrás de meu pai com os braços em torno de si mesma conforme ela balançava e ambos estavam olhando para mim como se eles nem soubessem quem eu era. Mudei meus olhos entre eles, tentando descobrir o que dizer, até que minha mãe quebrou, e com as veias em seu pescoço protuberantes e seu rosto ficando vermelho, ela gritou comigo para ir para meu quarto.

Eu corri.

Passei o resto do dia limpando meu quarto e terminando a lição de casa que era para segunda-feira em silêncio e ouvindo música nos meus fones de ouvido. Minha mente correu para trás e para frente sobre da noite anterior para a cena que eu entrei no início do dia; eu tinha dificuldade em me concentrar em qualquer outra coisa. Uma pequena decisão e eu me ferrei completamente.

Por volta das sete horas, eu estava deitada na minha cama lendo quando minha mãe entrou no meu quarto carregando um prato cheio de comida e um refrigerante. Me sentei rapidamente quando ela colocou o refrigerante na minha cabeceira e se sentou ao lado da minha cama. Quando ela me entregou a comida, ela começou a fala, e meu estômago amarrou em nós quando ouvi o tremor em sua voz.

— Você me assustou, *mija*. Eu liguei e chamei quando chegamos em casa ontem à noite e não houve resposta. Então eu chamei seus amigos, ninguém sabia onde você estava. Seu pai tinha a lista telefônica para ligar para os hospitais quando sua avó chamou e disse que você estava com ela, — ela me disse em uma voz calma, fungando enquanto falava. — Nós sabíamos que algo não estava certo, mas eu sabia que se ela tinha dito que você estava com ela, então você estava segura e que nós poderíamos lidar com isso quando você chegasse em casa hoje.

— Sinto muito, mamãe, — eu pedi desculpas calmamente, e nunca tinha sido tão verdadeiro.

— Bem, você está em casa a salvo agora, — ela comentou com um encolher de ombros, como se isso fosse tudo que importava. — Eu trouxe o jantar, então você pode comer em seu quarto. Seu pai não está pronto para te ver ainda. Talvez amanhã, ok?

Quando ela terminou de falar, eu me lancei em seus braços, ansiosa pelo perdão. Ela colocou os braços em volta de mim com força, e beijou minha cabeça mais e mais, eu sabia o quanto eu tinha assustado ela. Quando ela finalmente relaxou os braços, eu agarrei a ela, detestando deixá-la ir - mas ela não me fez soltá-la. Ela cheirava tão bem, como um mix de alimentos fritos e perfume da Paris Hilton que ela tinha recebido como um presente secreto de natal do ano passado e tinha usado todos os dias desde então. Pela primeira vez em quase um ano eu não estava secretamente envergonhada que ela estava usando um perfume feito para meninas adolescentes. Ela cheirava a casa, e ela não me soltou até que eu estava pronta.

Depois que ela se foi, eu comi o jantar e me preparei para dormir. Eu estava com um pouco de medo de como meu pai seria no dia seguinte, mas ele geralmente estava fora antes que eu tivesse ido para a escola, então eu sabia que ele teria um dia inteiro para esfriar antes que eu o visse novamente. Ele nunca fica bravo por muito tempo, então eu estava confiante de que no momento em que ele estivesse em casa do trabalho, estaríamos de volta ao normal.

Se eu soubesse o que iria acontecer, eu teria agido de forma diferente. Eu não teria relaxado no chuveiro. Eu não teria tido tempo de raspar minhas pernas ou pintar as unhas dos pés. Eu não teria o deixado ficar louco ou deixar coisas não ditas entre nós.

Eu teria marchado no andar de baixo e feito as coisas direito com ele, e então eu teria enrolado ao lado dele no sofá como eu fazia quando menina - feliz por assistir um programa chato na televisão apenas para que eu pudesse passar um tempo com ele.

Mas eu não fiz - e eu tinha que viver com isso.

Capítulo sete

GREASE

Me encontrei com os meninos e saí da cidade antes que nós tivéssemos que lidar com mais problemas. A estrada aberta me acalmou como sempre fazia, e pelo tempo que atingi Sacramento, eu finalmente parei de pensar nela. Ela era apenas outra garota em uma longa fila de meninas que eu queria transar - nada mais e nada menos. Me convenci de que não havia nada de especial sobre ela.

Nós estávamos a algumas horas da fronteira de Oregon quando eu sinalizei para que os meninos para me acompanharem na rodovia. Meu telefone tinha tocado no bolso no meu peito durante a maior parte da ultima hora, e enquanto eu me senti justificado de ignorar uma ou duas chamadas quando eu estava dirigindo, senti algo estranho. Os cabelos na parte de trás do meu pescoço estavam arrepiados com cada chamada, e pelo tempo que eu desliguei a minha moto, eu estava pronto para estrangular quem quer que tivesse desordenado meu estado *Zen*.

Eu corri através de minhas chamadas perdidas, vendo cerca de cinquenta delas, tanto de Slider, o meu presidente do clube, e Deke. Minha mente estava correndo com possibilidades, mas antes que eu pudesse chamar meu prez de volta, Deke ligou novamente.

— Grease, cara, Poet esteve ligando para o meu celular. Nem sequer percebi isso - quer que eu o chame de volta? — Dragon me gritou a alguns metros de distância. Ele ainda estava sentado em sua moto mas a postura relaxada das últimas horas havia desaparecido e seu corpo estava apertado. Ele estava sentindo isso também, o que quer que fosse.

Isso era ruim.

Eu balancei a cabeça para Dragon enquanto eu me conectava com Deke.

— Deke, o que há, cara? — perguntei a ele com cautela. Ele era meu irmão e eu o amava, mas eu teria preferido falar com Slider primeiro. Se ambos estavam chamando sem parar, não era nada bom e eu precisaria dos meus meninos nas minhas costas. Deke pode ser a família, mas ele também era um Jimenez.

— Grease. Os caras aqui não estavam realmente felizes sobre a forma como as coisas terminaram com Jose, — ele me disse pausadamente, parando no final e me irritando que ele não estava chegando ao ponto.

— Sim, Irmão. Imaginei. Eu estou a uma porra de horas de distância de lá. Não podem fazer nada para mim agora, e uma vez que eu estiver em casa eles podem falar com Slider-

— Não, — ele me interrompeu, e as próximas palavras que saíram da sua boca foram como um soco no peito. — Eles estão indo para a menina.

— Que porra você está falando? — eu vibrava em meu telefone, fazendo com que a cabeça de Tommy Gun virasse na minha direção. Olhei para Dragon, querendo saber o que o Poet tinha dito, e o olhar em seu rosto confirmou o que eu já sabia.

Eu, sem saber, a deixei para os lobos.

Deke estava começando a se arrastar, — Isso provavelmente já terminou. Eu comecei a ligar horas atrás, cara. Nada que você possa fazer sobre isso agora. Ela não era nada - mas eles não sabem disso. Eu não lhes disse que ela não era a sua. Portanto, agora está empatado irmão. — ele estava realmente tentando explicar como uma gangue que lida com droga poderia justificar ir atrás de uma menina inocente de dezesseis anos de idade. Eu não poderia lidar com isso. Fechei meu telefone e fiquei olhando para Dragon conforme ele arrancava o telefone.

— É um aviso. Não há necessidade de chamar Slider de volta. Poet diz que eles só queriam que você soubesse o que estava acontecendo. — ele fez uma pausa e passou a mão sobre a barba e, em seguida, acenou com a cabeça uma vez. — Disse pra te dizer que o próximo jogo está valendo para você. Podemos voltar para San Diego ou para Oregon e lidar com ele de lá.

Eu só fiquei lá, minha mente correndo. Estava a horas malditas longe dela. Não havia nada que eu pudesse fazer. Eu podia sentir cada músculo do meu corpo ficar tenso e pronto para voltar para San Diego e eu mesmo matar esses filhos da puta -mas isso não iria resolver nada,

além de acabarmos mortos. Nós estaríamos em seu território, e sem reforços isso seria uma missão suicida. Mas, Deus, eu queria voltar e pegá-la. Eu queria voltar para 24 horas antes e atirar na fodida cara de Jose, em vez de acabar com ele com dois tiros no peito. Eu queria dizer a Avó de Callie para passar despercebida por um tempo. Eu não queria ter deixado ela lá sem proteção.

Maldição - eu estava tão fodidamente preocupado em ficar longe de sua bunda menor de idade que eu não tinha considerado a possibilidade de deixá-la. Isso estava em mim.

Estendi minha mão e puxei o elástico do meu cabelo, puxando-o para fora do meu rosto para me dar mais alguns segundos antes que eu tivesse que tomar a decisão mais difícil da minha vida. Eu tinha que deixa-la lá, possivelmente viva e machucada, ou levar os meus meninos para uma situação que nenhum de nós sairia. Era uma fodida decisão - mas eu não iria voltar.

Comecei a deslizar meu celular de volta no bolso, abrindo a boca para deixar Tommy e Dragon saberem o que estava acontecendo quando meu telefone tocou novamente. Eu não conhecia o número, mas com toda a merda indo para baixo, eu atendi de qualquer maneira. Graças a porra eu atendi.

— Grease? — ela gemeu no meu ouvido, sua voz tão baixa que eu tinha que apertar o meu outro ouvido com o dedo.

— Sim? — eu pensei que fosse ela, mas ela estava tão tranquila que eu não tinha certeza. Porra, eles poderiam estar jogando comigo? Tentando me fazer voltar a San Diego?

— Asa? Estou com medo. — ela chorou em silêncio, e eu sabia que era ela. Ninguém me chamava de Asa.

— Baby, você está bem? — perguntei a ela suavemente, subindo de volta na minha moto e acenando para os meninos cujos rostos haviam endurecido.

— Eu estou me escondendo, — ela sussurrou.

As últimas 24 horas se transformaram em uma longa lista de complicações e más decisões e parecia que eu estava indo tomar mais uma.

Fodam-se as consequências.

— Fique onde está e mantenha a calma querida, — eu pedi a ela enquanto eu afivelava meu capacete. — Eu estou indo para você.

Capítulo oito

CALLIE

Acordei assustada no meio da noite, e levou um segundo para perceber que alguém estava batendo na porta da frente. Meu coração começou a bater forte quanto eu pulei para fora da cama, meus pés enrolando nos lençóis quando cheguei ao meu telefone que estava carregando na minha cabeceira. Qualquer batida no meio da noite sinalizava más notícias, e minha mente esquadrinhou através de cenários de policiais nos dizendo que alguém estava ferido.

Me arrastei até a porta do meu quarto, encontrando minha mãe no corredor conforme eu vi a parte de trás do meu pai enquanto descia as escadas. Seus ombros nus estavam retos e tensos, como se estivesse se preparando para o que quer que estava do outro lado da porta da frente, mas suas mãos estavam soltas ao lado do corpo. Demorava muito para o meu pai perder a compostura.

Minha mãe estendeu a mão e agarrou a minha, enquanto observávamos ele, mas nenhuma de nós nos movemos. Ela estava com uma robe que estava amarrado na cintura, e a mão que não estava segurando a minha agarrou a lapela no que era tanto um gesto nervoso e uma forma de manter o tecido cobrindo os seios. Eu estava um pouco enojada que ambos os meus pais tinham se vestido com pressa, mas eu não me concentrei nisso porque a maior parte da minha atenção estava na porta da frente. Eu não estava pronta para enfrentar o que estava acontecendo, e ingenuamente acreditei, por um momento, que se nós ficássemos no corredor o tempo pararia e eu nunca teria descoberto o que estava acontecendo.

O tempo parou enquanto esperávamos o meu pai alcançar a porta, e ficamos em silêncio ouvindo ele virar a fechadura e o pequeno ruído do trinco.

Quando ele abriu a porta, ouvi ele dizer: — Que diabos? — antes de tiros rasgarem pela casa silenciosa. Eu parei de respirar, minha

confusão e horror me paralisando. O que estava acontecendo? Eu não conseguia envolver minha mente no que estava acontecendo até que minha mãe apertou minha mão fortemente e me empurrou para chamar minha atenção. Ela estava usando uma expressão que eu nunca tinha visto antes, e na minha neblina me levou um minuto para interpretá-la. Medo – o medo que te consome, implacável.

Medo, mas sem pânico.

Então o tempo acelerou de volta.

— Escóndete en el closet detrás de las decoraciones de Navidad. Te quiero. No salgas[7], — sussurrou ela, com a voz tão baixa que eu tive que ler seus lábios.

Eu apertei o meu domínio sobre ela, balançando a cabeça freneticamente enquanto ela colocava os braços em volta de mim em um abraço. Eu não queria deixá-la ir, e eu tentei arrastá-la comigo enquanto ouvimos os homens circularem no piso inferior da casa, mas no minuto em que soou na escada, ela me empurrou com força, me fazendo cambalear no corredor.

— Vá! — ela murmurou para mim antes de virar de costas e encarar as escadas.

Corri para o quarto dos meus pais, me arrastando para a parede. Havia áreas de armazenamento sob o beiral que mantínhamos as decorações de Natal, e eu rapidamente deslizei uma das pequenas portas abertas, colocando meu telefone entre meus dentes, e subi para dentro. Minhas mãos estavam suando tanto que eu tive dificuldade para fechar a porta atrás de mim, e eu mordi com força o meu telefone, chorando em silêncio enquanto meus dedos tentaram encontrar aderência na madeira lisa.

Só me levou segundos antes que não houvesse luz brilhando do quarto dos meus pais, e eu rastejei silenciosamente atrás das caixas de enfeites de Natal o mais rápido que pude. Cody e eu tínhamos usado os depósitos como esconderijos quando éramos pequenos, brincando de esconde-esconde e fingindo que estávamos escondendo de bandidos. Mal sabia eu como um jogo inocente iria acabar por ser a única coisa que me salvou.

Eu estava tremendo duramente, meus dentes cerrados para mantê-los de ranger, quando ouvi um homem gritando com a minha

[7] Entre no depósito. Por trás das decorações de Natal. Eu amo você. Não venha para fora.

mãe no corredor. Tudo o que ele estava dizendo era abafado, havia muitas caixas entre nós para eu ouvir claramente, mas o tiro não. Foi tão claro como se ele estivesse ao meu lado.

Mordi o braço tão forte quanto eu podia para abafar os gritos na minha garganta quando ouvi um baque alto no corredor. Eu estava ofegante, balançando em pequenos movimentos para trás e para frente, minha mente girando. Meu peito parecia que ia rachar, como se a qualquer minuto ele iria se dividir espontaneamente, mas ainda assim, eu fiquei em silêncio.

Ouvi os homens vindo através do quarto dos meus pais, rasgando a cama e levantando o colchão para cima do estrado antes de soltá-lo ruidosamente. Eles estavam me chamando pelo nome, me dizendo para sair de onde eu estava escondida, e em algum lugar por trás da mente entorpecida pelo medo, eu estava mortificada porque eu me senti fazendo xixi nas calças.

Eu não sei quanto tempo eu me sentei lá depois que eles saíram, tremendo. Poderia ter sido minutos ou horas, mas eu estava com medo que eles estavam apenas esperando que eu fizesse um movimento, então eu não fiz nada. Fiquei lá na minha própria confusão, com a cabeça sobre os joelhos e os meus dedos girando lentamente no meu cabelo - um hábito que eu pensei que eu tinha parado desde o momento que eu parei de chupar o polegar no jardim de infância.

Quando eu finalmente me senti segura o suficiente para fazer alguma coisa, eu lentamente cheguei as minhas mãos para o chão em volta de mim, procurando o telefone que eu tinha perdido na escuridão. Quando o achei, eu tomei um curto suspiro de alívio até que ele caiu da minha mão tremendo em um barulho alto, me assustando e me fazendo enrolar em uma bola apertada de medo. Eu não ouvi ninguém, mas eu esperei alguns momentos antes de estender minhas duas mãos e pegar o telefone novamente.

Eu sabia que deveria ligar para o 911, e essa era a minha intenção, mas quando eu acidentalmente apertei enviar com meus dedos trêmulos, eu não desliguei quando eu vi o nome de 'Grease' aparecer na tela. Ele não disse nada de imediato, e me levou alguns segundos para perceber que o telefone tinha parado de tocar.

— Grease? — eu estava sussurrando, com medo de que o meu telefonema de algum modo alertasse os homens na casa e a qualquer segundo eles deslizariam pela porta do meu esconderijo.

— Sim? — ele respondeu com sua voz rouca, e eu estava instantaneamente preenchida com uma sensação de asfixia de alívio e terror.

— Asa? — perguntei novamente, desesperada para saber que era realmente ele. — Estou com medo.

Quando ele voltou a falar, preocupação amarrando sua voz, eu me senti como se eu pudesse finalmente respirar. Eu calmamente informei a ele que eu estava escondida, e quando ele me disse que estava vindo me pegar, eu acreditei nele. *Ele me salvou antes, não foi?* Então, quando ele me disse para ficar onde eu estava e ficar quieta, isso é exatamente o que eu fiz. Eu nunca chamei a polícia, e eu não queria deixar o meu esconderijo. Fiz exatamente o que ele me disse, porque eu estava com medo do que poderia acontecer se eu não fizesse.

Eu não respondi quando ouvi pessoas andando por aí, gritando que eram da polícia, e perguntando se alguém ainda estava na casa. Eu não chamei quando procuraram pelo quarto dos meus pais e chamaram de novo e de novo. E eu não queria fazer um som quando falavam sobre os meus pais mortos como se fossem projetos de ciência. Eu não poderia ter certeza de que estava a salvo. Sem ver seus rostos, eu não sabia se era tudo um jogo que eles estavam jogando para tentar me encontrar. Então eu fiquei escondida, esperando por Asa, até que, finalmente, a casa estava em silêncio mais uma vez.

Me sentei ali, enrolada em uma bola, e eu pensei em minha mãe e por que ela não havia se escondido comigo. Nós teríamos tido tempo, e havia espaço suficiente para nós duas. Eu balançava e balançava, meu shorts de dormir ficando úmidos e escoriando minha pele conforme eles secaram.

Asa me mandou uma mensagem ao longo do dia, me perguntando se eu estava bem e ainda escondida. Eu respondi com uma palavra, 'Ok', para cada um de seus textos, não importa o que ele mandou. Eu estava ocupada repetindo a noite mais e mais na minha cabeça, tentando descobrir o que eu tinha perdido, tentando ver como eu poderia ter feito as coisas de forma diferente. Eu não conseguia pensar em outras palavras para digitar minha mente consumida com os ' e se' até que recebi um texto me perguntando onde eu estava. Por alguma razão, o pensamento de dizer a alguém onde eu estava escondida me fez sentir como se eu estivesse rastejando para fora da minha pele, e ele teve que enviar a pergunta sete vezes antes que eu pudesse me fazer responder: 'forro'.

A última vez que eu vi minha mãe, ela estava de pé com os ombros para trás, seu robe amarrado em volta de sua cintura, exibindo sua figura de ampulheta. Ela estava de costas para mim, então eu não tinha visto seu rosto, mas eu conhecia cada expressão que ela usava pela sua linguagem corporal. Ela estava blefando. O queixo levantado e postura rígida que eu tinha visto sempre que ela se sentia desconfortável à vista de todos.

Ela se manteve firme por uma razão. Se eles soubessem quem éramos, ou mesmo que não, eles teriam esperado encontrar minha mãe em algum lugar da casa - mas uma filha adolescente poderia estar ausente sem levantar bandeiras vermelhas.

Se a minha mãe tivesse me seguido até o forro, eles teriam sabido que havia um lugar para se esconder e teriam procurado até que eles nos encontrassem.

Então, ao invés, ela os enfrentou como uma leoa, ferozmente e com absolutamente nenhuma reserva.

Eu não tinha certeza sobre a passagem do tempo, e isso não importa, não realmente. Porque no momento em que eu descobri porque minha mãe não tinha se escondido comigo, eu desliguei e saí da minha própria mente - bloqueando efetivamente o mundo exterior e qualquer coisa com o potencial de me machucar ainda mais.

Capítulo nove

CALLIE

Fui arrancada do meu lugar calmo por um martelar alto vindo do meu quarto. Eu estava tão fora que eu não tinha ouvido ninguém entrar na casa, e meu coração começou a correr como um coelho assustado quando meu telefone iluminou ao meu lado, com uma chamada de 'Grease'. Eu não atendi com muito medo de fazer barulho. As batidas ficaram mais altas, e eu ouvi alguém xingando, quando, de repente, eu tinha uma nova mensagem de texto. 'Nós estamos aqui', foi tudo o que dizia e eu fui atingida por uma onda de alívio misturada com pânico. Eu não tinha certeza do que fazer, e os meus pensamentos estavam tão misturados que eu apenas fiquei lá, olhando para a tela conforme os xingamentos e as batidas se tornaram mais altos. Ele estava aqui na minha casa, ou aqui no condado de San Diego? Eu não podia ter certeza se o ruído no meu quarto era ele, ou alguém saqueando a casa. Eu não podia ter certeza de nada.

Enquanto eu estava sentada olhando para a tela, eu ouvi os sons se moverem pelo corredor, e eu congelei de terror à medida que se aproximava. Só então, outro texto apareceu, e eu quase deixei cair o telefone de minhas mãos trêmulas.

— Onde você está?

As vozes entraram no quarto dos meus pais e começaram a bater enquanto eu empurrei lentamente o botão de resposta e digitei uma mensagem de volta. 'Há alguém na casa'. Tentei ouvir atentamente as vozes do outro lado da parede, mas a minha mente estava correndo tão rápida que não poderia interpretar o que eles estavam dizendo. Eu comecei a balançar novamente, a minha mão no meu cabelo, mas os movimentos eram bruscos e curtos conforme eu tentei ser o mais silenciosa possível.

As vozes no quarto ficaram mais altas depois do meu texto, e eu comecei a hiperventilar quando eu percebi que uma das palavras que eles estavam usando era o meu nome.

Ainda assim, eu não disse nada. Eu só esperei; olhando para o meu telefone como se fosse o último elo de sanidade.

A batida chegou mais perto e mais perto, enquanto eu tentava retardar a minha respiração, e, eventualmente, ele parou logo acima da pequena porta que ia ao meu esconderijo. Alguém gritou, e eu gemia baixinho no fundo da minha garganta quando a porta do forro lentamente se abriu.

Eu assisti em terror conforme as caixas mais próximas da porta foram tiradas do caminho, desmontando lentamente a única coisa que tinha me mantido segura. Eu mantive meus olhos sobre a abertura e os braços chegando no interior enquanto eu usava meus calcanhares para me empurrar com força contra a parede, enrolando em mim mesma. Eu vagamente registrei quando a voz de Asa filtrou para o espaço, mas eu não conseguia entender por que eu estava ouvindo ele.

Cara, cheira a mijo aqui. Você com certeza que ela disse forro? Tem apenas um monte de merda de Natal.

Ela está ai. Continue.

Porra, cara. Se ela está aqui, então por que diabos ela não está dizendo nada?

Um homem de cabelo escuro deslizou a última das caixas de armazenamento, e uma vez que ele tinha uma visão clara, vi o branco de seus olhos enquanto eles se arregalaram de surpresa. Eu realmente não podia ver seu rosto, estava de costas para a luz, mas eu podia ouvir a alegria em sua voz quando ele gritou atrás dele, — Aê! Ela está aqui! — antes de rastejar mais para dentro. Quando ele me alcançou e ergueu o braço como se fosse me puxar para frente, eu chutei com um dos meus calcanhares, o esmagando em seu queixo como um mestre de karatê.

— Que porra? — ele gritou comigo, me fazendo recuar no meu canto quando ele subiu de volta para fora da porta. — A cadela apenas me chutou na cara!

— Que porra você fez? — uma voz que eu reconheci rugiu.

No próximo segundo, ombros largos passaram através da porta, e um rosto familiar estava olhando para mim na lasca de luz que atravessa o pequeno espaço entre o peito e a porta.

— Ei, querida. Você está bem aí? — ele me perguntou delicadamente enquanto seus olhos corriam para cima e para baixo do meu corpo como se verificando por si mesmo.

Eu queria responder a ele. Eu tinha esperado tanto tempo para ele vir me pegar, mas uma vez que o momento chegou, eu ainda estava congelada no meu cantinho, em silêncio e incapaz de me mover. Não era seguro lá fora. Eu sabia disso agora. Se não era seguro em minha casa, não era seguro em qualquer lugar. Se eu me movesse, eles poderiam me encontrar, quem quer que fossem aqueles homens. Eu estava com muito medo de fazer qualquer coisa além de olhar para ele.

— Callie, querida, eu não posso chegar aí. Estou sou muito grande. — ele me olhou de perto conforme eu silenciosamente girei minha mão dando voltas e voltas no meu cabelo. — Você vai ter que vir para mim, baby.

Eu empurrei minha cabeça uma vez e comecei a balançar novamente, o hábito nervoso forçando meu corpo para frente e para trás enquanto ele olhava, incapaz de me atingir.

— Calliope, eu não vou deixar que nada te machuque, mas nós temos que sair daqui. Ainda há fita de crime na porta, — ele parou quando eu vacilei em suas palavras.

Ele estava inclinado sobre um cotovelo, e o braço que tinha estado descansando no chão se estendeu para o bolso da camisa e tirou um telefone celular. Eu assisti em confusão quando ele digitou alguma coisa sobre ele e, em seguida, o colocou de volta no bolso. Eu pulei quando meu telefone tocou na minha mão. Olhei entre o telefone e ele algumas vezes antes de ler o texto. 'Você tem que sair daí. Eu prometo que não vou deixar nada acontecer. Venha até mim'.

A mensagem de texto trouxe junto tudo de volta e meus olhos estalaram para os seus. Foi como se o tornado em minha mente tivesse chegado a uma parada completa e deixou uma única coisa sem ser perturbada. Uma coisa para me concentrar. Uma coisa para contar. Este era o homem que eu estava esperando. Este era o homem que tinha me salvado. Grease. Asa.

Eu lentamente me arrastei em direção a ele, meus dedos arranhando no piso inacabado, porque eu me recusei a soltar meu

telefone. Mas ele não se mexeu para fora do caminho para que eu pudesse sair do depósito. Quando cheguei, ele gentilmente levantou a mão e deslizou pela minha bochecha e por trás da minha cabeça, me puxando para ele assim que meu rosto estava descansando contra o seu pescoço. Eu deslizei meus joelhos sob o meu corpo e me ajoelhei no chão, o deixando me acalmar com promessas sussurradas e uma mão suave correndo pelo meu cabelo.

Eu não tenho certeza de quanto tempo nós nos sentamos lá, mas, eventualmente, uma voz fora do nosso casulo nos disse que precisávamos ir. Asa puxou recuou e começou a correr seu grande corpo para fora da porta, movendo a mão de descansar no chão para agarrar minha coxa, nunca cortando a conexão entre nós. Quando ele estava quase fora da porta e em seus pés, ele deslizou a mão para cima do meu tronco e pelo meu braço, nenhuma vez me deixando ir, a fim de segurar minha mão com força.

— Okay, baby. Quase lá - saia, — ele me disse suavemente, observando de perto do meu rosto.

Eu passei pela porta, fazendo uma careta quando a luz do sol se pondo veio através das janelas batendo nos meus olhos. Fechei-os apertados, estremecendo enquanto eu tentava fazer o meu caminho para fora. Eu não consegui fazer. Eu não poderia me fazer sair do espaço. O medo bateu em mim com o poder de um trem de carga, e eu choraminguei quando mais uma vez eu não consegui por meus membros em movimento. Minha mão ficou inerte na dele, mas antes que eu pudesse fugir de volta para o meu porto seguro, Asa tinha feito um barulho de rosnado em sua garganta e me pegou debaixo dos meus braços, me levantando como uma criança.

Torci uma vez, tentando me afastar, antes que ele me puxasse para o seu peito e colocasse a boca no meu ouvido.

— Você está bem, querida. Você está bem. Apenas se segure, eu não vou deixar nada acontecer com você, — ele me disse uma e outra vez, até que finalmente perfurou o medo paralisante na minha cabeça. Envolvi meu corpo em torno do dele como um macaco, e ele passou os braços sob as minhas coxas para me apoiar, finalmente nos deixando em uma posição um pouco confortável.

Eu estava o segurando quando ele se virou para ir embora, quando outra voz falou no quarto, me sacudindo do pouco conforto que eu estava sentindo.

— Cara, ela vai estragar a porra do seu couro. A menina cheira mal, — a voz alertou, de imediato me lembrando que eu tinha feito xixi nas calças e me levando a deixar Asa ir enquanto eu tentava lutar para fora dele. Eu comecei a chorar de novo, como um bebê, e por um minuto eu não estava pensando com quanto medo eu estava.

— Cale a porra da boca, Tommy, — Asa rosnou em uma voz que eu não tinha ouvido ele usar antes, seu peito se expandindo enquanto um de seus braços apertaram as minhas costas para me manter no lugar. — Ela está bem onde ela está.

Ele saiu do quarto enquanto eu chorava baixinho e enterrei meu rosto em seu pescoço, com medo de ver o corredor onde eu tinha deixado a minha mãe. Ele me acompanhou direto através do meu quarto e no banheiro sem parar, parando apenas uma vez para ligar a luz e fechar a porta antes que ele afrouxasse seus braços em volta de mim. Ele soltou completamente e me pôs sobre os meus pés, mas eu estava com vergonha de olhar para o seu rosto enquanto ele me estudava, em vez de assistir meus dedos polidos brilhantemente.

— Ei, menina bonita, olha para mim, sim? — ele murmurou suavemente, passando a mão pelo lado do meu rosto e no cabelo por minha orelha, o segurando para que pudesse inclinar meu rosto. — Você não tem nada para se envergonhar. Qualquer um federia depois de estar preso em um depósito do caralho por 11 horas. Poderia ter sido pior, baby, se você tivesse feito merda em suas calças? — ele perguntou, com um sorriso, tentando me provocar.

— Sinto muito, — eu sussurrei, minha voz crua do desuso.

— Porra, Callie. — seu aperto aumentou no meu cabelo. — Nada pelo que se desculpar. Você poderia estar coberto de merda e vômito e eu ainda tiraria você de lá. Eu tenho você, querida, nada vai mudar isso.

Ele esperou até que eu balançasse a cabeça, reconhecendo as suas palavras, e olhou em volta do meu banheiro. — Você precisa tomar um banho e se vestir. Não é possível ir na minha moto do jeito que você está, — ele me informou, me envergonhando novamente antes de esclarecer, — Shorts e um top não vão funcionar. Você quer que eu pegue algumas roupas?

— Sim, por favor.

— Okay, você entra e eu vou trazer para você, — ele murmurou em minha testa, me beijando lá antes de me deixar ir e sair.

Eu fiquei lá por um segundo, olhando ele sair, no momento que o meu corpo começou a tremer. Uma vez que ele estava fora do banheiro e a porta estava fechada, eu caminhei para o chuveiro e liguei, minhas mãos tremendo tanto que eu nem sequer me preocupei em tentar mudar a temperatura. Tirei a roupa e subi, tentando limpar minha mente enquanto eu rapidamente me lavava, mas não demorou muito para que as memórias me agredissem e eu perdi toda a sensação em minhas pernas, deslizando no chão chuveiro em uma pilha.

Capítulo dez

GREASE

Ela estava tomando um longo tempo no chuveiro.

Eu passei por suas merdas, encontrando todos os tipos de lingerie sexy que eu não esperava, e, finalmente, escolhi o menos atraente para ela vestir. Ela estava uma bagunça, e eu não queria pensar sobre o quanto eu queria vê-la vestindo um par de calcinhas rendada rosa - mas eu tinha vinte anos de idade; na maior parte do tempo eu estava pensando com meu pau. Peguei um sutiã, um casaco com capuz, e um jeans e os coloquei no balcão do banheiro, pensando que eu provavelmente deveria dizer algo, mas eu não disse. Eu não queria assustá-la mais do que já tinha por deixá-la saber que eu estava no banheiro enquanto ela estava tomando banho.

Porra, mas eu não tinha ideia do que eu ia fazer com ela. Eu não poderia ser seu guarda-costas, eu não vivia perto dela - mas eu não podia deixá-la, tampouco. Era a minha merda - merda do Aces - que a levou a esta confusão e eu tinha que encontrar uma maneira de tirá-la disso. Eu encontrei uma mochila cheia de merda da escola, me lembrando como ela era jovem, e a joguei sobre a cama. Ignorando os lápis e diversas bagunças, comecei a enchê-la com algumas mudas de roupa dentro dela. Eu não tinha ideia do que ela precisaria, mas ela não ia ser capaz de voltar, então eu percebi que qualquer coisa iria ajudar.

Dragon e Tommy estavam de pé ao lado da porta falando baixinho, mas eu ignorei quando olhei ao redor seu quarto, tentando decidir se ela precisava de mais alguma coisa. Enquanto eu peguei o carregador de seu telefone e seu iPod da mesa de cabeceira, Dragon, finalmente, levantou a sua voz.

— Grease, cara, qual é o seu plano? Somos uns fodidos alvos sentados aqui.

— Não tenho certeza. Vou levá-la para casa da avó e descobrir a partir daí. Apenas preciso levá-la para fora dessa porra de casa em primeiro lugar, — eu lhe respondi distraidamente.

— Este não é o nosso problema, cara. Podemos ter merda por apenas deixa-la sa-

Eu o interrompi, virando a cabeça em sua direção conforme a raiva fez os meus músculos se contraírem. — É minha porra de problema. Se você é muito mole para cuidar das minhas costas, então cai fora.

Ele me olhou por um momento e depois assentiu uma vez, — Sempre suas costas, irmão.

Tommy normalmente guardava para si, nunca ficando no meio de argumentos e orientação claros de drama, mas pela primeira vez ele falou, terminando olhando para baixo entre nós. — Irmão, ela esteve lá um longo tempo. Precisamos sair daqui, é melhor você ir ver como ela está. — ele aconselhou, sendo a voz da razão pela primeira vez desde que eu o conheci.

Eu estava tentando dar a ela algum tempo para si mesma, mas, obviamente, eu esperei muito tempo, porque quando eu abri a porta e chamei o seu nome ela não me respondeu. Eu me virei e joguei a bolsa na minha mão para Dragon e fui ao banheiro, deixando a porta um pouco aberta enquanto eu fiz o meu caminho para o chuveiro. Eu disse o nome dela algumas vezes, mas ela nunca me respondeu ou fez um som, e eu podia sentir meu coração começar a bater um pouco mais rápido conforme eu fui até o chuveiro e puxei a cortina.

Ela estava no chão do chuveiro, os joelhos levantados ao queixo, me dando um vislumbre de sua bunda e cachos entre as pernas que eu rapidamente desviei meus olhos. Seu cabelo estava uma bagunça desgrenhada ao redor de seus ombros, apenas metade molhado, e enquanto eu puxei a cortina um pouco mais para desligar a água fria caindo sobre ela, ela levantou a cabeça para olhar para mim.

O olhar em seu rosto era diferente de tudo que eu já tinha visto.

Eu conheci um monte de homens que poderiam manter suas emoções sob controle. Seus rostos não mostraram qualquer indicação do que eles estavam pensando ou sentindo; era impossível lê-las. Merda, eu era um desses homens, mas isso era diferente.

Seu rosto me lembrou daquilo - sem emoção, completamente limpa. Mas seu rosto bonito não estava apenas completamente livre de emoção; era como uma lousa em branco.

Era... nada, como se ela estivesse completamente alheia ao mundo ao seu redor.

Desliguei o chuveiro e me agachei na frente dela, esperando para ver se ela me reconhecia, mas ela apenas ficou lá sem se mover, nem mesmo tremendo. Pegando uma toalha do balcão, eu a puxei para cima, engolindo em seco quando ela se levantou completamente despreocupada com a sua nudez. Porra, ela era construída como uma *pinup* maldita e eu estava tendo dificuldade em manter meus olhos de seus peitos enquanto enrolava a toalha em volta dela.

Eu não estava excitado, eu não sou tão babaca, mas ela era linda e nua e eu sou um homem. Era inevitável que eu desse uma boa olhada.

Tirei ela do chuveiro e a sequei enquanto ela ficava lá em silêncio, mas felizmente ela moveu seus braços e pernas para me ajudar a vesti-la. Tirar um sutiã era algo que eu tinha dominado aos dezesseis anos, mas colocá-lo de volta era um inferno de muito mais difícil. Eu senti como se estivesse apertando a circulação de seus peitos conforme eu o envolvi em torno de seu peito, mas ela não fez um barulho em reclamação, então eu segui em frente e finalmente coloquei tudo no lugar.

Levou apenas cerca de dez minutos do início para o fim, mas no momento em que eu tinha acabado eu podia sentir o suor das axilas imergindo da minha camiseta. Jesus Cristo. Eu não estava talhado para ser babá de uma menina em coma - mas eu não conseguia parar. Eu precisava cuidar dela.

Ela era minha - e maldição se eu poderia mudar isso.

Eu precisava ter a porra da minha cabeça examinada.

Dragon chamou pela abertura da porta, e meu peito se expandiu como se eu pudesse bloquear Callie de vista se eu pudesse me tornar grande o suficiente. Eu não queria aquele filho da puta a vendo assim, mesmo que ela estivesse vestida. Esse era o mais cru que eu já vi uma pessoa, e eu tinha certeza como a merda de que iria proteger isso. Mesmo de um irmão.

— Grease, nós temos que ir. Estamos aqui há uma hora e meia já, porra, você está forçando isso, — ele resmungou.

Callie se assustou quando Dragon falou, e quando meu olhar estalou com o dela, ela estava de volta. Ela não disse nada, mas ela estava finalmente me vendo.

— Me dê um segundo, cara, — eu disse de volta para ele, nunca olhando para longe de seu rosto. — Tenho que prender o cabelo dela e nós vamos sair. Feche a porra da porta.

A porta se fechou e Callie se encolheu, então eu me inclinei e beijei entre suas sobrancelhas. Eu não tinha certeza de como consolar alguém - tinha sido um longo tempo desde que minha mãe morreu, mas eu sabia que o que eu estava fazendo ajudou, porque assim que os meus lábios se encontraram sua cabeça, ela se inclinou para mim.

Peguei uma escova e corri através de seu cabelo embaraçado, mas eu não tinha tempo alisar a massa confusa, então eu o puxei de volta em um rabo de cavalo do jeito que estava. Ele parecia uma merda, mas iria mantê-lo fora de seu rosto na moto e isso era tudo o que importava. Me movi para caminhar em direção à porta, mas ela colocou os braços em volta de mim como se tivesse medo de me deixar ir, então em vez disso, eu peguei a parte de trás de suas coxas e a levantei. Porra, eu estava carregando ela do banheiro quando eu tinha que dar uma mijada.

Eu balancei a cabeça para os meninos e me dirigi para o corredor quando ela sussurrou em meu ouvido que ela precisava de algo do quarto de sua mãe. Foi a primeira vez que ela realmente tinha falado comigo desde que eu tinha chegado lá, então eu não estava prestes a lembrá-la que nós tínhamos que dar o fora dali. Eu provavelmente teria amarrado a porra de um futon[8] na traseira da minha moto se é isso o que ela queria.

Quando chegamos ao quarto dos pais dela, ela parou de respirar, e eu tive que esfregar a minha mão para cima e para baixo em suas costas por alguns momentos antes dela abaixar as pernas e começar a caminhar para a cômoda. Colocado no topo havia uma simples caixa de

---

8 

joias, e quando ela a alcançou, ela quase a derrubou no chão, porque suas mãos tremiam muito. Ela estendeu a mão e agarrou algo que eu não pude ver antes de correr de volta para mim. Ela estava nervosa como a merda, não que eu pudesse culpá-la. Ela me deu o que quer que ela estava segurando e se virou, suas costas estavam de frente para mim. Levou um minuto para eu descobrir o que diabos ela estava fazendo.

Ela deixou cair uma fina corrente de ouro com dois pingentes sobre ele na minha mão. Um deles era uma medalha de São Cristovão, e o outro uma pequena cruz de ouro. Ela ficou ali em silêncio, enquanto eu envolvi ao redor de seu pescoço e me atrapalhei com a merda do fecho pequeno. Essa merda não foi feita para minhas mãos de urso, mas eu finalmente consegui colocá-lo nela.

Ela se virou assim que eu acabei e subiu de volta para os meus braços - ela estava brincando? Mas foda-se se eu me importava. Eu não podia mentir e dizer que eu não queria ela lá. Ela era uma coisa pequena, e do jeito que ela se moldou ao meu corpo com o rosto no meu pescoço não era algo que alguma vez me cansaria.

Fizemos o nosso caminho através da casa, passando pelas manchas de sangue no corredor no andar de cima e na porta de entrada enquanto eu segurava seu rosto contra o meu pescoço, garantindo que ela não olharia. Ela não estava se movendo, apenas respirando tranquilamente em minha garganta, mas eu não queria correr nenhum risco de que ela visse as enormes fodidas poças de sangue que cobriam o chão. Eu não queria que ela ficasse em branco novamente.

Quando chegamos à minha moto, eu tentei descobrir uma maneira de fazê-la descer, mas eu não deveria ter me preocupado. No minuto em que eu disse a ela que eu estava a levando para ver a sua Avó, ela completamente me soltou, a mudança de peso quase me fazendo derrubá-la antes que eu pudesse coloca-la de pé. Eu estava trocando a minha camiseta fedendo para uma limpa nos meus alforjes quando ela falou.

— Ela não está morta? — ela perguntou, olhando para mim como se eu tivesse acabado de inventar a lua caralho.

Eu a alcancei e coloquei minhas mãos em ambos os lados de seu rosto. Eu sabia que estava fodido, mas eu amava o jeito que ela estava olhando para mim. Como se eu fosse dar a ela qualquer coisa. Eu tinha certeza de que eu iria para o inferno, e toda a situação era uma merda completa, mas eu estava absorvendo o fato de que ela precisava de

mim. Merda, nunca ninguém tinha precisado de mim como ela e eu sabia que não iria durar muito tempo, mas por apenas mais alguns minutos, ela era completamente minha. Eu coloquei meu rosto perto e corri meu nariz até o lado dela, querendo beijá-la, mas sabendo com certeza como a porra que não era o momento certo.

— Não, baby. Ela está esperando por você.

Capítulo onze

CALLIE

O trajeto à casa da Vovó foi um borrão de expectativa e apreensão que eu tive dificuldade para lembrar. Após Asa pegar uma camisa limpa de seus alforjes e a vestir, nós deixamos minha casa para trás. Eu não percebi que seria a última vez que eu colocaria os pés na casa que eu tinha crescido, mas mesmo se eu soubesse, eu não olharia para trás. Quaisquer boas memórias que eu tinha não poderia dominar as quase 24 horas de horror que eu tinha passado.

Estando a céu aberto na parte de trás de uma moto era a última coisa que eu queria fazer, mas Asa disse que iria me proteger, e por algum motivo eu acreditei nele. Agarrei sua cintura com meus braços, minhas unhas cavando em seu abdômen duro por todo o caminho, mas ele não fez quaisquer reclamações ou me pediu para soltar meu aperto. De vez em quando ele descansava uma de suas mãos sobre a minha, esfregando-a suavemente antes de colocá-la de volta no guidão. Eu cronometrei o trajeto pelo movimento de suas mãos, esperando pacientemente por ele fazer novamente e novamente até que chegamos a casa da Vovó.

Quando chegamos lá, eu senti o sangue fugir do meu rosto assim que eu notei uma grande SUV preta estacionada na garagem pouco atrás do Mazda da Vovó. A mão de Asa voltou a minha enquanto nós seguimos até parar, vendo como Vovó e quatro homens assustadores saíram pela porta da frente para ficar na pequena varanda. Levei apenas alguns segundos para perceber que eles estavam usando o mesmo colete de couro como Asa, mas isso não acalmou minha ansiedade em tudo quando eu vi a forma como eles estavam em pé ao redor da minha avó.

Asa ergueu o queixo para os homens enquanto ele desligava a moto e os dois homens com a gente se ergueram os deles. Ele se sentou pacientemente, esperando eu descer para que ele pudesse me seguir, mas eu não me mexi, exceto para empurrar meu rosto no couro em

suas costas. Eu não acho que eu poderia enfrentar qualquer coisa mais, eu tinha chegado ao meu limite horas atrás e eu mal estava pendurada em qualquer aparência de sanidade.

Eu não vi Vovó dar um passo em minha direção, ou o homem com a barba longa prata colocar a mão em seu braço para detê-la. Eu não o vi se inclinar para sussurrar algo em seu ouvido, e eu não vi seu olhar para ele, mas ela ficou onde ela estava. A única coisa que eu estava ciente, a única coisa que eu poderia me concentrar, era o homem na minha frente gentilmente acariciando a minha mão e falando em voz baixa, antes de tentar descer da moto.

Ele tirou meus dedos de sua camisa e saiu da moto antes que eu pudesse pegar um pedaço dela novamente. Eu não estava preparada para perder a conexão, e eu fiz um ruído desesperado no fundo da minha garganta quando ele se afastou. Estendi a mão para ele, lutando para agarrá-lo enquanto eu arranhei o couro do colete, mas foi apenas alguns segundos antes dele se virar e passar os braços em volta da minha cintura, me puxando em direção a ele. Na minha pressa para chegar até ele, eu empurrei para fora da moto, quase a derrubando antes que seu amigo moreno a pegasse. Eu estava alheia ao caos que eu estava fazendo na minha pressa.

Até o momento que eu estava enrolada firmemente em torno dele, meu coração parou de bater em meus ouvidos como um tambor, e eu me senti como se eu pudesse respirar novamente. Eu me odiava por estar com tanto medo, mas não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso. Era tão forte que eu não podia sentir mais nada. Eu queria tanto a Vovó. Eu queria que ela me balançasse e me dissesse que estava tudo bem, mas o pensamento de ir em qualquer lugar perto daqueles homens que a rodeavam me fez sentir que eu poderia perder o controle da minha bexiga novamente.

Felizmente, Asa deve ter percebido que ir mais perto iria me perturbar completamente, então ele ficou de pé ao lado da moto, esfregando minhas costas e falando baixinho no meu ouvido.

— Eu sei que você está com medo, baby, mas esses são os meus rapazes. Ninguém aqui vai te machucar. Eles estão aqui para te proteger. Entendeu querida? Você está segura. Mais segura do que você já esteve, — ele me acalmou, nunca se movendo, exceto para acariciar seu nariz contra o meu ouvido. — Você quer ir para dentro, querida?

Apertei minhas pernas em volta de sua cintura, em resposta, e ele usou uma mão para me impulsionar mais alto em seu peito antes de falar novamente.

— Eu não vou colocá-la para baixo. Mas você tem que me dizer o que você precisa. Não pode ficar aqui a noite toda, querida. — ele fez uma pausa, esperando por uma resposta. — O que você quer fazer, Callie?

— Eu quero a minha Avó, — eu soluçava, entendendo o que ele estava me dizendo, mas ainda incapaz de soltá-lo ir e ir com ela eu mesma.

— Tudo bem, baby. Só se segure em mim. Vou levá-la a sua Avó, — ele me assegurou, apertando uma vez antes de ir em direção à porta da frente.

— Poet! — ele gritou acima da minha cabeça. — Você está assustando ela, porra. Dê um passo para trás para que eu possa levá-la em casa, tá bom?

Eu o senti se mover, mas me recusei a abrir os olhos quando ele me levou para a casa. Seu queixo esbarrou em minha cabeça enquanto ele acenava para alguém, e antes que eu percebesse o que estava acontecendo, ele tinha desenrolado minhas pernas de sua cintura e caído com força no sofá, então eu estava montada nele. Quando o sofá mexeu, me dizendo que alguém tinha se sentado ao nosso lado, eu levantei minha cabeça e encontrei os olhos de minha avó a poucos centímetros dos meus.

Eu me perdi, porra.

Eu saí de Asa e estava entre os dois em um instante, minha cabeça enterrada no peito da minha Avó e os meus braços em volta de sua cintura, soluçando como uma criança. Eu estava tão cheia de alívio que eu estava finalmente com ela que eu não podia sequer recuperar o fôlego. Eu sabia que tudo ficaria bem. Ela era o conforto que eu precisava quando todo o meu mundo estava caindo aos pedaços, e tanto quanto eu era grata a Asa, ele nunca poderia me dar o que eu ganhei em um segundo com ela. Eu era o seu bebê e ela me amava sem reservas, me dando a força para finalmente tudo de uma vez estalar para fora do nevoeiro que eu estive.

— Vovó. — eu gemia em seu peito.

— Tudo vai ficar bem, querida. Tudo vai ficar bem agora. Eu tenho você, doce garota. Eu tenho você, — ela me disse enquanto ela balançava, com lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

Quando eu finalmente me acalmei e fui descansar tranquilamente nos braços de Vovó, eu deixei minha mente vagar para onde eu não a tinha deixado ir por todo o dia. Eu não tenho certeza de como eu me mantive rodando mais e mais na minha cabeça, mas eu acho que, talvez, o cérebro humano só pode ter uma certa quantia antes dele simplesmente parar. É um mecanismo de defesa que, quando disponível, pode parar a pessoa bem no limite da sanidade, a impedindo de se despedaçar. Uma vez eu egoisticamente dei a Vovó um pouco da minha tristeza, havia finalmente espaço para eu pensar sobre isso. Houve finalmente coragem o suficiente para eu imaginar e pedir por respostas.

— Vovó, — eu chamei, meu corpo se apertou como se preparando para um golpe, — Cody está bem?

Capítulo doze

CALLIE

Uma vez que Vovó acalmou meus medos imediatos sobre Cody, eu fui capaz de me recompor um pouco e me sentar. Eu não tinha percebido que conscientemente Asa tinha puxado as minhas pernas em seu colo enquanto eu estava abraçada com Vovó, mas quando eu me afastei para colocar os meus pés no chão, fiquei instantaneamente ciente da ausência de suas mãos esfregando minhas panturrilhas.

Ele estava esfregando minhas pernas o tempo todo, e eu senti um pouco constrangida por eu não ter notado seu toque até que ele tinha ido embora. Era bizarro. Eu tinha visto meus pais fazerem pequenos toques nas costas ou na perna que o outro nem sequer parecia notar, mas eu nunca tinha chegado a esse ponto com nenhum dos meus namorados. Eu sempre senti seu toque profundamente, como se eu estivesse esperando para saltar para fora da minha pele no pincelar mais leve de seus dedos. Eu o conhecia tão pouco, mas era quase como se eu esperasse o seu toque, me sentindo fora quando não estávamos conectados. Eu me disse que era a situação em que estávamos e tentei ignorar o pânico e culpa que deflagrou na minha barriga.

Eu precisava juntar minhas coisas, mas ainda assim parecia que eu estava vendo e ouvindo coisas em uma névoa quando Vovó se levantou e me puxou para a mesa da cozinha. Ela ficava muito mais confortável na cozinha e eu não protestei quando ela me sentou e começou a arrumar. Enquanto ela puxava ingredientes para o que ela planejava cozinhar da geladeira, ela explicou como ela havia conversado com a escola de Cody naquela manhã ao telefone e estava esperando eles chamarem ela de volta com a sua informação de voo. Meu irmão estava voltando para casa pela primeira vez em meses, e o pensamento dele andando na bagunça em que eu estava me fez sentir como formigas estivessem rastejando por toda a minha pele.

Ela ainda estava falando comigo e fazendo as coisas como se o mundo não estivessem desabando ao nosso redor quando os homens na

sala começaram a migrar para a mesa da cozinha. Exatamente onde eu estava sentada. Meu corpo congelou, a mão coçando as formigas invisíveis com as minhas unhas ainda cravadas em minha pele até que senti uma mão conhecida na parte de trás do meu pescoço.

— Pare de coçar, querida, — ele sussurrou em meu cabelo enquanto ele estendia a mão para puxar minha mão do meu braço. Ele se inclinou para baixo até que seus lábios estavam perto do meu ouvido, e eu fechei os olhos quando senti sua respiração. — Você vai fazer o seu braço sangrar. Nada está rastejando em você, nada de comichão. Mantenha essas mãos fora de seus braços.

Senti ele ficar de pé atrás de mim, então eu abri os olhos e olhei para a mesa, tentando desesperadamente manter as minhas mãos de coçar.

— Rose, eu sei que você tem um monte de merda - desculpa a minha linguagem - um monte de coisas acontecendo agora, mas nós temos que descobrir como vamos manter Callie segura, — Asa retumbou atrás de mim, deslizando a mão pelo meu pescoço quando ele se sentou na cadeira à minha direita. — Ela não está segura aqui.

— Bem, vocês meninos estão aqui agora, certo? Seu amigo Poet aqui disse que estávamos bem, desde que vocês estivessem aqui, — Vovó respondeu, se virando a partir da massa de biscoito que ela tinha sobre o balcão para enfrentar Asa.

Enquanto falavam, os homens estavam sentados ao redor da mesa, três das seis cadeiras brancas de Vovó, até que apenas a mais próxima de Vovó estava vazia. Os outros três se inclinaram contra as paredes, vendo a cena se desenrolar com pouca expressão em seus rostos.

— Isso é verdade, — o homem do outro lado de onde eu estava respondeu para Vovó, seu sotaque me assustando me fez olhar para cima. Quando meu olhar caiu sobre seu rosto, ele estava assistindo Asa e eu com uma expressão que eu não conseguia decifrar. — Mas nós não somos daqui. Não podemos ficar aqui para sempre.

— Asa? — eu perguntei em pânico, girando a cabeça para olhar para ele.

O homem do outro lado da mesa se engasgou com seu café com a minha explosão, os olhos deslocando entre Asa e eu.

Ambos Asa e Vovó começaram a responder, mas o homem acenou com a mão no ar, como se para cortá-los, e, surpreendentemente, até mesmo Vovó parou de falar. Eu não tinha certeza como ele ganhou tal respeito, mas eu poderia dizer que ele era o líder do grupo. Ele tinha que ser um pouco mais velho do que o meu pai, a julgar pela barba branca que estava pendurada em seu peito, mas ele definitivamente não era tão velho como a minha Avó. Havia algo sobre ele, embora, algo sobre a maneira como ele se segurou, ou o olhar em seus olhos que me disse que tinha visto um monte do mundo e muito pouco disso era bonito.

— Antes de começar a surtar, me dê uma chance de me apresentar, — disse antes de mover os olhos de volta para mim. — Eu sou Poet. Desculpe te conhecer nestas circunstâncias, mas não estou arrependido de te conhecer, — disse ele suavemente, e seu rosto se transformou em algo tão suave que eu senti um nó na garganta e tive dificuldade em manter minhas lágrimas na baía.

— Agora, eu não estou dizendo que nós vamos te deixar aos lobos aqui, querida. Eu posso ver que você e Grease tem alguma coisa acontecendo e eu duvido que ele iria te deixar mesmo que eu dissesse a ele para fazer. Mas ele não pode ficar aqui e nem você.

Suas palavras foram como uma bomba caindo no meio da sala, e por um minuto todos ficaram em silêncio. Eu estava tentando entender as implicações de suas palavras, mas eu simplesmente não conseguia descobrir o que ele quis dizer. *Eu não podia ficar lá? Na casa da Vovó? Em San Diego? O que ele estava tentando me dizer?*

Vovó finalmente encontrou sua voz, e quando ela falou, foi mais dura do que eu já tinha ouvido ela falar antes. — O que quer dizer que ela não pode ficar aqui? Ela tem 16 anos de idade! Onde mais ela iria?

— Quero dizer que não vai ser seguro para ela em San Diego. Esses caras não brincam em serviço, e eles são apenas o suficiente de uma dor na bunda que temos de manter um olho sobre eles, — Poet respondeu calmamente, não difundindo a situação tensa em tudo.

— Ela é minha, — Asa finalmente falou, sua mão apertando na parte de trás do meu pescoço. — Eles não vão tocá-la se eu reclamá-la. Não se nos certificarmos que eles saibam que ela está fora dos limites.

Os rostos ao redor da sala mostraram choque quando o que ele disse afundou, mas eu não entendia o peso de suas palavras. Parecia que eu era a única pessoa à espera de uma piada, ou uma explicação,

porque até mesmo Vovó tinha um olhar de compreensão em seu rosto enquanto ela observava atentamente Asa.

— Cara, você tem certeza que quer fazer isso? Você precisa pensar sobre isso, — Poet advertiu em voz baixa, me confundindo ainda mais. — Mesmo que ela fosse sua, acidentes acontecem, porra. Ela ainda teria a necessidade de ir para o norte, se não for para o complexo, em seguida, pelo menos para Sac, onde temos os caras.

— Eu tenho a porra de certeza, — respondeu ele, suas palavras quase ecoando no silêncio da sala. Foi então que eu entendi que algo grande estava acontecendo, mesmo que eu ainda não tivesse certeza do que era. Asa tinha usado um palavrão sem uma vez pedir desculpas a minha Avó.

Ele não soou como meu Asa.

Ele parecia o homem a quem chamavam de Grease.

Capítulo treze

GREASE

Callie estava praticamente caindo no sono na mesa depois do jantar, mas se recusou a ir para a cama não importa o quanto Rose reclamasse com ela. Era meio que bonito como ela apertou os lábios em uma linha teimosa e se recusou a sair do meu lado, mas seus olhos estavam tão inchados e vermelhos de tanto chorar durante todo o dia que parecia doloroso piscar. Eu estava tentando descobrir como eu poderia leva-la para a cama quando Poet limpou a garganta do outro lado da mesa e fez um sinal com a cabeça para eu o seguisse para fora. Problema resolvido. Eu pensei que talvez se eu não estivesse sentado ao lado dela, ela iria, pelo menos, colocar algum pijama. *Merda, eu embalei seus pijamas?* Eu me levantei da mesa, colocando a mão no ombro de Callie quando ela tentou me seguir.

— Você fica aqui, querida, — eu disse a ela conforme eu balancei minha cabeça. Merda, ela estava olhando para mim como se eu tivesse chutado ela. Eu não tinha certeza de como a manter sem pirar, ela parecia estar pronta para me escalar como uma árvore de novo, então eu puxei a cadeira e me agachei na frente dela. Suas mãos estavam dobradas no colo, e olhando para baixo eu podia ver que os nós dos dedos estavam brancos do quão apertado ela estava os agarrando. *Pobre bebê*. Ia levar a porra um longo tempo antes dela se sentir segura, se ela se sentisse de novo.

— Tenho que falar com Poet por um minuto, você vai se preparar para dormir e eu vou estar de volta em um par de minutos, tudo bem? — eu disse a ela suavemente, esfregando sua bochecha com o polegar. Ela não estava usando nenhuma maquiagem, e pela primeira vez eu vi que ela tinha algumas pequenas espinhas em seu queixo. Por alguma razão essa pequena imperfeição, um sinal de sua idade, a deixou ainda mais sexy. — Vá ficar pronta para cama, baby, — eu repeti, observando o rosto dela até que ela deu um pequeno aceno de cabeça.

Do lado de fora com Poet, eu puxei um maço de cigarros do bolso e acendi um. Eu amava o primeiro perfume, aquela primeira profunda inspiração de um cigarro aceso recentemente. Não havia nada melhor. Poet estava de pé no final do trailer, encostado no tapume de metal enquanto ele fumava seu próprio cigarro, e eu me preparei enquanto eu caminhava em direção a ele. Ele não estava chateado, eu poderia dizer isso, mas ele também não estava feliz com o que estava acontecendo. Antes de eu sequer chegar até ele, ele começou a falar.

— Aquela menina é bonita, eu vou te dar isso, — ele me disse com um aceno de cabeça, sem sequer olhar em minha direção.

— Não é sobre isso. Mas sim, ela é. — eu não tinha certeza de onde ele estava indo com a conversa, mas eu não queria que ele pensasse que minha decisão era sobre a bunda dela. Eu não tinha certeza do por que eu senti a necessidade de cuidar dela, mas era muito além de tentar entrar em suas calças.

— Você é jovem, menino. Você tem toda a vida pela frente, assim como a menina lá dentro, — ele retumbou, e pelo tom de sua voz eu sabia que devia manter minha boca fechada, porque ele estava apenas começando. — Ela não tem nem mesmo 17 anos de idade. Eu sei que ela tem algum tipo de complexo de salvador acontecendo, e eu entendi. Não é incomum; eu tive que lidar com essa merda algumas vezes na minha vida. Mas mudar a sua vida por ela, reivindicando ela quando a merda está fora de controle do jeito que está, não vai terminar bem. Ela vai superar isso. Ela vai seguir em frente com sua vida, e onde é que isso vai deixar você? Você é um adulto. Eu não vou te dizer o que fazer, eu só quero que você pense com algo diferente do que seu pau por dois segundos e me diga onde você acha que isso vai dar.

— Não posso explicar isso, Poet. Há algo sobre ela. Eu sei que ela é jovem, e as coisas estão uma merda para ela agora-

— Ela não é a única que é jovem, rapaz.

— Eu sei disso, também. Mas seja qual porra isso for, é forte. Ela é minha. Ela tem sido minha desde que ela se arrastou pelo chão e agarrou um pedaço de mim naquela festa. Apenas é. — eu tive dificuldade em explicar o que estava passando pela minha cabeça, porque eu não podia sequer imaginar essa merda. Eu queria cuidar dela, e tão fodido como era, eu queria que ela precisasse de mim.

— A mãe de Brenna não era muito mais velha do que Callie quando nos conhecemos, — ele murmurou, olhando para o céu. — Eu sabia que ela era jovem demais para mim, mas porra, quando ela olhou

para mim, eu me senti como um super-herói do caralho. Então eu a peguei, em mais de uma maneira. Eu impregnei essa merda, me divertia com isso. Ela não era a mulher mais linda que eu já vi, mas porra, do jeito que ela olhava para mim? — ele balançou a cabeça. — Era como nada que eu já tive antes. Então eu entendi. O que você está fazendo. Basta ter cuidado, sim? Mulher como essa tem o poder de estragar sua vida.

— Não tenho certeza o quão cuidadoso eu posso ser, — eu admiti, colocando para fora o meu fumo no fundo da minha boca.

— Sim. — ele parou por um momento antes de casualmente colocar para fora o cigarro com a ponta dos dedos. *Bastardo louco da porra*. — Como diabos você entrou na casa dela? Imaginei que policiais estariam fervilhando no lugar.

— Nós só subimos por cima. Ninguém estava lá. Fita de cena de crime na porta de entrada, sangue por todo o chão, mas nenhuma fodido policial. Idiotas.

— Eu estou supondo que Jimenez tem mais poder do que tínhamos pensado originalmente. Casas estão geralmente cheias de policiais durante pelo menos 24 horas após um assassinato, tirando impressões e encenação de merda. — ele olhou profundamente em pensamento, e eu não perguntei como ele sabia o procedimento policial tão bem. Ele estava se lembrando de algo, e seu passado não era da minha conta.

— Eu vou voltar para Callie. Ela provavelmente está subindo pelas paredes.

— Sim, eu vou estar lá daqui a pouco. Fale para os meninos tirarem suas merdas das motos. Precisamos dormir - estamos ficando aqui para a noite. Algo não está parecendo bem.

Eu não tinha certeza do que ele quis dizer, mas eu estava feliz que eles não estavam indo para um hotel. Eu certo como a merda não estava deixando Callie e Rose e eu estava feliz que Poet tivera a mesma ideia. Infelizmente, o trailer de Rose não era muito grande e isso iria ser um ajuste apertado, mesmo com os meninos dormindo no chão. Eu sabia que Poet ia tomar o sofá, o que me deixou com o pequeno sofá estreito.

Quando voltei ao trailer, Callie estava sentada na ponta do sofá com os joelhos puxados até o peito. Os meninos tinham se feito confortáveis ao redor da mesa jogando cartas com Rose, então os deixei

saber que era para suas coisas e então eu fui em direção a minha menina. Ela estava vestindo uma camisola longa e eu não pude deixar de sorrir com o quão inocente ela parecia. Foi uma grande diferença em relação aos short apertados em sua bunda que ela estava usando quando eu a conheci.

Ela correu para meu lado quando me sentei ao lado dela, e a tensão que eu não tinha notado escoou dos meus ombros. Sim, a garota tinha me fodido completamente.

— Vovó me deu uma camisola, — ela murmurou abaixo do meu braço enquanto eu passei um braço ao redor dela.

— Eu percebi. Parece... aconchegante, — eu disse a ela com um sorriso, feliz que ela estava falando sem chorar.

— Cale a boca, — ela bufou. — Eu pareço como se fizesse parte da porra de *Little House on the Prairie.*

Suas palavras foram como um soco no peito e eu ri, chiando como se eu não pudesse recuperar o fôlego.

Eu tinha visto o alívio dela, e eu a tinha a visto envergonhada, e eu a tinha visto confusa e assustada. Mas eu nunca a tinha visto confiante ou sarcástica. Até aquele momento, eu queria ela. Eu queria cuidar dela, mimá-la e fazê-la se sentir segura. Mas seu tom seco de voz teve um efeito totalmente diferente. Isso me fez querer dobrá-la sobre o maldito sofá onde estávamos sentados e a foder. Duro. Puta merda. Eu reajustei meu jeans de repente apertados e me estabeleci mais confortavelmente no sofá antes de dizer qualquer outra coisa. Isso era tudo que eu precisava, que Rose ou um dos meninos me vissem armando meu jeans como um idiota.

Algumas horas mais tarde, Callie adormeceu e eu a levei para a cama de Rose para a noite. Os meninos estavam montando os arranjos de dormir e eu não queria que eles a acordassem. A menina parecia cansada como o inferno, mesmo quando ela estava realmente dormindo. Uma vez que eu a tinha acomodada, peguei um cobertor de Rose e o situei na minha minúscula cama durante a noite. Minhas costas iriam me matar de manhã.

Não foi muito tempo depois que a casa tinha adormecido que eu acordei com alguém se movendo na sala de estar. Quando abri os olhos, vi Callie calmamente fazendo o seu caminho através dos caras no chão. Ela estava pisando em torno deles quando podia, e sobre eles quando ela precisava, andando na ponta dos pés, como se isso fosse ajudar. Eu

podia ver que a maioria deles tinham acordado, homens não chegam longe nesta vida se eles baixam a guarda, e eles sentiram a mudança assim que ela saiu do quarto de Rose, mas nenhum deles se moveu ou fez um som.

Assim que ela estava passando sobre o peito de Hammer, um dos irmãos que vieram com Poet, eu vi seus olhos abertos e sua cabeça mover ligeiramente, como se para olhar por baixo de sua camisola. *Idiota do caralho.* Eu não queria assustá-la dizendo algo, mas quando a mão dele se moveu como se para agarrá-la, eu tive o suficiente.

— Toque nela e eu vou estripar você, irmão ou não, — rosnei, minha voz rouca de sono.

Callie chiou e saltou, quase caindo nos homens que dormiam no chão. Ela mal se conteve e correu para mim, pisando em qualquer espaço aberto que poderia encontrar entre os corpos. Quando ela chegou para mim, ela mergulhou, aterrissando esparramada no meu peito e quase batendo no meu nariz com o seu queixo. Eu grunhi quando seu joelho chegou realmente perto de minhas bolas, e rapidamente eu movi as pernas dela, então uma estava entre mim e parte de trás do sofá e a outra puxada na minha cintura. Porra, mesmo com a sua aterrisagem em mim como uma tonelada de tijolos, meu pau ainda saltou para a atenção.

— Eu pensei que você tinha saído, — ela murmurou baixinho no meu ouvido. Ela endireitou um de seus braços então ele estava deitado nos nossos lados, mas o outro estava do outro lado do meu estômago e com a mão dobrada no meu peito nu. Eu deveria ter deixado minha maldita camisa, mas estava quente pra caralho na sala com tantas pessoas nela e eu não queria suar na única camisa limpa que eu tinha. Eu estava reconsiderando seriamente a minha escolha quando ela começou a apertar meu peito, como estivesse garantindo que eu estava realmente lá. Quando sua mão desviou para perto do meu mamilo, meu pau praticamente pulou no meu jeans e eu rapidamente agarrei a mão dela e a segurei no meio do meu peito

— Não vou a lugar nenhum, — eu a tranquilizei com um beijo na testa dela. Eu pensei em dizer a ela para voltar com Rose, mas eu sabia que ela não iria dormir se ela fosse. Eu tinha a sensação de que no minuto que ela pensou que eu estava dormindo, ela estaria em seu caminho de volta para fora, acordando os homens no chão novamente.

— Me desculpe, eu estou sendo uma dor na bunda, — ela sussurrou, relaxando o corpo dela no meu. — Me assusta quando eu não posso te ver.

Eu não tinha certeza do que dizer sobre isso, então eu não disse nada. Eu apenas a ouvi respirar até que um pequeno ronco saiu de sua boca. Sua camisola tinha subido, então sua coxa nua estava pressionando contra o meu estômago, e o calor da sala estava fazendo a nossa pele suar e colar. Porra; eu nunca ia ser capaz de dormir. Eu respirei fundo, puxei o cobertor fino sobre nós que Rose tinha me dado para os meninos não pegarem um vislumbre de sua bunda, e tentei fazer com que meu pau ficasse sob controle.

Devo ter finalmente caído no sono, porque eu acordei com um pouco de luz do sol brilhando através das janelas e Rose sobre nós com um olhar suave no rosto. Levei um segundo para descobrir onde eu estava, e eu quase relaxei, mas foi então que eu percebi que, enquanto um dos meus braços estava inocentemente cobrindo as costas de Callie, o outro estava embaixo do cobertor segurando sua coxa, minha mão tão alta que o meu dedo indicador estava apenas levemente dentro de sua calcinha e descansando sobre a pele quente e macia.

Capítulo catorze

CALLIE

Acordei no dia seguinte sozinha no sofá de dois lugares. Eu me senti como uma idiota por escalar em Asa, mas quando eu tinha acordado no escuro meu instinto tinha sido encontrá-lo. Eu estava ao lado da Vovó, tentando me forçar a ficar parada, mas eu não podia. Minha ansiedade tinha construído e construído até que eu finalmente me arrastei para fora da cama e fui encontra-lo.

Agora eu não podia vê-lo em qualquer lugar. A casa estava realmente tranquila, uma grande mudança de quão lotada e barulhenta ela tinha sido na noite anterior. Quando eu sentei e comecei a dobrar o cobertor que eu estava usando, eu notei dois homens pelo canto do meu olho. Eles estavam sentados casualmente na mesa, se viraram para mim, e aquele com cabelo escuro que eu tinha chutado no rosto me deu um pequeno sorriso.

— Sua avó foi com Poet para pegar o seu irmão do aeroporto, — ele me informou, observando de perto. Sabendo que eu devo ter parecido um caso perdido no dia anterior, eu encontrei seus olhos com calma e acenei com indiferença, como se para provar que eu não iria começar a gritar e correr pela casa como uma lunática.

Eu tinha pego algum tipo de segundo vento, e a fraca menina que eu tinha sido no dia anterior foi empurrada para o fundo da minha mente enquanto eu me levantei devagar e me virei de costas para ele. Eu estava com medo, esse sentimento não estava indo embora, mas de alguma forma no meu sono eu tinha formado uma espécie de barreira entre as minhas emoções e as minhas ações. Eu não estava em pânico. O medo era uma massa pulsando na minha barriga, constante, mas controlável.

Eu me concentrei em limpar o local onde dormi e caminhei rapidamente para o quarto da Vovó para me vestir antes que eu perguntasse onde estava Asa. Eu estava tentando agir relaxadamente,

mas parecia que eu ia pular para fora da minha pele. Eu sabia que Vovó não teria me deixado sozinha com esses caras se ela não confiasse neles, mas eu ainda estava desconfortável que eles estivessem na sala enquanto eu dormia. Quanto mais tempo eu estava acordada, mais ciente eu era que eu não tinha visto Asa, e pelo tempo que eu estava vestida, eu estava quase a ponto de explodir em pânico. Eu acho que eu não estava tão calma quanto eu pensava. Eu sabia que não era racional. Eu sabia que eu estava agindo como uma aberração, me agarrando a ele quando eu mal o conhecia. Ele provavelmente estava irritado como o inferno que eu não por deixá-lo sozinho. Mas eu não pude me conter; parecia que ele só poderia me proteger do mundo exterior.

Eu fiquei no quarto da Vovó por tanto tempo quanto eu poderia, endireitando as roupas de cama e passando pela bolsa que eu trouxe comigo. Asa não tinha embalado muito, mas pelo menos ele tinha lembrado o essencial. Eu encontrei o meu iPod na parte inferior da minha bolsa e o segurei para o meu peito, agradecida que ele tinha pensado em embalar aquele pequeno pedaço de tecnologia. Era bobagem, mas parecia como um pedaço de normalidade na minha vida de repente de cabeça para baixo.

Quando eu não aguentava mais, eu respirei fundo e fiz meu caminho para a sala de estar. Os homens ainda estavam sentados à mesa, e eu pisei tão próximo a eles quanto eu poderia, parando a um metro de distância. Eu lutei comigo mesma se perguntava ou não onde Asa estava quando de repente ele entrou na cozinha do pequeno corredor que leva ao banheiro. Ele estava completamente vestido, seu cabelo molhado, e ele segurava uma toalha até sua barba, a esfregando de lado a lado.

Fiquei em silêncio até que ele reparou em mim, correndo minha língua sobre os cortes em minha boca para me impedir de falar. Eu cataloguei onde o meu aparelho tinha esfregado contra minhas bochechas e tentei me concentrar em me lembrar se eu tinha cera na minha bolsa ou não, agindo como se eu não estivesse esperando que ele me reconhecesse. Eu me recusei a ser a pessoa a falar primeiro ou correr para ele como se eu queria; eu precisava dele vindo para mim.

— Ei, bela adormecida. Esses meninos acordaram você? — ele me perguntou com um pequeno sorriso, andando devagar na direção de onde eu estava. Os homens na mesa não tinham percebido que eu tinha saído do quarto, e ambas as suas cabeças giraram rapidamente em surpresa.

— Não, eles não me acordaram, — eu respondi, implorando que ele se aproximasse silenciosamente.

Ele parecia entender o que eu precisava, ou talvez ele precisava também, porque ele veio direito em mim, envolvendo os braços em volta da minha cintura e me levantando em um abraço de urso até que meus pés estavam balançando para fora do chão. Sua barba fez cócegas em meu pescoço e eu agarrei seus ombros mais apertado em resposta. Era exatamente o que eu precisava.

Fiquei decepcionada quando ele me levou para baixo, mas ele manteve as mãos nos meus quadris uma vez que meus pés estavam em segurança no chão. Ele estava prestes a dizer algo, mas eu nunca saberia o que era, porque apenas alguns segundos depois, a porta da frente se abriu. O barulho me assustou tanto que eu pulei, batendo minha testa em seu queixo quando eu passei meus braços e pernas em torno dele. Eu não era alta o suficiente, então eu acabei menor do que eu queria e acabei puxando e arranhando o meu caminho até seu peito até que suas mãos agarraram a parte de trás das minhas coxas e me içou o resto do caminho.

Deve ter sido apenas segundos, mas pelo tempo que eu estava em segurança em seus braços, eu ouvi meu irmão gritando.

— Quem diabos é ele? Que porra é essa? Solte a minha irmã!

Eu queria ir com ele. Sua voz estava tão tensa que estava rachando como ele não tinha feito em anos, e eu sabia que ele estaria envergonhado, mas eu estava muito envolvida em me fazer respirar que eu não tinha a capacidade de confortar meu irmão.

— Cody, esse é amigo de Callie. Você simplesmente os deixe um minuto e ela vai vir falar com você, — Vovó disse a ele em uma voz mais direta que eu tinha ouvido antes.

— Foda-se isso! Esse cara parece ter 40 anos de idade! O que diabos está acontecendo? — ele gritou de novo, sua voz mais uma vez em sua habitual tenor profundo.

Eles argumentaram um pouco mais, mas eu não entendi o que eles estavam dizendo, porque, de repente, estávamos nos movendo e Asa estava falando baixinho no meu ouvido.

— Está tudo bem, baby, mas você precisa descer. Seu irmão está prestes a me apunhalar com uma das facas de cozinha da sua Avó e ela

vai ficar puta. — ele me disse em uma voz divertida, sua mão esfregando suavemente para cima e para baixo minhas costas.

Eu finalmente tinha a minha respiração sob controle, então eu deslizei minhas pernas para baixo na parte externa do seu corpo e me afastei, resmungando, — Desculpe. — antes que eu enfrentasse o meu irmão.

Cody e eu encaramos um ao outro através da sala, nós dois desconfortáveis com o nosso público. Qualquer outro tempo já teríamos nos estado abraçando e empurrando um ao outro ao redor, mas estávamos tão longe de nossas zonas de conforto que só ficamos lá nos olhando. Ele não queria parecer um bichinha para os homens que enchiam a casa, e eu estava envergonhada que ele tinha acabado de me ver envolvida em torno de Asa, por isso nenhum de nós fez um movimento até que eu finalmente encontrei a minha voz.

— Eu não acho que ele tem quarenta. Talvez trinta, — eu disse a ele com um pequeno sorriso.

Foi tudo o que precisou.

Nós nos encontramos no meio da sala, envolvendo os braços em torno um do outro quando ele me virou lentamente. Era o que sempre fazíamos quando nos víamos pela primeira vez durante suas visitas. Alguns anos antes, ele tinha se tornado mais alto que eu, e para provar que ele era maior, ele me virou, provocando que ele não era o irmão mais novo por mais tempo.

Ter o meu irmão sempre perto me fez sentir como se o mundo estivesse certo de novo, mas desta vez eu sabia que era apenas uma ilusão. Nada seria novamente certo, e respirando o cheiro familiar do meu irmão me lembrou em um lampejo que eu era a razão de nós perdemos nossos pais.

Como eu tinha conseguido colocar isso na minha cabeça, eu não sabia, mas no minuto que ele me pôs sobre os meus pés, eu tropecei para o lado com um baque, ouvindo as vozes dos homens que mataram meus pais dentro da minha cabeça.

Eles estavam chamando meu nome.

Ele estendeu a mão para o meu braço, um olhar alarmado no rosto, mas eu o empurrei, incapaz de suportar o seu conforto.

— A culpa é minha, — eu disse a ele, surpresa. — Oh, meu Deus. É minha culpa que eles estão mortos.

Seu rosto ficou sem cor enquanto me observava, mas eu não vi mais nada porque eu estava correndo para o banheiro com a minha mão sobre a minha boca como se para segurar o vômito que estava pressionando na parte de trás da minha garganta.

Capítulo quinze

CALLIE

Eu não tinha certeza se eu deveria estar grata que eu realmente não vomitei ou decepcionada que eu não tinha purificado a maldade no meu estômago. Lavei meu rosto uma e outra vez com água fria, enchendo minha boca com o líquido fresco, mas nada poderia tirar o gosto amargo de bile no fundo da minha garganta.

Uma batida na porta me avisou que alguém estava entrando antes que ela abrisse. Quando Vovó empurrou a cabeça e caminhou para dentro, eu desejei por um momento que eu tivesse tido tempo para a trancar. Ela estava chateada.

— Calliope Rose Butler, o que em nome de Deus foi tudo aquilo? — ela sussurrou para mim, me encurralando entre o espaço da bancada e a banheira. — Se eu não soubesse que você está tão machucada, eu iria estapear sua boca por falar merda como essa para o seu irmão!

Eu não acho que ela esperava que eu lhe respondesse, mas eu senti a necessidade de me defender, então eu me levantei me endireitando e respondi a ela.

— Eles estavam chamando meu nome, Vovó, — eu disse a ela, sugando minha respiração com um soluço profundo, — Eu podia ouvi-los!

Eu apertei meus olhos fechados, a dor daquelas palavras escorrendo pelo meu corpo enquanto eu perdia todo o senso de controle. Eu não podia segurá-lo no mais; minha voz estava fazendo um barulho horrível, como o latido de uma foca. Eu não podia segurar.

Vovó estendeu a mão para mim, conforme eu comecei a deslizar para o chão, envolvendo um braço em volta da minha cintura e a outra na parte de trás da minha cabeça.

— Você absolutamente não é culpada aqui, Callie. Não mesmo, querida, — ela sussurrou em meu cabelo. — Você ficou presa no lugar errado na hora errada. Isso é tudo o que era. Aqueles homens não estavam atrás de você, baby.

O tom de sua voz me fez levantar minha cabeça enquanto eu tentava entender ao que ela estava se referindo. Ela não estava dando nada com sua expressão, mas uma vez que ela sabia que eu estava recomposta, ela me puxou pela minha cintura para fora do banheiro e no corredor.

Assim que chegamos à cozinha, ela me sentou à mesa e caminhou até a geladeira, onde seu avental estava pendurado na alça. Isso me lembrou de uma armadura conforme ela o amarrava; era uma maneira de se proteger.

— Poet, Asa, e Cody! — ela gritou para os rapazes sentados na pequena sala de estar. — Venham aqui. Precisamos esclarecer algumas coisas.

À medida que os homens fizeram o seu caminho para a mesa, ela começou a puxar as coisas para fora da geladeira e colocar no balcão da cozinha. Isso é quando eu sabia que a conversa que estávamos prestes a ter não ia fazer qualquer um confortável - Vovó estava cozinhando.

Assim que Asa entrou na cozinha, ele parou atrás da minha cadeira e descansou a mão no meu ombro por um segundo antes de deslizá-lo em toda a minha clavícula e até meu pescoço. Quando chegou a meu queixo, ele inclinou minha cabeça para trás para que eu estivesse olhando para ele de cima para baixo.

— Você está bem, Amor? — ele me perguntou em voz baixa. Uma vez que eu balancei a cabeça, ele se inclinou e beijou o ponto entre os olhos lentamente. — Ok, eu vou sentar do lado da sua Avó, assim seu irmão pode se sentar aqui. Se você precisar de mim, só esfregue esse ponto entre os seus olhos, e eu vou te tirar daqui. Ok, baby?

Quando assenti novamente e ele passou a mão de volta na minha garganta e se mudou para o outro lado da mesa. Ele era tão lindo; eu não poderia evitar observar seus movimentos, mas quando Cody se sentou ao meu lado eu tive que parar de me encolher na culpa dos meus pensamentos.

— Ei, irmã. Você está bem? — ele murmurou, seus olhos deslizando entre Asa e eu.

— Sim, — limpei a garganta e tentei novamente. — Sim, estou bem. Desculpe, — eu disse a ele, meus olhos fixos em seu rosto. Parecia que cada vez que eu não o visse por alguns meses, as bochechas se tornaram mais cinzeladas ou ele tinha um pouco mais de pelo em seu rosto. Ele estava se tornando um homem, e eu não tinha certeza se estava confortável com isso.

Ele abriu a boca para falar quando Vovó interrompeu, erguendo a voz acima do barulho de tachos e panelas batendo enquanto procurava o que ela precisava. — Poet e Asa, Callie está sob a impressão de que aqueles homens estavam lá para ela. Aparentemente, eles estavam a chamando pelo nome. Você meninos querem explicar isso a ela?

Se eu não tivesse me virado para olhar Asa quando Vovó começou a falar, eu não teria notado a cor sair de seu rosto antes dele se levantar abruptamente da mesa. — Callie.

— Grease, sente sua bunda para baixo, — Poet chamou sem inflexão em sua voz, e era assustador, porque Asa imediatamente se sentou.

— Menina, nada disso foi sua culpa. Se qualquer coisa, você estava no lugar errado na hora errada. — *por que as pessoas continuam dizendo isso para mim?* — Tínhamos negócios com Jose, o homem que a tinha na casa. Quando Grease foi cuidar desse negócio, Jose decidiu ser um idiota. Você está entendendo até agora, querida?

Eu balancei a cabeça lentamente enquanto eu esperava para ouvir o resto da história. Eu precisava saber.

— Quando Grease te levou pra fora dessa casa depois - bem, vamos apenas vamos dizer que eles colocaram mais importância em você do que eles deveriam ter feito. — eu vacilei com suas palavras, e aquele pequeno movimento fez Asa se levantar novamente.

— Que merda, Poet? — ele rugiu. — Olhe o que diabos você diz!

Cody estendeu a mão e agarrou a minha conforme observamos os homens em torno da mesa olhar uns aos outros. A tensão era tão espessa que até mesmo os caras na sala tinham se virado para nós e estavam observando com olhos arregalados. Alguns deles estavam balançando a cabeça.

— Grease, eu estou dizendo como é. Sem desrespeito a sua mulher. — ele parou e virou a cabeça para a sala de estar assim que um par de rapazes fizeram ruídos de espanto. — Como eu disse, eu não

estava sendo desrespeitoso. Agora, sente e me mostre algum maldito respeito antes que eu acabe com você.

Ele estava calmo. Ele nunca levantou a voz ou deu qualquer inflexão para as palavras que ele estava usando.

Isso fez o seu pequeno discurso infinitamente mais terrível.

— Como eu disse, Calliope, eles pensaram que se você fosse importante para Grease, então eles estavam usando você para chegar até ele. — ele terminou com um aceno de cabeça.

Tentei agir com calma, apesar de que minhas entranhas estivessem tremendo. Havia mais na história que eu não entendia, mas eu honestamente ouvi o suficiente. Eu estava tentando classificar através das lembranças daquela noite e as novas informações que eu estava recebendo, mas a voz de Asa me tirou do meu devaneio.

— Merda, Callie. Me desculpe, querida. Pensei que você soubesse. Se eu achasse que você estava se culpando eu teria contado para você imediatamente. Foi minha culpa, querida, eu fodi quando eu levei você para fora daquela casa. — ele parecia cansado assim que ele confessou para mim, e ele nem estava olhando para o meu rosto, mas na mesa na minha frente.

Apertei a mão de Cody uma vez em pedido de desculpas antes de me afastar e me levantar. Vovó tinha parado todo o movimento no fogão e estava me olhando com o canto do olho enquanto eu caminhava em direção a Asa. Quando eu estava atrás de sua cadeira, eu corri minhas unhas através do cabelo do lado de seu crânio e inclinei sua cabeça para trás como ele tinha feito comigo poucos minutos antes.

— Então você fodeu isso por me salvar de ser estuprada? — perguntei a ele suavemente, brincando distraidamente com um pedaço de cabelo que tinha caído para fora do rabo de cavalo bagunçado na parte de trás de sua cabeça.

Ele alcançou seus longos braços para trás, envolvendo as mãos em volta das costas dos meus joelhos e os apertando suavemente antes de responder. — Não, baby. Eu faria isso de novo. Eu faria isso mil vezes. Mas eu deveria saber; eu deveria ter visto essa merda a uma milha de distância e sabido para ficar com você até que isso passasse.

— Eu não deveria ter estado lá em primeiro lugar. Eu estava de castigo. Eu não deveria nem mesmo ter saído, — eu disse secamente, tentando aliviar a culpa que eu vi nos olhos dele.

— Você tem dezesseis anos, Callie. Sei que minha vida não tem sido a mais normal, mas mesmo eu sei que meninas de dezesseis anos de idade vão a festas sem a permissão de seus pais. Você não fez nada errado, querida. — ele apertou as costas das minhas pernas dando ênfase.

O olhar em seus olhos era sincero, e eu sabia que ele acreditava no que ele estava dizendo, mas eu não podia deixar isso ir.

— Eu não deveria ter estado lá, Asa, — eu sussurrei enquanto enrolava meu corpo para baixo e em torno do seu - esquecendo por um momento que havia outras pessoas na sala com a gente. Meus olhos se encheram de lágrimas, e uma lentamente fugiu do meu rosto e em seus lábios. — Se eu tivesse apenas ficado em casa.

Ele me cortou, soltando minhas pernas e se levantando de sua cadeira. Assim que ele estava de frente para mim, sua mão veio a minha bochecha, mas antes que ele realmente me tocasse, ele deve ter se lembrado das pessoas nos observando, porque ele pegou minha mão e se virou para Vovó.

— Precisamos de um minuto, Rose. — seu comentário foi tanto uma questão e uma advertência.

— Vão para o meu quarto, — ela nos disse com um pequeno aceno de cabeça.

Conforme fizemos o nosso caminho para fora da cozinha, ouvi Cody dizer para Vovó, — Isso é besteira, — e Vovó respondeu que ele não era muito velho para ela lavar a boca dele com sabão. Normalmente, eu teria rido, mas meu peito estava apertado com uma emoção que eu não poderia nomear enquanto eu segui Asa para o quarto e o vi fechar a porta.

Ele se sentou na cama e me puxou com ele até que eu estava em pé entre seus joelhos espalhados, olhando para ele. Ele era tão alto que seu rosto não estava longe do meu, e eu assisti de perto quando ele engoliu em seco, e depois engoliu novamente.

— Tinha que sair de lá, eles estavam nos observando como a merda de insetos sob um microscópio, — ele me disse, esfregando as mãos para cima e para baixo do lado de fora das minhas pernas. Eu não tinha tido essa impressão em tudo, mas agora eu estava sozinha com ele e eu não ia discutir.

— Tudo bem, — eu murmurei de volta, esperando para ver por que ele tinha me trazido lá.

— Eu não quero que você pense que a culpa é sua, Callie. Ok? Eu não quero ouvir essa merda saindo da sua boca nunca mais. — sua voz tinha tomado uma qualidade severa, os dedos cavando na pele dos meus quadris. — Essa foi a minha merda. Eu deveria ter ficado onde eu poderia protegê-la. Eu deveria ter visto a merda vindo. Isso está em mim, não em você, — ele me disse duramente, me dando um pequeno empurrão.

Ele estava sentado lá levando a culpa em seus ombros, mas eu sabia que eram ambas nossas falhas ou talvez culpa de ninguém em tudo. Eu tinha ido para o que eu pensei que seria uma festa como as que estive uma centena de vezes antes, e terminou desse jeito. Grease tinha estado lá para fazer o tipo de negócio que ele fazia, e acabou salvando uma menina com aparelho em seus dentes de ser estuprada por um rapaz com o dobro de sua idade. Nenhum de nós tinha planejado como as coisas iriam dar errado. Nenhum de nós poderia ter antecipado os eventos.

Eu senti tanto por ele naquele momento, meu peito estava queimando com ele. Eu não tinha certeza do que - não era amor, não poderia ser amor, mas algo tão perto e consumidor que fez meu coração disparar.

— Você me salvou, — eu sussurrei enquanto eu colocava minhas mãos em sua cabeça e puxei o elástico de seu cabelo. Quando eu comecei a correr meus dedos entre os fios, ele gemeu baixo em sua garganta.

— Callie, você vai começar a chorar novamente, querida? — perguntou ele, recuando na cama e puxando meus joelhos para que eu estivesse escancarando em seu colo.

— Não, — eu lhe respondi, imaginando a questão conforme eu envolvi seu cabelo ao redor dos meus dedos e suavemente delineei uma de suas orelhas.

— Bom, porque eu vou te beijar pra caralho.

Capítulo dezesseis

GREASE

Eu sabia que toda a merda que aconteceu com Callie era minha culpa. Foi minha ordem tirá-la daquela casa, e meu chamado para deixá-la desamparada quando eu terminei o meu negócio. Ambas foram más decisões, mas só havia uma que eu mudaria.

Não havia nenhuma maneira que eu poderia tê-la deixado sozinha e desmaiada no chão daquela casa. Quanto mais eu a conhecia, e quanto mais tempo passava com ela colada ao meu lado, mais eu sabia que a decisão de mantê-la segura tinha sido a mais correta.

Foi a decisão de ir embora que não era a certa.

Em algum momento, Callie perceberia que sua vida fodida era inteiramente minha culpa. Ela ia me culpar e me odiar e desejar que ela nunca tivesse me conhecido.

Mas, naquele momento, no quarto da sua Avó, ela não estava fazendo nenhuma dessas coisas. Em vez disso, ela estava em pé na minha frente, puxando o elástico do meu cabelo muito mais suavemente do que eu puxei, e correndo os dedos pelo meu cabelo.

Eu não era a porra de um santo.

Eu perguntei se ela estava planejando chorar de novo, principalmente porque eu não tinha certeza de onde sua cabeça estava, e quando ela me disse que não, era isso.

Eu a puxei para o meu colo, na porra da cama de sua avó, e eu beijei ela pra caralho.

Eu estava tão distraído com o gosto dela que eu não a notei gemer em primeiro lugar. Não foi até o gosto de sangue encher minha boca que eu arranquei a cabeça para trás para ver o que diabos estava acontecendo. Ela tinha sangue acumulado no canto de seu lábio, e por

um segundo, eu estava com medo que eu tinha mordido ela ou algo assim.

Ela limpou o sangue, engolindo pesadamente quando seu rosto ficou vermelho.

— Sinto muito! Minha boca está apenas - bem, meu aparelho... — ela gaguejou, olhando para mim se desculpando.

— Puta merda! Acabei de fazer isso com você? — merda, eu a beijei e tirei sangue. Meus pensamentos foram completamente autocentrados, até que ela começou a tentar se puxar do meu colo.

— Não. Hum, ontem minha boca estava muito seca, e eu não estava sendo cuidadosa. — ela tentou levantar a perna de cima de mim para engatinhar para fora da cama, mas eu agarrei ambas as coxas dela e a puxei com força contra mim, efetivamente terminando com ela se contorcendo conforme sua respiração ficou presa. — Meu aparelho cortou um monte de pequenas feridas na parte interna das minhas bochechas. Não é de forma alguma culpa sua.

— Ah, querida, por que você não disse nada? — perguntei a ela calmamente, finalmente entendendo o que estava acontecendo. Eu nunca estive com uma garota com aparelho, e eu não conseguia me lembrar qualquer das crianças no clube tê-los enquanto cresciam, também. Mas não era difícil ver como tendo suportes metálicos em sua boca poderia foder as coisas.

— Deixe eu ver, querida. — eu esperava que o dano não fosse ruim o suficiente que ela precisasse de pontos ou algo assim. *Porra. Isso era tudo o que precisávamos.*

Ela puxou os lábios para fora nos lados e os virou um pouco de dentro para fora para que eu pudesse ver as pequenas feridas vermelhas em sua pobre boca. Essas coisas devem queimar como o fogo do inferno, mas ela não tinha dito uma palavra sobre elas até que eu tinha atacado ela.

— Você tem algo que você pode usar para corrigir isso?

— Eu tenho pomada na minha bolsa, eu acho. Eu a esqueci aqui na Vovó na outra noite. — ela me deu um pequeno sorriso. — Não vai ajudar nos cortes, mas vai manter os pequenos filhos da puta de ficarem piores.

A bravata em seus olhos por soltar uma bomba misturada com a pequena covinha maldita em sua bochecha me fez sorrir para ela. Eu

não podia sequer evitar. Era bonito pra caralho... Eu sabia que a qualquer momento ela ia lembrar. Ela ia se perder novamente na tristeza e culpa, e aqueles poucos minutos em que era apenas ela e eu estaria terminado.

Em vez de falar com ela, esfregar suas costas, ou levantar para que ela pudesse ir encontrar a fodida pomada que ela precisava para seu aparelho, eu levantei a minha mão e a envolvi em torno do seu pescoço para que eu pudesse trazer sua boca para a minha novamente.

Tive cuidado, mas eu ainda senti o gosto de sangue quando eu lambi seu lábio inferior.

— Ugh. Nojento. Sinto muito. Minha boca ainda está sangrando, — ela me disse baixinho, mas suas mãos ainda estavam enfiadas através do meu maldito cabelo. *Cristo, isso era quente.*

— Eu não ligo, porra, — eu murmurei antes de empurrar a minha língua entre seus lábios.

Ninguém jamais poderia me acusar de ser um cara bom.

Capítulo dezessete

CALLIE

Por alguns momentos, eu era apenas uma garota normal de dezesseis anos de idade de novo.

Ele me beijou mais e mais, cuidadoso com o aparelho, mas completamente despreocupado com a forma como a minha boca ainda tinha vagamente com gosto de sangue. Ele tinha gosto de tabaco e chiclete que estava dobrado em sua bochecha, e eu praticamente inalei ele conforme ele tentou manter o beijo suave. Não foi até que nós tínhamos atingido o ponto de ruptura e eu estava começando a balançar contra a espessura em suas calças que ele finalmente se afastou.

— Certeza que isso não é o que sua avó esperava que estivéssemos fazendo em sua cama, — ele me disse com a voz rouca, usando as mãos em meus quadris para me empurrar para trás até que eu estava de pé ao lado da cama.

— Ha! Estou surpresa que você se importa o que a minha Avó pensa sobre o que estamos fazendo, — eu respondi com tristeza, ainda um pouco tonta enquanto eu corria os dedos pelo meu cabelo emaranhado e gorduroso. *Yuck, eu precisava de um chuveiro.*

Sua cabeça se levantou na minha piada e sua mandíbula estava cerrada quando ele se levantou da cama, colocando o seu próprio cabelo para trás em um rabo de cavalo.

— Baby, estamos na casa dela. Ela está cozinhando para nós, nos deixando ficar aqui, e ela é sua Avó. A mulher merece respeito, — ele castigou, me fazendo sentir como uma idiota.

Eu balancei a cabeça uma vez e, em seguida, deixei cair a cabeça para o lado, fingindo olhar para algo no armário da Vovó, então eu não tinha que fazer contato visual. Ele me fez sentir como uma criança. Fugir de algo era um jogo comum entre os meus amigos, cada um de

nós detalhando uns aos outros quando nós sorrateiramente fugíamos por aí. Tinha sido emocionante fazer o que é proibido. Agora, porém, isso só parecia imaturo e estúpido.

Eu estava tentando olhar em qualquer lugar, menos para ele, mas ele não me deixou esconder por muito tempo. Seu sorriso era suave assim que ele envolveu sua mão delicadamente em torno de minha garganta para inclinar meu rosto para o dele.

— Calliope, estamos sob o teto de sua avó. Não vou desrespeitá-la e eu estou velho demais para ficar me esgueirando e manter o silêncio quando estou com minha mulher, — ele me disse, se inclinando para me dar um beijo profundo e molhado. — Se nós não estivéssemos aqui? Você já estaria nua e fazendo a porra de tanto barulho que você estaria acordando os vizinhos.

Ele piscou para mim antes de virar e abrir a porta, me abalando completamente.

Seja qual for o universo que eu tinha estado, ou parte da minha mente, eu desliguei quando eu percebi que ele estava se sentindo culpado e eu precisava confortá-lo, correu de volta com a velocidade de um trem de carga enquanto eu caminhava de volta para a sala de estar.

Vovó e os homens estavam conversando tranquilamente na mesa da cozinha, preenchendo ao redor do quase desconfortavelmente pequeno espaço, e eu não tinha que me perguntar por quê.

Meu irmão caçula estava sentado no sofá, inclinado com os cotovelos sobre os joelhos e sua cabeça em suas mãos.

Ele estava chorando. Tranquilamente. Privadamente.

Olhei para Asa, que assentiu com a cabeça, e depois fui para Cody. Sentando ao lado de suas costas curvadas, eu me curvei sobre ele, passei meus braços em torno de sua cintura, e coloquei minha cabeça em seu ombro.

— Ei, irmão, — eu sussurrei, dando a ele um aperto.

— Ei, — ele fungou uma vez, esfregando a mão debaixo de seu nariz. — Isso é uma merda, Callie. O que vamos fazer? Vovó acabou de desligar o telefone com a funerária e ela está fazendo todos esses arranjos de merda, — ele engoliu alto, usando seu polegar e os dedos para cavar em seus olhos. — Eu não sei o que diabos eu deveria estar fazendo agora.

— Você não tem que fazer nada. Vamos falar com a Vovó e ver qual é o plano, ok? — eu o puxei do sofá e arrastei ele para a cozinha, parando diretamente em frente da Vovó.

— Com o que você precisa de ajuda? Algo que possamos fazer? — perguntei a ela com força. Isso pode ter vindo um pouco mais áspero do que eu esperava, porque Poet bufou no final da mesa em diversão. Eu olhei para ele, fazendo com que suas sobrancelhas levantassem em resposta, e em seguida, me virei para Vovó novamente. — Nós não queremos que você tenha que fazer tudo isso sozinha, então nos diga qual é o plano.

Vovó sorriu para Cody e a mim então se levantou e colocou os braços ao redor de nós. — Como eu ganhei netos como vocês? Hein? Os melhores, eu digo.

— Vovó, — Cody respondeu com a voz abafada pelo ombro dela, — Eu estou razoavelmente certo de que nós somos seus únicos netos.

— Razoavelmente?

— Bem, tio Tommy e tio Charles transaram por aí... — ele disse a ela com uma risada, saltando para longe antes que pudesse o golpear com uma toalha.

— Tudo bem! Fuja agora... Vou me lembrar disso muito mais do que você, meu querido, — ela disse com um brilho nos olhos.

Eu estava sorrindo para os dois, minha cabeça indo de lado a lado quando Poet falou de seu lugar à mesa, efetivamente terminando o nosso momento alegre. Deus, eu estava sorrindo e rindo. *Que diabos havia de errado comigo?*

— Rose, eu sei que o funeral é importante para vocês, mas vamos ter que descobrir o que Callie vai fazer. O tempo é curto. Eu tenho merda pra fazer em Oregon e os meus meninos não podem ficar aqui de babá.

— Callie, se sente, querida. Hora de conversar, — Vovó me disse severamente. — Você também Cody.

Os homens sentados ao redor da mesa recuaram, um par indo para a sala e os outros indo em direção a porta da frente puxando cigarros para fora dos seus bolsos. Apenas Vovó, Cody, Asa, Poet, e eu ficamos na cozinha quando Vovó se sentou pesadamente.

— Menina, você vai ter que se mudar, — ela me disse, cansada, correndo os dedos sobre seu lábio inferior em um gesto nervoso que eu tinha visto um milhão de vezes. — Não é seguro para você aqui.

Eu assisti em silêncio enquanto ela parecia pensar sobre suas próximas palavras com cuidado, e por um momento parecia que ela não ia dizer mais nada. Quando eu estava prestes a falar, ela começou a explicar o que ia acontecer.

— Grease vai te levar até Eugene. É onde eles vivem e eles podem manter um olho sobre o que está acontecendo. Assim que eu conseguir tudo resolver as coisas legais dos seus pais e as coisas da escola de Cody, eu vou segui-la para lá.

Senti meus olhos começarem a encher de água conforme eu pensava sobre a movimentação de todos por mim, mas engoli em seco e me mantive recomposta. Me mudar para Oregon era a menor das minhas preocupações. Não deveria ter sido um grande negócio, mas a ideia de estar tão longe da única família que me restava era uma perspectiva assustadora.

— Okay, — eu respondi a ela, minha voz quebrando um pouco.

— Vovó... — Cody olhou entre nós, sua pele pálida e os olhos preocupados. — E quanto a mim?

— Bem, você vai ir para a escola. Vai ser o mesmo que era antes, exceto que você vai voar para Oregon para estar conosco em suas pausas, — ela o tranquilizou.

Ela se virou para mim e abriu a boca para me dar mais detalhes quando a voz de Cody rompeu o silêncio novamente.

— Eu não posso! — ele nos disse, olhando para trás e para frente em nossos rostos como se medindo nossas reações. — Minha bolsa, a que paga a escola? É para alunos excepcionais em San Diego County. Eles não vão pagar a escola se vivermos em outro lugar.

Vovó e eu explodimos com palavras de negação, mas paramos no meio da frase quando o amigo de cabelos escuros de Asa, Dragon, abriu a porta da frente e se inclinou para dentro.

— Poet! Grease! Temos um problema.

Capítulo dezoito

CALLIE

Poet e Asa pularam da mesa como se estivesse pegando fogo e se moveram em direção à porta da frente após Dragon a fechar de repente, - ambos estendendo a mão para as armas que eu não tinha percebido nos cós de suas calças jeans. Eu não tenho certeza se era o pensamento de me encolher como eu tinha feito antes, ou o pensamento de que Asa podia estar em perigo, mas quando Vovó agarrou meu braço, eu me soltei dela e os segui para fora.

Quando eu cruzei a soleira, eu não conseguia ver nada no começo. A casa da Vovó ficava à sombra durante o dia em uma tentativa de aliviar o calor, desta forma a caminhada para o sol poente me fez levantar minha mão na frente do meu rosto para proteger meus olhos. Quando eu me acostumei à mudança, a minha mão caiu molemente para o meu lado quando eu registrei o que eu estava vendo.

Havia rapazes latinos em toda calçada da minha Avó e dois SUV's pratas com aros cromados bloqueando nossos veículos. Por alguma razão, eu não podia olhar para longe dos aros desses SUV's. Eu nunca entendi por que as pessoas os escolhem para os seus carros, e da forma como eles continuaram se movendo, mesmo que tudo o resto estava parado, parecendo um presságio.

— Javier, — Poet retumbou de alguns passos à minha frente. — O que o traz para uma visita?

— Eh, você sabe, apenas pesquisando na vizinhança. Parece que seus vizinhos não gostam de ter motoqueiros entupindo seus espaços de estacionamento, — um dos homens latino respondeu, fazendo com que meus olhos mudassem para o grupo.

Nossos rapazes estavam parados em um semicírculo ao redor da frente do trailer da Vovó, seus corpos tensos e prontos, mas os homens latinos não estavam em qualquer tipo de formação. Eles estavam em pé

ao redor do caminho, alguns se inclinando sobre os veículos, parecendo que eles estavam em um passeio casual. Havia tantos deles, mas sua aparência estava enganando. Mesmo que eles não parecessem estar prontos para qualquer coisa, seus números eram suficientes para causar um aperto no meu estômago.

Espere, quando eu tinha começado a pensar naqueles motoqueiros como 'nossos'?

— Bem, você fez sua pesquisa, agora é hora de sair. Estou me sentindo... doce, hoje. E eu duvido que Rose gostaria que meus caras usassem o pequeno fodido reservatório de d'água para limpar o sangue de sua entrada, — Poet rosnou de volta, fazendo o cabelo na base do meu pescoço se levantar.

— Seus caras mataram três dos meus homens. Não é algo que pode ficar impune. Você sabe disso, — respondeu o homem de volta quase suavemente.

Poet zombou, — Três? Eu pensei que eram quatro? Bem, porra. Parece que você deixou um respirando, — disse ele, quase virando a cabeça na direção de Grease.

— Cabrón[9]! Vou ter sangue por isso. Me dê a menina e estamos quites. — o homem cuspiu no chão e, pela primeira vez, ele olhou para mim, me fazendo mergulhar de volta.

— Não vai acontecer, seu pedaço de merda mexicana, — Grease rosnou, pisando de lado, então eu não podia ver o que estava acontecendo. — Fora daqui, porra.

O homem começou a jorrar em espanhol, e eu desejei por um minuto que eu não entendesse a língua da minha mãe. Suas palavras foram cortadas quando Vovó saiu de trás de mim, quase empurrando Grease de lado conforme ela começou a usar palavras em espanhol. Fiquei tão surpresa que ela era fluente, que levou um minuto para eu registrar o que ela estava realmente dizendo. Não foi até que ela começou a usar o inglês que tudo se tornou claro... ou, pelo menos, menos confuso.

— Eu tenho meus próprios contatos, seu pequeno filho da puta. Se os meus meninos estivessem vivos, você já estaria morto pelo que você fez com a minha família, — ela sussurrou, me puxando totalmente

[9] Bastardo.

por trás dela assim que ela se enfureceu. — Deixe a minha neta em paz ou eu vou te ver no inferno!

— Rose, — ele pareceu surpreso, mas falou respeitosamente, — A quem ela pertence?

— Ela pertence a mim! Isso é tudo o que você precisa saber.

— Ah, señora, essa não é a maneira como isso funciona. Você sabe disso. Ela pertence a Tommy ou Chuck, bem, isso é uma coisa. Se ela pertence a Daniel, é um assunto completamente diferente.

Observar ele por cima do ombro da minha avó não tinha me preparado para as suas palavras, e eu engasguei quando ele disse o nome dos meus tios... e depois o meu pai. Seus olhos brilharam para mim por um momento, mas foram atraídos de volta para Vovó conforme ela endireitou ligeiramente suas costas curvadas, a fazendo quase tão alta quanto eu.

— Ela pertence a mim. — ela disse a ele novamente, batendo no peito em ênfase.

— Bem, agora eu sei que não é verdade. Imagine minha surpresa quando eu soube que ela morava no endereço de um velho amigo. Foi chocante, realmente, ouvir esse nome novamente.

Ele parecia estar se lembrando de algo por um momento, mas rapidamente rebateu para o assunto em mãos quando Vovó tentou falar novamente. Ele a cortou com um aceno de seu braço e falou.

— Devido à nossa história, e minha história com os seus filhos, eu vou dar a vocês duas algum tempo juntas, — ele disse a ela gentilmente, sua voz como a de alguém falando com uma criança. — Mas ela vai ser minha, de uma forma ou de outra.

Ele deu um aceno para seus homens e se dirigiu para os veículos quando a voz incrédula de Grease ressoou do meu lado. — Você não está esquecendo de algo?

— Não, eu não estou. — o homem abanou a cabeça, — Não estou preocupado com os Aces. Você pode estar aqui agora, mas você não estará aqui por muito tempo. — ele acenou com as mãos dramaticamente conforme seu rosto irrompeu em um sorriso. — Uma vez que você andar de volta para aquele inferno chuvoso que você chama de lar, bem, eu vou estar aqui... transando com sua garota, e depois a matando.

Poet agarrou Grease conforme ele avançou, e ambos quase caíram nas escadas da varanda enquanto o homem latino ria e fechava a porta do SUV.

Quando os homens foram embora e tudo estava quieto, minha mente foi mais uma vez cambaleando com as novas informações inundando. *O que diabos tinha acontecido?* E mais importante...

Como em nome de Deus minha Avó conhece aqueles homens?

Capítulo dezenove

CALLIE

Pelas próximas horas, discutimos nossos planos, discutindo e debatendo os méritos de cada ideia uma e outra vez. Se uma ideia soava bem para mim, Vovó discordava, e se nós duas pensávamos que algo era uma boa ideia, Poet ou Asa discordavam. Foi frustrante como o inferno tentar descobrir como nós iríamos me tirar da confusão em que eu estava. A culpa me comeu enquanto o sol caia do céu, e pelo tempo que Vovó teve o jantar na mesa, meu estômago estava tão amarrado em nós que eu não conseguia nem comer. Eu também estava muito ansiosa para perguntar sobre a conexão dos meus tios com os homens que estavam atrás de mim - as perguntas que eu tinha apenas não pareceram ser tão importantes como me colocar longe deles o mais rápido possível.

Cody estava disposto a abandonar a sua escola cara de preparação a fim de se mudar com a gente para Oregon, mas eu poderia dizer que a ideia de deixar estava lhe causando muita ansiedade. Ele estava confiante de que a escola não era importante, mas eu sabia que era. Ele tinha sido afastado da escola particular por dois anos, e o pensamento de ter que começar de novo era assustador para o meu irmãozinho introvertido. Ele já tinha tido seus pais e sua casa tirados dele por causa das minhas estúpidas decisões, eu absolutamente me recusei a tomar isso dele também.

A situação deixou Vovó na posição de escolher entre nós.

Se ela se mudasse comigo para Oregon, Cody teria de deixar a escola. Se ela ficasse em San Diego, eu teria que me mudar para o Norte sozinha.

Não havia resposta certa.

Então, eu não a deixei escolher.

— Eu vou me mudar para o norte sozinha, — eu finalmente disse, meu coração disparado no peito. — Eu estaria indo para a faculdade logo de qualquer maneira. Não é como se eu não pudesse viver por mim mesma 18 meses antes do planejado.

— Callie, você não pode se mudar todo o caminho para Oregon por sozinha! — Vovó respondeu bruscamente, olhando para Poet buscando apoio.

— Rose, não tenho certeza o que você gostaria que eu dissesse, — respondeu ele sem olhar, — Não há um monte de opções em aberto para você.

— Isso é ridículo, — ela retrucou. — Ela vai ficar sozinha em uma nova cidade e ela ainda nem se formou no colegial!

— Vovó, está tudo bem. Eu posso fazer isso. Realmente. Vou pegar um pequeno apartamento e terminar a escola lá. Eu vou ficar bem.

— Callie, — Vovó suspirou, olhando para mim com um pedido de desculpas em seus olhos, — Baby, eu não posso dar ao luxo de te pagar um apartamento. Eu mal estou vivendo aqui, não posso apoiar duas casas.

Suas bochechas tingiram de vermelho na confissão e me senti como uma idiota completa. É claro que ela não podia se dar ao luxo de pagar por uma outra casa. Enquanto eu estava solucionando convencê-la a me deixar mudar sozinha, eu ainda não tinha pensado sobre a situação do dinheiro. Vovó estava em uma renda fixa, e até mesmo com seus benefícios de segurança social e da pensão do meu avô, não havia um monte de dinheiro sobrando depois que ela pagava suas contas.

Antes que eu pudesse responder, Asa falou de onde estava sentado ao meu lado, com a mão no meu joelho.

— Eu vou cuidar dela, — disse ele a Vovó antes de seus olhos se moverem para mim, — Eu vou cuidar de você.

Eu abri minha boca para dizer algo de volta, mas eu parecia um peixe conforme eu a fechava e a abria novamente. Eu não tinha ideia do que eu deveria dizer em uma situação como essa. Ele iria cuidar de mim? *O que diabos ele estava falando?* Ele estava cuidando de mim fisicamente e emocionalmente a partir do minuto em que nos conhecemos, mas por algum motivo, pagar minhas contas parecia ser um negócio muito maior. Era como a diferença entre deixar um vizinho

pedir uma xícara de açúcar e comprar para eles um carro. Um deles era um sacrifício completamente compreensível, o outro parecia louco.

— Asa, você é um menino doce, mas eu não posso deixar você fazer isso, — afirmou Vovó gentilmente do outro lado da mesa.

— Eu sou um homem, — ele murmurou, olhando entre Poet e Vovó. — Eu sou um homem e eu cuido do que é meu. — sua voz era sólida. Resoluta.

Fiquei ali sentada em silêncio enquanto eles discutiam. Eles estavam falando de mim, e ainda assim eu não conseguia pensar em uma coisa a dizer.

— Você a conhece há menos de uma semana. Ela não é sua. *Ela tem 16 anos de idade, maldição!* — Vovó respondeu, batendo na mesa com a mão, frustrada com toda a situação. Acho que a maneira que Asa olhou para mim tinha finalmente afundado nela porque parecia que ela estava começando a se preocupar quando ela olhou entre nós. Houve uma diferença entre a forma como um adolescente sentia sobre sua menina e um homem se sentia sobre sua mulher.

Um adolescente pode falar fortemente em defesa de sua menina e fazer grandes promessas dramáticas de como ele vai protege-la - mas isso só dura até que o menino se encontra com probabilidades que já não estão do seu lado. Mas um homem? Ele vai deixar claro que ele está entre sua mulher e o mundo, não importa quais são as consequências. E então ele vai provar isso.

Asa não estava fazendo grandes promessas, prometendo matar dragões ou me varrer para fora de meus pés. Ele estava fazendo um gesto muito grave de compromisso, e isso estava me assustando pra caralho.

— Eu não quero ir todo o caminho até Oregon, — eu soltei, invadindo o concurso de encarar de Asa e Vovó. — Eu não quero estar tão longe que Vovó não pode dirigir e me visitar.

Todas as cabeças na mesa estavam assistindo a interação entre vovó e Asa, mas todos eles viraram em direção a mim em minha declaração, então eu decidi continuar.

— Não posso simplesmente ir para Sacramento ou algo assim? Quer dizer, isso deve ser longe o suficiente, certo? Dessa forma, Vovó pode dirigir e me ver nos fins de semana, às vezes. E eu não teria de

deixar a Califórnia, então todas as minhas coisas da escola se transferiria bem... — minha voz sumiu no final.

— Não poderia-

— Não pode-

Os argumentos de Asa e Vovó foram cortados pela voz elevada de Poet.

— Agora *isso* não soa como uma ideia tão ruim, — ele me disse com um aceno de cabeça. — As crianças precisam dos mais velhos ao redor. Movendo Callie tão longe que sua avó não poderia visitar, bem, isso seria uma vergonha.

Ele virou a cabeça para Vovó e a convenceu com apenas algumas palavras. — Ela estaria sozinha, sim? Mas nós temos uma facção em Sacramento que iria cuidar dela. E, bem, Grease não seria capaz de viver com ela em Sacramento, seria?

Asa balbuciou do outro lado da mesa, percebendo que seu plano não estava saindo do jeito que ele esperava. Ele me queria com ele; ficou claro pela maneira como ele falava. E para ser completamente honesta, eu não me opunha a essa ideia, também. Eu não senti pressão pelo desejo de Asa de morarmos juntos, e nesse ponto, eu não conseguia nem imaginar estar sem ele por cinco minutos. De repente, o pensamento de viver com Asa não me assustava tanto quanto o pensamento de viver sozinha.

— Rapaz, você entende o raciocínio de Callie, sim? A menina quer estar perto tanto quanto ela pode de sua família e não posso culpá-la, — ele disse em voz baixa para Asa, que ainda não tinha dito uma palavra. — A pergunta agora é como isso afeta a *sua* decisão?

Nenhuma pessoa em torno dessa mesa antecipou a resposta que Asa daria, porque nenhum de nós viu um homem de vinte anos apoiando uma menina de dezesseis anos de idade que não estava ligada a ele - especialmente se ela não estava nem mesmo indo viver com ele.

— Eu cuido do que é meu. Não importa onde ela vive, — ele nos disse, dando um aperto em meu joelho antes de se levantar da mesa. Ele beijou minha cabeça suavemente quando ele passou por mim, murmurando em meu ouvido: — Já volto, querida. Eu preciso de um cigarro.

Ele saiu pela porta da frente como se o que ele tinha acabado de prometer era de nenhuma consequência em tudo.

Capítulo vinte

GREASE

Eu queria Callie comigo. Eu queria voltar para casa com ela à noite, em um apartamento longe do clube onde eu tinha um quarto pelos últimos três anos. Eu queria meu próprio maldito lugar onde eu não tivesse que ouvir cadelas guinchando e irmãos brigando todas as horas da noite. Eu queria uma sala de estar maldita onde eu poderia me sentar com uma cerveja na frente de uma TV enorme.

Eu queria uma *casa*, por Cristo.

Eu tinha guardado dinheiro desde que comecei a ser pago, então eu não estava sofrendo por dinheiro, mas não havia nenhuma maneira que eu estaria me movendo do clube tão cedo se eu estaria pagando por um apartamento para Callie. Eu não estava fazendo *muito* dinheiro.

Cuidar de Callie iria me colocar de volta em grande forma, mas eu não conseguia ver nenhuma outra opção. Ela precisava de mim. Ela precisava estar fora de San Diego, e eu vi a culpa em seu rosto quando seu irmão estava tentando desistir daquela escola cara pra caralho que ele ia. Ele não queria desistir, mas ele estava disposto. Eu o respeitava por isso. Mas se ele desistisse, seria mais uma coisa pela qual ela se sentiria responsável, e a culpa era já tão pesada sobre seus ombros ...

Foda-se. Eu lidaria com isso. Ela tinha apenas um par de anos de distância de fazer dezoito anos, e, em seguida, ela poderia cuidar de sua própria merda. Eu estava esperando que até lá ela estivesse tão envolvida em mim que não gostaria de estar vivendo a oito horas de distância. Pelo menos era com o que eu estava contando.

Eu me senti como um idiota egoísta quando eles olharam para mim como se eu fosse louco - como se eu fosse um caralho altruísta porque eu queria pagar sua ida.

Será que eles não viram que eu queria que ela me *devesse*? Eu queria ela dependente de mim, e eu faria qualquer coisa para que isso

acontecesse. Eu não conseguia descobrir o que diabos havia de errado comigo - eu só sabia que o minuto em que ela não olhasse para mim como se eu estivesse salvando ela, isso me estriparia.

Eu não sabia quão fodido isso faria o nosso relacionamento. Seria anos antes de eu visse como o ressentimento se constrói, de uma pessoa ser totalmente dependente da outra e como o início do nosso relacionamento começou um ciclo de culpa e acusação que apodrece e queima fora de controle.

Capítulo vinte e um

CALLIE

Uma vez que a decisão foi tomada, tudo aconteceu muito rápido.

Na manhã seguinte, Poet estava no telefone com alguém da facção de Sacramento e definiu as coisas em movimento por lá.

Vovó chamou a funerária onde meus pais seriam enviados e tentou mudar para lá o serviço.

Cody dormiu.

Asa saiu por uma hora e voltou com um caminhão de mudança vazio.

E enquanto todo mundo se movia em torno de mim em preparação, me sentei em silêncio e tentei não chorar.

Eu sentia falta da minha mãe e meu pai com uma profundidade tão grande que eu pensei que se eu começasse a chorar de novo eu nunca pararia. Eu nunca tinha entendido a palavra tristeza até então. O pensamento de nunca mais ver meus pais novamente era quase demais para segurar. Ao longo dos últimos dias, eu sabia que eles tinham ido embora. Eu chorei e entrei em pânico e me preocupei, mas eu não acho que isso tinha afundado. Foi finalmente afundando, e tudo que eu sentia era... tristeza.

Era uma palavra tão pequena para uma enorme emoção.

Meus pais nunca me veriam na graduação da escola ou faculdade. Meu pai nunca andaria comigo pelo corredor no meu casamento. Eu nunca iria novamente colocar a minha cabeça no ombro da minha mãe depois de um dia ruim, ou abraçá-la apertado enquanto ela estava cozinhando o jantar. Eu nunca veria seus olhos se iluminarem com amor por mim novamente. E eu nunca conseguiria fazer as pazes com meu pai depois da briga terrível que tivemos.

Eu tinha perdido quase tudo em uma única noite e eu não entendia. Foi tão difícil de compreender a magnitude das mudanças na minha vida que eu estava em choque, e quando me sentei no sofá da minha avó, eu estava finalmente saindo dele.

Sem a necessidade de planejar ou me preocupar, eu finalmente fui capaz de lamentar.

Eu fiz isso em silêncio e sem alarde. Eu me deixei quebrar, sentindo o peso no meu peito e o tremor em meus dedos, mas não permitindo que qualquer pessoa visse.

É um fenômeno comum ver uma criança se machucar enquanto está longe de seus pais e depois andar estoicamente a eles para ser remendado. É quase como se eles soubessem instintivamente que ninguém iria ouvi-los, assim eles não choram imediatamente. No entanto, no momento em que eles veem seus pais, elas explodem em soluços, como se o choro não fosse necessário até que eles tivessem alguém para ouvir.

Eu estava com dor, mas eu já não tinha pais para ouvirem meus gritos.

Então eu fiquei em silêncio.

Fiquei assim, fechada em meu interior e de luto, até que Asa sentou ao meu lado e colocou seu braço em volta dos meus ombros.

— Ei, menina bonita. Como você está?

— Já estive melhor, — eu lhe respondi com uma fungada, incapaz de esconder o nó na minha garganta.

Ele me puxou para mais perto dele até que eu passei meus braços em torno de sua cintura e coloquei minha cabeça em seu ombro. Sua mão subiu para correr levemente os dedos para cima e para baixo no meu braço, e o movimento me tinha relaxando em seu corpo em alívio.

— Isso vai ficar melhor, baby. Eu prometo. Esta porra é uma porcaria, e se eu pudesse levar isso para longe de você, eu o faria. Nada sobre esta situação é normal. Mas vai ficar melhor, — ele murmurou em meu cabelo.

— Dói, Asa, — eu sussurrei de volta.

— Eu sei que dói, querida, — ele me disse com um beijo na minha cabeça, — Perdi ambos os meus pais também.

Eu sacudi com as suas palavras, mas não falei. Eu não queria perguntar o que tinha acontecido. Me senti insensível de perguntar sobre isso. E se eles tinham sido mortos da mesma forma como os meus pais tinham? Eu não poderia imaginar ter que explicar isso a alguém.

— Sim. Mamãe morreu quando eu tinha quatorze anos em um acidente de carro. Um minuto ela estava lá, e, em seguida, ela simplesmente... desapareceu. Pior merda de dia da minha vida. — senti que ele balançava a cabeça em cima de mim. — Papai morreu no ano passado. Ele estava doente por um fodido longo tempo antes, então isso foi diferente.

Ele falou as palavras em tom de relato, mas eu não podia imaginar que ele não sentiu nada, então eu olhei para o rosto dele para avaliar seu estado de espírito.

— Sinto muito que você teve que passar por isso duas vezes, — eu lhe disse calmamente, levantando minha mão para empurrar para trás o cabelo que tinha caído em seu rosto.

No meu gesto, ele virou o rosto para o meu até que nossos narizes estavam quase se tocando. — Calliope, o que eu passei não é nada como a merda que você teve de lidar. Não chega nem perto. E eu estou tão malditamente arrependido. — ele se inclinou ainda mais, até que nossas testas estavam se tocando e ele correu o nariz contra o meu. — Mas eu vou cuidar de você. Eu vou fazer toda essa merda parecer uma porra de sonho ruim. Ninguém vai tirar nada de você outra vez. Eu prometo, porra. — ele inclinou a cabeça para que ele pudesse tocar seus lábios nos meus antes de se afastar para me olhar nos olhos de novo. — Você acredita em mim?

Seus olhos eram tão escuros que eu pude me ver em suas pupilas, e eu engoli em seco antes de responder. — Eu acredito em você, — eu sussurrei de volta, e eu quis dizer isso. Esse homem, tão diferente de mim e algo que eu nunca tinha conhecido, iria andar através do fogo por mim. Não fazia qualquer sentido. Ele não me ama. Ele nem sequer me *conhece*. Mas por alguma razão, ele me reivindicou. E quando tudo mais em torno de mim estava girando loucamente fora de controle, ele estava lá, firme e imóvel.

Ele fez um barulho no fundo da garganta e se moveu novamente, pegando a minha boca em um beijo molhado que me tinha prendendo a respiração. Era profundo e doce e exatamente o que eu precisava.

Nossos lábios se separaram, mas seus braços não me deixaram quando Vovó entrou na sala de família, afligindo o lábio com os dedos.

— A funerária não sabe o que diabos está acontecendo, — ela nos disse enquanto andava. — Eles nem sequer sabem quando terão Danny e Angie. Depende da polícia e o médico legista, e eles não disseram nenhuma palavra maldita para mim! — seus passos aceleraram enquanto andava de um lado para o outro da sala de estar e, em seguida, ela parou de repente na nossa frente, olhou para mim com leve tristeza em seus olhos, e me disse baixinho:

— Aparentemente, poderia levar semanas. Eu não vou ser capaz de colocar o meu menino para descansar durante *semanas.*

Eu me levantei do sofá e passei meus braços em torno dela. Eu não sabia como consolá-la, sua perda era tão diferente da minha. Ela tinha crescido com meu pai em sua barriga, cuidou dele, e o assistiu se tornar um homem. Ele era seu bebê, seu último bebê, e agora ele se foi. Então, eu só fiquei lá, com meus braços em volta de seus ombros curvados e a deixei soluçar, enquanto as lágrimas corriam lentamente pelo meu rosto.

Eu não tenho certeza quanto tempo ficamos lá antes que ela se acalmou o suficiente para se afastar, mas no momento em que isso aconteceu, Poet tinha entrado na casa de onde ele estava e Cody estava sentado no braço do sofá.

— Rose, — Poet chamou baixinho, — Eu sei que este é um momento de merda. E eu sei que você não quer ouvir isso, mas Callie não tem semanas aqui. Temos dois dias antes que ela tenha que estar fora da cidade. Qualquer mais do que isso e nós estamos pedindo para ter problemas.

Oh merda. Oh porra, porra, porra.

Eu ia perder o funeral dos meus pais.

Eu pensei, *quanto pior poderia ficar a minha vida?* antes que eu rapidamente apagasse a questão da minha mente. Minha vida poderia ser infinitamente pior e eu não queria cometer o erro de fazer uma pergunta, mesmo que na minha cabeça eu não queria saber a resposta.

Era como se a declaração de Poet tivesse acendido um fogo em Vovó, porque o show de tristeza se evaporou como névoa e ela se transformou em um tornado humano - rasgando a casa.

Ela correu ao redor, arrumando o pouco que manteve em sua casa em duas malas pequenas, enquanto eu observava horrorizada. Quando ela terminou, ela deu tudo para Asa para colocar no caminhão de mudança enquanto ela nos embalou sanduíches e bebidas. Mas ela não parou por aí. Ela pegou um saco de lixo preto e começou a encher os utensílios de cozinha, panelas e frigideiras no interior conforme ela explicava para que cada um deles era usado. Era como se ela estivesse tentando transmitir anos de sabedoria em uma hora de atividade febril, se recusando a parar e permitir afundar que eu estava saindo.

— Vovó? — eu perguntei ansiosamente enquanto ela tentou me dizer a receita para seus porcos recheados, — Eu não tenho que sair ainda. Certo? Poet disse que eu tinha um par de dias!

Ela parou no meio da frase e respirou fundo quando ela se afastou do armário que ela estava puxando os suprimentos. — Eu sei o que Poet disse, Callie. E eu não estou tentando assustar você, menina. Mas estes homens? Eles não vão esperar. Eu fui estúpida em pensar que teríamos mais tempo. Eu sei melhor, assim como Poet. Ele estava sendo amável, querida. Não temos dias. — ela colocou a mão no meu rosto. — Temos *horas*.

Ela estava certa.

Menos de duas horas depois, eu me encontrei abraçando meu irmãozinho em adeus.

— Eu tenho o meu telefone, e Vovó diz que vai descobrir toda a papelada e essas merdas, então isso deve ser bom por um tempo, pelo menos. Se eu tiver que começar um novo, eu vou te ligar, ok? — eu perguntei a ele enquanto o agarrei apertado em volta da cintura.

— Sim. Ligue para o dormitório e alguém vai atender. Eu não tenho certeza o que vou fazer se os telefones celulares forem cortados...

— Não se preocupe com isso. Se eu precisar, eu vou te enviar um novo, ok? Me ligue o tempo todo. Eu quero ouvir tudo o que você está fazendo.

— Eu vou, — ele me disse com um aperto. — Tenha cuidado, irmã.

Com mais um aperto e um beijo no topo da minha cabeça, ele me soltou e eu enfrentei Vovó. Seu queixo estava alto e os ombros estavam retos, mas o brilho em seus olhos me disse que estava tendo um momento difícil de manter composta.

— Me liga quando vocês dois chegarem lá. Asa diz que está indo direto para Sacramento, então você deve chegar até o final da noite de hoje. — sua voz se acalmou enquanto ela falava diretamente em meu ouvido: — Aquele menino sente algo forte por você Callie. Eu não sei o que aconteceu entre vocês dois que eu não vi, e não é o meu negócio... mas eu tenho estado em torno de um monte de homens em minha vida - para distinguir os bons dos maus - e eu vou te dizer uma coisa, baby, este homem é tão bom como ele parece ser. Confie nele, certo? Ele vai cuidar de você. — ela me puxou para um abraço, mas não demorou muito antes dela estar segurando em meus braços e me afastando. — Eu estarei lá em poucas semanas para te ajudar a se instalar. Me chama se você tiver qualquer problema, ouviu? — ela me puxou de volta para um beijo e depois me empurrou levemente em direção a Asa. — Eu amo você, Callie Rose.

Asa colocou seu braço em volta do meu ombro e me ajudou a entrar no caminhão de mudança que carregava a sua moto e os meus lamentáveis quatro sacos antes de subir nele e ligar o motor. Acenei enquanto nós nos afastamos e não poderia impedir o soluço que deixou minha garganta quando eu assisti Cody ficar ao lado de Vovó, colocando seu braço em volta dos ombros dela.

Os amigos de Asa, Tommy e Dragon, estavam pensando em nos escoltar ao norte em suas motos e, em seguida, continuar até Eugene, uma vez que nós tivéssemos nos estabelecido em meu novo lugar. Nós não precisaríamos da proteção extra, uma vez que nos encontrássemos com a tripulação no centro da Califórnia, e Asa tinha explicado que isso lhe daria mais tempo comigo se os caras não ficassem com a gente. Eu não tinha certeza por que o itinerário deles tinha alguma coisa a ver com a gente, mas eu não perguntei sobre isso também. Eu não ligo para o que eles estavam fazendo contando que Asa pudesse ficar o maior tempo possível antes de me deixar para trás.

Poet e seu grupo iriam ficar com Vovó pela próxima semana para garantir que as coisas corressem bem, mas eles não pareciam muito preocupados. A gangue de Jimenez só estava interessado em mim, e de acordo com Poet, comigo fora do quadro, eles perderiam o interesse. Eu acho que Poet pode ter ficado por outra razão diferente - para se certificar de que Vovó tivesse tudo o que ela precisava enquanto ela cuidava da enorme responsabilidade de passar pelas coisas dos meus pais e colocá-los para descansar. Eu estava feliz que ele escolheu ficar por ela quando eu não podia, mas isso não ajudava a queimação em meu peito quando eu pensava nela fazendo essas coisas sem mim, então eu fiz um esforço para não pensar nisso.

Eu estava ficando muito boa em não pensar sobre as coisas.

No momento em que atingimos a rodovia, eu tinha controlado as minhas lágrimas, mas eu estava olhando para fora da janela, me recusando a olhar para Asa. Estar sozinha com ele pela primeira vez era estranho e desconfortável, e o fato de que ele estava pagando por toda a minha vida tornou as coisas infinitamente piores. Eu disse obrigada? Parecia tão ridículo dizer obrigada por uma coisa tão enorme, como se a palavra simplesmente não compreendesse o suficiente para expressar totalmente a minha gratidão.

Eu estava ocupada me sentindo desconfortável, com lágrimas perdidas escorrendo pelo meu rosto quando ele estendeu a mão e esfregou a mão para cima e para baixo da minha coxa.

— Ei, querida. Olhe para mim, tá bom?

Virei o rosto em sua direção, não planejando encontrar seus olhos, mas ele me pegou com eles de qualquer maneira.

— É eu e você agora, sim? Você se lembra de minha promessa? — ele esperou até que eu assentisse antes de olhar para a estrada novamente. — Por que você não descansa? Tem sido um dia fodidamente longo e temos um longo caminho a percorrer. — ele deu um tapinha na minha coxa, levantando o braço para colocá-lo em toda a parte traseira do assento e correu a mão sobre a parte de trás do meu cabelo.

Eu pensei em dizer que eu não estava cansada, ou jorrar algo sarcástico sobre ele me dizendo o que fazer, mas sua mão delicadamente alisando o cabelo na parte de trás da minha cabeça me lembrou que ele estava apenas cuidando de mim como ele prometeu. Eu tinha dezesseis anos, sozinha, e me afastando da única vida que eu já conheci... e eu queria alguém para cuidar de mim. Eu não estava pronta para estar em meus próprios pés, não importa o quão forte essa situação me fez.

Então eu deitei, minha cabeça em seu colo, o cinto de segurança cavando em meu quadril, e eu silenciosamente chorei até dormir enquanto ele corria os dedos pelo meu cabelo e nos levou para minha nova vida.

Capítulo vinte e dois

CALLIE

Minhas lembranças das primeiras semanas em Sacramento não são muito claras. Elas são em sua maioria um borrão da organização do meu novo lugar e me matricular em uma nova escola, mas cada uma delas tem um único ponto focal claro. Asa.

Poet fez algumas chamadas enquanto nós dirigíamos para o norte, e havia um apartamento vazio à nossa espera no momento em que chegamos. O complexo era de propriedade de um dos membros do clube a que pertenciam, e de acordo com Asa, o cara tinha dado a ele por um bom negócio. Ele se recusou a me dizer o quanto ele estava pagando, mas quando eu vi pela primeira vez, eu não podia evitar pensar que o que ele estava pagando tinha que ser demais.

Ele era limpo, mas antigo e pequeno e completamente diferente do que eu estava acostumada. A casa na qual eu tinha crescido não era uma mansão de qualquer forma, mas o meu pai tinha mantido os aparelhos atualizados, e minha mãe tinha tomado orgulho na forma como a nossa casa era decorada. Desnecessário dizer que a pia abacate verde, o vaso sanitário e a banheira colocada no meu novo banheiro e a geladeira em minha nova cozinha que fazia um ruído alto quando ela abria, estavam muito longe de minha antiga casa. Mas eu não disse uma palavra.

O que havia para dizer?

Eu não estava prestes a ser uma cadela sobre o apartamento não estar nos meus padrões esnobes - isso iria fazê-lo sentir como uma merda. Asa estava pagando por um apartamento que ele não iria sequer estar vivendo, e eu não tinha como reclamar, não realmente. Todos os aparelhos pareciam funcionar, havia um cadeado na porta, e o mais importante, era limpo. E quando vi minha nova casa pela primeira vez, eu tive que fingir que usar o banheiro para que eu pudesse trancar a porta e deixar escapar algumas lágrimas – bem, eu nunca iria admitir.

A primeira noite que estávamos lá tivemos que dirigir para a Wal-Mart para comprar cobertores e papel higiênico, mas estávamos cansados demais para fazer compras para qualquer outra coisa e acabamos dormindo enrolados no chão do quarto envoltos em meu novo edredom azul e amarelo.

Dormir era um termo muito solto para o que eu tinha feito naquela noite.

A chegada ao meu novo apartamento tinha não só marcado o início de uma nova vida, mas também o início de pesadelos que me afligiriam pelos próximos anos. Foi também a primeira vez que Asa me envolveu em seus braços e me acalmou depois, mas não foi o último.

Nossa primeira semana foi gasta equipando o apartamento com tudo e qualquer coisa que eu pudesse precisar, desde shampoo até banquetas para o balcão da cozinha. Tentei ser tão simples quanto possível, mesmo sabendo que os meus pais tinham algum seguro de vida que ninguém conhecia, eu ainda não seria capaz de pagar a Asa em qualquer momento, em breve. Asa, no entanto, insistiu em comprar qualquer coisa que ele pudesse colocar suas mãos enquanto eu tentava morder minha língua e me esgueirava e terminava por colocar de volta nas prateleiras sem que ele percebesse. Ele não me deixou fugir com isso, embora, e nós acabamos recuando mais frequentemente para os itens que eu tinha devolvido às prateleiras da loja lojas.

Eu finalmente estalei em um dos corredores de cozinha na IKEA[10] local.

— Nós não precisamos de um maldito descascador de laranja! Quem usa um descascador de laranja? É ridículo! — eu estava reclamando para ele, acenando com o ofensivo descascador no ar enquanto ele me olhava com diversão. — As pessoas descascam laranjas por centenas de anos, e eles nunca precisaram de uma dessas coisas estúpidas!

— Não sei por que um descascador de noventa e nove centavos tem sua calcinha torcida, querida, — ele murmurou para mim calmamente.

— Porque é um *desperdício*! Noventa e nove agradáveis centavos aqui, dois e noventa e nove lá - isso vai somando, Asa! Eu nunca vou ser capaz de te pagar de volta por tudo isso! — eu assobiei com

[10] IKEA é uma companhia privada de origem sueca, controlada por uma série de corporações sediadas nos Países Baixos, especializada na venda de móveis domésticos de baixo custo.

frustração enquanto eu desejava que lágrimas de constrangimento parassem de se formar na parte de trás dos meus olhos.

— Eu não pedi que você me pagasse de volta, — ele me disse, sua mandíbula apertada e os olhos irritados. — Nunca, *nenhuma vez* eu te disse que você iria me pagar de volta por uma maldita coisa.

— Eu sei disso, — eu respondi, — Mas você simplesmente continua comprando coisas que eu realmente não preciso e isso está me deixando louca! Eu não preciso de uma mesa de café. Deus, eu nem sequer preciso de um sofá! Eu posso apenas sentar na minha cama quando estiver em casa...

Sua voz ainda estava um pouco chateada quando ele estendeu a mão e agarrou meu queixo, levantando o meu rosto para que ele pudesse olhar diretamente nos meus olhos enquanto ele falava: — Precisamos de um sofá, porque eu quero sentar na porra do sofá quando eu chegar em casa.

— Casa?

— Sim, *casa*. Eu posso não estar vivendo lá em tempo integral, mas eu e você? Nós estamos fazendo uma maldita casa. Com um sofá confortável, que *não* estamos comprando aqui, porque estes sofás são muito fodidamente pequenos e uma televisão enorme que eu possa assistir Westerns[11] nela. E vamos comprar qualquer coisa que você precisa para cozinhar e organizar a merda do jeito que você gosta. Porque, baby? Eu vou estar muito tempo fora, e eu quero saber que quando eu for embora, você estará em uma fodida casa confortável onde você pode relaxar e se sentir segura.

Olhei para ele por um momento, examinando minuciosamente tudo o que ele tinha acabado de dizer e tentando encontrar uma resposta adequada, mas a única coisa que eu conseguia pensar era: — Westerns?

— Sério? Isso é tudo que você tem?

— Você tem sessenta e cinco anos?

— Cale a maldita boca.

— Será que precisamos pegar um desses recipientes de prótese para colocar os dentes à noite?

— Callie...

[11] Filmes de faroeste.

— Eu acho que nós precisamos ir a alguns corredores de volta para algo como isso... espere, precisamos chamar AARP[12] e nos certificar que eles têm sua mudança de endereço?

Eu guinchei quando ele se moveu em minha direção, tentando fugir ao redor do carrinho para que eu pudesse usá-lo como uma barreira, mas eu não podia escapar dele. Ele era muito rápido, e logo eu estava em seus braços e ele estava fazendo cócegas no meu pescoço com sua barba.

— Você acha que é tão engraçada, — ele resmungou em minha garganta, o queixo cavando em meu ombro.

— Westerns! — eu piei, empurrando seu ombro e ganhando a atenção dos compradores em torno de nós.

Meu guinchar o fez redobrar os seus esforços e nós batemos em prateleiras enquanto nós lutávamos em uma posição que deixou pouco espaço entre os nossos corpos. Um dos meus braços tinha empurrado até seu peito e por cima do ombro, enquanto o outro estava enrolado na sua elegante cintura, meus dedos apertados na parte traseira de seu cinto. Eu estava respirando pesadamente, e eu não conseguia decidir se eu queria puxar para cima em sua calça jeans e lhe dar um wedgie[13], como eu teria feito se ele fosse Cody, ou tomar a rota mais segura de arrastar o gorro cinzento de sua cabeça em uma tentativa de irritá-lo.

Era tudo rindo e rosnando até que ele abriu a boca contra o meu pescoço e mordeu, brincando.

Minha respiração ficou presa na minha garganta e eu congelei no meio da manobra. De repente eu estava hiperconsciente de todos os lugares onde nossos corpos se tocavam, o raspar de sua barba na minha clavícula, e o calor da sua respiração no lado do meu pescoço. Já não pensava que qualquer coisa era engraçada, e pela forma como seu rugido se transformou em um gemido profundo e ele mordeu mais duro e começou a chupar, ele também não.

Então eu não estava pensando em nada.

Seus braços se apertaram em torno de mim enquanto eu sentia meus olhos caindo para meio mastro, mal registrando um casal vindo pelo corredor só para se moverem rapidamente para o outro lado. Ele empurrou o pé entre os meus, nunca deixando a sucção no meu pescoço enquanto ele nos posicionou de modo que eu estava apenas

[12] Associação Americana de Aposentados.
[13] Cuecão, puxar a roupa intima para cima.

mal montando sua coxa. Eu estava tentando encontrar meu equilíbrio em nossa nova posição, segurando gemidos na minha garganta e tentando lembrar por que nós não deveríamos estar fazendo o que estávamos fazendo em uma loja muito pública quando ele usou a mão em meus quadris para me balançar contra ele e a outra nas minhas costas para pegar meu cabelo e inclinar a cabeça para trás.

Eu ganhei a luta contra o choramingar e fiquei em silêncio - mas eu não podia parar minha mão de escorregar para o lado de seu pescoço e em seu gorro, agarrando seu cabelo com força no meu punho assim que eu assumi o movimento de balanço com os meus quadris.

Eu não sei o que teria acontecido se um funcionário não nos interrompesse, nos pedindo para parar ou ela ia chamar a segurança. Eu tropecei para trás com um pouco de vergonha, meu rosto queimando conforme eu fiquei boquiaberta para o rosto presunçoso de Asa.

— Não há necessidade de chamar a segurança, senhora. Eu acho que ela aprendeu sua lição, — ele disse à funcionária com desdém, agarrando o nosso carrinho e seguiu pelo corredor.

Ele *seguiu pelo corredor* para longe.

Eu não segui caminhando pelo corredor. Eu vacilei... com a minha cauda entre as minhas pernas.

Ficamos calados enquanto Asa pegava as últimas coisas que ele queria da loja. Eu ainda estava completamente mortificada, varrendo a área em torno de nós para a funcionária que tinha verbalmente me golpeado como uma cadela do meu nevoeiro com Asa. Deus, eu nunca queria vê-la novamente. *Que humilhante*.

Não foi até que estávamos esvaziando os nossos utensílios de cozinha para a esteira do caixa e eu me virei para Asa com um olhar, segurando não um, mas *dois* descascadores de laranja, que ele finalmente falou.

— Westerns são história americana trazidas para a vida. Esses filhos da puta eram fodas, Callie, — ele me disse com um sorriso. — Além disso, o fodido John Wayne era demais.

Eu balancei a cabeça em seu sorriso e continuei esvaziando o carrinho, — Vou levar sua palavra contanto que você não me faça assistir.

— Foda-se isso. Você vai sentar e assistir cada um...

— Eu vou apenas ler ou algo assim, — eu disse a ele distraidamente enquanto eu observava os números em movimento na tela mais e mais alto enquanto mordia o interior da minha bochecha.

Eu não estava preparada para ele se mover atrás de mim e colocar sua mão na minha barriga.

— Eu tenho certeza que você vai vê-los, Callie, — ele sussurrou em meu ouvido, empurrando seus quadris levemente contra a minha bunda.

— Ah é? — eu respondi, tentando parecer desinteressada, mas terminando ofegante como Marilyn Monroe.

Ele não respondeu de imediato, porque ele estava ocupado passando seu cartão de crédito e coletando seu recibo do funcionário, então me mudei um pouco para longe dele, pensando que a conversa estava encerrada. Fiquei surpresa quando, em vez de agarrar nossas sacolas, ele se mudou para mim e deslizou a mão no meu cabelo na base do meu pescoço, inclinando meu rosto para um beijo rápido nos lábios.

— Sim, baby. Você tem um chupão do tamanho do Texas em seu pescoço que me diz que você não vai me dizer não.

Ele riu uma vez e me deixou ir, me batendo na bunda antes de pegar nossas compras e andar em direção à saída.

Eu deveria ficar irritada, mas eu não estava. Suas palavras tinham virado um gatilho, e minha mente agarrou para um simples fato.

Quase a cada minuto eu estava consciente, minha mente estava consumida pela dor e culpa. Isso foi me enterrando lentamente em uma depressão que eu não tinha ideia de como lidar. Isso só ficava batendo em mim, nunca deixando um sorriso cruzar meu rosto ou um sentimento de gratidão afundar antes que eu me sentisse uma merda por desfrutar de qualquer coisa enquanto meus pais estavam mortos.

Mas quando Asa estava me tocando, eu não pensava em outra coisa. Nem uma única coisa.

Foi um sentimento inebriante - saber que eu encontrei o meu esquecimento.

Capítulo vinte e três

CALLIE

Uma vez eu percebi que Asa estava esperando para partilhar a casa quando podia, era mais fácil eu escolher as coisas que pensava que tínhamos necessidade, como uma panela elétrica. Claro, uma panela elétrica não era uma enorme opção de compra - ou até mesmo realmente importante no grande esquema das coisas, mas minha mãe me ensinou como usar uma. Eu tinha uma tonelada de receitas que eu sabia que eram realmente boas, e eu queria fazê-las para Asa. Então, pela primeira vez, sem a sua insistência, eu tinha comprado alguma coisa. Uma maldita panela elétrica.

Eu não tinha ideia de onde Asa estava recebendo o dinheiro para a nossa enorme farra de compras, mas ele parecia estar despreocupado com os totais conforme fizemos o nosso caminho através de diferentes lojas.

Eu pensei que a grande TV que ele queria seria a nossa maior despesa, mas não era nada comparada com o custo de todas as pequenas coisas que tivemos que comprar. Foi difícil lembrar tudo o que precisávamos. Em um ponto, eu tinha que tentar me lembrar de um bloco de papel e uma caneta para que eu pudesse escrever uma lista de todas as outras coisas que tinha esquecido enquanto fazíamos o nosso caminho loja após loja.

Nós dirigimos o caminhão de mudança em torno da cidade enquanto escolhíamos os nossos suprimentos, e devemos ter parecido idiotas colocando sete sacos de mantimentos na área de carga vazia. Asa se recusou a devolver o caminhão até que nós tínhamos encontrado a cama e sofá que queríamos. E por *nós*, quero dizer ele. O sofá e cama que *ele* queria. Se fosse por mim, teria comprado os menos caros que nós poderíamos encontrar, não importa como eles pareciam. No entanto, Asa foi inflexível enquanto escolhia as mobílias que eram confortáveis e atraentes, então ele finalmente parou de pedir minha opinião depois que eu disse a ele que um sofá verde-limão com flores

alaranjadas brilhantes parecia agradável. Na minha opinião, a melhor coisa sobre o sofá tinha sido a etiqueta de promoção vermelha brilhante pendurado no encosto.

Na segunda semana no novo apartamento, tínhamos completamente arrumado tudo. Eu não tinha certeza sobre, bem, *nada* a ver com Asa, mas quanto mais tempo passamos juntos, mais confortável eu me senti com ele. Isso não ajudava a minha ansiedade, no entanto, quando montamos o novo mobiliário, ou os pensamentos correndo pela minha mente o tempo todo quando eu estava pronta para cama.

Nós não tínhamos discutido qual seria o arranjo de dormir.

Desde o dia em que tínhamos deixado San Diego, Asa não tinha feito nada além de roubar um beijo ou dois e deixando o chupão enorme no meu pescoço - ainda assim estávamos dormindo juntos no chão a cada noite. Era acolhedor e reconfortante dormir envolvida nos braços de Asa, e o pensamento de acordar depois de um pesadelo por si só não me agrada, mas dormir na cama parecia muito mais íntimo do que acampar no chão. Era uma situação que eu não tinha ideia de como lidar, mas mais uma vez, eu realmente não tinha de lidar com qualquer coisa. Asa apenas entrou em cena com pouco alarde e tomou a decisão de se despir para suas boxers e subir na minha cama antes de eu terminar de escovar os dentes.

Senti minhas mãos ficarem úmidas conforme eu tomava seus ombros largos e pele tatuada contra os meus lençóis azuis pálidos. Desde o incidente do chupão na IKEA, eu estava tentando obter a coragem de começar, pelo menos, uma pesada sessão de amassos. Muitas noites eu ia dormir com uma dor de cabeça por controlar minhas emoções durante todo o dia. Eu estava uma bagunça. Isso não estava ajudando meus pesadelos porque cada vez que minhas dores de cabeça estavam no seu pior, eu estava acordava em um suor frio no meio da noite.

— Você vem para a cama, Calliope? — ele chamou da cama, me quebrando dos meus pensamentos, mas nunca olhando para longe do telefone em suas mãos.

Eu arrastei meus pés pelo, feio-como-merda, tapete marrom de pelúcia conforme eu fiz meu caminho para a cama enquanto eu tentava me mentalizar positivamente. Nós só estávamos dormindo como nós fizemos durante os últimos oito dias, certo? Não era nada para causar

transtorno. Só eu e Asa, acampando... mas desta vez com um colchão, uma montanha de travesseiros e quinhentos lençóis de linho.

Merda.

Eu não era virgem, e eu não estava preocupada com esse aspecto de nosso relacionamento. Eu também não estava apavorada porque estávamos dormindo juntos - nós tínhamos feito isso há mais de uma semana. Foi a mistura de dormir juntos em uma cama real, cercada por bens de consumo que tínhamos comprado juntos e o conhecimento que nós nunca teríamos que ter cuidado ou ser sorrateiros sobre o que estávamos fazendo. Pela primeira vez, eu estava completamente sem orientação ou regras e, por alguma razão isso me deixou ansiosa. Além de ansiosa.

— Nós não vamos fazer sexo, — eu soltei assim que eu subi no que supus que era agora o 'meu lado' da cama. *Foda-se, isso estava ficando mais estranho a cada minuto!*

— Uh, eu pedi por sexo? — ele perguntou com as sobrancelhas levantadas.

— Não. Quero dizer, bem, você parece querer e tal, mas, não, não esta noite. Você não disse nada esta noite, — eu estava balbuciando, tentando obter o meu ponto de vista, e eu estava fazendo o que meu pai iria chamar um 'não muito bom' trabalho.

Ele correu para baixo na cama e pôs o seu telefone no chão, murmurando sobre como precisávamos de mesas de cabeceira, antes de rolar em minha direção e gesticular com a mão.

— Venha aqui, querida.

— Por que eu não apenas fico aqui? — eu perguntei, minha coluna reta como uma régua contra a cabeceira.

— Calliope, não foi uma pergunta, — ele rugiu de volta, sua voz saindo mais profunda do que tinha antes.

Com um acesso de raiva que tenho a certeza que ele ouviu, eu pulei da cama e desliguei a luz, então rastejei ao lado dele. Assim que eu estava ao seu alcance, ele me rolou para o meu lado e bateu levemente seu corpo contra as minhas costas.

— Nós não estamos fazendo sexo tão cedo, Callie, — ele me disse suavemente, e depois apertou seu braço em volta de mim enquanto eu tentava fugir.

— Baby, eu tenho bolas azuis como você não iria acreditar. — ele moveu seus quadris contra minha bunda, moendo por um segundo até que eu podia senti-lo, e eu segurei minha respiração enquanto eu esperava para o que ele diria a seguir, esperando que ele fosse continuar se movendo. — Você teve uma tonelada de merda acontecendo em muito pouco tempo, Calliope. Nós não vamos adicionar mais merda em uma longa lista de merda.

Ele não podia ver como eu abri minha boca para argumentar, mas ele deve ter sentido a minha jogada cabeça, porque ele me cortou antes que eu pudesse dizer uma palavra.

— Me deixe terminar. Eu quero você como inferno em chamas. Eu vejo você se curvando para colocar merdas nos armários e meu pau fica tão duro que eu não posso pensar direito. Mas, baby, eu não quero te foder mais do que você já foi fodida. A merda está louca pra você agora, e você tem 16 anos de idade. *Dezesseis.* Conheço jovens de dezesseis anos que vivem com o seu homem e elas estão felizes como o inferno com aquela vida, mas essas meninas vieram de vidas de merda que elas estavam tentando fugir e elas eram mais crescidas do que a maioria dos homens de meia idade. Isso não é você. Menos de duas semanas atrás você estava de castigo por ter passado do horário do seu toque de recolher. Você tinha pais que você amava e mimavam você.

Até o momento que ele terminou de falar, eu estava chateada. Rolei e encarei seu rosto por ele me fazer parecer uma pirralha imatura - mas eu não tinha contado com o cheiro de seu hálito de menta e fumo aromatizado ou o quão perto os nossos rostos se tornariam. Em vez de lançar da forma como eu pretendia, eu me vi mergulhando em direção a sua boca como se para provar que ele estava errado.

Eu lambi em sua boca e fui envolvida instantaneamente em seus braços e rolei, então eu estava em cima dele. Eu pensei que ele estava apenas me rolando para fora do braço que ficou preso debaixo de mim para que ele pudesse usar ambos os braços para me afastar, mas na hora que eu estava em cima dele, mudei meus joelhos até seus lados até que eu estava escancarada e moendo em seus quadris.

Senti o momento em que ele desistiu da luta.

Era o mesmo momento que eu ganhei a sensação de euforia do esquecimento de todo o resto.

Ele rosnou na minha garganta enquanto suas mãos começaram a se mover sobre as curvas do meu corpo. Uma mão deslizou para dentro da camiseta que eu estava usando para embrulhar ao redor do meu

peito e a outra deslizou para a parte inferior do short que eu usava para a cama. Minhas mãos estavam apoiadas sobre seus ombros, segurando o meu peso, e eu gemi, meus cotovelos quase dobrando quando seus dedos encontraram meu mamilo e o beliscou levemente.

Eu era um frenesi de movimento e arqueei meus quadris ainda mais duramente nos dele, tentando fazer o atrito que eu precisava, então ele fez um som em sua garganta como se eu tivesse lhe dado um soco. Suas mãos deslizaram para fora da minha camisa, me fazendo gemer e empurrar ainda mais duro, mas de repente ele agarrou meus quadris e praticamente me empurrou de volta, rasgando o rosto do meu.

— Jesus Cristo, Callie! Você vai empurrar minhas bolas em minha garganta! — ele estremeceu, com falta de ar.

Eu tinha tido relações sexuais nessa posição antes, e eu pensei que sabia o que estava fazendo, então suas palavras eram como um esguicho de água gelada no meu rosto.

Eu me sentei dura em meus calcanhares em estado de choque antes que a vergonha me inundasse e tudo que eu queria fazer era ficar tão longe dele quanto eu poderia. Eu pensei que estava bastante escuro no quarto e que eu tinha um pouco de proteção, mas ele deve ter visto o olhar de horror em meu rosto, porque antes que eu pudesse fazer minhas pernas se moverem para embaralhar fora dele, ele se endireitou e passou os braços em torno de minhas costas.

— Onde você vai? — ele murmurou, tentando obter uma boa olhada no meu rosto enquanto eu dobrava meu queixo no meu peito. Eu não lhe respondi. Eu não pude. Porque, infelizmente, eu estava me sentindo tão envergonhada que eu podia sentir um caroço se formando na minha garganta.

— Ei, olhe para mim. Aonde você vai, baby? — ele perguntou em voz baixa, tentando forçar meu rosto com uma mão cuidadosamente.

— Sinto muito, — eu murmurei lamentavelmente ao peito, desejando que eu estivesse em qualquer lugar, menos lá.

— Desculpa pelo quê? O que eu estou perdendo aqui?

— Por, você sabe, atacar você. Empurrando as suas, uh... em sua garganta, — eu disse a ele, me encolhendo.

Ele soltou uma gargalhada, me assustando o suficiente para eu levantar minha cabeça.

— Baby, você quer me atacar, sinta-se livre, — ele me disse com um largo sorriso. — Nada que você fez foi errado. Você, obviamente, precisava de alguma coisa e você estava tentando obter isso. Não há nada de errado com isso.

— Ok, bem, tudo bem, — eu respondi estupidamente, — Eu vou apenas ir para a cama agora.

— Você deve estar brincando comigo, Callie, — respondeu ele, incrédulo. — Venha aqui e me beije.

Eu me inclinei para frente para acabar com isso, porque eu não o via me deixando ir se eu não o fizesse, mas o beijo na boca que eu tinha planejado se transformou em outra coisa no minuto que eu cheguei perto, ele mordeu meu lábio inferior e me puxou em sua direção.

— Você precisava de alguma coisa e você não estava recebendo isso, Callie, — ele disse contra a minha boca, as palavras separadas com pequenas mordidas. — Eu vou dar a você.

Suas mãos rapidamente despiram minha camiseta para cima e sobre a cabeça antes que eu pudesse processar as suas palavras, e minhas mãos voaram para seu cabelo quando ele arqueou as costas e puxou um dos meus mamilos em sua boca. Minha cabeça caiu para trás e meus quadris se contraíram, mas eu estava muito preocupada com o movimento errado para deixá-los balançar do jeito que eu queria. Se eu estava fazendo errado antes, eu não ia saber magicamente como fazê-lo logo em seguida. Então, contra tudo o que o meu corpo estava gritando para eu fazer, eu fiquei parada.

Sua boca se afastou de meu peito com um pequeno estalo, e ele olhou para mim em confusão diante do seu rosto limpo. Suas mãos se moveram para os meus quadris e começou a balançá-los. Eu me concentrei no movimento até que eu tinha certeza de que poderia replicá-lo, mas isso não estava fazendo nada, exceto me fazer ficar mais úmida do que eu já estava. Eu me sentia inchada e necessitada, mas eu não ia dizer nada. Tudo o que ele estava fazendo era bom, e longe de qualquer coisa que eu tinha tido de encontros anteriores.

Ele observou meu rosto atentamente quando ele soltou um dos meus quadris e passou a mão ao longo do meu corpo para o meu peito. Quando ele beliscou meu mamilo novamente, meus quadris empurraram para o dele, e ele acenou com a cabeça ligeiramente e soltou o meu quadril.

— Continue se movendo, querida, — ordenou ele, deslizando a mão pela minha barriga e na parte da frente dos meus shorts. Quando seu polegar bateu no meu clitóris, eu empurrei de novo e ele deu um pequeno aceno de cabeça.

— Continue se movendo da maneira que eu mostrei, — ele rosnou, circulando meu clitóris mais e mais com o polegar. — Isso é tão bom. Você está tão maldita molhada. Eu posso sentir isso através de seu shorts. — ele fez uma pausa em sua conversa suja por um momento, vendo meu corpo se mover contra ele, antes de capturar sua linha de pensamento novamente. — Você não será capaz gozar nesse ângulo, — explicou asperamente, — assim você estava empurrando e empurrando e isso estava apenas deixando você mais frustrada. E com nossas roupas, você estava lutando uma batalha perdida.

Sua respiração engatou enquanto eu montava ele, seus dedos apertando no meu peito antes de continuar.

— Você precisa de mim aqui, — ele murmurou, empurrando o polegar mais duro contra o meu clitóris. — Isso aqui vai te empurrar ao limite.

Ele mergulhou seu polegar mais para baixo e quando ele puxou de volta, todo o meu corpo se apertou. Ele estava enrolando mais e mais enquanto ele sussurrava para mim, e quando ele chupou meu mamilo duro em sua boca e empurrou com força com o polegar, eu gozei com um alto gemido agudo.

Ele segurou seu polegar onde eu precisava conforme eu montava o meu orgasmo, mas assim que terminei, as duas mãos foram direto para meus quadris para me mover mais rápido ao longo do seu comprimento. Ele trancou o interior do meu seio esquerdo enquanto sua respiração ficava cada vez mais irregular, chupando duro assim que ele gozou e gemeu em minha pele, até que finalmente parou o movimento dos meus quadris.

— Puta merda, Callie, — ele murmurou, enquanto ele caia de costas na cama, me levando com ele. — Merda, quando eu chegar em você nua você vai fodidamente me matar.

Fiquei ali em cima dele, em êxtase e descontraída, até que ele me fez levantar para que pudéssemos limpar e usar o banheiro.

Mais de uma hora se passou antes que minha mente ficasse escura novamente.

Capítulo vinte e quatro

GREASE

Nossa segunda semana em Sac começou com um estrondo, e a merda não se estabeleceu depois disso. Callie estava quente no meu pau – nos empurrando para termos relações sexuais - e depois da noite que tivemos na cama, eu estava tendo dificuldade para dizer não. Porra, isso era um eufemismo. Eu tive um sentimento que estava rangendo os dentes de trás para me segurar. A ideia de que eu era o único a dizer que não íamos transar era ridículo pra caralho, mas eu estava tentando fazer a coisa certa. Eu não queria ela pirando depois - não é como se ela tivesse para onde ir se ela perdesse sua merda.

Continuamos brincando, isto não parou. Nós não estávamos fazendo nada além do que a maioria das crianças de sua idade faziam - mãos e toda essa merda. Mas *inferno santo*, eu queria ela. Eu tinha feito o erro de limpar meus dedos com a minha boca depois de uma das nossas rodadas, e *maldição* se minha boca não salivava agora toda vez que eu chegava perto dela. Era uma piada. Eu estava sendo um maldito viado e eu sabia disso. Ela não tem nenhuma reserva sobre foder, e graças a Deus ela não era virgem, mas havia algo... além. Algo que eu não podia identificar.

Ela estava quase desesperada por isso - meu toque. E tanto quanto eu queria pavonear por aí como se eu tivesse bolas feitas de ouro, eu sabia que seu desejo por isso era muito extremo.

Nós levamos essa semana para ela se matricular na escola, e eu juro por Cristo, as secretárias daquele pedaço de merda do ensino médio continuavam olhando para sua barriga. O fato de que um cara tatuado a trouxe para se matricular confundiram elas pra caralho. Eu acho que a conclusão a que chegaram foi que eu a engravidei. Estavam tão longe da verdade que era fodidamente engraçado, e ela me deu cerca de quinze cotoveladas enquanto eu esfregava sua barriga. As secretárias podem chupar meu pau. Era melhor elas não enxerem o saco dela quando eu não estivesse lá.

Nós acertamos para que ela pudesse começar a escola na semana seguinte, e naquela tarde nós escolhemos um pequeno carro para ela, que eu comprei de um dos irmãos. O Aces da facção de Sacramento era muito pequena, mas tinha alguns caras bons nele. Vários deles estavam perto de minha idade, e eu festejei com eles um pouco quando eu estava na cidade, mas eu estava temendo a introdução de Callie a qualquer um deles. Eu a reivindiquei, e eu sabia que eles não iriam tocá-la, mas foda-se se eu não estava com ciúmes de qualquer momento que eles teriam que gastar com ela - especialmente depois que eu voltasse para Eugene. Eu não queria que eles sequer olhassem para ela. Eu sabia o que eles tinham sido. Merda, eu tinha *visto* onde eles tinham estado. Eu não queria Callie em qualquer lugar perto dessa merda.

O meu tempo com Callie estava passando e isso estava me consumindo mais e mais a cada dia. Eu dei a ela o carro, assim ela teria uma maneira de dar a volta quando eu não estava lá - eu estava preocupado que ela se enterraria no apartamento se ela não tivesse uma maneira de se locomover. Não parecia ser a questão, no entanto. Ela não queria ir a lugar nenhum sem mim.

Toda vez que eu lhe pedia para correr para a loja ou nos pegar algum jantar, ela vinha com alguma desculpa para que ela não tivesse que fazer isso - ela não estava se sentindo bem, ela tinha acabado de ficar confortável no sofá, ela queria cozinhar algo ela mesma. Isso nunca estava acabando, e até o final da semana, sua carência foi me dando nos nervos do caralho.

— Callie, saia de sua bunda e vá até a loja, porra! — eu estalei para ela. Nós tínhamos andado discutindo sobre a merda que era necessária, como a merda de leite, e mais uma vez ela estava completamente se recusando deixar a maldita casa. Eu ia enlouquecer. Eu ainda estava afim dela. Isso não tinha mudado, e eu amei cuidar dela, mas parecia que eu estava me transformando em seus malditos pais.

— Eu não posso, Asa. Eu não tenho uma visão noturna muito boa, — ela me disse com olhos de corça de merda. Desde que eu conheci ela, aqueles olhos tinham sido capazes de me fazer qualquer coisa por ela, mas naquele momento, eles só me irritavam mais.

— Calliope, eu estou pagando por seu maldito apartamento, — eu assobiei quando eu a puxei para fora do sofá. — Eu pago pela porra do seu xampu e sua maquiagem e seu papel higiênico maldito.

Eu a puxei através do apartamento por seu braço, reclamando com ela todo o caminho. Se ela não se mexia, eu ira fazer. Eu não estava pedindo a ela para ordenhar uma vaca, pelo amor de Deus; tudo o que eu pedi era para ela ir ao supermercado a apenas dois quarteirões de distância. Quando chegamos ao nosso armário, peguei a bolsa e a joguei para ela agarrar.

— Eu estou farto dessa merda, — eu murmurei enquanto eu puxava as chaves do meu bolso e as coloquei em sua mão.

Eu a arrastei de volta para a nossa sala de estar e a empurrei para fora da porta da frente antes que eu virasse para ir para dentro. Antes que eu pudesse dar um passo, eu congelei no som de seu soluço.

Então eu continuei.

Quando me virei para fechar a porta, ela estava ali de pé, balançando, com lágrimas escorrendo pelo rosto - mas eu não estava prestes a mimá-la. Esta merda tinha que parar.

— Precisamos de leite, Callie. Precisamos também de papel higiênico, café, e algumas fodidas frutas ou algo assim. O cartão está na sua carteira, — eu disse a ela antes de fechar a porta na cara dela.

Eu me encostei a porta e ouvi para ter certeza que ela saiu. Eu esperei lá por dez minutos e não havia nenhum som, exceto por uma ocasional fungada. Quando eu finalmente cheguei ao meu ponto de ruptura, sentindo como merda pelo que eu tinha feito, eu a ouvi descendo as escadas externas.

Meu intestino cerrou.

Eu fodi isso. Eu sabia.

Eu deveria ter feito a merda diferente.

Ela era frágil e doce, e ainda tentando descobrir sua nova vida.

Eu sabia que ela estava com medo; segurei ela depois de seus pesadelos que nos acordou com ela gritando no meio da noite.

Mas eu tinha que fazer alguma coisa.

Eu tinha três dias antes de dirigir para o norte.

Se ela não pudesse nem mesmo ir até a loja quando a minha bunda estava sentada no nosso sofá esperando por ela, como diabos ela iria sobreviver por conta própria?

Capítulo vinte e cinco

CALLIE

Quando Grease me deixou na porta segurando minha bolsa e vestindo calças de pijama e chinelos, eu estava atordoada.

Eu sabia que estava sendo uma praga, o seguindo como um cachorrinho perdido, mas eu não conseguia me impedir de fazer isso. Ele me fez sentir segura e não era algo que eu iria voluntariamente desistir. Então, sim, eu sabia o que estava fazendo, mas não foi até aquela noite que eu soube que estava incomodando ele.

A base do nosso relacionamento era a minha necessidade de sua força e sua necessidade de minha fraqueza - mas, aparentemente, a minha fraqueza não era mais algo que ele queria.

Infelizmente, eu ainda era fraca.

Eu estava do lado fora na porta, esperando ele abrir de volta e me dizer que era tudo um engano. Que ele realmente não esperava eu fosse ao supermercado sozinha, no escuro, e com meus seios pendurados para fora da parte superior da blusa fina que eu estava vestindo sem sutiã. Eu esperei, mas ele nunca veio.

Eu finalmente fiz meu caminho para o carro, saltando em cada ruído, e sacudindo a cabeça de um lado para o outro enquanto eu tentava ver ao meu redor. Eu me senti exposta, como se a qualquer momento alguém iria se aproximar e tudo estaria acabado. Meus olhos procuraram o banco de trás antes que eu abrisse minha porta e subisse para dentro e minha mente correu com cenários de alguém escondido lá atrás, esperando eu sair da casa.

Eu sabia que era ridículo, mas o choque de Grease me empurrando para fora da porta e o medo persistente de que a quadrilha em San Diego iria me encontrar, foram a realização de uma tempestade perfeita para minha imaginação.

Virei o carro e dirigi até o supermercado, mas uma vez que eu estacionei, eu não conseguia me fazer sair do carro. Eu sentei lá, hiperventilando e chorando como uma lunática por mais de uma hora antes de eu finalmente quebrasse e virasse o carro de volta.

Ele disse que ele estava farto.

Farto.

Eu estava em um carro que não me pertencia, numa cidade estranha, e eu não tinha para onde ir.

Então, eu segui os sinais que me levam a interestadual, e eu comecei a dirigir para o sul.

Eu estava a duas horas dirigindo quando eu lembrei que eu não tinha chamado Vovó ainda naquela noite, então eu puxei minha bolsa na minha direção e comecei procurar pelo número dela. Eu tinha ligado para ela conforme eu prometi que faria na noite que fomos para Sacramento, e desde que a primeira ligação tínhamos nos falado a cada noite. Isso me manteve firme, saber que ela estava lá, esperando até o dia que ela pudesse se mudar para o norte para morar comigo, e eu acho que deu a ela um pouco de paz de espírito eu estar sempre ligando.

Havia chamadas perdidas, mas eu não olhei através delas antes de discar o número da Vovó.

— Callie? — ela atendeu ao primeiro toque. — Graças a Deus! Onde você está? Você está bem?

— Sim, — eu disse a ela, perplexa com a preocupação em sua voz, — Eu estou bem. O que está errado?

— Onde está você, Callie? Temos estado ligando durante horas! Asa me ligou, preocupado como o inferno que você não tinha voltado para casa!

— Estou bem, Vovó, — garanti a ela, chateada como o inferno que Grease tinha ligado para ela e a preocupado. — Estou na I-5 Sul.

Houve uma ligeira pausa antes dela falar novamente, sua voz calma, — Por que você está na I-5, Callie?

— Não está funcionando aqui. Eu preciso voltar para casa, — eu disse a ela estupidamente. Eu sabia que não podia ir para casa. Eu não tenho mais uma casa.

— Baby você precisa voltar. Tome a próxima saída e volte agora mesmo, — ela respondeu com uma voz suave, normalmente usada em crianças pequenas.

— Eu não posso, — minha voz ficou presa na minha garganta, — Eu não tenho para onde ir.

— Calliope Rose, você tem um homem procurando de cima a baixo por você agora, o que quer dizer que você não tem para onde ir?

— Ele me empurrou para fora da casa, Vovó, — eu disse a ela em um sussurro. — Ele disse que estava farto porque eu não queria ir ao supermercado.

Eu sabia que não estava sendo justa. Os problemas de Grease eram muito maiores do que o fato de que eu não queria ir à mercearia naquela noite. Ele estava farto de mim - mas eu não queria que minha Vovó soubesse disso. Ela estava me dizendo para virar, e eu estava esperançosa de que, se eu o pintasse duramente, ela me diria para voltar para casa.

Eu só queria que ela cuidasse das coisas.

Eu não queria ser uma adulta mais.

— Baby, ele tem estado frenético. Ele me chamou nada menos que dez vezes perguntando se eu já tinha ouvido falar de você. O que aconteceu entre vocês dois pode ser trabalhado, eu prometo. Agora volte.

Eu tomei a próxima saída e puxei em um posto de gasolina. Eu não precisava de qualquer combustível ainda, mas eu precisava de um minuto para decidir se eu devia continuar ou começar a voltar. Minha mente estava uma bagunça confusa de emoção, metade de mim feliz que ele estava preocupado comigo e outra chateada o suficiente para não me importar se ele estava preocupado. Ele me chutou para fora da casa. Ele xingou e me puxou pela casa como uma boneca de pano.

Foda-se ele.

— Okay, Vovó. Estou voltando, — eu disse a ela calmamente, embora meu peito estivesse queimando com raiva justificada. — Se ele te chamar, diga a ele que eu vou estar de volta em algumas horas.

— Bom Deus, Callie. Quão longe ao sul você foi?

— Eu estou apenas duas horas ao sul, mas eu tenho que parar no supermercado no caminho de volta, — eu expliquei enquanto eu puxei de volta para a rodovia.

— Okay, baby, eu digo a ele... você tem certeza que não quer chamá-lo você mesma? — ela me perguntou, parecendo aliviada que eu tinha colocado a minha cabeça no lugar.

— Não, eu realmente não deveria estar falando ao telefone enquanto eu dirijo, — eu disse, embora isso não tinha nada a ver com a razão pela qual eu não iria ligar para Grease.

Nós nos despedimos, mas antes que ela desligasse, eu tinha uma última coisa a dizer.

— Ei, Vovó? Certifique-se de dizer a ele para não se preocupar, — ela respirou fundo de alívio, mas eu não tinha terminado. — Diga a ele para não se preocupar - que eu vou parar na loja para comprar o papel higiênico e leite.

Capítulo vinte e seis

CALLIE

Quando entrei no apartamento mais tarde naquela noite, eu fiquei surpresa que Grease não estava esperando na porta. Vovó fez parecer que ele estava louco de preocupação, mas eu não vi nenhuma indicação disso enquanto eu fazia malabarismos com os sacos de mantimentos e tranquei a trava atrás de mim. O lugar estava tranquilo enquanto eu caminhava pela sala, mas quando eu acendi a luz da cozinha sua voz me assustou.

— Onde diabos você esteve, Callie? — ele perguntou em voz baixa, de onde ele estava sentado no sofá. Ele estava inclinado para frente com os cotovelos apoiados nos joelhos e uma garrafa de cerveja oscilando de sua mão direita, e a quietude não natural de seu corpo deve ter sido a razão pela qual eu não o notei quando eu entrei. Eu continuei na cozinha como se eu não estivesse preocupada com a sua presença.

— Fui fazer compras, — eu disse a ele superficialmente conforme eu comecei a esvaziar os sacos sobre o balcão. — A loja grande não estava aberta, então eu parei em lugar 24 horas. Eles não têm uma grande variedade de frutas, então você vai ter que esperar até amanhã por elas.

Eu empurrei o leite na geladeira enquanto eu falava, e quando me virei fiquei surpresa ao ver que ele tinha me seguido e estava de pé no meu espaço.

— São quase três horas da manhã, Callie. Onde diabos você estava? — ele perguntou de novo, sua voz controlada, mas as veias do pescoço salientes.

— Wow, está ficando tarde. Eu vou guardar esses mantimentos e então eu estou indo para a cama, — eu disse a ele secamente, ignorando sua pergunta conforme eu fugia ao redor dele.

Eu sabia que estava irritando ele, mas eu não me importava. Minha raiva se desvaneceu quanto mais longe eu tinha dirigido, e então eu estava apenas me sentindo... vazia. Ele pode ter se preocupado comigo, mas era a *sua* decisão de me empurrar para fora da porta.

Quando ele agarrou meu ombro gentilmente e me virou, eu nem mesmo lutei. Eu apenas deixei que ele me manobrasse até que estávamos quase nariz com nariz. Tudo o que ele viu em minha expressão deve ter feito o domínio de seu temperamento dissolver, porque dentro de um segundo, ele estava jogando a garrafa de cerveja pela sala, onde ela quebrou contra a parede da sala de estar.

Eu nem sequer pestanejei com o movimento.

— Onde diabos você esteve, Callie? — ele gritou em meu rosto, procurando meus olhos e, obviamente, não encontrando o que ele estava procurando.

— Eu fui para um passeio.

— Você foi para um passeio? — ele repetiu.

— Sim. Eu fui para um passeio, — respondi a ele, minha voz nunca mudando de monótona que eu tinha usado desde que eu entrei pela porta. Cruzei os braços em meus seios e seus olhos se deslocaram para baixo o meu corpo, me avaliando.

— O que diabos você está vestindo?

Ele franziu a testa para mim, olhando meus chinelos de sola dura e calças de pijama de flanela antes de vir descansar em meus seios. Sua mandíbula estava cerrada, mas as veias de seu pescoço havia desaparecido, o que indicava que ele tinha se acalmado um pouco.

— Eu estou vestindo a mesma coisa que eu estava usando quando você me empurrou para fora da porta, — eu lembrei a ele, me recusando a encontrar seus olhos. Eu estava tão exausta após as horas no carro e o desgaste emocional da noite que eu nem sequer tinha a energia para dar a ele a luta que ele estava tão obviamente procurando. Eu só queria ir para a cama.

— O quê? — ele sussurrou em descrença.

Meus olhos foram até o seus, mas o pedido de desculpas que eu vi neles não era suficiente para mim.

— Eu tentei encontrar um suéter ou algo no carro, mas não havia nada lá, — eu disse a ele em voz baixa, a bravata que eu estava sentindo, finalmente, me deixando. Cruzei os braços mais elevados no meu peito, bloqueando os meus seios da vista como tinha feito quando eu peguei as compras na loja naquela noite, minhas bochechas ruborizaram um pouco conforme eu me lembrava do olhar malicioso do caixa.

Eu tentei me afastar dele, mas sua mão deslizou para cima do meu ombro e por trás do meu pescoço, efetivamente me segurando no lugar.

— Baby... — ele sussurrou suavemente, tentando me puxar para a frente em seu peito.

— Eu só quero dormir um pouco, ok? — eu disse a ele, finalmente recuando de seu alcance. — Tem sido uma longa noite. — eu balancei a cabeça uma vez e, em seguida, me virei para o corredor. — Eu comprei jantar congelado que você gosta. Eu não tinha certeza se você tinha jantado.

Eu o ouvi fazer um barulho no fundo de sua garganta, mas eu não me virei. Eu continuei andando em direção ao nosso quarto, parando apenas por um segundo quando ouvi o seu punho socar parede da cozinha.

Ele não veio para a cama por mais uma hora; eu sabia porque eu não tinha sido capaz de adormecer. Eu estava tão cansada quando cheguei em casa que eu mal conseguia manter os olhos abertos, mas na hora que eu tinha rastejado para debaixo dos cobertores, eu estava bem acordada.

Eu não sabia como navegar neste novo território que estávamos entrando. Nossas interações sempre se constituíram em eu encolhida em sua sombra, e agora que eu sabia que não podia contar com ele para a proteção, toda a situação tinha inclinado em seu eixo. Eu não podia acreditar que ele iria me proteger - estava claro. Mas não era como se eu tivesse parado completamente de confiar nele. Eu sabia que ele iria fazer o seu melhor para manter suas promessas; no entanto, eu não podia mais me apoiar nele para minha segurança. Eu tinha que encontrar minha *própria* segurança.

A fim de fazer isso, eu tinha que me afastar dele tanto quanto eu poderia.

Eu fiquei tensa quando o ouvi rastejar na cama ao meu lado. Eu não tinha certeza se eu deveria dizer a ele que eu estava acordada, ou

fingir dormir para não ter de lidar com qualquer outra coisa naquela noite. Mas quando ele colocou seu braço em volta da minha cintura e puxou minhas costas contra sua frente, ele deve ter sabido que eu estava acordada, porque ele começou a falar em voz baixa um pedido de desculpas.

— Deus, querida, — ele gemeu em meu ombro: — Eu não deveria ter te empurrado pra fora da casa daquele jeito.

— Está tudo bem, — eu disse a ele, mesmo que nós dois sabíamos que não estava.

— Não. Eu fodi isso. — sua cabeça balançou brevemente. — Eu só queria que você usasse essa porra de carro que eu te comprei. Eu queria que você saísse de casa sozinha então eu sabia que você poderia fazer isso quando eu fosse embora. Você entende? Você tem que ser capaz de estar em seus próprios pés, Callie, eu não vou estar aqui a maior parte do tempo, e você tem que ser capaz de cuidar de si mesma. — ele apertou o braço em volta da minha cintura e beijou meu pescoço como se todo o episódio tivesse acabado.

Eu não tinha certeza do que eu deveria dizer a isso. Obrigada? Por favor, me jogue para fora da casa de pijama novamente na próxima vez que você precisar de papel higiênico? Tudo está perdoado?

Eu escolhi a aposta mais segura e sussurrei: — Eu entendo, — antes de fechar os olhos e tentar relaxar o meu corpo.

Mas eu não adormeci durante horas.

Porque eu *não* entendia.

Capítulo vinte e sete

CALLIE

Eu acordei na manhã seguinte pronta para deixar toda a bagunça para trás. Uma boa noite de sono sempre me ajudou a colocar as coisas em perspectiva. Eu já estava me sentindo mais forte conforme eu saí da cama e fiquei pronta para o dia. Eu deveria ter sabido que eu ia ter que engolir isso e cuidar de mim em algum momento, e eu provavelmente teria percebido isso sozinha, mas a parte mais difícil da noite anterior era ter jogada essa verdade em meu rosto sem aviso prévio. Eu não tinha tido tempo para me preparar.

Eu repassei isso mais e mais na minha cabeça enquanto eu tomava um banho, e pelo tempo que eu estava me secando, eu sabia que Grease estava certo. O fato de que ele estava saindo era algo que eu tinha empurrado para o fundo da minha mente para que eu não tivesse que lidar com isso. Nós só tínhamos alguns dias restando antes que ele tivesse que sair, e se eu me fizesse pensar logicamente, eu sabia que eu só tinha vindo a adiar o inevitável.

Eu realmente estava por minha conta.

Era idiota depender dele para tudo.

Nós estávamos indo para uma das casas de seu amigo para um churrasco naquele dia e eu estava um pouco nervosa sobre isso. Eu não estava com medo, eu sabia que Grease não me colocaria em perigo, mas a ideia de encontrar um monte de novas pessoas que sabiam que eu estava vivendo com ele era desconcertante. Eu não queria que eles pensassem que eu estava me aproveitando dele.

A manhã passou sem intercorrências enquanto eu arrumava a casa, lavava as roupas e a louça. Eu esperava que houvesse tensão ou algo assim quando eu o acordasse, mas não houve. Era como qualquer outro dia que estávamos juntos, exceto pelo fato de que eu não me

deixei ficar perto dele por muito tempo. Eu não queria ser carente de novo, assim, na maior parte do tempo, eu fiquei fora do seu caminho.

Enquanto eu andava pelo apartamento, eu podia sentir seu olhar confuso em mim, mas ele nunca disse uma palavra, então eu apenas sorri quando fazíamos contato com os olhos. Eu esperava que ele estivesse percebendo minha mudança de comportamento. Eu queria que ele percebesse que eu não iria mais me pendurar nele. Primeiro, eu queria que ele soubesse que eu recebi a mensagem e, segundo, que eu precisava garantir que ele não iria me chutar para fora de verdade na próxima vez.

Nós estávamos nos preparando para sair pela porta quando eu percebi que não poderia encontrar meu telefone na minha bolsa. Corri de volta para o nosso quarto sem dizer uma palavra, mas eu não conseguia achar em lugar nenhum, então pedi ajuda.

— Grease, você viu meu telefone? — eu gritei, lançando o edredons e lençóis para baixo da cama no caso que tivesse caído entre eles.

Eu estava prestes a me ajoelhar no chão para verificar sob a cama quando ele entrou no quarto e o ar estava elétrico.

— Você não me chama de Grease, — ele me disse inflexivelmente, encontrando meus olhos da porta.

— O quê?

— Você não me chama de Grease. Você me chama de Asa, — ele respondeu, entrando no quarto. — Você e sua avó são as únicas pessoas nesta terra que o fazem.

Eu não tinha certeza qual era o grande negócio, então eu apenas balancei a cabeça e comecei a procurar pelo telefone novamente. Eu caí de joelhos no chão e começava a me curvar para olhar debaixo da cama quando o ouvi amaldiçoar atrás de mim e me levantar pelas minhas axilas.

Ele me jogou na cama e eu saltei uma vez antes de chegar a uma parada com seu corpo cobrindo o meu.

— Eu não acho que você está ouvindo o que estou dizendo. Você é a única que me chama pelo nome que minha mãe me deu, Callie. *A única*. Você o diz ele quando você está frustrada, e quando você acha que algo é engraçado, e quando você está gozando na minha mão.

Minha respiração ficou presa no fogo em seus olhos, e conforme ele deslocou contra mim, meu coração começou a correr.

— Você pode ficar chateada como o inferno comigo, me chamar de filho da mãe ou um imbecil. Você pode gritar comigo, falar merda, e pisotear em torno da casa. — ele acariciou minha nuca enquanto falava, e as minhas mãos levantaram involuntariamente para o seu cabelo para puxá-lo para mim.

— Mas se eu ouvir você me chamar de Grease novamente, eu vou bater na sua bunda, — ele sussurrou, agarrando uma das minhas nádegas em sua mão para forçar meus quadris nos dele.

Deus, eu estava pensando e cismando coisas na minha cabeça durante as últimas doze horas, e tudo que eu queria fazer naquele momento era me perder nele novamente. Eu queria chegar a esse lugar onde a única coisa que importava era onde seu corpo estava pressionado contra o meu. Eu fiz um barulho e inclinei a cabeça para trás para dar a ele um acesso mais fácil à minha garganta, mas ele não me deu a resposta que eu estava procurando. Em vez disso, ele plantou um de seus punhos sobre a cama e usou a outra mão para puxar seu telefone do bolso de trás. Ele o abriu e apertou um botão, nunca olhando para longe do meu rosto, e eu senti a velocidade na minha respiração até que ele começou a balançar seus quadris lentamente nos meus.

— Ei cara. Nós não vamos conseguir ir hoje, — ele rosnou no telefone, sua voz profunda e gutural. — Aconteceu uma coisa... sim, eu vou deixar você saber.

Ele fechou seu telefone com um piscar de olhos, e o ouvi bater forte contra o tapete quando ele o jogou para fora da cama, mas eu estava muito ocupada olhando para ele para ver onde ele pousou. Ele se recostou sobre os joelhos e estava empurrando minha camisa para cima do meu estômago, lambendo e me mordendo a cada polegada de pele que ele expôs. Quando eu finalmente tive o suficiente de sua provocação, me abaixei e o rompi, indo para seu colete e o empurrando para fora de seus ombros.

Eu lutei e rolei até que nossas roupas estavam espalhadas sobre a cama e meu peito arfava com esforço. Asa era um cara enorme. Eu sabia que ele me permitiu empurrá-lo ao redor da cama porque ele facilmente pesava uns quarenta quilos mais do que eu. Mas ele me deixou arranhar e morder ele, levando tudo o que eu lhe dei das minhas frustrações que derramavam de mim. Sua pele ficou vermelha em seu

peito e havia marcas de unha cobrindo suas costas onde eu o tinha arranhado enquanto ele me beijava. Eu também deixei um chupão grande em seu pescoço e uma marca de mordida em seu ombro - quase como se eu estivesse marcando meu território.

Nós terminamos no final da cama, meus pés descalços deslizando sob os nossos travesseiros, mas ele não fez nenhum movimento para nos corrigir. Ele estava muito ocupado olhando entre as minhas pernas enquanto seus dedos esfregaram e puxaram e apertaram a minha carne. Seus olhos eram tão escuros que pareciam quase pretos, e suas sobrancelhas estavam franzidas em concentração quando ele parou de repente, me levando a lamentar o meu aborrecimento.

— Qual é o meu nome? — ele me perguntou com a voz rouca, movendo os quadris para trás enquanto eu tentava alcançá-lo.

— Huh? — eu estava em um nevoeiro de excitação e não entendia por que ele estava falando, em vez de me tocar.

— Quem sou eu, Callie? — ele perguntou de novo, esfregando os dedos suavemente pela minha pele. — Como você me chama?

— Asa! — eu gritei quando seus dedos finalmente bateram no ponto onde eu precisava dele.

— É isso mesmo, querida. Diga isso de novo, — ele exigiu quando seus dedos começaram um ritmo que me fez contorcer.

— Asa. Asa. Asa, — murmurei repetidas vezes. Eu não me importava naquele momento; ele poderia ter me pedido para chama-lo de Sergei Cobra e eu provavelmente teria gritado para ele.

Até o momento que eu voltei do meu orgasmo, ele nos moveu na cama, então estávamos aninhados debaixo dos cobertores. Levei alguns minutos antes de perceber que ele não tinha gozado. Normalmente quando estávamos brincando, eu uso tanto minhas mãos ou o meu corpo para fazer isso, mas eu tinha estado tão em êxtase que eu não tinha sequer tentado. Me abaixei para o cós de suas boxers, passando minhas unhas em sua pele da maneira que eu sabia que ele gostava, mas antes que eu pudesse mergulhar minha mão lá dentro, ele agarrou meu pulso e o puxou de volta entre nossos peitos.

— Está tudo bem, Callie, — ele me disse, sonolento, — Esse era todo seu.

Fiquei ali por alguns minutos pensando sobre suas palavras quando eu finalmente decidi lhe fazer uma pergunta que estava me incomodando há dias.

— Por que você não vai fazer sexo comigo?

Ele engasgou um pouco de surpresa, e, em seguida, se ajeitando mais confortavelmente ao meu lado com o braço enrolado debaixo do travesseiro.

— Nós tivemos essa conversa, — ele me disse sem rodeios, fechando os olhos como se para acabar com ela.

— Sim, mas isso foi antes. Estamos praticamente fazendo sexo, qual é o problema? — perguntei. Sua lógica era completamente estúpida em minha opinião, e eu queria saber como ele iria tentar explicá-la.

— Callie, — ele xingou em aborrecimento, mas quando ele abriu os olhos e viu o quão séria eu estava, sua expressão mudou. — Vai acontecer. Provavelmente mais cedo do que mais tarde. Mas, porra, eu vou sair em dois dias. Você vai ter um tempo duro o suficiente comigo indo embora, vivendo a sua própria vida e ir à escola e essas merdas. Eu não vou levar tudo e, em seguida, te deixar, baby.

— Pfft! Você age como se eu estivesse pedindo para você casar comigo ou algo assim. Não aja como se você não tivesse dormisse com garotas e, em seguida, deixado elas, — eu fiz uma carranca, completamente irritada com sua explicação.

— Você e eu somos diferentes.

— O que diabos isso significa? — me levantei em um braço e tive que empurrar seu rosto para olhar para mim quando ele parecia estar encantado com o seio que estava espiando para fora dos cobertores.

— Isso significa que você está vivendo em minha casa e dormindo na minha cama. Essas outras cadelas não são relações, e eu não dou a mínima fodida do que pensam sobre isso. Eu não me importo antes de fodê-las, e eu com certeza não me importo depois.

Meu queixo caiu.

— Isso é uma coisa do caralho de dizer! — exclamei, minhas sobrancelhas praticamente tocando a minha linha do cabelo em surpresa. — Que diabos?

— Callie, não olhe para mim desse jeito, querida, — ele fez uma careta, — Aqueles garotas sabem o que significam. Nenhuma delas está à procura de um felizes para sempre, e quando estou com elas, eu as trato com respeito.

— Oh sim. Você com certeza soa respeitoso.

— Como eu disse, elas sabem desde o início que elas estão recebendo apenas uma coisa. — ele suspirou, exasperado, — Como diabos nós começamos esta conversa?

— Eu estava perguntando por que você não me fode, embora aparentemente, há uma grande *quantidade* de mulheres que você *faz*.

— Baby, eu não estou querendo mais ninguém além de você. Tudo bem? — ele disse enquanto ele se inclinava para me dar um beijo suave nos lábios. — Mas nós estamos esperando até eu voltar.

Fiquei ali em silêncio quando ele caiu no sono e pensei sobre o que ele tinha dito. Eu sabia que, logicamente, ele estava tentando cuidar de mim, manter as coisas tão fáceis quanto possível enquanto eu fazia a minha transição para viver sozinha.

Eu estava com medo do status não especificado do nosso relacionamento; ele não teria um problema em ter relações sexuais com alguém que ele *não* se preocupava.

De repente eu estava feliz ter deixado lembranças de mim por todo seu corpo.

Capítulo vinte e oito

CALLIE

Asa me deixou pela primeira vez em uma manhã de segunda-feira.

Havíamos passado o fim de semana espalhados pela casa, assistindo filmes de faroeste e debatendo sobre música. Sim, Westerns. Eu estava esperando os antiquados filmes de John Wayne, e havia poucos desses, mas ele também me apresentou a *Lonesome Dove* e *Tombstone.* Esses dois me fez ficar na ponta da cadeira, rindo e morder minhas unhas. Quanto mais tempo nós assistimos, com mais dos comentários de Asa, mais eu percebia que ele não via isso pelos homens de chapéus brancos[14] - ele se identificava com os homens de preto.

Alguns de seus amigos pararam em casa no domingo, se apresentando como Echo, Chucky e Michael. Asa parecia mais relaxado em torno deles; que era um lado dele que eu nunca tinha visto antes. Ele riu com mais frequência. Era um estrondo quieto, mas ele estava lá, e era um som bonito.

A visita deles também parecia deixá-lo respirar um suspiro de alívio. Ele estava preocupado em me deixar sozinha e eu sabia que isso estava fazendo ele ficar acordado à noite, enquanto nós dois fingíamos que estávamos dormindo. Eu não teria conhecido a extensão de sua preocupação sem testemunhar seu alívio quando ele aliviou um pouco. Ele queria ter certeza de que eu tinha pessoas cuidando de mim quando ele fosse embora e ele tinha a intenção de se certificar de que isso acontecesse.

Eles eram todos ásperos e ninguém que eu gostaria de encontrar num beco escuro, mas minha associação com Asa os faziam me tratar como se eu fosse um deles. Depois de me avaliar pelos primeiros trinta

[14] Nos filmes de faroeste, os de chapéus brancos são mocinhos e os de preto são fora da lei.

minutos da visita deles, eles relaxaram em um tipo de irmão mais velho, provocando e brincando comigo como se tivessem me conhecido há anos.

Mas nenhum deles jamais me tocou. Nem mesmo colocaram a mão no meu ombro ou passaram perto demais em seu caminho para a cozinha.

Eu quase fui feliz nos últimos dois dias e eu poderia ter vivido assim para sempre.

Mas a realidade tinha uma maneira de estender a mão e lhe apertar - um lembrete de pagar a atenção.

Eu acordei na segunda de manhã com Asa traçando os dedos sobre minhas costas, correndo até onde meus shorts de dormir descansavam em meus quadris e de volta até a minha nuca. Fiquei ali por um minuto, temendo o dia e fingindo dormir. Eu não queria que ele saísse.

Ele não me deixou assim por muito tempo, no entanto, e quando ele murmurou que ele sabia que eu estava acordada, ele inclinou a cabeça e mordeu o lado do meu pescoço. Isso imediatamente fez o meu sangue correr mais rápido nas minhas veias e eu tentei rolar para encará-lo, mas ao invés disso ele colocou seu braço em volta dos meus quadris e me puxou contra ele.

— Não quero sair dessa cama, — ele resmungou em meu pescoço, sua mão deslizando para cima do meu tronco até que ele estava segurando um seio na palma da mão. — Não quero te deixar.

Ele continuou a correr suas mãos sobre meu corpo quando eu mordi a língua para que eu não pedisse a ele para ficar. Eu tentei fazer ele vir morar comigo de forma permanente, mas a conversa não tinha terminado bem e eu não tinha tocado no assunto novamente. Ele era leal aos homens em Eugene e não podia imaginar se mudando para longe deles - e ele ficou chateado quando eu tinha mencionado isso. Além disso, eu estava tentando ser menos necessitada. Eu não queria que ele mudasse de ideia sobre mim porque eu não conseguia me recompor, então ao invés, eu escondi isso.

Eu escondi o fato de que eu queria ele perto de mim a cada segundo, eu escondi que sair de casa sozinha ainda me apavorava, e eu escondi o fato de que eu estava com medo de que no momento em que ele saísse, eu finalmente quebraria em um milhão de pedaços.

Tudo estava escondido.

Eu arqueei em suas mãos quando ele começou a moer contra mim, seu braço debaixo da minha cabeça se curvando para baixo para acariciar um seio. A outra mão escorregou debaixo dos meus shorts de dormir e eu sacudi quando ele foi diretamente para o meu clitóris, o esfregando.

— Você é minha, sim? — ele sussurrou em meu ouvido enquanto ele tocava o meu corpo. — Não vai deixar qualquer um desses meninos do ensino médio com a cara cheia de espinha entrar aqui, não é?

Ele não parecia precisar de uma resposta, porque ele apenas continuou - estacando sua reivindicação e fazendo meu corpo cantar enquanto ele sussurrava palavras tranquilizadoras e sujas no meu ouvido.

No momento em que terminamos, seu alarme já havia soado e nós não tínhamos tempo para ficar na cama como sempre fazíamos. Ele tinha que pegar a estrada, e eu tinha que ficar pronta para meu primeiro dia de escola.

Deus, eu não sabia como eu seria capaz de voltar para dentro de uma escola novamente. Eu me senti muito mais velha do que todo mundo lá, o pensamento de fofocar e bailes me fez enrolar meu lábio em desgosto. Eu sabia, porém, que se eu queria ser capaz de me sustentar eu tinha que, pelo menos, conseguir o meu diploma.

Eu desejei que eu não tivesse que começar a escola naquele dia. Eu precisava de um dia para me recompor quando ele saiu, mas eu achei que sair no dia em que começasse a escola era seu plano desde o início. Ele estava esperando que isso fosse me dar algo novo para me concentrar, uma razão específica para sair da casa em vez de chafurdar na nossa cama.

Ele ficou comigo o tempo que ele podia, mas na hora que eu estava pronta para a escola, eu poderia dizer que ele estava ansioso para ir. Saímos do apartamento em silêncio, ambos perdidos em nossos próprios pensamentos, mas eu mal tinha atingido o meu carro antes que ele estivesse em meu rosto, me beijando com força.

Minhas costas estavam contra a janela do motorista, seus quadris firmes contra os meus quando ele falou.

— Você vai ter um bom dia, querida. Conheça um monte de novas pessoas, saia da casa por um tempo, aprenda alguma merda. Eu sei

que você está nervosa, mas não há nada para você se preocupar, tudo bem? — ele me disse suavemente, esfregando o polegar sobre meu rosto.

Eu não conseguia entender por que ele estava falando comigo sobre a escola. Quem se importava com isso? Ele estava me deixando lá sozinha e eu já tinha começado a sentir falta dele quando eu olhei em seus olhos castanhos quentes. A escola era uma reflexão tardia. Um aborrecimento.

— Tenha cuidado, ok? Me ligue quando você parar. Eu tenho certeza que vou ficar entediada como merda o dia todo, — eu disse a ele com um pequeno sorriso, o melhor que eu poderia fazer, dadas as circunstâncias. Eu não queria fazê-lo pensar que eu não poderia conseguir sem ele. Eu tinha que fingir.

— Sim, eu vou mandar mensagem pra você. Duvido que eles vão deixar você atender o telefone em sala de aula. — ele se inclinou para me beijar de novo. — Eu vou te seguir para a escola e então eu vou ir. Me ligue quando chegar em casa – não sei se vou conseguir atendeu, mas eu quero saber que você chegou em casa segura.

— Entendi, — eu assegurei a ele, me endireitando e puxando para trás os meus ombros. — É melhor você ir andando ou vou me atrasar. Não é a impressão que eu quero dar no meu primeiro dia.

Ele acenou com a cabeça uma vez antes de tomar minha boca novamente em um beijo molhado e depois se afastou. Quando ele subiu em sua moto, eu tinha que cavar as unhas em minha mão esquerda para me impedir de gritar para ele que eu precisava de mais um minuto. Apenas mais um.

Em vez disso, eu disse de brincadeira: — Por que eles te chamam de Grease[15]?

— Depende de quem você está falando, — ele respondeu com um sorriso maroto, guardando alguns pertences em seus alforjes enquanto eu o observava. — Meu pai achou que era engraçado me chamar assim quando eu era criança porque eu estava tão preocupado em ficar limpo. No minuto que eu acabava de fazer algo eu tinha que lavar minhas mãos. Não importava o que eu estava fazendo.

Eu sorri largamente para ele, o imaginando como uma criança detalhista.

[15] Grease é graxa, óleo...

— Poeta m chama de Grease por um motivo diferente. — ele terminou afivelando as malas e olhou para mim, observando os jeans e suéter que eu estava vestindo. — Disse que não podia descobrir como eu estava pegando garotas tão fácil – só podia ser que alguém tinha passado mel em mim.

— O que significa isso? — perguntei, intrigada.

Ele riu um pouco quando ele subiu em sua moto.

— Que eu não tinha que fazer nada, apenas aparecer.

Eu ainda não entendi. E, de repente, sim, e eu desejei que eu tivesse algo que eu pudesse jogar em seu traseiro arrogante. Eu fiz uma careta para ele antes de virar e entrar no carro, ouvindo sua gargalhada, mesmo depois de eu ter batido minha porta.

Ele me seguiu todo o caminho até o estacionamento da nova escola, mas ele não parou. Nós dois sabíamos que se nós tivemos que dizer adeus novamente, eu nunca seria capaz de me fazer entrar no edifício de tijolo feio. Eu vi quando ele acenou com a mão para mim antes de decolar, e eu saí rapidamente do meu carro antes que eu começasse a chorar.

A escola era muito tranquila e eu não tive problemas para encontrar minhas aulas, mas pela primeira vez na minha vida, ninguém falou comigo. Eu não tinha sido a garota mais popular da minha antiga escola, mas eu tinha um sólido grupo de amigos e eu sempre fazia amigos novos facilmente. Era diferente na nova escola, no entanto. As pessoas mal mesmo olhavam para mim e passavam correndo.

Não foi até que eu terminei duas classes e fui me sentar no almoço que eu tinha qualquer interação em tudo.

— Ei, garota nova! — uma menina bonita loira me chamou, colocando a bolsa junta à minha no chão e tomando um assento ao meu lado. Ela era uma das meninas mais bonitas que eu já vi, e eu queria virar e olhar atrás de mim para me certificar de que ela estava falando comigo, mas não o fiz. Seu cabelo estava amarrado para trás em um rabo de cavalo, ela tinha um piercing acima do lábio do lado direito como uma marca de beleza, e ela estava usando a maquiagem mais perfeita - incluindo batom vermelho brilhante - que eu tinha visto em qualquer um. Eu acho que posso ter babado um pouco.

Eu não tenho certeza se eu disse olá, ou apenas fiquei olhando para ela, mas ela sorriu verdadeiramente para mim e eu me encontrei sorrindo de volta.

— Então, aqui está o negócio, — ela me disse quando ela colocou o cotovelo na mesa e apoiou o queixo sobre ele. — Todo mundo viu você e seu acompanhante esta manhã - ele é gostoso pra caralho, a propósito - e todos por aqui tentam manter distância de merdas assim. É mais fácil se eles simplesmente fingirem que os Aces não existem, sabe o que eu quero dizer?

Eu estava balançando a cabeça estupidamente enquanto ela falava, tentando envolver minha mente em torno do fato de que as pessoas estavam realmente com medo de Asa, então eu quase não peguei o que ela disse em seguida.

— para que possamos sair, se você quiser.

— O quê? Desculpe, eu não ouvi você, — eu disse a ela, me sentindo como uma idiota.

— Cara. Estou sentada na sua frente e você está me vendo falar. Preste atenção, — ela me disse séria. — Minha mãe está fodendo um dos Aces, então eu sei como você se sente. As pessoas mal falam comigo por aqui e eu cresci com eles. Eles me conhecem há anos. Entende? Então, se você quiser andar comigo – a oferta está aberta.

Eu estava tentando processar o fato de que Asa era assustador e sua mãe estava trepando com um dos caras com quem ele trabalhava, então eu não disse nada de volta. Quando ela finalmente deixou escapar um suspiro como se ela estivesse irritada e começou a se levantar, eu agarrei seu braço para detê-la.

— Eu definitivamente poderia ter uma amiga neste lugar, — eu respondi a ela com tristeza.

— Ótimo! Podemos ter festas de pijama, e pintar as unhas uma da outra e fazer o cabelo uma da outra... — ela me disse com ar sonhador, seus olhos desfocados enquanto ela pensava sobre isso.

Por um segundo eu olhei para ela em horror, perguntando o que diabos eu tinha feito.

— Ha! Estou zoando com você! — ela riu com o pânico em meu rosto. — Nós vamos fumar maconha e assistir 'Dazed and Confused' e

você pode me contar tudo sobre o cara quente que te seguiu para a escola hoje.

E foi assim que eu conheci Farrah.

Capítulo vinte e nove

CALLIE

A primeira noite sem ele foi o mais difícil, e o fato de que ele estava ocupado como o inferno não ajudou muito. Deitei na cama naquela noite, ouvindo cada rangido e baque nos apartamentos ao nosso redor e tentei não rastejar para dentro do armário para que eu pudesse obter algum alívio do meu coração disparado.

Eu gostaria de dizer que a noite seguinte foi mais fácil, mas não foi.

A terceira e quarta noites não foram melhores.

Mas na quinta a noite, algo finalmente clicou - ou meu corpo estava cansado demais para ficar acordado por mais tempo, porque quando eu cheguei em casa da escola, eu adormeci no sofá. Eu não acordei até a luz solar bater no meu rosto através da pequena janela na cozinha.

Eu pulei do sofá e corri para o banheiro. Dormir por 16 horas não era brincadeira quando se tratava de assuntos de funções corporais. Eu nem sequer pensei sobre o fato de que eu tinha ficado no silêncio durante todo esse tempo até que eu peguei meu telefone e meu coração afundou no meu peito.

Eu tinha quarenta e sete chamadas não atendidas e cento e quatro mensagens de texto. Todos eles de Asa e Vovó.

Liguei para Asa primeiro.

— Você está bem, querida? Onde você está? — ele gritou ao telefone. Puxei ele para longe do meu rosto para que não fosse estourar meus tímpanos, e quando eu ouvi ele se acalmar um pouco, eu comecei a falar.

— Eu sinto muito! — eu disse a ele ansiosamente, — Adormeci depois da escola e eu acabei de acordar!

— O que quer dizer com você caiu no sono depois da escola? É sábado. — ele disse, sua voz um estrondo sinistro que fez os cabelos na parte de trás do meu pescoço formigar.

— Eu sei que é sábado, eu não sou estúpida. Adormeci ontem depois da escola e não acordei até hoje, — eu respondi, enunciando cada palavra.

— Você está mentindo para mim agora? Que porra é essa, Callie? Isso são 34 horas de sono.

— Não é não. É dezesseis e eu não estou mentindo, — eu rebati. Eu estava começando a ficar um pouco irritada a esse ponto. Eu sabia que ele estava preocupado, então eu o deixaria expelir um pouco de comportamento irritado, mas eu não podia acreditar que ele estava me acusando de mentir.

— Por que diabos você precisa dormir por 16 horas? — ele zombou de volta, como se eu estivesse sendo completamente ridícula.

— Porque eu não durmo desde que você saiu, seu idiota!

Minha mão voou para a minha boca com a confissão, e eu me repreendi silenciosamente quando eu percebi o que eu tinha feito. Eu tinha banco a namorada feliz e sortuda ao telefone naquela semana, e todas as mentiras e as garantias que eu tinha dado a ele foram aniquiladas em um instante.

— Aw, querida. Lamento que você não esteja dormindo, — ele sussurrou baixinho, sua má atitude completamente desaparecida. — Por que isso? Você está assustada ou você está tendo dificuldade em desligar seu cérebro?

— Um pouco de ambos, eu acho, — eu confessei, — mas está ficando melhor.

— Merda, Callie, eu queria poder estar aí, — ele se queixou. — Eu tenho que fazer algumas coisas nas próximas duas semanas, mas eu posso ser capaz de ir por dois dias na semana seguinte.

— Ok, isso é bom! — exclamei, e a emoção na minha voz o fez rir baixinho. — Ei, é melhor eu desligar e ligar pra Vovó. Ela esteve ligando pro meu celular toda a noite.

— Sim, eu aposto. Liguei para ela na noite passada, — ele disse e então eu o ouvi suspirar, — Eu estava quase subindo na minha moto e ir procurar por você.

— Bem, — eu bufei em aborrecimento simulado. — Eu deveria ter dormido por mais uma hora.

— Não é engraçado, Calliope. Eu te ligo mais tarde, certo?

Nós nos despedimos quando o ruído de fundo em seu telefone ficou mais alto, e uma vez que ele desligou, eu me perguntava o que ele estava fazendo. Parecia que ele estava cercado por pessoas, mas eu não estava confiante o suficiente para perguntar sobre isso. Eu não queria que ele pensasse que eu estava verificando ele ou sobre algo ridículo.

Meu telefonema para Vovó soou estranhamente semelhante ao de Asa, mas, felizmente, Vovó disse que ela iria vir ver minha casa no final da semana depois que ela levasse Cody no aeroporto. Me encheu de alívio saber que ela estava vindo me ver, mas também fez o meu estômago cair por saber que Cody estava voltando e o que isso significava.

O legista tinha finalmente terminado com os corpos dos meus pais e eles iriam ter o seu funeral.

Por um lado, eu estava feliz que eles não estavam mais sendo picados e cutucados em algum laboratório estéril, mas, por outro, foi angustiante saber que o tempo deles estava finalmente chegando ao fim. Logo eles estariam enterrados no chão, e eu lutei com o fato de que eu não estaria lá para me despedir.

Eu nunca tinha chegado a dizer adeus.

Também fez o meu estômago revirar quando eu pensei da maneira que eu estava tão focada em Asa e minha nova vida. Eu tinha empurrado a morte horrível dos meus pais para a parte de trás da minha mente para que eu pudesse apenas passar pelo dia a dia, e eu me agarrei a novos problemas a fim de esconder os antigos. Devido a isso, eu estava projetando toda a minha angústia sobre coisas que não eram impossíveis de mudar. Eu nunca poderia ter os meus pais de volta - mas eu poderia mudar a situação com Asa, mesmo recusando a fazer.

Saber que as coisas que eu estava chateada poderiam mudar se eu quisesse me deu uma sensação de controle - controle que eu tinha perdido quando eu tomei aquela bebida na festa. Se eu apenas tivesse mantido minha mente sobre assuntos que eram facilmente corrigíveis, eu poderia fechar a porta sobre as coisas que eu sabia que nunca poderia ser corrigidas.

Sentir falta do meu namorado e escolher isso como um foco sólido, me fez sentir normal em uma vida que era muito longe disso.

Então é isso que eu fiz.

Me levantei naquele dia, fiz a minha roupa e tomei um banho. Eu comecei a viver uma vida que eu nunca tinha imaginado e fingi não saber que os meus pais estavam sendo enterrados apenas três dias depois.

Em vez disso, eu pensei sobre Asa, o que ele estava fazendo, e por que havia tantas pessoas com ele quando eu tinha falado com ele ao telefone.

Não foi até que eu estava na cama naquela noite, deitada na calma, que eu pensei sobre meus pais e quanto eu sentia falta deles. Então, uma vez que eu tinha puxado os cobertores para cima e sobre a minha cabeça, eu deixei as lágrimas e soluços angustiantes me envolverem.

Desculpa era uma pequena palavra para tanta emoção.

Capítulo trinta

CALLIE

Eu acordei ontem de manhã com uma sensação de pavor.

Santo Deus, meus pais estavam sendo enterrados naquele dia e eu não estava lá. Eu me perguntei se eles sabiam o que estava acontecendo, se eles entenderiam por que eu não estava lá para Cody e Vovó. Eu tinha uma sensação de que eles estariam aliviados que eu estava fora de perigo, mesmo não estando muito satisfeitos com os meus arranjos de vida. Eu me enrolei ainda mais em meus cobertores e deixei as lágrimas correrem tranquilamente sobre a ponte do meu nariz e no cabelo em minhas têmporas. Eu sentia falta deles - até mesmo sua superproteção que tinha me atormentado por tanto tempo quanto eu conseguia me lembrar.

Eu não me mexi quando o alarme disparou ao lado da minha cama, deixando o bip continuar e continuar até que ele finalmente se acalmou. Eu não tinha certeza de que horas eram, mas isso realmente não importava de qualquer maneira - eu não iria sair da cama. Se o dia do funeral dos meus pais não fosse motivo de um dia de folga, eu não tinha certeza do que era. Em vez disso, cheguei debaixo do meu travesseiro para o meu telefone celular e enviei um texto rápido para Farrah.

Não vou para a escola hoje

Pq?

Passando mal

Mentira! Te vi ontem.

Mando msg mais tarde

WTF?

Eu tentei voltar a dormir, na esperança de que isso iria fazer o dia passar rapidamente, mas trinta minutos depois houve uma batida na minha porta da frente. Meu coração disparou e meu corpo inteiro congelou. Eu não conseguia pensar em qualquer razão para alguém estar à minha porta. Apenas os amigos de Asa sabiam onde eu morava e eu não tinha visto eles desde que ele foi embora.

Eu abri meu telefone em silêncio para ligar para Asa quando ouvi uma voz familiar gritando.

— Eu sei que você está aí! — Toc. Toc. Toc. — Abra, Callie! É melhor eu ver vômito!

Os gritos e batidas de Farrah continuaram enquanto eu tropeçava meu caminho para a sala de estar. Eu não tinha certeza de como ela descobriu onde eu morava, mas eu queria abraçá-la para aparecer.

Eu abri a porta, quase levando um murro na cara quando eu peguei ela a meados de uma batida.

— Porra, garota. Você parece uma merda, — ela me disse quando ela abriu caminho para dentro. — Mas você não está *doente.*

Eu fechei a porta atrás dela, lançando as duas trancas que eu tinha implorado Asa para instalar antes que ele fosse embora. Eu nunca mais seria pega de surpresa por alguém vindo em minha casa.

— Então, como vai? Esse Ace gostoso te deixou? — ela me perguntou, se jogando sobre o sofá.

Eu ri um pouco em seu palpite; mal sabia ela que ela estava sentada nas coisas dele.

— Não, ele está bem. Ainda no Oregon, no entanto, — eu respondi, entrando na cozinha para preparar um café. Se eu iria ficar acordada, eu precisava de um impulso.

— Bem, qual negócio? Você se parece com alguém chutou o seu cão, — ela perguntou em um tom exasperado, me seguindo e tomando um assento em uma das nossas banquetas.

— Funeral dos meus pais é hoje, — eu respondi calmamente, decidindo apenas rasgar o band-aid metafórico. Se ela iria ficar, ela teria que saber eventualmente. Eu não acho que eu seria capaz de me manter sã por muito tempo.

Ela ficou em silêncio atrás de mim, e eu dei a ela um minuto para deixar a notícia afundar antes de se virar para encará-la. Até o momento que eu estava olhando para ela novamente, ela limpou a surpresa de seu rosto e estava olhando para mim com os olhos simpáticos.

— Uma gangue em San Diego invadiu nossa casa e atirou neles enquanto eu me escondi no armário, — expliquei, não tenho certeza onde a diarreia verbal estava vindo, mas sentindo uma imensa sensação de alívio de simplesmente dizer as palavras em voz alta. Eu não estava mantendo em segredo, mas parecia como um.

— Pera. Aguente firme, — ela me disse seriamente, e eu não pude evitar o bufo que saiu do meu nariz. Aguente firme? Deus, ela era tão calma.

Eu acho que é por isso que eu a tinha escolhido para contar. Ela tinha visto tudo muito bonito enquanto vivia com sua mãe.

Passamos o dia assistindo filmes e comendo tudo em casa. Os filmes não mantiveram minha mente fora do que estava acontecendo, mas a maconha que ela trouxe com ela fez um trabalho muito admirável. Por mútuo acordo, nós não discutimos a minha situação com Asa. Ela tinha que ter estado muito curiosa, mas ela não perguntou. Eu acho que ela estava acostumada a não ser capaz de fazer perguntas sobre as coisas - viver ocasionalmente com seu padrasto, Ace, fazia isso, tinha quase certeza disso.

No entanto, na parte da tarde, eu estava morrendo de vontade de discutir coisas com ela. Eu queria saber sua opinião sobre tudo - meu relacionamento, o arranjo de vida estranho, e o trabalho de Asa.

— Então, ele apenas... reivindicou você e, em seguida, trouxe o seu traseiro pra cá? — ela perguntou preguiçosamente, rolando a cabeça contra o encosto do sofá até que ela estava olhando para mim.

— Aham. Simples assim, — eu respondi, tentando e não conseguindo estalar os dedos em ênfase.

— Sim, que doideira. — ela balançou a cabeça lentamente.

— O que é *que isso* quer dizer? — engoli em seco, ofendida.

— Não é sobre você, idiota. — ela agitou as mãos na frente dela. — Ele nunca deveria ter te deixado lá em primeiro lugar. Ele deveria ter tido certeza de que estava segura primeiro.

— Bem... — diz uma pausa, pensando em suas palavras e, em seguida, respondendo fortemente, — Ele não poderia saber o que iria acontecer.

Ela me olhou de perto por alguns segundos e, em seguida, virou o rosto de volta em direção a TV.

— Certo. Você está certa, — ela declarou, dando play no filme.

— Você acha que é estranho, eu viver aqui e ele vir visitar de vez em quando - mesmo que ele pagando por tudo? — eu perguntei, puxando sua atenção de volta para mim.

— Eu não sei. Quer dizer, a gente só vê Gator de vez em quando... mas ele tem uma esposa, — ela respondeu distraidamente, sem perceber que cada palavra que ela dizia era como um tapa na cara.

Eu levei um minuto para controlar minha expressão facial, brincando com o cobertor que eu tinha arrastado para fora da minha cama para me enrolar. Eu não queria que ela visse que eu me sentia como uma merda por seus comentários. Será que Asa tem uma esposa? Ele parecia muito jovem pra isso, mas ele poderia facilmente ter uma namorada em Eugene. Ou... uma old lady. Isso é o que os caras tinham chamado suas companheiras quando visitaram.

Não tinha como não me tornar emocional sem fazer parecer que eu achava que a mãe de Farrah era uma vagabunda, então eu pensei em outras coisas.

— O namorado de sua mãe tem esse nome, Gator? — eu perguntei a ela, com uma pequena risada.

— Sim, o quão estúpido essa porra é?

Algumas horas mais tarde, ela teve que sair para levar o carro para casa, assim sua mãe poderia dirigir para o trabalho. Eu não tinha certeza do que sua mãe fazia para viver, mas eu a vi uma vez antes e eu não teria ficado surpresa se ela era uma stripper. O fato de que Farrah ficava em casa sozinha na maioria das noites me fez sentir ainda mais ligada a ela. Éramos duas adolescentes que tiveram que bancar de adultas a cada dia quando saíamos da escola, e sabendo que ela estava vivendo uma vida semelhante me fez me sentir menos sozinha.

Eu arrumei a casa e fiz uma pizza congelada enquanto eu esperava e temia meus telefonemas noturnos. Vovó ligava toda noite, me verificando, mas naquela noite eu estava em frangalhos a espera do meu telefone tocar.

Pela primeira vez desde que eu me mudei, eu não queria falar com ela.

Quando ela finalmente ligou, meu telefone me assustou pela vibração no balcão da cozinha. Fui até lá para verificar o identificador de chamadas, mas nem sequer olhei. Eu estava com medo de que se eu olhasse, eu não seria capaz de me impedir de atender. Se tivesse sido qualquer outra noite, eu teria saboreado o telefonema. Mas, eu sabia que se eu pegasse o telefone, eu seria capaz de ouvir a tristeza em sua voz e eu não acho que eu poderia lidar com isso. Então, eu apenas fiquei ali, olhando para ele até que ele parou de vibrar, nem mesmo verificando o correio de voz que ela tinha deixado.

Quando me aprontei para a cama, levei meu celular. Eu estava pensando em evitar a ligação de Asa, também, mas estranhamente eu não queria isso. Eu estava muito crua e eu estava imaginando ele em Oregon com uma outra família inteira, minha imaginação correndo selvagem. Eu não acho que eu seria capaz de falar com ele, embora eu queria ouvir sua voz tanto como a de minha Vó.

Não foi até que eu estava na cama, rodeada pelo conforto dos meus cobertores, que tive a coragem de ouvir a voz de Vovó.

Ei, menina. Tenho certeza de que você está passando por um inferno de dia... mas me mande mensagem e me deixe saber que está tudo bem. Ok? Eu não consigo entender este maldito telefone e te mandar mensagem, mas eu vou ser capaz de ver se você me enviar uma. Se você não fizer isso, eu vou ficar preocupada... eu deixei o seu irmão no aeroporto esta tarde e ele parecia bem - mas você pode querer ligar para ele de manhã. Ele está sentindo sua falta como um louco... Ok, bem, eu vou para aí amanhã. Eu vou sair bem cedo, no início da manhã - então eu devo estar aí na hora do jantar. Eu amo você, Callie Rose.

Eu a ouvi a mensagem de voz duas vezes antes de puxar o telefone para longe do meu rosto e enviar mensagens de texto a ela, dizendo que eu a amava. Parecia anos desde que eu a tinha visto, e eu mal podia esperar por ela para chegar aqui no dia seguinte. Eu até riu um pouco em suas queixas sobre não ser capaz de mexer no seu telefone celular.

Fiquei acordada à noite, ouvindo os sons dos apartamentos ao meu redor e eu me senti mais calma do que eu tinha em dias. Eu tinha passado com sucesso por um dos dias mais difíceis da minha vida.

Mas quando eu finalmente cai no sono, meu coração doeu.

E Asa nunca ligou.

Capítulo trinta e um

CALLIE

Vovó chegou meia hora depois que eu cheguei em casa da escola. Eu mal tinha colocado minha mochila e recheado minha roupa suja no meu armário do quarto antes que ela estava batendo. Eu praticamente corri até a porta da frente e abri rapidamente depois que eu destravei as fechaduras.

Ela nem sequer esperou que eu abrisse a porta completamente antes de estar em seus braços.

— Ei, garotinha, — ela sussurrou no lado da minha cabeça, me dando um beijo antes dela me empurrar para que ela pudesse me olhar por cima.

— Bem, você não morreu de fome, — ela comentou quando ela empurrou a bolsa maior de seu ombro. — Mas você parece mais magra.

— Isso é o que acontece quando você não come alimentos fritos todas as noites, — eu brinquei antes de parar.

— Ei, nada disso, — disse ela com força enquanto ela me cutucava nas costelas e passava por mim. — Não precisa ter cuidado de tudo que você diz, baby. As coisas são diferentes para você agora, não adianta fingir o contrário.

Fechei a porta e a tranquei antes de seguir Vovó para onde ela estava de pé no meio da cozinha.

— O quê? — eu perguntei nervosamente. Ela ficou ali de pé, com os olhos lançando do piso para os armários acima da pia.

— Você limpou desde que você se mudou? — ela perguntou quando ela deixou cair sua bolsa sobre o balcão.

— Sim, — eu olhei ao redor em confusão, — Eu arrumei antes de eu ir para a cama à noite.

— Callie, você realmente tem que *lavar* as coisas, — ela me disse, exasperada quando ela ligou a água na pia, puxando a pequena coisa de metal e alcançando com os dedos para limpar o ralo.

— Eu *lavo* as coisas! — eu disse, envergonhada.

— Sua mãe não fez nenhum favor em te seguir por aí e limpar seus bagunças, — ela murmurou, sacudindo a cabeça.

Minhas costas endireitaram pelo seu comentário e meu estômago começou a se agitar.

— Não fale mal de minha mãe, — eu rosnei para ela, fazendo com que sua cabeça chicoteasse em direção a mim.

— Eu não estou falando mal de ninguém, — respondeu ela, as sobrancelhas levantadas. — Eu amava sua mãe, Callie. Não fale comigo como se eu jamais tivesse dito uma palavra contra ela.

— Você nem sequer *falava* com ela! Você nem mesmo ia à nossa *casa!* — eu praticamente gritei de volta para ela, minhas mãos tremendo. Eu não sabia de onde isso veio, mas eu não conseguia parar as palavras de vomitarem da minha boca. — Ela não era bem-vinda em *sua* casa! Papai tinha que te visitar sozinha!

Ela levantou a mão como se quisesse me bater, mas a deixou cair de volta para baixo ao seu lado quanto ela deu um passo para longe de mim. Nós duas estávamos tremendo até então, minhas palavras terríveis penduradas como uma nuvem escura sobre nossas cabeças.

— Eu amava sua mãe, Calliope. Como se ela fosse minha própria filha, — ela me disse em voz baixa, suas palavras grossas de lágrimas. — Quando seu pai a trouxe para casa, eu não poderia deixar de amá-la.

Ela fungou baixinho e começou a brincar com a pia novamente quando eu me inclinei pesadamente contra o balcão.

— Ela me disse que meus rapazes mereciam o que tiveram, — ela sussurrou, nunca olhando para longe do fundo da pia. — Eu sabia que ela estava sofrendo. Todos nós estávamos. Mas eu não conseguia olhar para ela depois disso. Toda vez que eu a via, isso é o que eu pensava. Aquelas palavras horríveis que ela disse para mim depois do funeral

Ela ficou em silêncio por mais alguns instantes antes de dizer algo tão baixo que eu tive que me esforçar para ouvi-la. — Eu amava

sua mãe, e eu me recusei a vê-la durante anos. Essa é a minha cruz para carregar.

Minha raiva fugiu em uma nuvem de fumaça e remorso tomou imediatamente o seu lugar. Eu andei por trás dela, passei meus braços em torno de sua cintura e descansei o queixo levemente em seu ombro.

— O que quer dizer quando papai a trouxe para casa? — perguntei, dando a ela um pequeno aperto e fazendo aliviar o clima. — Vocês viviam juntos? Uma grande família feliz?

Eu estava brincando, então, quando ela balançou a cabeça, eu estava atordoada.

— O quê? Por quê? — eu perguntei, minha voz alta, surpresa.

— Bem, ela era jovem. Apenas dezoito anos quando o seu pai a encontrou-

— *A encontrou?* — eu guinchei, minha voz ficando ainda mais alta.

— Ugh. Se sente, Callie, antes de se machucar, — disse ela, exasperada, todos os traços de nossa briga ausente de seu tom. Ela me empurrou em direção a um dos bancos e bateu uma toalha molhada em cima do balcão, balançando a cabeça para ela como se me dissesse para eu limpar.

Quando eu comecei a limpar o suco desidratado e o que parecia ser chips do balcão, ela me contou a história dos meus pais.

— Seu pai foi... eh, cerca de vinte e três anos quando ele a trouxe para casa. A coitadinha estava cheia de hematomas, e seu pai não estava muito melhor. — ela balançou a cabeça com a lembrança. — Eu os limpei e coloquei a sua mãe para a cama. Eu nunca vou esquecer o olhar no rosto de seu pai quando ele me informou fortemente que ela iria ficar comigo. Ele não tinha o seu próprio lugar naquela época, mas ele raramente ficava em casa, qualquer um deles.

Ela fez uma pausa para procurar a vassoura, em seguida, uma vez que ela começou a varrer, continuou com a história.

— Bem, eu não estava entendendo nada disso! — ela riu baixinho em sua garganta. — Fiz seu pai explicar tanto quanto ele estava disposto - o que não era muito. Mas do que eu consegui tirar dele era que sua mãe era de uma pequena cidade no México. Ela era muito inteligente, de modo que seus pais estavam esperando mandá-la para

um colégio até aqui nos Estados Unidos, você sabe, dar a ela mais oportunidades do que ela teria em casa.

— Então, meu pai a conheceu enquanto ela estava na faculdade? — eu perguntei a ela, ficando impaciente pela maneira lenta que ela me dava os fatos.

— Pare de me interromper, se você quer que eu termine! — ela advertiu, quando ela levantou a vassoura do chão e golpeou minhas pernas com ela do outro lado da sala.

— Ok, tudo bem! — eu ri de volta, puxando minhas pernas para cima na minha frente.

— Bem, seus pais fizeram um acordo com alguns meninos daqui de cima, prometendo que iria levá-la para uma escola e outras coisas. — ela olhou para mim, dando um pequeno aceno de cabeça. — Eles não fizeram. Os irmãos Jimenez-

— Jimenez! — eu engasguei, deixando cair a toalha no chão.

— Sim, eles mesmos. Pegue esse pano e pegue um novo. Este piso é nojento, — ela ordenou, escovando a sujeira em uma pá que eu nem sabia que eu tinha.

— De qualquer forma, eles a trouxeram até aqui, não tinha planos de ajudá-la a fazer nada, e é aí que o seu pai entrou. Ele deu uma olhada nessa menina e tinha que tê-la. Eu não tenho certeza do que aconteceu, mas seus tios o apoiaram e ele a levou para casa com ele.

— Por que ele não a mandou para casa? — perguntei, fascinada por esta história que eu nunca tinha ouvido antes.

— Não foi possível a enviar para sua casa - ela estaria de volta onde ela começou, — ela me disse sem constrangimento, como se fosse uma coisa simples de entender.

Terminei o contador, que foi praticamente impecável nesse ponto, e começou a lavar na frente dos meus armários em voz baixa. Eu precisava de alguns minutos para processar a nova informação que eu tinha recebido. Eu nunca perguntei aos meus pais como eles se conheceram, não parecia importante, mas de repente eu desejei que eu tivesse feito isso.

— É a história se repetindo, — murmurei para mim mesma.

— O quê? — Vovó disse do canto da cozinha, onde ela começou a esfregar o chão.

— É a história se repetindo, — eu disse de novo, minha voz transportando do outro lado da cozinha.

— Bem, eu não diria que está se *repetindo,* mas parece bastante semelhante, — ela respondeu distraidamente enquanto esfregava uma mancha teimosa no chão.

— É por isso que você me deixou me mudar com Asa? — eu perguntei quando me levantei, esticando minhas costas.

— Seu Asa olha para você do mesmo jeito que meu menino olhava para sua mãe, — ela me disse seriamente, fazendo uma pausa para me olhar diretamente nos olhos. — E o seu pai nunca deixaria nada acontecer com sua mãe se ele pudesse deter.

Minha garganta queimou com lágrimas que me recusei a deixar cair, mas em vez de reconhecer suas palavras, me abaixei e comecei a limpar a frente do forno.

Mais tarde, eu a segui ao redor da casa, ajudando-a limpar e queimando em constrangimento quando ela abriu o meu armário cheio de roupa suja e me deu um olhar igualmente sujo antes de escavar em seus braços.

— Isto é vergonhoso, Callie! — ela me disse com uma fungada de nojo, deixando cair a roupa no meio do chão do meu quarto.

— Eu estava com pressa! — eu reclamei de volta.

— Eu vou te fazer uma lista, — ela bufou enquanto ela tirava os lençóis da minha cama. — As coisas que você tem que fazer todos os dias, as coisas que você precisa fazer duas vezes por semana, e as coisas que você pode conviver fazendo apenas uma vez por semana. Você segue a minha lista e você não terá que viver em um baixeiro.

— Não é um baixeiro! — argumentei, minhas mãos em meus quadris enquanto eu a observava lutar com meu edredom.

— É um baixeiro.

Eu ajudei Vovó refazer minha cama antes de irmos jantar com ela resmungos que ela estava muito cansada para cozinhar. Eu me senti como uma merda por ela tinha dirigido durante todo o dia e, em

seguida, limpar a minha casa durante toda a tarde, mas eu também sabia que ela adorava isso. Ela vivia para cuidar de seus filhos, e de uma maneira estranha, eu acho que a minha vida em um baixeiro me fez me sentir validada. Eu *realmente* preciso dela - pelo menos para me ajudar a limpar minha merda.

Depois de me enrolar na cama naquela noite, em lençóis frescos, conversamos por horas sobre tudo e nada. Adormeci enquanto ela corria os dedos pelo meu cabelo e falava sobre o mais recente drama no parque de trailers. Eu não tive pesadelos em toda aquela noite.

A visita de Vovó acabou antes de eu perceber, e eu tive que dizer adeus mais uma vez. Ela foi capaz de ficar comigo durante nove dias, e eu tinha estado feliz de tê-la lá quando eu chegava em casa da escola a cada dia. Ela trouxe sacos cheios com minhas roupas, quatro fatias de pão de banana recém-assado e uma caixa inteira cheia de doces caseiros e frutas enlatadas com ela. Era tipo o céu com tudo isso à minha disposição.

Mas a melhor parte de tê-la lá era... ela. Ela me fez sentir como uma criança novamente, e eu suguei isso como uma esponja.

Enquanto estávamos tendo a nossa visita, Asa ligou apenas duas vezes. Ele nem sequer pareceu notar que algo estava fora - mas ele ainda me disse que ia me deixar com Vovó 'sem interrupções'. Eu não tinha certeza se ele estava sendo atencioso, ou se ele estava grato que ele não tinha que ficar de babá à distância. Eu fui capaz de ignorar a sensação incômoda no meu intestino que algo estava errado enquanto Vovó estava lá, mas parecia como se no minuto que ela partiu para San Diego, eu fui atingida com uma força enorme de ansiedade.

Por que ele não estava ligando?

Capítulo trinta e dois

GREASE

Quando deixei Callie em Sacramento, eu estava ansioso pra caralho para fugir com ela. Eu queria que ela dependesse de mim, e eu amei o fato de que ela me olhava como se ela precisasse de mim... mas a realidade disso foi um pouco mais do que eu poderia suportar. Parte de mim queria ficar com ela e cuidar dela, e a outra parte de mim queria apenas voltar para onde meu mundo fazia sentido.

Até o momento que eu tinha estacionado no clube, eu estava fodidamente acabado. Eu mal disse olá para os meninos antes de bater no meu quarto e me jogar em cima da cama. Eu não queria levantar por pelo *menos* 24 horas.

No dia seguinte, Slider me chamou em seu escritório para obter um resumo sobre o absurdo em San Diego, e eu tive que esperar por seu falatório delirante antes que eu pudesse tentar explicar. Eu sabia que Poet já tinha chamado ele, e ele estava apenas tentando fazer um ponto, mas eu ainda o acompanhei ao longo de todo o episódio. Eu pensei que sua cabeça ia explodir quando eu dissesse a ele sobre Jose tentando nos foder e quando eu descrevi os meninos Jimenez aparecendo em Rose, eu vi uma veia na têmpora latejar acima de sua mandíbula apertada. Ele estava chateado.

O resto da semana estava bem monótono até Callie manter silêncio na sexta-feira à noite. Desde que eu cheguei ao clube na segunda-feira, eu estava dando a ela uma chamada a cada noite e fazendo qualquer merda que eu queria no resto do tempo. Eu não estava indo em qualquer corrida e a oficina mecânica que nós tínhamos como um negócio legítimo estava bastante morto, então eu não tinha um monte de trabalho a fazer.

Eu estava curtindo minha liberdade, apenas pensando sobre Callie em tudo, quando eu liguei para seu telefone na sexta à noite e ela não atendeu. Havia uma tonelada de pessoas na sede do clube naquela

noite, então eu me distraí por um tempo, esperando que ela retornasse, mas cerca de uma hora mais tarde, eu percebi que ainda não tinha falado com ela.

Passei o resto da noite passeando pelo meu quarto como um idiota, ficando mais e mais furioso que ela não tinha atendido ao telefone ou me ligado de volta. Era como se assim que eu não conseguia falar com ela, eu senti falta dela como um inferno em chamas.

Em um ponto eu até chamei os meninos de Sac para ir até a casa dela e se certificar de que seu carro estava lá. Sabendo que ele estava não pareceu fazer a diferença, porque meus alforjes[16] foram embalados e prontos antes de Slider me puxar de lado e me dizer para parar com essa porra.

Eles estavam me observando toda a noite, e eles estavam todos rindo do que eles chamaram de minha 'histeria'. *Idiotas do caralho.* Eu sabia que, se fosse Vera que não estava atendendo ao telefone, Slider estaria subindo pelas paredes ou já a meio caminho de Sacramento até então.

Quando eu finalmente consegui falar com ela, eu estava chateado como o inferno. Se eu tivesse estado no mesmo quarto que ela, eu não sei o que eu teria feito.

Ela me acalmou com a doce voz dela, mas quando ela me disse que estava tendo problemas para dormir, minha raiva desapareceu. Eu queria tornar isso melhor para ela, mas eu não tinha certeza de como. Ela não estava disposta a se mudar para onde eu estava, e eu tenho certeza como a merda que eu não ia para a facção de Sacramento e deixando todos os meus irmãos para trás.

Nossas opções foram praticamente inexistentes por causa de sua teimosia, e quando eu desliguei o telefone, minha frustração sobre estar longe dela -se transformou em estar frustrado *com* ela.

Assim, mesmo eu sabendo que era um movimento idiota, eu me distanciei.

Eu não liguei tantas vezes como eu fazia antes.

Eu ignorei a voz no fundo da minha cabeça me dizendo que eu sentia falta dela e ela com certeza estava sentindo minha falta.

[16] Aquelas bolsas que eles colocam na traseira da moto.

Na segunda-feira, depois que eu conversei com ela, eu me ofereci para uma corrida.

Eu esqueci completamente de ligar para ela no dia do funeral de seus pais - o que me fez sentir como um completo idiota e me distanciei ainda mais.

Eu não sabia o que diabos eu estava fazendo.

Eu apenas continuei assim e eu ficava esperando que ela me ligasse - quase desejando que ela me xingasse.

Mas ela não o fez. Ela só pegou o que eu dei a ela e não fez um único ruído sobre isso.

E isso me irritou ainda mais.

Já não era o suficiente para ela precisar de mim. Eu queria que ela estivesse disposta a *lutar* por mim.

Capítulo trinta e três

CALLIE

Uma semana se passou com apenas chamadas esporádicas de Asa, e eu estava começando a me perguntar se eu tinha eito algo para irritá-lo. Não é como se eu esperasse que ele me chamasse de hora em hora, mas o que já foi um telefonema de uma noite tinha se transformado em uma vez por semana. No momento em que sexta-feira chegou, eu estava em frangalhos me perguntando se ele iria aparecer como ele tinha dito que faria.

Ele não havia mencionado visitar novamente, mas eu estava esperando que ele estivesse vindo só para me surpreender. Ele era durão, e eu sabia disso, mas eu tinha esperança de que, embora ele estivesse praticamente me ignorando, ele ainda queria me ver.

Quando cheguei em casa da escola na sexta-feira à tarde, eu senti um pouco de pânico vibrando no meu peito enquanto eu entrava no apartamento. Farrah tinha passado quase todos os dias comigo depois da escola e o lugar estava destruído. Havia embalagens de comida no sofá, líquidos secos não identificados em todo o balcão e chão, e havia um cheiro estranho e nojento vindo do saco de lixo que eu tinha estado com preguiça de tirar.

Eu não podia deixar que Grease visse quão horrível eu estava deixando o apartamento ficar, então eu joguei minha bolsa sobre o sofá e corri em direção ao quarto para trocar de roupa. Eu corri rapidamente pelo corredor antes de balançar a cabeça freneticamente e voltar para pegar minha bolsa para que eu pudesse pendurá-la na final da minha cama, onde ela pertencia. Se eu iria limpar, eu não poderia deixar bagunça por aí.

Levei duas horas, e aquilo que parecia ser de cinco baldes de suor para limpar o apartamento, no momento em que terminei parecia quase tão bom como quando Vovó limpou. Eu queria que estivesse brilhando e eu sabia que não estava - mas eu simplesmente não conseguia

descobrir o que diabos eu tinha esquecido. Vovó era uma mágica louca. Deus, eu desejei saber onde estava aquela lista. Ela tinha deixado na geladeira, mas eu não tinha ideia de onde ele tinha se perdido e eu tive uma sensação horrível que estava no lixo nojento em algum lugar.

De jeito nenhum eu iria vasculhar aquilo. Quando eu peguei o lixo, eu descobri que ele havia se infiltrado no fundo da lata de lixo e começou essa merda começou a fermentar. Eu tive que limpar a parte inferior da lixeira com um litro inteiro de desinfetante e toda a vez que eu chegava até a lata - meu coração começava a correr. Eu só *sabia* que Asa estaria lá, enquanto eu estivesse segurando o fundo de uma lata de lixo idiota.

Ele não estava.

Ele também não apareceu quando eu tomei um longo banho para limpar o suor e cheiro de lixo, ou quando eu passei fodida meia hora secando meu cabelo.

Ele não apareceu quando eu estava fazendo o jantar, ou comendo, ou limpando.

E ele não apareceu enquanto eu fazia minha lição de casa e tentava assistir a um filme.

Ele não apareceu em tudo.

Quando eu finalmente me arrastei para a cama a meia-noite, minha barriga pareceu... oca. Eu me repreendi por imaginar que ele iria aparecer e me surpreender, mas eu estava tão certa de que se ele não tivesse sido capaz de chegar, ele teria ligado. Esses pensamentos - os pensamentos tolos que me convenceram que ele nunca tinha me dado um bolo, fez o coração disparar de medo. Comecei a imaginá-lo em um acidente no caminho para me ver e quão terrível eu estava pensando no pior.

Então eu liguei para ele, só para ter certeza de que ele estava bem.

— Ei, baby, — ele atendeu no terceiro toque, soando muito bem.

— Ei, eu estava apenas... ligando para dizer oi, — eu menti. Eu não podia dizer a ele que eu estava esperando o dia todo por ele, ou que eu estava pensando que ele estava morto na beira da estrada em algum lugar. Ele não tinha sequer mencionado vir me ver em semanas, e eu não queria parecer uma idiota em assumir isso.

— Oh, ok. Está tudo bem? — ele perguntou delicadamente, e então meu estômago se tornou um nó enorme, porque eu podia ouvi-lo cobrindo o telefone enquanto ele falava com alguém.

— Estou bem. Eu só achei que você ia visitar em breve, — eu respondi a ele, imediatamente me batendo na perna quando eu percebi o quão necessitada eu soei.

— Sim, a merda tem estado muito louca por aqui. Eu não tenho sido capaz de ir. Você sabe como é... — suas palavras pararam, mas eu podia ouvir as pessoas falando em segundo plano e, em seguida, ele riu.

Essa pequena risada bateu algum tipo de gatilho, porque, de repente, eu não me senti como uma idiota por ligar para ele. De repente, *ele* era o imbecil.

— Ei, Grease? — eu disse docemente para ganhar sua atenção.

Eu sabia o segundo que ele percebeu o que eu disse, porque ele inalou asperamente ao telefone.

— Que porra é essa? — ele rosnou, quase me dando a reação que eu estava esperando.

— A próxima vez que você me disser que você vai estar aqui, você poderia, por favor, me avisar se você não estará *realmente* vindo pra cá? — meu tom não mudou, mas de jeito nenhuma ele poderia perder a mordida nas minhas palavras.

— Eu não te disse que eu estava indo pra aí, Calliope, — ele rosnou novamente, frustração evidente em seu tom.

— Sim, você disse. Antes de Vovó vir - quando você pirou por eu não ter atendido meu telefone por algumas horas. Lembra? Você mandou o pessoa vir aqui me ver e, em seguida, você simplesmente desapareceu da face da terra, — eu disse a ele com calma, meu coração disparado.

— Ahhhhh PORRA! Me esqueci, — ele gemeu, — Eu vou estar aí assim que eu puder, querida. Ok?

Ele estava tentando se desculpar, mas eu estava farta com as suas mentiras. Ele tinha me deixado em Sacramento, cheia de promessas para me visitar, e ele não podia sequer se incomodar em me ligar com muita frequência. *Foda-se ele.*

Eu respirei fundo, o ouvindo pedir desculpas e me dize que ele iria visitar assim que pudesse. Ele disse todas as coisas certas, e eu queria acreditar nele - mas não o fiz. Eu estava apenas aguardando meu tempo e logo que ele parou para certificar de que ainda estava no telefone, eu soltei a bomba.

— Não se preocupe em voltar, — eu disse a ele sem rodeios e fechei meu telefone quando eu ouvi a voz chateada dele chamando meu nome.

Essa foi a reação que eu estava esperando.

Fiquei acordada de novo naquela noite, mas por uma vez não foi porque eu estava chorando. Em vez disso, eu estava fazendo uma lista na minha cabeça das coisas que eu precisava fazer.

O primeiro da lista era festejar com Farrah e qualquer outra pessoa que eu poderia pensar, no apartamento de Grease.

Em segundo lugar era encontrar um emprego e me mudar de lá.

E em terceiro lugar era nunca parar de se mover ou de planejar, então eu não tinha que perceber a dor em meu peito.

Capítulo trinta e quatro

GREASE

Eu estava em uma festa no clube quando eu recebi uma chamada de Callie. Merda, todas as noites no clube era algum tipo de bêbados fodendo - mas esta era diferente e eu estava gostando de assistir as mulheres na sala. Havia uma hierarquia clara. Era uma das únicas vezes por ano que vagabundas e old ladies estariam em qualquer lugar perto uma da outra - uma festa para um novo membro - e isso era fodidamente hilariante. Eu estava esperando uma briga sair.

Dragon tinha conseguido seu colete no início do dia, e ele estava tecendo o seu caminho ao redor enquanto diferentes irmãos davam um tapinha nas costas dele. Pobre desgraçado tinha uma tatuagem enorme curando em suas costas, - mas lidar com essa merda era tradição. Todos nós tínhamos passado por isso e sobrevivemos - ele faria o mesmo. Eu estava olhando para ele quando ele parou, olhando através da sala. Quando eu segui seus olhos, tudo o que vi foi Brenna e Vera - então eu não conseguia descobrir o que diabos ele estava olhando. Ele tinha o olhar mais estúpido de merda no rosto, quase atordoado - e eu me perguntava o que diabos ele estava fazendo. Assim que ele começou a atravessar a sala, meu telefone tocou no meu bolso e eu o perdi de vista, enquanto eu tentava fazer o meu caminho através da multidão para atender a ligação de Callie.

No momento que ela desligou na minha cara, eu estava no meu quarto, e o uísque e cerveja que eu tinha derrubado na festa eram como um peso morto nas minhas entranhas.

Ela estava chateada, e eu *sabia* que ela ia fazer algo estúpido.

Eu tinha que chegar a Sacramento.

Eu me levantei da minha cama para encontrar um banheiro e arrumar minhas coisas, e o quarto girou.

Ótimo.

Eu cambaleei o meu caminho para a porta, tentando decidir se eu deveria apenas tentar dirigir minha moto para lá - ou esperar até de manhã quando eu sabia que ficaria sóbrio o suficiente para eu não cair da minha moto em algum lugar e estragar a pintura.

Eu comecei a ligar para Callie novamente, mas cada vez que eu fiz, ia para o correio de voz do caralho. Eu andei pelo corredor apenas a tempo de ver Dragon levando Brenna – porra - para seu quarto. Será que ele quer morrer?

Eu tentei impedi-lo. Eu realmente tentei, porra.

Mas eu estava tão preocupado com a merda por causa de Callie e apenas tentei ficar em pé enquanto ele reclamava um pouco e eu o deixei. O olhar teimoso como o inferno em seu rosto me disse que não estava ouvindo uma palavra maldita que eu disse de qualquer maneira, e Brenna nem sequer olhou para mim quando ele a empurrou gentilmente em seu quarto.

Ele queria foder com a filha do Poet?

Foda-se.

E por que diabos Callie não estava atendendo seu telefone?

Eu não me lembrava de ir ao banheiro, mas eu devo ter - porque eu só acordei no dia seguinte, às malditas duas da tarde com a mãe de todas as ressacas que eu já tinha tido.

Capítulo trinta e cinco

CALLIE

Olhei ao redor do apartamento cheio de pessoas com um pequeno sorriso.

Eu coloquei o meu plano em movimento naquela manhã, e até agora tinha funcionado perfeitamente.

Eu tinha andado ao redor de nosso pequeno bairro procurando por sinais de 'procura-se funcionários' e dentro de quinze minutos eu tinha encontrado um na janela de um fast food local. Depois de dar a eles o meu pedido e fazer uma entrevista com um cara gorduroso não muito mais velho do que eu, eu tinha o trabalho. Eu não tinha certeza de como eles tinham me escolhido tão rápido, mas eu esperava que fosse porque eu era a única que se aplicava e não porque o gerente esquisito não conseguia parar de olhar para os meus seios. De qualquer maneira, eu saí com um trabalho que começava na semana seguinte.

A próxima coisa na minha lista de afazeres tinha sido ainda mais fácil de organizar. Uma chamada para Farrah e eu tinha garantido todas as bebidas e erva que eu poderia lidar. Eu a deixei espalhar sobre a festa e ela não tinha decepcionado. Ela apareceu às sete horas da noite, e pelas nove, todo o apartamento estava cheio de pessoas.

Então, às nove e meia eu estava sentada no meu sofá com os amigos de Asa que ouviram falar sobre a festa pelo padrasto de Farrah. Eu não poderia nem mesmo começar a compreender qual tipo de fodida relação pai-filha deles, mas em vez de me preocupar com a minha amiga, eu disse a mim mesma que realmente não era da minha conta. Eu estava gostando de ser social pela primeira vez em meses, e da valorização do sexo masculino pelos meus shorts e camisa branca que não havia nada do que reclamar, tampouco.

Quando Farrah se aproximou para pegar mais bebidas, eu a puxei para o meu colo.

— Eu te amo, Farrah, — eu disse a ela, sonhadora.

— Ha! Ok, bêbada, — ela respondeu de volta, me dando tapinhas na cabeça.

— Eu não estou bêbada. — eu dei a ela um aperto, — Eu estou apenas feliz que eu tenho uma amiga como você, que me dá festas de aniversário impressionantes.

Seus olhos se arregalaram e sua cabeça virou na minha direção.

— É seu aniversário? — ela me perguntou em confusão, e eu não pude deixar de rir com a forma que ela torceu o nariz.

— Sim! — eu tomei um screwdriver[17] que ela tinha misturado para mim. — Dezessete. Woo hoo do caralho.

Do lado do sofá, ouvi alguém murmurar, — Puta merda. Ela não *parece* ter dezessete anos, — e, em seguida, o que soou como um baque antes que Michael advertir, — Mãos fora, ela é de Grease.

Ignorei os dois, meus olhos ainda sobre Farrah.

— Quando é seu aniversário? — eu perguntei a ela, tentando chamar sua atenção para longe de onde Echo estava de pé do outro lado da sala.

Eles haviam estado trocando olhares um para o outro toda a noite, mas eu sabia como Farrah se sentia sobre motoqueiros. Depois de assistir um após o outro entrar na vida de sua mãe - e quarto – ela tinha pouco respeito por eles. Eu sabia que ela queria um cara normal com uma família normal, pelo menos em sua cabeça. Parecia que seus hormônios queriam algo completamente diferente.

— Terra para Farrah! — eu chamei, minha voz se elevando acima da música.

— Oh, o quê? Desculpe. Foi no mês passado, — ela respondeu distraidamente, seus olhos arremessando entre mim e Echo.

— Opa. Você já tem dezessete é?

— Não, eu acabei de fazer dezesseis anos, — ela me disse com um encolher de ombros, — Eu fui movida para um grau a cima.

Michael se levantou, puxando um cigarro do bolso e ela imediatamente se deslizou do meu colo e foi para seu lugar vago. Eu

[17] Bebida de laranja e vodka.

não pude evitar provocá-la sobre sua idade enquanto ela checava Echo estava flertando com uma garota na cozinha. Ele era muito velho para ela, mas não era como se eu pudesse ser uma cadela para ela sobre isso. Eu não acho que eu tinha como julgar, especialmente quando a porta da frente se abriu e Asa estava na porta.

Eu não fiquei surpresa quando ele apareceu - meu último comentário para ele tinha sido o equivalente a acenar um lenço vermelho na frente de um touro. Eu só não tinha certeza se ele se importava o suficiente para tomar a isca.

— Saiam da porra da minha casa! — ele gritou, jogando o capacete do outro lado da sala, passando de raspão em um cara que tinha desmaiado no chão.

A maioria das pessoas dispararam pela porta da frente, e alguém realmente pegou o cara desmaiado e o arrastaram para fora. Em poucos segundos, as únicas pessoas que ficaram na casa com a gente eram Farrah, Michael e Echo. Farrah tinha chegado até mim quando Asa começou a gritar, e pela forma como suas unhas estavam cavando na minha coxa, ela estava com medo pra caralho.

— Está tudo bem, Farrah, — eu disse a ela, sem tirar os olhos de Asa. — Ele está apenas chateado não ter sido convidado.

Eu me levantei e comecei a pegar latas de cerveja e lixo quando todo mundo olhou para mim em choque. Eu não tinha certeza se eles esperavam que eu tivesse medo, ou se eles próprios não tinham certeza do que fazer, porque ninguém se moveu.

— Todo mundo para fora, — Asa rugiu novamente, sua voz mais baixa, mas não menos ameaçadora.

Farrah pulou do sofá e olhou em volta como se ela não tivesse certeza do que fazer. Eu reconheci o olhar de pânico em seus olhos, e eu imediatamente me senti como uma merda coloca-la no meio do nosso drama. No mínimo isso tinha que ser muito desconfortável para todos.

— Ei, pessoal, — eu olhei para Michael e Echo com olhos cansados, minha luta ido muito bem, — Um de vocês pode levar Farrah para casa?

Echo ofereceu para leva-la, e eu quase abri a boca para argumentar, mas um olhar para Asa me fez fechar novamente. Eu sabia que Echo não deixaria nada acontecer com Farrah, e eu tive que deixar

que isso fosse o suficiente. Asa não iria esperar muito mais tempo para falar comigo e eles precisavam sair do apartamento.

Era estranho, mas em nenhum momento eu estava com medo de que Asa me machucasse fisicamente. Ele tinha me protegido em tantos outros casos importantes que eu não podia sequer *imaginar* ele colocando as mãos em mim com raiva. No entanto, as palavras? Ele definitivamente poderia me cortar com aquelas.

Capítulo trinta e cinco

CALLIE

Uma vez que Farrah e os rapazes tinham ido embora, estava completo silêncio no apartamento. Asa ficou me observando enquanto eu limpava as garrafas de cerveja e lixo, mas ele não falou. Eu não tinha certeza do que dizer a ele, e eu senti como se qualquer coisa que eu *dissesse* seria como atiçar um raivoso cão - e assim eu continuei quieta. Eu varri, espanei e limpei todas as superfícies que pude até que tanto a cozinha e a sala de estavam impecáveis, mas ainda assim, ele não disse nada.

Quando eu finalmente terminei e coloquei a vassoura a distância, eu o ouvi dar um passo atrás de mim, então eu girei em direção a ele. Ele estava em pé distante da parede e levantou seus braços até que suas mãos estavam entrelaçadas atrás da cabeça, cotovelos apontados em direção ao teto. Eu o assisti flexionar seu bíceps conforme ele empurrava a cabeça contra suas mãos e minha boca ficou seca.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei em voz baixa, correndo minha língua entre meus lábios e aparelho onde tinham grudados juntos. — Eu pensei que você estava ocupado neste fim de semana.

— Você sabia que eu estaria aqui. — ele fez uma careta para mim, — Você praticamente me *implorou* para vir.

Eu quase engasguei em ultraje, mas respirei fundo pelo nariz em ao invés. Eu não iria me transformar em alguma psicopata gritando, mesmo se isso era exatamente o que eu queria fazer.

— Eu lhe disse para não se preocupar, — eu zombei de volta, cruzando os braços sobre o peito.

— Sim, você fez. Que diabos foi isso?

— Se você não quer estar aqui - não venha. É muito simples, — respondi categoricamente.

— Eu disse que eu tinha merda acontecendo! Esse é meu trabalho porra, Callie. Como você acha que eu estou pagando a porra de suas contas? — ele trovejou de volta, uma veia pulsando em seu pescoço.

— A coisa engraçada sobre isso... Você com certeza apareceu bem rápido, mesmo tendo coisas a fazer, — eu respondi, inclinando a cabeça para o lado em confusão simulada.

Ele ergueu o rosto e gritou para o teto, todo o seu corpo apertado com a frustração.

Quando ele finalmente deixou cair a cabeça para trás, eu tinha controlado a minha expressão facial de horror que sua explosão tinha causado e estava olhando para ele com minhas sobrancelhas levantadas.

— Terminou? — eu perguntei calmamente, como se meu coração não estivesse correndo.

— Cadela, eu estou pagando pelas suas merdas. A comida em sua barriga é minha. A eletricidade em seus eletrônicos é minha. O combustível na porra do seu carro veio de mim! Qual merda é seu problema?

Cadela?

Eu estourei.

— Você pode ficar com isso, seu fodido babaca! — eu gritei para ele, agarrando um cacho de bananas do balcão e jogando em sua cabeça. — Eu consegui um emprego! Eu não preciso de você! Foda-se!

Ele evitou as bananas, mas a maçã que eu joguei logo depois bateu em cheio no maxilar dele. Nós dois paramos por um segundo, atordoados, e então eu estava correndo ao redor do balcão, então tínhamos uma barreira entre nós.

Ele estava pisando em minha direção, com o peito arfando, mas quando eu levantei a minha mão entre nós, ele parou instantaneamente.

— Você nem sequer me ligou no dia do funeral dos meus pais, — eu disse a ele calmamente com um nó na minha garganta. — Eu precisei de você.

— Porra, querida. Sinto muito, — respondeu ele, esfregando a parte de trás do seu pescoço. — Eu estava em uma corrida e eu esqueci.

— Você esqueceu? — perguntei, incrédula.

— Eu sei que o mundo gira em torno de você Callie-

— O quê? — eu gritei, o interrompendo.

— Porra, isso não saiu direito. Mas, merda, menina. Não é como se eu estivesse em Oregon sentado em uma mesa em algum escritório! Eu tenho pessoas dependendo de mim lá para manter suas bundas vivas - eu não posso parar para ligar para minha garota porque ela está tendo um dia difícil. — ele passou a mão pelo rosto. — Eu não estou explicando isso muito bem.

— Não. Você praticamente apenas soa como um idiota neste momento.

— Amor, eu estava no meio de algo importante e eu esqueci. Não tem desculpa, — ele me disse, levantando as mãos para a frente dele e, em seguida, as deixou cair em seus lados. — Eu sinto muito por causa disso.

Ele *estava* arrependido. Eu tinha certeza que ele ia foder de novo, mas, naquele momento, eu sabia que ele estava arrependido por ter estado tão distante. Seu rosto estava suave de uma forma que eu tinha visto antes, me olhando como se eu fosse quebrar.

Eu não conseguia compreender o que ele estava fazendo em Oregon que era tão importante, mas ele obviamente se sentiu fortemente sobre isso, então eu não iria interroga-lo. Eu não queria saber sobre essa parte de sua vida. No entanto, eu ainda estava pirando sobre outra coisa em Oregon.

— Você tem uma esposa? — eu soltei, mortificada, mas não estava disposta a levar de volta a questão.

— O quê? Não! — ele riu, olhando para mim como se eu fosse louca.

— Bem, a mãe de Farrah vê um cara chamado Gator e ele tem uma esposa! — eu disse de volta, irritada que ele estava rindo de mim. — Ela só o vê de vez em quando! Soou muito fodidamente familiar!

— Espere, você é amiga da filha da puta de um clube?

— O nome dela é Farrah, e não chame a mãe dela de puta, — eu respondi arrogantemente.

— A cadela de Gator? Espere, Natasha? — ele perguntou, sua voz aumentando uma oitava quando seu rosto empalideceu.

— Sim. Essa é mãe de Farrah, — eu respondi com um aceno de cabeça, o desafiando a dizer mais alguma coisa. — Ela só vê Gator de vez em quando, porque ele tem uma *esposa* e *filhos* pra quem ele tem que voltar.

— Querida, eu acho que você está esquecendo alguma coisa, — ele me disse, divertido.

— Eu tenho certeza que eu não estou.

— Eu tenho certeza que você está, — disse ele de volta, imitando minha voz. — A única razão que você não está vivendo comigo é porque você se recusou a se mudar para Oregon. — ele riu novamente. — Amor, você é minha old lady, não uma prostituta.

— Oh, — eu suspirei, minhas dúvidas desaparecendo.

Suas palavras me deram uma sensação de calma, embora ele estivesse rindo enquanto falava. Mas eu não tinha certeza que eu queria ser considerada a 'old lady' de ninguém. Minha boca levantou em um pequeno sorriso em seu riso. Eu não poderia evitar. Seu riso era lindo.

Mas mesmo que eu não estava sentindo a necessidade de o mutilar com frutas, eu ainda não estava totalmente pronta para perdoá-lo. Ele praticamente me ignorou por semanas e, em seguida, apareceu agindo como se *eu* fosse a única que estava errada. *Hum, não.*

— Eu vou para a cama, — eu disse a ele com desdém, ignorando o olhar chocado em seu rosto quando eu lhe dei um tapinha no estômago, efetivamente terminando nossa conversa. — Vejo você de manhã.

Eu sabia que não iria longe.

Eu mal consegui chegar ao quarto antes dele estar enrolando um braço em volta da minha cintura e puxando minhas costas contra seu peito quando ele bateu a porta atrás de nós. Seu braço apertou - quase ao ponto de dor, ele estava usando o queixo para escovar meu cabelo longe do meu pescoço.

— Você não me disse que era seu aniversário, — ele retumbou contra a minha garganta, colocando beijos doces lá.

— O quê?

— Michael estava lá fora quando eu apareci, — respondeu ele, me beijando novamente. — Você deveria ter me dito.

— Não teria feito diferença, — eu murmurei amargamente, o empurrando da minha cintura.

— Sim, Amor. Isso teria. — ele nos levou até a cama, me virando de costas antes de se deitar em cima de mim, seus antebraços em cada lado da minha cabeça. — Você tem que me dizer essa merda, Callie. Como vou saber se você não me contar?

— Você sabia sobre o funeral, — eu indiquei, inclinando minha cabeça.

— Você vai continuar jogando essa merda na minha cara?

Eu ignorei o comentário dele como se ele não tivesse falado.

— E quando exatamente eu deveria dizer? Nas duas malditas vezes que você ligou nas últimas três semanas, quando você quase não falou e mal podia esperar para sair do telefone comigo? — eu levantei a cabeça do edredom até que nossos narizes estavam praticamente se tocando.

— Não jogue isso em mim, Calliope! O telefone funciona nos dois sentidos, — ele rosnou de volta, abaixando a cabeça até que as minhas costas caiu de volta para nos impedir de tocar. — A única vez que parece que você me liga é quando o seu traseiro está em apuros!

Meus olhos se arregalaram enquanto eu olhava para ele, atordoada.

— *Você* nunca parece querer iniciar o contato, mas você está chateada pra caralho quando *eu* não ligo. É fodido, Callie, — ele rosnou para mim, suas sobrancelhas desenhadas em frustração. — Que porra é essa que você espera?

Ele estava esperando por uma resposta, mas eu não tinha uma. Ao invés, meus olhos fecharam em descrença.

Ele estava certo.

— Foda-se, — eu sussurrei, me sentindo como uma cadela louca.

— Sim, Amor. 'Foda-se' é certo, — ele resmungou, deixando cair sua testa contra a minha.

Ficamos ali em silêncio, a nossa respiração se misturando por longos momentos antes dele sussurrar contra a minha boca.

— Podemos apenas deixar essa merda pra lá? — ele me perguntou em voz baixa, esfregando o nariz ao longo do meu. — Eu senti sua falta.

Toda emoção que eu estava sentindo desde que ele foi embora instantaneamente veio à tona e eu fiz um som profundo na garganta. Estendi a mão para agarrar a parte de trás de sua cabeça, mas eu não tive que puxá-lo, porque sua boca já estava cobrindo a minha, sua língua empurrando entre meus lábios.

Ele tinha gosto de menta e cigarro e eu não conseguia o suficiente.

Eu deslizei meus dedos em seus cabelos e tirei o elástico que o prendia, o fazendo gemer enquanto ele nos deslizava mais para a cama. Quando nós quase tínhamos atingido o outro lado, seus lábios rasgaram dos meus e ele se inclinou para trás, procurando o meu rosto.

Seja lá o que ele viu ali o fez puxar lentamente a gola larga da minha camiseta do meu ombro até que um dos meus seios estava pulando para fora, coberto por um sutiã sem alças branco liso.

— Porra, — ele sussurrou, um sorriso se formando em seu rosto. — É errado estar feliz pra caralho que você estava usando um sutiã ao redor desses idiotas?

Ele riu duro quanto eu dei um soco no seu estômago, mas seu rosto rapidamente ficou sério quando ele usou o fato de que eu estava me contorcendo para puxar minha camisa sobre a minha cabeça. Ele não tomou o tempo para desfazer o meu sutiã, apenas puxou para baixo na minha cintura, mas eu não me importei. Eu estava muito ocupada assistindo seu rosto enquanto ele me despia. Não demorou muito para que eu estivesse completamente nua e eu tremia quando seus olhos me acolheram.

Suas narinas estavam dilatadas e sua mandíbula tensa enquanto ele corria um dedo da minha clavícula ao meu umbigo.

— Olhe para você. Tão linda, — ele sussurrou, correndo os dedos levemente sobre os meus mamilos. — Você está assustada? Você está tremendo, querida.

— Não, apenas querendo saber se você vai ser um puritano de novo, — eu brinquei desconfortavelmente quando eu empurrei seu colete com as pontas dos meus dedos. — Você vai finalmente ficar nu, também?

Isso era todo o estímulo que ele precisava para se levantar da cama e começar a se despir com um pequeno sorriso no rosto. Levou menos de um minuto para ele ficar completamente nu, e ele parou por um momento, completamente inconsciente para me deixar olhar. Seu corpo era enorme, com ombros largos, um peito grosso e uma cintura magra que afinava para coxas fortemente musculosas. Ele não tinha o olhar de esteroide que eu tinha visto tantas vezes no sul da Califórnia - seu corpo era naturalmente grande e afinado com perfeição*. Puta merda.*

— Pelado o suficiente para você? — ele disse em voz baixa antes de subir em cima da cama e empurrar minhas pernas. Quando ele estava parado acima do meu corpo, ele agarrou minhas coxas e puxou para seu lado para que ele pudesse se aninham entre eles.

— Você já está molhada, — ele murmurou em minha garganta, deslizando as mãos por trás de minhas coxas para a pele lisa entre elas. — Brigar te excita, querida?

— Cala a boca, — eu gemi de volta, arqueando em suas mãos.

— Não há nada de errado com isso, — ele me disse com uma risada. — Eu estava duro como uma rocha no minuto em que você começou a se emputecer na cozinha.

Ele esfregou os dedos sobre mim em um curso lento e eu senti como se fosse me atirar para fora da cama.

Tinha sido muito tempo desde a última vez que ele tinha me tocado, eu estava faminta por ele.

Ele parou de esfregar onde eu precisava dele e eu fiz um som de protesto, mas ele o cortou com a boca antes de mover seus lábios para o sul.

— Você deu uma festa na porra do meu apartamento, — ele rosnou para mim.

— Seus amigos estavam aqui! — eu engasguei, tentando me mover contra seus dedos, mas não conseguindo o que eu precisava.

— Não importa, porra, — ele me disse, me mordendo não tão suavemente no topo de um dos meus seios.

— Não traga um bando de filhos da puta em nossa casa quando eu não estou aqui.

— Ok. Ok, — eu choraminguei quando me abaixei para empurrar para as mãos.

— Havia um monte de homens lá fora pensando que poderiam ter uma chance com isso, — ele retumbou em minha pele, agarrando meus pulsos em uma de suas mãos e os movendo entre nossos peitos, fazendo com que minha pele arrepiasse. — Então, eu vou ter certeza de que eles saibam.

Corri minhas mãos em volta do seu peito e cravei minhas unhas em suas costas quando ele chupou duro no meu pescoço, um de meus saltos involuntariamente friccionando a parte traseira de sua coxa enquanto eu gemia.

— Saber o que? — engoli em seco, tentando ficar pelo menos um pouco coerente, tal como o meu corpo arqueou novamente.

Ele moveu os lábios pelo meu peito para dentro do meu seio e desceu novamente, me fazendo guinchar conforme ele chupava duro em minha pele. Uma vez que ele terminou, seus olhos subiram diretamente para os meus.

— Você é minha. Ninguém toca você, além de mim.

Eu estava balançando a cabeça em concordância, tentando puxá-lo até o meu corpo, mas ele continuava a se mover mais para baixo até que sua cabeça estava entre as minhas coxas.

— Mais um, — ele me disse em voz baixa, e toda a minha parte inferior do corpo congelou.

— Asa... — eu guinchei nervosamente, tentando fechar as pernas, embora seus ombros largos estivessem me segurando aberta.

Sua cabeça se levantou para o medo em minha voz e suas sobrancelhas franziram em confusão. — Você acha que eu iria te machucar, Callie? — ele me perguntou, sua voz um estrondo profundo que fez a minha respiração parar na minha garganta.

— N-Não, — eu gaguejei de volta, minhas mãos em punhos no edredom.

— Então, deite e relaxe as pernas, — ordenou ele, o queixo tenso quando eu não estava relaxando imediatamente. — Relaxe, Callie.

Quando eu finalmente relaxei o suficiente para que ele pudesse voltar para o que estava fazendo, meu coração parecia que ia bater para

fora do meu peito. Esperei que a sucção forte que eu estava esperando, mas eu estava completamente surpresa quando ele trancou o interior da minha coxa quando ele empurrou dois dedos dentro de mim.

Eu gozei tão duro, meu corpo enrolado em uma posição sentada, meus músculos do estômago apertando a um nível quase doloroso.

No momento em que eu acabei de gozar, ele estava ajoelhado entre minhas pernas com um preservativo em sua mão.

— Coloque-o em mim, — ele ordenou calmamente, sua voz ainda tão profunda que era quase irreconhecível.

— Ok. — estendi a mão para a camisinha e tentei rolar sobre ele, mas não estava funcionando.

— É de dentro para fora, Amor. Ao contrário, — ele me disse pacientemente, correndo os dedos pelo meu cabelo conforme eu fiquei confusa.

Eu me atrapalhei, o virando para trás e para frente antes de finalmente o empurrar ao longo de seu comprimento. Quando eu finalmente o coloquei no lugar, eu ouvi o que soou como um profundo suspiro de alívio de cima de mim.

— Você poderia ter feito isso você mesmo, — eu disse, colocando meu queixo no meu peito e deitando de costas como uma virgem sacrificial. Fiquei envergonhada e inepta, e eu odiava o quão estúpida ele me fez sentir.

— Olhe para mim, Calliope, — ele murmurou, se posicionando antes de uma pausa para levantar meu queixo assim nós estávamos cara a cara.

— Você é fodidamente linda. Você sabe disso? — ele perguntou enquanto ele lentamente, mas firmemente abriu caminho para dentro.

Ele parou no meio do caminho, fazendo uma careta, e eu tentei relaxar o máximo que pude.

— Pooorraaa, — ele gemeu, o suor escorrendo pelo peito. — Você é apertada como o inferno, Callie.

— Me desculpe, — eu gemi enquanto eu balançava meus quadris contra ele. — Eu só estive com dois outros caras e nem eram tão grandes como você.

Ele fez uma pausa e levantou seu peso do meu peito, envolvendo sua mão ao redor da minha mandíbula.

— Cale a boca, — ele me disse suavemente.

— Eu só estava-

— Não. Eu não quero nunca mais ouvir você falar essa merda. Eu com certeza não quero te ouvir falar isso quando eu estou enterrado profundamente dentro de você.

— Você não está-

Minhas palavras pararam em uma inspiração afiada conforme ele recuou e bateu de volta, desta vez alcançando profundamente dentro de mim.

Eu arqueei meu pescoço e costas, saboreando a sensação, mas apenas segundos depois ele colocou seu punho no meu cabelo para que ele pudesse derrubar minha cabeça para trás em direção a ele.

— Você colocou o preservativo em mim porque eu quero suas mãos em mim, — explicou lentamente entre impulsos. — Eu quero você me tocando a cada segundo maldito que estamos no mesmo quarto.

Ele soltou meu cabelo e envolveu sua mão delicadamente em torno do lado do meu pescoço para que o polegar descansasse embaixo do meu queixo. A outra mão se moveu para baixo da minha coxa e estava segurando meu joelho para frente até que ele estava a centímetros do meu peito.

— Você não sabe como fazer algo? Então eu vou te ensinar, — ele rosnou, se inclinando para morder meu lábio. — Você tem o básico, mas amor, quando somos eu e você? Só nós sabemos o que gostamos juntos. E não há nenhuma maneira de descobrir isso, a menos que nós estejamos realmente fazendo isso.

Agarrei seu cabelo em uma mão, o empurrando para longe de seu rosto, e usei a outra mão para segurá-lo contra mim, o envolvendo firmemente em torno de sua volta enquanto seus impulsos se tornaram mais rápidos e mais duros. Eu estava gemendo e suando, fazendo barulhos que ele parecia desfrutar, a julgar pelo aperto da sua mão na parte inferior do meu joelho.

— Você é tão bom, — eu sorri para ele, passando minhas unhas nas costas dele.

— Sim, amor. Você também, — ele me disse com um sorriso, se inclinando para passar a língua sobre o meu lábio inferior.

Sua mão deslizou do meu joelho e ele se inclinou um pouco para que ele pudesse empurrar a mão entre nossos corpos tensos. Mirando em meu clitóris e o beliscando com dois dedos, ele usou o impulso de suas estocadas para deslizar a mão para cima e para baixo. — Você é tão perfeita, — ele gemeu, seus quadris ganhando velocidade. — Você ama quando eu deixo a minha marca em você. Não ama? — suas palavras se interromperam com um gemido baixo quanto minha mão apertou seu cabelo.

Eu estava gozando de novo, e minhas costas arquearam completamente fora da cama, todos os meus músculos apertados e um lamento baixo saiu da minha garganta.

Entre a contração da minha buceta, minhas unhas cavando em suas costas, e meu punho puxando seu cabelo, eu o inclinei ao limite comigo.

Eu ainda estava recuperando o fôlego quando ele puxou para fora e colocou a cabeça entre os meus seios.

— Eu adoro quando você coloca os dedos no meu cabelo, — ele suspirou, preguiçosamente chupando um mamilo em sua boca enquanto eu corria meus dedos através do cabelo em questão. — É tão bom, porra.

Seus olhos se fecharam por um tempo enquanto sua respiração desacelerava e eu percebi que ele tinha apenas dirigido durante todo o dia. Ele deve ter se esgotado. Fechei os olhos e estava a segundos de adormecer quando sua cabeça subiu do meu peito e ele rapidamente saiu da cama.

Puxei os cobertores em cima de mim, com a intenção de adormecer, quando senti o ar frio correr sobre mim, seguido por uma picada de uma bofetada na minha bunda.

Eu torci a cabeça para ele com um olhar assustado no meu rosto, mas ele só levantou uma sobrancelha para mim.

— Eu te disse para não me chamar de Grease, — ele repreendeu, puxando sua cueca boxer. — Entre e vá ao banheiro, sim?

Eu o observei, confusa como o inferno enquanto ele caminhava para fora do quarto, e então eu podia ouvi-lo verificando as fechaduras na porta da frente. Eu não tinha me movido enquanto ele estava fora, e

quando ele percebeu que eu ainda estava deitada no mesmo local, ele olhou para mim, exasperado antes de me puxar para fora da cama para ficar em pé.

— Vá pro banheiro, — ele ordenou a sério.

— Eu não tenho que ir. O que diabos está errado com você? — perguntei, balançando a cabeça em confusão.

— Eu cuido de você, sim? — perguntou ele, beijando minha testa. — Você precisa ir ao banheiro depois de fazer sexo. Basta confiar em mim.

Fiquei em silêncio por um momento antes de lembrar vagamente uma conversa com algumas meninas na escola. Quando a realização amanheceu, meu rosto corou um vermelho profundo.

— Callie, — ele chamou de onde ele estava encostado na cabeceira da cama, — Eu acho que é provavelmente algo que uma garota aprende com a mãe dela. Não sabia se ela falou com você. Pare pensar muito nisso e vá.

Ele checou seu telefone e, em seguida, deslizou para a cama com um suspiro enquanto eu caminhava em direção ao banheiro.

Mas eu não podia deixar de pensar nisso.

Ele estava certo, - minha mãe *não* tinha tido essa conversa comigo.

Eu me perguntava quais as outras conversas que eu iria perder antes de as empurrar para o fundo da minha mente, onde todo o resto estava escondido.

Eu terminei por seguir suas instruções e subi de volta na cama com ele. Quando o calor de seu corpo afundou profundamente ao meu redor, eu fechei os olhos cansados - ignorando os sons dos apartamentos ao nosso redor.

— Feliz aniversário, querida, — ele sussurrou com um beijo na parte de trás da minha cabeça.

Eu dormi a noite inteira pela primeira vez em três semanas.

Capítulo trinta e sete

GREASE

Era bom acordar com Callie. Me senti ainda melhor que ela não tinha colocado qualquer roupa antes de subir de volta para a cama na noite anterior.

Ela estava esparramada em sua barriga com uma mão no meu peito e seu joelho levantado estava cavando em meu quadril. Ela tinha estado inquieta enquanto ela dormia, mas ela não tinha acordado no meio da noite, e eu me perguntava quando seus pesadelos haviam parado. Os pesadelos eram uma das coisas que eu estava preocupado enquanto eu estava fora, e a culpa por não estar lá para cuidar dela depois foi outra razão pela qual eu me distanciei.

Eu esfreguei minha mão sobre minha barba. Eu tinha sido um babaca.

Metade de mim estava irritado como o inferno que ela se recusou a se mudar e a outra metade se sentia culpada por ter deixado sua bunda em Sacramento enquanto eu fazia minha merda em Oregon. A situação toda era a porra de um barril de pólvora, e eu sabia que em algum momento ele ia explodir. Nós não poderíamos continuar vivendo como estávamos. Nenhum de nós queria estar longe do outro - mas não parecia que alguma coisa iria mudar em um futuro próximo, o que significava que eu ia ter que manter minha merda junta.

Eu ia ter que descobrir uma maneira de fazer isso funcionar, porque eu com certeza não ia desistir dela.

Sua boca estava aberta enquanto ela dormia, e eu tive uma boa olhada na maneira como seu aparelho estava empurrando os lábios longe de suas gengivas. Eles pareciam algum tipo de dispositivo de tortura medieval em sua boca. Eu não tinha certeza de como ela sorria com essa merda, mas apenas alguns segundos depois que eu pensei sobre isso, ela estava fazendo exatamente isso quando ela acordou.

— Ei, — ela sussurrou, seus olhos abrindo em fendas.

Porra, ela era bonita quando ela acabava de acordar. Como eu tinha esquecido essas merdas?

— Bom dia, amor.

— Você tem que ir hoje? — ela me perguntou, endireitando as pernas dela para que ela pudesse enrolar em meu peito. — Você tinha coisas acontecendo neste fim de semana.

Ela baixou os olhos enquanto ela falava e seu corpo estava duro contra o meu.

— Nah. Mudei algumas merdas ao redor. Eu preciso estar de volta na segunda-feira - terça-feira se você me der uma razão para ficar, — eu murmurei, distraído pela forma em que seu corpo relaxou contra o meu.

Os seios dela estavam pressionados contra o meu lado, um deles praticamente descansando em meu peito. Eu puxei minha mão por trás de minha cabeça e fui direto para ele, apertando-o levemente enquanto sua perna deslizou pela minha coxa.

— Eu sou fodidamente incrível. Aí está a sua razão, — ela me disse levemente, deslizando a mão no meu peito sobre o meu estômago.

— Você não está mentindo, — eu concordei, soltando seu mamilo e empurrando seu rosto para o meu. Quando eu estava prestes a beijá-la, seus olhos se arregalaram e seu queixo bateu no meu peito duramente me fazendo grunhir. — Que porra é essa?

— Eu não escovei meus dentes! — ela murmurou, mal abrindo a boca.

Eu soltei uma gargalhada para ela e balancei minha cabeça quando eu percebi que ela estava falando sério. — Nem eu, agora me beije, — eu pedi.

Ela balançou a cabeça e abriu a boca no meu peito, mordendo de leve no meu mamilo e, em seguida, sugando-o em sua boca. Eu gemi, descendo para bombear meu pau uma vez antes de correr a minha mão até sua perna.

— Bem, porra, Amor. Se você não vai me beijar, então, faça outra coisa com essa boca, — eu gemi quando ela passou a mão na parte inferior do meu estômago e debaixo dos meus boxers.

Ela empurrou o corpo para cima até que ela estava sentada em seus pés ao meu lado e se inclinando sobre mim, empurrando minha boxer para baixo dos meus quadris desajeitadamente com uma mão, a outra mão ainda esfregando para cima e para baixo. Quando eu a vi se inclinar para baixo, eu agarrei seus quadris e a puxei em cima de mim antes que ela pudesse fazer contato. Ela deu um grito assustado quando eu coloquei sua bunda acima do meu rosto, e imediatamente começou a se contorcer. Os seios dela empurraram para o meu estômago enquanto ela tentava levantar os quadris, então eu bati em sua bunda em sinal de advertência e ela congelou.

— Pare de se mover, Callie, — eu avisei, — Me dá uma joelhada na cara e nós vamos ter problemas.

Corri minhas mãos até as costas de suas coxas, meus polegares finalmente encontrando sua buceta e ela gemeu no fundo de sua garganta, deixando cair seu rosto contra meu quadril.

— Preciso de um banho, — ela sussurrou contra mim. — Me deixe tomar um banho primeiro.

— Você não precisa de um banho, — eu disse a ela, correndo um dos meus dedos sobre ela e vendo ela ficar macia e molhada.

— Sim. Você não pode— ela fez uma pausa em uma inspiração rápida e, em seguida, começou a tagarelar novamente, — Seu rosto está-

Ela não estava preocupada com a porra de um chuveiro. Eu ri levemente. Ela era autoconsciente sobre o maldito ângulo.

— Baby, eu te vi. Não há nada que eu estou vendo agora diferente do que eu já vi antes, — eu a lembrei gentilmente. Merda, eu praticamente podia sentir o quão quente o rosto dela estava. Minha menina e seu corar - bonito pra caralho.

Eu não lhe dei mais tempo para se preocupar.

Eu usei meus dedos para separá-la, inclinei meu queixo para cima e corri minha língua sobre seu clitóris. Ela tinha um gosto bom, e eu corri minha língua por toda ela, absorvendo tudo. Quando suas pernas começaram a tremer, eu me afastei, usando os dentes para puxar os seus lábios.

— Ponha a sua boca em mim, — eu rosnei para ela, apertando as coxas em minhas mãos.

Eu a ouvi inalar bruscamente, mas menos de um segundo depois ela estava empurrando para cima com as mãos até que ela estava abraçada acima nos meus quadris. Isso fez que suas costas arqueassem, e eu sabia que ela, finalmente, não estava pensando em como ela parecia por esse ângulo. *Cristo, que vista.*

Eu esperei até que eu estava em sua boca, a língua enrolando em volta de mim antes de começar com ela novamente. Não demorou muito antes de ela estar fora da sua mente, deslizando os joelhos longe de meus ombros e montando meu rosto enquanto ela chupava e balançava a cabeça, suas unhas cavando em minhas coxas.

Quando ela gozou, ela gemeu contra meu pau e me trouxe com ela.

Assim que ela terminou, ela rolou de cima de mim, embaraçada, e eu ri fracamente. Merda, ela pode ter sugado toda a minha energia através de meu pau; minhas pernas pareciam gelatina.

Ela se arrastou para fora da cama, me empurrando, e eu rolei para vê-la tropeçando para fora do quarto. Sua bunda era redonda e flexionava toda vez que ela se movia e a minha boca encheu d'água até que eu notei que tinha uma marca vermelha perfeita nela. *Whoops.* Eu não tinha a intenção de dar um tapa nela tão forte, mas eu sorri um pouco quando eu vi. Eu não estava arrependido - isso me deu o que eu queria.

Estiquei quando a ouvi ligar o chuveiro e pulei para fora da cama para me juntar a ela.

Ela gritou quando eu puxei a cortina e shampoo começou a rolar pelo seu rosto e em direção aos seus olhos. Ela estava batendo em mim cegamente enquanto eu subia, e eu não pude deixar de rir como as bolhas correram em sua boca, silenciando ela.

— Lave essa merda, louca! — eu disse a ela, a empurrando de volta para o chuveiro.

— Você me assustou pra caramba! — ela reclamou, ainda cuspindo e se agitando.

— Você sabia que eu estava aqui, — eu respondi, passando minhas mãos sobre seus seios molhados enquanto ela lavava o cabelo dela.

— Eu não sabia que você ia me *seguir*!

— Você está molhada e nua, eu estou lá, — eu disse a ela seriamente, chegando a meu polegar para cima para limpar

cuidadosamente o enorme chupão no pescoço. — Olhe para você, com as minhas marcas de mordida em cima de você.

— Sim, isso não parece inútil ou nada, — ela resmungou, revirando os olhos.

— Eu não dou a mínima. Você tem a minha marca em você - homens irão pensar duas vezes.

— Sim, bem, eu queria encontrar um ortodontista esta semana e eu vou começar no meu trabalho. Vou parecer uma idiota.

— Que porra é essa? — eu perguntei a ela quando eu gentilmente a empurrei para fora do caminho e empurrei minha cabeça sob o chuveiro. Eu tive que dobrar meus joelhos para ficar sob ele, torcendo meu corpo desajeitadamente.

Ela riu um pouco enquanto ela conscientemente ensaboava as pernas e começou a raspar, de costas para mim como se ela pudesse esconder o que estava fazendo.

— Eu quero tirar esse aparelho.

— Ele está pronto para sair? Eu pensei que você tinha mais seis meses? — eu perguntei conforme eu ensaboava minha barba.

— Mais quatro - mas é caro como o inferno mantê-los. Meus dentes estão muito bem sem eles.

— Eu vou pagar por eles, Callie. Não aja como se eu não cuidasse de você.

— Eu não estou dizendo isso. — ela balançou a cabeça enquanto ela enxaguava sua navalha, chegando tão perto de minhas bolas com ela que eu as senti encolhendo e indo para trás.

— Eu não vou te pegar, — ela riu para mim, acenando com a navalha ao redor. — Vai custar tipo, milhares de dólares para terminar nos próximos quatro meses, sem seguro.

Meu intestino queimou e eu não disse nada quando eu terminei de ensaboar o resto do meu corpo. Não havia nenhuma maneira que eu poderia pagar por essa merda.

— Não é um grande negócio, baby, — ela me disse, deixando cair a navalha no lado da banheira e levantando as mãos para o meu rosto. — Meus dentes estão retos, eu não preciso deles.

Não importa o que ela disse, eu sabia que ela precisava desses quatro meses a mais, mas não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso. Isso me irritava.

— Desculpe, — eu disse a ela, empurrando os braços de cima de mim e virando meu corpo para longe dela para enxaguar.

Ela ficou em silêncio por um momento antes de envolver seus braços em volta de mim por trás e apertar.

— Não é grande coisa, Asa, — ela me disse baixinho antes de sair do chuveiro.

Capítulo trinta e oito

CALLIE

Asa ficou quieto pelo resto do dia, e eu sabia que o incomodava que ele não poderia pagar meu aparelho. Eu não tinha certeza de como tirá-lo da depressão em que ele estava, então eu não disse nada mais sobre isso. Era estúpido; Eu não queria eles de qualquer maneira. Eles me faziam parecer como uma menina de doze anos de idade, eles tem comida presa neles, e eles cortavam as minhas bochechas se eu não tivesse cuidado. Além disso, não tinha sido *minha* ideia os colocar em primeiro lugar. Meus dentes não tinham estado tão maus - os de cima tinham um pouco de distância entre eles e os de fundo tinha estado um pouco tortos, mas não me incomodava. Foram meus pais que tinham decidido que eles de repente tinham dinheiro suficiente para ortodontia, então eu *tive* que tê-los corrigido.

Eu desejei que eu não tivesse sequer trazido isso até Asa; eu poderia ter apenas os tirado e então dizer a ele que não eu precisava mais deles. Infelizmente, não havia nenhuma maneira que eu conseguisse a consulta sem lhe dizer que eu precisava de cerca de cinco centenas de dólares para pagar por isso. Eu não tinha chegado a essa parte antes dele ter ficado todo estranho, e eu não tinha vontade de dizer qualquer outra coisa. Decidi esperar nessa conversa, na esperança de falar com a minha Avó e ver se ela poderia arranjar isso antes que eu dissesse mais alguma coisa sobre isso.

Em vez disso, eu andei em ovos em torno dele naquele dia e pulei por ele na hora de dormir.

No dia seguinte, as coisas voltaram ao normal - bem, normal para *nós*.

Passamos o fim de semana como um casal de velhos e eu adorei. Fomos ao supermercado e compramos uma tonelada de alimentos, alugamos uma série de TV da loja de filmes e passamos o resto do

tempo enrolados no sofá o assistindo enquanto não estávamos fodendo em cada superfície no apartamento.

Eu não atendi meu telefone, exceto para deixar Vovó saber que Asa estava comigo para o fim de semana e para deixar Farrah saber que ele não tinha me matado e jogado o meu corpo em algum lugar - suas palavras não minhas.

As únicas desvantagens para o nosso fim de semana foram as discussões sobre o meu trabalho. Asa não queria que eu trabalhasse, embora as suas razões mudassem com cada conversa - até que ele compilou uma lista que era tão longa quanto meu braço. Eu ficaria fora até tarde nas noites se eu tivesse que fechar. A escola era mais importante. Eu teria que trabalhar quando ele ou Vovó viessem me visitar. Eu entraria em contato com drogados e quem sabe mais o quê.

Pessoas roubam locais de fast food o tempo todo. Ele até tentou dizer que eu ia ficar doente com mais frequência porque eu estaria entrando em contato com muitas pessoas - me fez comentar que talvez eu não devesse ir para a escola, também - *aquilo* o fez calar a boca por cerca de dez minutos.

Eu trabalhei o meu primeiro turno na segunda-feira à noite depois da escola enquanto ele estava sentado em uma mesa na frente do restaurante, olhando para qualquer um e todos. Foi engraçado, e um pouco embaraçoso, mas tê-lo lá também acalmou os meus nervos do primeiro dia tanto que eu temia quando ele não estivesse mais lá. Eu também comecei a entender o seu argumento sobre como trabalhar enquanto ele estava visitando. Eu me ressentia do tempo que eu tinha que passar longe dele na escola e trabalhando quando eu tinha tão pouco tempo com ele, para começar.

Nosso desacordo nunca chegou a uma resolução antes que era hora de ele ir embora, mas nós dois estávamos dispostos a tornar isso um grande negócio. A briga que o tinha incitado a visitar, o tinha dado a nós uma perspectiva e nenhum de nós queria terminar o fim de semana em condições ruins. Nós não sabíamos quando ele seria capaz de visitar novamente - e ter um acesso de raiva não iria dar na mesma reação na próxima vez. Ele não podia simplesmente largar tudo para lidar comigo, e não era justo da minha parte esperar.

Na terça-feira de manhã, nós estávamos do lado de fora enquanto ele enfiava algumas coisas em seus alforjes. A cena parecia estranhamente familiar. Isso fez o meu estômago revirar enquanto eu me lembrava de como ele agiu depois que ele saiu da última vez. Meus

braços estavam em volta da minha cintura, e eu estava tentando não chorar, mas minha garganta tinha um caroço enorme nela e eu podia sentir meu nariz formigando com lágrimas reprimidas.

— Ei, amor, — ele chamou suavemente, me puxando contra ele com uma mão na parte de trás do meu pescoço. — Eu vou estar de volta logo que eu puder, sim?

— Ok, — eu respondi, colocando meu rosto em seu peito. — Você vai ligar, certo?

— Sim, baby, eu vou ligar. — ele puxou meu rosto para longe dele e beijou minha testa, em seguida, me lembrou, — Você liga também. Nada daquela besteira de antes.

Eu bufei e depois comecei a rir quando suas sobrancelhas subiram em surpresa.

— Você acabou de bufar? — ele me perguntou com um sorriso, envolvendo os braços em volta da minha cintura e me levantando do chão. — Como um porquinho?

— Eu vou ligar! — eu gritei quando ele me virou, sua barba fazendo cócegas no meu pescoço enquanto ele pressionava o rosto nele.

Quando ele finalmente me colocou para baixo, estávamos sorrindo, mas não durou muito tempo antes de ambos os nossos rostos caírem. Eu não tinha certeza de como eu parecia, mas seu maxilar estava tenso e seus olhos inflexíveis quando ele estendeu a mão para pegar o capacete.

— Me ligue esta noite e me deixe saber que você chegou lá, ok? — eu perguntei em voz baixa.

Ele deu um aceno de cabeça, me observando de perto. De repente, sua mão disparou e agarrou meu queixo com força, puxando meu rosto para ele. Ele me beijou com força, mordendo os lábios com urgência enquanto suas mãos agarraram e empurram para minhas roupas. Corri minhas mãos pelo seu cabelo suavemente quando ele praticamente me inalou, tentando acalmá-lo, mas assim que ele pegou as costas das minhas pernas e me levantou até que eles estavam envolvidos em torno de sua cintura - eu perdi minha calma.

Estávamos frenéticos. Uma de suas mãos agarraram as costas da minha camisa, enquanto a outra foi até a frente, rasgando as taças do meu sutiã para que ele pudesse beliscar meus mamilos. Eu agarrei seu cabelo em resposta, o fazendo gemer e alcancei o outro lado da parte de

trás de seu capuz para que eu pudesse cavar minhas unhas na única pele que eu poderia alcançar. Não importava se estávamos em pé na frente do complexo de apartamentos onde qualquer um poderia nos ver - estávamos desesperados.

Ele começou a voltar em direção à escada enquanto nós nos beijávamos, mas ele não tinha dado o primeiro passo quando seu telefone começou a tocar e vibrar no bolso.

— Merda, — ele murmurou em minha boca, deslizando a mão para fora da minha camisa para puxar o telefone do bolso.

Mudei minha boca para seu pescoço quando ele atendeu.

— Grease, — ele vociferou, inclinando a cabeça para o lado e apertando minha bunda com a mão livre.

— Dragon, não faça nada estúpido. — ele fez uma pausa por alguns momentos enquanto eu continuei a tatear ele. — Irmão, eu avisei quem ela era.

Ele ficou quieto por um momento, e no silêncio eu mordi com força a pele onde seu ombro encontrava seu pescoço. Ele respirou fundo e começou a me balançar contra ele, tropeçando para trás até que suas costas encontraram a parede, e então gemeu profundamente quando eu comecei a chupar.

— Estou a caminho. Não faça nada estúpido antes de eu chegar aí, — ele retrucou antes de fechar o telefone e o colocar de volta no bolso.

— Porra, — ele gemeu, me puxando com mais força contra ele quando eu usei meus dentes de novo.

Ele agarrou a parte de trás do meu cabelo e me puxou para longe de seu pescoço, inclinando a cabeça para trás tão longe que eu tinha que olhar para ver seu rosto.

— Você é problema, você sabe disso? — ele murmurou, apertando o punho, então o meu cabelo puxou bruscamente novamente.

— Vamos voltar lá para cima, — eu choraminguei, puxando contra sua mão para que eu pudesse pegar minha boca sobre ele. — Vou montar você tão duro.

Eu não tinha certeza do que eu estava dizendo, mas eu não me importei. Eu diria ou faria qualquer coisa naquele momento, eu estava

tão excitada. Meus quadris estavam frenéticos contra ele, deslizando e esfregando, mas nunca batendo o ponto certo para me levar ao limite.

— Querida, — ele gemeu, acalmando o movimento dos meus quadris com a mão, — Eu tenho que ir. Merda está prestes a bater no ventilador em Oregon.

Minha boca abriu e meus olhos se arregalaram quando ele empurrou as minhas pernas. Quando eu as coloquei para baixo, eu quase tropecei enquanto tentava me afastar dele.

— Sério? — eu reclamei para ele, batendo em suas mãos quando ele tentou me pegar.

— Porra, Callie! — ele gritou, agarrando uma das minhas mãos e pressionando-a contra seu pau muito duro. — Não é como se eu quisesse montar minha maldita moto com isto!

— Bem, então não faça isso! — eu bati de volta, tentando puxar minha mão.

Ele me soltou, mas rapidamente passou os braços em volta da minha cintura antes que eu pudesse sair furiosamente.

— Amor, eu tenho um amigo fodido. Sua merda é tão fodida, que ele tem sorte se ele ver a luz do dia, — ele me disse seriamente, o tom de sua voz me fazendo fazer uma pausa na minha luta. — Eu tenho que chegar até lá e ajudá-lo.

Droga. Ele não ia ficar.

Eu caí contra ele, desanimada e bati com a cabeça contra seu peito repetidamente enquanto ele esfregava minhas costas, acalmando meu corpo superaquecido. Uma vez que ambos os nossos batimentos cardíacos tinham abrandado, eu inclinei meu rosto para ele, ainda fazendo beicinho. Ele voou imediatamente para um beijo com um pequeno sorriso em seu rosto.

O beijo era mais doce e mais profundo do que tinha sido antes. Não foi cheio de luxúria e desespero.

Foi um beijo de despedida.

— É você e eu contra o mundo, não é? — ele sussurrou, alisando meu cabelo longe do meu rosto. — Nós não vamos fazer essa merda para sempre. Só temos que ser pacientes.

Ele me soltou e levou toda a minha força de vontade para não lhe pedir para ficar apenas mais um dia. Mais um dia não teria ajudado nada, e eu sabia que teríamos de passar por exatamente a mesma coisa tudo de novo. Então eu lhe dei um sorriso trêmulo e entrei no meu carro, incapaz de dizer uma palavra após o nó na minha garganta.

Desta vez, quando eu dirigia para longe, ele não me seguiu para a escola. Sua mente já estava focada em tudo o que estava acontecendo com seu amigo e eu estava grata por isso.

Chorei todo o caminho para a escola, mas, logo que eu cheguei lá, eu limpei meu rosto, puxei minha máscara de menina adulta e agi como se eu estivesse bem.

Eventualmente, eu estava.

Capítulo trinta e nove

CALLIE

Asa foi fiel à sua palavra e ligou sempre que tinha a chance. Ele nunca trouxe o problema com seu amigo e eu assumi que ele tinha conseguido por tudo em ordem. Eu era a rainha de enterrar a cabeça na areia, me recusando a lidar com qualquer coisa fora do meu próprio pequeno mundo.

Felizmente, havia um pouco de sobra na conta bancária dos meus pais quando foi transferida para Vovó, então ela tinha sido capaz de pagar para eu tirar meu aparelho. Ela dirigiu para me visitar quando eu tive a minha consulta, embora ela não concordasse com o que estava fazendo. Era besteira, eu não me importo de ir sozinha, mas eu acho que ela tinha medo que eu me sentisse mal que minha mãe não estava comigo. Mesmo que eu não tivesse os mantido pelo tempo eu deveria ter, nós ainda comemoramos com maçãs caramelizadas e pipoca - duas coisas que tinham sido proibidas - uma vez que o aparelho saiu.

Vovó sabia exatamente como me animar, sem sequer tentar. Com meus pais mortos, ela era a única pessoa que me conhecia melhor do que ninguém. Ela sabia qual minha reação seria antes que eu fizesse, e ela saiu do seu caminho para se certificar de que nada dentro de seu poder teria tido a oportunidade de me perturbar. Assim, a visita quando eu tirei meu aparelho decolou. O aparelho que meus pais tinham economizado e estavam tão orgulhosos. Eu não tinha sido capaz de ignorar isso como eu pretendia.

Após sua visita, Asa veio me ver de novo e foi capaz de ficar uma semana inteira. Ele tinha alguma coisa acontecendo com a facção de Sacramento, então ele tinha estado fora uma grande parte do tempo, mas eu não me importei. Sabendo que ele estava há poucos minutos por uma semana inteira me fez praticamente dançar através do trabalho e da escola. Mesmo o drama com Farrah aquela semana não tinha me derrubado.

A mãe de Farrah teve uma briga com seu homem, e, aparentemente, tinha saído dos trilhos. Ela estava em uma festa como se fosse o fim do mundo, e Farrah teve de lidar com drogados e bêbados idiotas batendo em sua porta do quarto trancada em todas as horas da noite. Deve ter havido um ponto de quebra - algo deve ter acontecido,- porque logo depois, Farrah estava com Echo e ficando com ele mais do que ela estava em casa. Eu tentei falar com ela sobre isso, mas ela estava fechada até mais apertada do que um cofre de banco. Ela tinha acabado de rolar os olhos e me dizer que ela não poderia lidar com o drama, mudando de assunto antes que eu soubesse alguma coisa que valesse a pena saber. Eu era uma amiga de merda, porque quando ela mudou de assunto? Eu a deixei.

Porque eu não estava disposta a virar o bote salva-vidas em tomar os seus problemas.

Eu era uma idiota.

Naquela vez, quando Asa saiu, eu não estava tão perdida. Eu tinha feito uma vida bastante estável para mim em Sacramento, e eu estava finalmente confortável no meu entorno. Eu conhecia o bairro que eu estava vivendo, eu tinha uma melhor amiga que estava pendurada no meu apartamento quase todos os dias, eu tinha um emprego decente, que me deixou gastar um pouco de dinheiro, e eu sabia que Asa e eu erámos sólidos.

Eu fiquei boa em pagar contas e tirar o lixo. Eu descobri quais lavanderias sempre tinham roupas molhadas em suas máquinas de lavar por horas a fio e quais eram as mais limpas. Eu descobri como comprar mantimentos em um orçamento sem viver de miojo, e eu cortei cupons e enchi uma caixa no meu guarda-roupa com produtos de higiene pessoal que eu levaria anos para usar.

Eu descobri como cuidar de mim.

Eu terminei o meu último ano do ensino médio, e em vez de fazer uma pausa, decidi tomar algumas aulas naquele verão. Eu tinha tomado créditos extras em San Diego, e isso me deixou com um excedente que, com a ajuda de algumas aulas de verão, me faria me formar um ano mais cedo do que eu deveria. Farrah estava irritada que eu não ia ser capaz de passar o verão deitada na dilapidada piscina do complexo de apartamentos de Echo, mas eu sabia que se eu tivesse muito tempo em minhas mãos, a minha vida cuidadosamente construída desmoronaria. Eu não podia me permitir abrandar por medo

de que eu iria começar a pensar sobre as coisas que eram melhor deixar esquecidas.

Uma vez que ela percebeu que eu não poderia ser seduzida, nós nos estabelecemos em uma vida não diferente do que tivemos durante a escola. Ela estava geralmente no meu apartamento na hora que eu chegava em casa, e saía até que eu tinha que ir para o trabalho. Acabei fazendo a ela uma chave, e um monte de noites que eu cheguei em casa ela estava dormindo no meu sofá. Ela raramente ia para casa mais, a única vez que ela se obrigou a ir para lá foi durante as visitas de Asa, que me deixou sentindo tanto êxtase por ele estar lá e culpada por ela não estar ficando.

Minha vida se tornou uma programação monótona, quebrada apenas pela minha formatura no ensino médio e visitas de Asa. Eu planejei tudo à sua volta, fazendo eventualmente cada visita um evento que eu passei semanas planejando. Comecei depilando minhas pernas, axilas e as partes femininas na semana antes que eu sabia que ele estava programado para vir. Eu limpei a casa de cima para baixo e enchi a geladeira em preparação para outra pessoa que compartilharia meu espaço.

Nós nos tornamos mais e mais confortáveis um com o outro, discutindo sobre coisas estúpidas e nos sentindo livres para desabafar nossas frustrações. 'A briga', como eu lembrava em minha mente, foi lentamente esquecida conforme estávamos mais estabelecidos em nosso relacionamento. Eu já não estava preocupada que ele iria me esquecer uma vez ele estava em Oregon e ele já não estava estressado sobre como eu estava lidando com a vida sozinha. Nós nos transformamos em um casal como qualquer outro casal de longa distância, passando o tempo a cada dia falando ou mando mensagens um ao outro, e fodendo como coelhos quando estávamos no mesmo código postal.

Com o tempo, minha vida se tornou calculada pela última vez que eu o via. Era uma sequência de 'duas semanas até que Asa viesse' ou 'apenas dois dias desde que Asa saiu'.

Meu mundo girava em torno dele, mesmo quando ele estava a centenas de milhas de distância.

Se eu ainda acordava ocasionalmente com pesadelos, eu fingi que eu não fiz. Quando Cody ligava e não soava bem, eu o apoiava até que ele parecia normal, e quando eu desligava, eu empurrava as conversas para a parte de trás da minha mente. Eu não pensei em meus pais, ou

as piores 24 horas da minha vida. Eu não desejei coisas que eu não poderia ter.

Eu me recusava a me preocupar com o quão profundo Farrah estava se apaixonando por Echo.

Me recusei a ficar chateada quando Vovó visitou e ela teve que voltar para San Diego, me deixando sozinha mais uma vez.

E eu *absolutamente* me recusei a reconhecer que, ao longo desse ano, as visitas de Asa se tornaram mais e mais distantes.

Capítulo quarenta

CALLIE

O meu aniversário de dezoito anos começou como qualquer outro dia do ano. Eu fiz dele um grande negócio o fato de me tornar uma adulta quando eu já tinha sido uma por tanto tempo.

Eu tinha sido promovida a gerente do restaurante onde eu trabalhava logo depois que eu me formei. Eu pensei que o proprietário era um idiota por fazer uma garota de dezessete anos de idade gerente depois de alguns meses, mas eu não iria discutir com ele. O encarador de peitos tinha sido apanhado agarrando a bunda de outros funcionários e foi demitido, e eu acho que o proprietário simplesmente não queria lidar com a contratação de alguém mais velho. Todos os funcionários estavam na escola, ou eram desistentes, e eu era a nata da cultura - tão triste assim.

Então eu passei meu aniversário no trabalho, organizando os turnos para as próximas semanas. Era uma maldita dor de cabeça fazer isso. Uma menina queria alguns dias de folga para ir aos eventos da escola, ela queria trabalhar somente às terças e quintas-feiras porque ela tinha alguma merda na igreja nos outros dias. Isso continuou e continuou até eu descobrir que montar o calendário era como um quebra-cabeça que nunca está completamente alinhado.

No momento em que eu cheguei em casa, eu tinha uma dor de cabeça dos infernos e eu estava suada pelo passeio já que o ar condicionado do meu carro estava quebrado e Asa não tinha visitado em quase três meses para consertá-lo. Eu estava irritada e cansada e eu só queria despir a minha calcinha e desmaiar com um ventilador apontado na minha cama.

Quase parrou despercebido a moto estacionada no final do estacionamento.

Quase.

Eu corri até as escadas, amaldiçoando que quando eu fiz a minha sessão de depilação mensal na semana anterior, eu não tinha limpado a casa ou abastecido a geladeira. Meu coração disparou quando abri a porta e meu queixo caiu quando vi a quantidade de pessoas no apartamento... e outra merda.

Havia fitas cruzando o teto, cartazes nas paredes, e balões ligados a alguma coisa pesada o suficiente para segurá-los de voar para o teto. Parecia uma loja de festas vomitou aqui. Farrah.

Parei na porta, e ninguém reparou em mim enquanto eu procurava na multidão por Asa. Farrah estava sentada no colo de Echo no sofá, Michael estava sorrindo para uma garota que eu nunca tinha visto antes, e alguns dos meus colegas de trabalho estavam no corredor dando uns amassos. Eu ia ter que refazer toda a agenda para me certificar de que eles não estivessem no mesmo turno. *Droga.*

Eu encontrei Asa de pé na cozinha, rindo com uma menina bonita com o cabelo louro que pendia quase até sua bunda. Ela era bonita, *muito* bonita, mas no minuto em que ela colocou a mão em seu peito parecia uma cadela do inferno para mim. Eu vi vermelho.

Bati a porta atrás de mim, fazendo com que a maioria dos ocupantes virassem em minha direção, mas eu só me importava com a atenção de uma pessoa. Sua cabeça virou na minha direção, e ele sorriu enorme até que viu a carranca no meu rosto.

Se eu fosse um desenho animado, fumaça teria saído de meus ouvidos enquanto eu lançava minha bolsa para Farrah. Ela a pegou como se ela tivesse antecipado o movimento, e olhava com um sorriso enquanto eu atravessava a sala e a cozinha.

— Você, — eu apontei para a menina com Asa. — Dê o fora da minha casa.

Ela riu desconfortavelmente e olhou para Asa.

Oh. Não. Ela não fez isso.

— Vadia, v olha para *mim*, — eu zombei dela, fazendo com que sua cabeça chicoteasse de volta. — Ele não vai te ajudar.

— Calliope— a voz de Asa foi um aviso que eu não atendi.

— Saia. Fora. Do. Meu. Apartamento, — eu disse a ela com os dentes cerrados. — A menos que você queira que eu arranque esse cabelo bonito de sua cabeça quando eu te bater pra caralho.

— Eu...

— Você... nada, — eu a cortei, fingindo gaguejar. — É a *minha* casa e... — eu apontei o dedo para Asa, — *meu* homem. Você coloca suas mãos sobre ele, você lida comigo. Agora *vá.*

Ela olhou entre nós dois, tentando calcular suas chances, mas quando eu dei mais um passo em sua direção, ela correu para a porta da frente, arrastando a menina ao lado de Michael com ela. Eu a assisti ir e, em seguida, puxei meu braço de Asa quando ele tentou me puxar para ele.

Seu rosto estava apertado com raiva quando eu olhei para ele, e eu fiz uma carranca, até que ouvi Farrah batendo palmas da sala de estar.

— Bravo! — ela chamou, rindo. — Eu estava esperando que ela ficasse, assim poderíamos bater na bunda dela. Eu tenho suas costas, irmã! — ela estava bêbada e balançando, e eu não poderia manter um sorriso do meu rosto por suas palhaçadas. *Fodida bobona.*

A sala estava ainda quieta, assistindo Asa e a mim de perto, então eu levantei minhas mãos no ar e balancei os quadris de um lado para o outro.

— Nada a ver aqui, pessoal! — gritei com um sorriso de escárnio. — Bebam e sejam felizes! Porra de Feliz Aniversário para mim!

Voltei para o meu quarto com Asa a menos de um pé atrás de mim. Quando eu cheguei lá, ele bateu a porta atrás de nós, eu me virei, surpresa.

— O quê? Eu pensei que era isso o que estávamos fazendo agora, — ele retumbou, deslizando seu colete de seus ombros enquanto ele me perseguia do outro lado quarto. — Batendo a porra de portas e cadelas quando eu não vi você em três meses malditos.

— Ela estava em cima de você! — eu cortei de volta quando ele puxou sua camiseta sobre a cabeça. — Que porra você está fazendo?

— Ela não estava em cima de mim. A garota veio com Michael e você só foi uma empata foda pra ele.

Eu estava ao lado da cama, gaguejando enquanto ele tirava suas botas e meias. Ele estava ainda maior do que a última vez que eu o vi, e, aparentemente, ele tinha algumas de suas tatuagens retocadas, também, porque uma em suas costas estava ainda maior e subindo pelo seu pescoço. Eu bebi ele com meus olhos, não saindo do meu estupor

até que ele estava bem na minha frente e puxando minha camiseta polo do trabalho sobre a minha cabeça.

— Que diabos? — engoli em seco. — Temos cerca de quinze pessoas na sala de estar!

— Eu não dou a mínima, — respondeu ele, se inclinando para levar a minha boca em um beijo molhado enquanto ele desabotoava meu sutiã. — Se eles sabem o que é bom para eles, eles vão ficar lá fora... mesmo quando ouvirem você gritando.

Ele me despia enquanto eu tentava me esquivar, mas eu dei uma tentativa indiferente na melhor das hipóteses. Fazia muito tempo desde que eu o senti, e eu não poderia verdadeiramente me fazer importar que tínhamos um apartamento cheio de pessoas.

Ele me jogou na cama e eu me arrastei para cima e para fora dele enquanto ele desfazia o cinto e calça. Eu fui para a porta como se eu fosse sair, mas não fui longe antes que ele estivesse me levantando pela cintura e me atirando de volta - calça jeans caindo cada vez mais longe de seus quadris enquanto lutávamos.

Quando ele finalmente me prendeu para baixo, minhas mãos foram capturadas em uma das suas acima da minha cabeça e eu estava em nada, além da minha calcinha. De alguma forma, ele mesmo tirou os sapatos e as meias. Suas calças tinham caído completamente nesse ponto, e ele chutou para fora suas pernas sem sair de sua posição de acima do meu corpo.

— Você sente falta de mim, baby? — ele murmurou, correndo o nariz ao longo da minha clavícula e pescoço.

— Eu senti, até que eu vi você na minha cozinha com aquela vagabunda. — eu cortei, puxando meus braços.

— Não estava fazendo nada com ela e você sabe disso, — ele sussurrou, mordendo meu lábio inferior suavemente. — Por que eu iria querer aquilo, quando eu tenho isso? — perguntou ele rolando seus quadris, a fricção me fazendo balançar contra ele.

— Não deixe elas te tocarem, — eu sussurrei de volta. — Eu me transformo em uma psicopata.

— Tudo bem amor. — ele me disse com uma risada, ainda balançando contra mim, — É quente pra caralho, também.

Ele empurrou minhas mãos no colchão quando ele se inclinou para me beijar, empurrando suas boxers de seus quadris enquanto ele mordia e sugava meus lábios. Eu usei meus dedos do pé para ajudá-lo a empurrá-los para baixo, pegando seu lábio em meus dentes conforme rosnei em sua boca. Eu ainda podia vê-lo rindo com aquela garota.

Ele beliscou um dos meus mamilos duros, me fazendo ofegar, e assim que eu soltei seu lábio, sua língua mergulhou dentro da minha boca em um impulso rápido. Sua mão tinha soltado a minha, mas antes que eu pudesse agarrá-lo, ele lambeu sobre a minha barriga. Ele se recostou sobre os joelhos, puxou meus quadris para cima, rasgando minha calcinha pelas minhas coxas, até que foram esticadas entre os joelhos.

Eu não recebi uma palavra antes que ele batesse na minha bunda, duramente, me fazendo guinchar em resposta.

— Quieta, — ele sussurrou para mim, batendo na minha bunda novamente. — Você quer sua amiguinha vindo correndo aqui?

Ele esperou por uma resposta, fazendo uma pausa para colocar uma camisinha antes de esfregar minha bunda firme, me fazendo ofegar no edredom.

— Não, — eu gemi e ele bateu a mão para baixo novamente.

— Eu chego aqui, e a primeira coisa que você faz é causar uma cena. — *tapa.* — Você começa a reclamar e me tratar como merda por nenhuma razão. — *tapa. Tapa.*

Ele se inclinou sobre o meu corpo, o que fez a minha bunda pulsar em resposta, e sussurrou em meu ouvido.

— Eu amo você. Não quero *ninguém* além de você, — ele murmurou assim que ele deslizou facilmente dentro de mim.

Eu soluçava enquanto ele se balançava para trás e empurrava meu corpo em direção ao seu. Ele nunca me disse que me amava antes, eu não tinha dito isso também. De repente, eu estava sobrecarregada por todas as emoções correndo por mim. Amor, raiva, irritação, surpresa, luxúria inundou meu cérebro como uma onda e eu senti lágrimas escorrendo pelo meu rosto quando ele apertou seus quadris na minha bunda dolorida.

— Você tem que parar de me empurrar, baby, — ele sussurrou, beijando o meu pescoço. — Eu amo você. É quente pra caralho, mas eu

quero voltar para casa para você e não brigar sobre a maldita casa ou o seu pedaço de merda de carro.

Tentei me concentrar em suas palavras, mas ele passou a língua pelas minhas costas, me fazendo tremer e perder minha linha de pensamento. Ele estava perfeito assim contra mim - me rodeando - que o pulsar da minha bunda era pouco perceptível quando pressionei meus quadris com mais força contra ele, minhas unhas cavando o edredom debaixo de nós.

— Você tem que me dizer o que realmente está acontecendo, Calliope, — ele me disse, com resignação em sua voz.

— Não! — eu engasguei quando ele saiu de mim completamente, mas ficou em silêncio enquanto ele gentilmente me virou com as costas para cama. Ele esfregou as lágrimas no meu rosto com os polegares, e me beijou suavemente antes de empurrar para dentro.

Seus olhos encontraram os meus enquanto ele deslizava para trás e para frente, e eu não desviei o olhar, mesmo quando ele pegou velocidade e nossa cabeceira começou a bater contra a parede.

— Me diga que você me ama, — ele rosnou, antes de se inclinar para chupar duro do lado do meu peito. — Diga que você é minha.

— Eu te amo, — eu solucei de volta, passando os punhos em seu cabelo.

Seus quadris fizeram uma pausa, o deixando apenas pela metade dentro de mim antes dele retornar novamente, — Diga que você é minha.

— Eu sou sua. Eu sou sua! — eu implorei, deslizando uma mão em seu ombro e cavando minhas unhas em suas costas até que ele bateu de volta dentro de mim.

— É isso aí, baby. Você é minha e eu sou seu. — ele se inclinou e me beijou profundamente enquanto uma de suas mãos deslizou entre nós para beliscar e puxar o meu clitóris.

— Ok, — eu respondi, e então minha voz quebrou enquanto eu gemia longa e profundamente quando gozei.

— Tão bonita, — ele murmurou quando ele acelerou dentro de mim.

Fiquei ali em transe e o assisti, as veias do pescoço salientes e suas estocadas se tornando curtas quando ele alcançou seu próprio orgasmo.

Ele que era bonito.

Capítulo quarenta e um

GREASE

Se ela soubesse o que eu tinha passado ao longo dos últimos meses, acho que as coisas teriam sido diferentes. Merda estava acontecendo no clube, merdas que eu não podia contar a ela porque eu estava com medo como o inferno que fosse empurrá-la de volta para onde ela tinha estado quando eu a conheci - com medo de sua própria sombra. Então, eu estava chateado como o inferno que eu não podia vê-la, fazendo uma viagem longa pra cacete quando eu podia, mas isso não parecia importar. Ela ainda tinha visto isso como abandono, ficando mais irritada comigo a cada visita e eu tinha que apenas aceitar, porque eu não estava disposto a explicar a ela.

Ela não sabia que estar longe dela tinha sido como agulhas constantemente ardendo sob a minha pele e eu tinha que trabalhar como um louco para que eu pudesse realmente dormir à noite.

Engoli em seco pela minha garganta apertada quando Callie se enrolou em meu peito. Pela primeira vez em meses, todo o seu corpo estava relaxado contra o meu.

Obrigado, porra.

Eu tinha a minha garota de volta.

Capítulo quarenta e dois

CALLIE

Nós quase não conseguimos sair do quarto naquela noite. Eu não queria me afastar dele nem por um segundo - eu estava me sentindo muito crua - mas eventualmente, tivemos que fazer uma aparição. Era a minha festa de aniversário, afinal.

Meu rosto inflamou em constrangimento quando Farrah piou com alegria, mas, felizmente, Echo disse algo em seu ouvido que a fez endireitar os ombros e olhar para ele, terminando com seu divertimento. Eu me perguntava o que exatamente eles tinham ouvido. Eu estava estranhamente desembaraçada sobre a palmada e mais preocupada com o fato de que eles podem ter ouvido Asa me dizer que me amava pela primeira vez. Fora todo o episódio, era a única coisa que eu queria manter ferozmente privado. Apenas uma pessoa fez um comentário depois disso, algo sobre o bater da cabeceira, mas o olhar que Asa lhe deu foi o suficiente para fazê-lo parar no meio da frase.

As únicas pessoas que ficaram na casa foram os Aces e as suas mulheres, e eu estava feliz que eu não precisava me preocupar em socializar com um grupo de pessoas que eu mal conhecia. Eu não conseguia sair do lado de Asa e me lembrou da menina carente que eu tinha sido no ano anterior, mas recusei a parar. Eu precisava tocá-lo, e se o braço enrolado em volta dos meus ombros era qualquer indicação, ele estava sentindo essa necessidade também.

Eu assisti Farrah e Echo argumentarem silenciosamente por um tempo antes que ela se dirigisse para mim, me puxando para longe de Asa enquanto ela marchava para a cozinha. Eu não tive a chance de dizer uma palavra antes que ela começasse a falar rápido, quase maníaca.

— Você está bem? Ele *não* parecia feliz. Eu não podia acreditar naquela garota. Que piranha. Eu não posso acreditar que ele estava

chateado com isso. Quero dizer, ela estava toda sobre a bunda dele. Juro, caras são tão idiotas às vezes-

— Uau! Devagar, — eu a interrompi, a puxando para um abraço. — Está tudo bem. Tivemos alguma outra merda para lidar, mas está tudo bem agora.

Ela deixou cair a cabeça no meu ombro e os braços apertados em volta da minha cintura.

— Ei, você está bem? — eu perguntei suavemente, esfregando minha mão para baixo na parte de trás de seu cabelo.

— Sim. Eu sinto muito. — ela tentou se afastar, mas eu segurei firme, recusando a deixá-la ir.

— Alguma coisa está acontecendo, — eu sussurrei em seu ouvido. — Você estava discutindo com Echo desde que chegamos aqui. O que você não está me dizendo?

— Não é nada, — ela fungou, puxando sua cabeça para trás e me dando um sorriso brilhante que parecia desagradável quando combinado com o brilho em seus olhos. — Drama estúpido. Você sabe que eu não tenho tempo para essa merda.

Ela me deu um tapinha nas costas algumas vezes antes de se afastar de novo, e daquela vez eu a deixei ir. Eu a vi de perto conforme ela caminhou até a geladeira e a abriu como se estivesse procurando alguma coisa, mas não pegou nada antes de fechar novamente.

— Eu acho que vou para casa, — ela me disse indiferente. — Você teve um inferno de uma festa, mesmo que você não estava lá para testemunhar isso, e eu estou cansada como o inferno.

Ela parecia cansada. Ela também parecia assombrada e notei pela primeira vez quão escuro os círculos sob os seus olhos estavam.

— Eu sinto muito por não ter saído mais, — eu respondi, olhando em volta para os balões caídos e fitas. — Você fez um trabalho extraordinário.

— Não se preocupe irmã. Qualquer coisa para você. — ela se aproximou e me deu um beijo molhado na bochecha, emparelhado com um sorriso falso, antes de se dirigir para a porta da frente.

Ela não tinha passado pela porta nem por dois segundos antes que Echo a estivesse seguindo, parecendo tanto chateado quanto preocupado.

Não demorou muito para que os outros os seguissem e finalmente tivemos o apartamento só para nós. Se eu não tivesse vindo para casa para um apartamento cheio de pessoas, teríamos ficado enrolados juntos na cama desde o momento que eu cheguei lá. No minuto que a última pessoa saiu pela porta, foi exatamente o que fizemos.

Asa me despiu enquanto caminhávamos pelo corredor, e apenas alguns segundos depois que eu subi na cama, ele estava subindo por trás de mim, nu.

— Você teve uma boa festa? — ele me perguntou em voz baixa, sua mão esfregando levemente sobre minha barriga.

— Sim... Bem, o que restava dela — eu suspirei de volta com um sorriso.

Sua respiração soprou contra o meu pescoço e ele me deu um aperto, me puxando mais apertado contra seu corpo. — Eu senti sua falta como inferno, Calliope.

— Tem sido longos três meses, — eu concordei, encontrando a sua mão com a minha e dando tapinhas nas costas dela suavemente.

— Já foi mais do que isso, querida, — ele murmurou, entrelaçando os dedos com os meus.

— Sim, — respondi, fungando uma vez que meus olhos se encheram de lágrimas.

— Eu quero que você se mude comigo, Callie, — ele me disse seriamente, seu braço apertando para me impedir de fugir. — Eu quero você comigo. Eu quero ver você todos os dias e começar uma família em algum ponto. Isso não vai acontecer se nós não estivermos no mesmo lugar. Esta merda está fodendo com nós dois.

— Ok, — eu sussurrei de volta.

Fiquei surpresa quando ele se afastou e me empurrou de costas para que ele pudesse pairar sobre mim.

— O que você disse?

— Hum... ok? — eu respondi confusa.

— Isso é uma pergunta?

— Não, é minha resposta, — eu rebati, exasperada em falar em círculos. — Você me pediu para me mudar com você e eu respondi que sim!

Seu rosto se iluminou com um sorriso tão grande que fez a minha respiração parar na minha garganta.

— Eu tenho que cuidar das coisas por aqui, — eu disse a ele baixinho quando ele caiu ao meu lado para ficarmos deitados cara a cara. — Eu tenho que dar aviso no meu trabalho e fazer Vovó visitar uma vez mais.

— Tudo bem, querida. Nós vamos fazer isso funcionar.

— Eu não sei quanto tempo isso vai levar, — eu avisei: — Eu preciso que você seja paciente comigo e-

— Enquanto você está fazendo a mudança, eu posso ser paciente.

— E eu preciso que você venha me ver mais vezes. Eu não posso continuar esperando por você por três meses toda vez.

— Eu vou fazer o meu melhor, querida, — ele prometeu imediatamente, se inclinando para um beijo.

Ficamos ali algum tempo, apenas observando um ao outro. Fazia tanto tempo desde que tínhamos feito isso, apenas passar o tempo de juntos, sem argumentos ou sexo entre nós. Foi reconfortante de uma forma que eu não poderia ter imaginado.

— Você quer começar uma família? — perguntei em voz baixa, chegando a correr meus dedos suavemente sobre seus lábios.

— Sim, — ele limpou a garganta, mas sua voz ainda estava rouca enquanto ele continuava. — Não tem que acontecer amanhã, ou mesmo nos próximos anos. Mas, sim, eu quero ver meus bebês crescendo em sua barriga.

— Ok.

— Sim?

— Sim.

E foi isso.

Aparentemente, eu estava me mudando para Oregon.

Capítulo quarenta e três

CALLIE

Era quase quatro meses depois do meu aniversário e não havia nenhum movimento em vista.

Eu tinha começado o processo, dando aviso no meu trabalho e comecei a embalar o apartamento, mas parecia que uma coisa atrás da outra atrasou os meus planos.

Quando eu falei com meu chefe no restaurante, ele parecia triste para me deixar ir, mas disposto a dar uma boa referência quando eu encontrasse um novo emprego. Infelizmente, ele me pediu para assumir a contratação e treinamento de minha substituição pela primeira vez. Por uma variedade de razões, eu não senti que eu poderia dizer não. Ele não só tinha confiado em mim quando ele contratou uma garota com pouca experiência para gerir o seu restaurante, mas ele também tinha sido realmente bom sobre me dar um tempo fora quando eu precisava durante as visitas de Asa e de Vovó. Eu senti como se eu lhe devesse.

Os currículos não vieram de vez. Eles vieram em pingados e foi depois de três semanas que nós tínhamos uma piscina de candidatos bons o suficiente para iniciar o processo de entrevista. A maioria deles tinha pouca experiência e poucos nem sequer sabiam sobre o que o trabalho era. Foi um pesadelo.

No momento em que finalmente tinha contratado alguém, um mês havia se passado desde que tinha começado o processo inteiro. Eu estava ansiosa para treinar para que eu pudesse finalmente me mudar e eu tinha ido para o trabalho pensando que o fim estava próximo... mas o novo contratado nunca apareceu. Ele literalmente nunca apareceu. Não *naquele* dia ou na semana seguinte. Porque o novo contratado tinha sido a única opção válida na enorme quantidade de candidatos, eu tive que começar tudo de novo.

Felizmente, o segundo acabou por ser perfeito. Ela era uma senhora que parecia um pouco desanimada com sua sorte, mas ansiosa para trabalhar. Eu tinha passado as duas últimas semanas treinando ela, tinha acabado de terminar o meu último dia, e estava me sentindo muito feliz de poder finalmente arrumar o resto das minhas coisas e ir para Asa. Eu sentia falta dele pra caramba.

Eu não via Asa desde o meu aniversário, e eu estava tentando não me ressentir do fato de que ele tinha prometido que iria visitar e não veio. Eu sabia que ele não ficava longe por opção. A mesma frustração que eu sentia estava em sua voz cada vez que conversamos. Nós não planejamos um longo atraso, e isso estava pesando em nós dois.

Questões de trabalho não eram as únicas coisas difíceis de deixa. Parecia que tudo estava me batendo de uma vez, e quando Asa tinha aberto a garrafa de sentimentos que eu tinha fechado totalmente, eu tinha sido incapaz de fechá-la novamente.

Vovó não foi capaz de visitar, porque ela tinha pego algum tipo de vírus e isso chutou sua bunda. Andava ao redor do apartamento toda vez que eu falava com ela, a única saída que eu tinha para não deixar ela ver minha preocupação, enquanto ela falava comigo em um tom estridente cada noite. Ela não pareceu estar ficando melhor rápido o suficiente e eu estava preocupada. Eu queria ser capaz de cuidar dela, mas era impossível para ela dirigir *e* ainda mais impossível eu ir até ela. Pela primeira vez em muito tempo, eu odiava o fato de não estar em San Diego.

Cody não estava ajudando a minha paz de espírito, tampouco. Ele tinha começado a me ligar algumas vezes por semana, e embora eu não apontasse o dedo para ele, algo estava errado. Ele nunca me disse o que estava acontecendo, mas ele não era o irmão feliz e engraçado que eu tinha conhecido toda a minha vida. Ele estava temperamental e agia como se ele não quisesse falar mesmo sendo ele a pessoa que fez a chamada. Eu senti como se estivesse pisando em ovos cada vez que nos falávamos, porque qualquer coisa poderia deixa-lo puto, e quando ele ficava, ele desligava e eu teria que esperar quase uma semana para outra chamada enquanto ele ignorava todas as minhas tentativas de contato ele.

Com ambos os membros da minha família restantes me fazendo perder o sono à noite, levei um tempo antes de notar a mudança de Farrah. Na primeira, foi pequenas coisas que poderia facilmente ser negligenciadas - um dia sem maquiagem, ou deixando uma semana extra passar antes dela retocar as raízes de seu cabelo loiro. Mas logo as

coisas ficaram piores, e foi aí que comecei a me preocupar. Ela estava aparecendo na minha casa todas as horas da noite, alta[18] como uma pipa, só para desmaiar no sofá. Os ossos em seu peito estavam se tornando mais pronunciados e os peitos dela se tornaram quase inexistentes enquanto ela perdia cada vez mais peso. Mesmo com maquiagem totalmente feita, ela não podia ocultar os círculos escuros afundados sob os olhos.

Ela estava me assustando, e ela me deixava ajudá-la.

Eu estava pensando em todas essas coisas, dirigindo para casa, e tentando decidir como eu arrumaria a casa quando Asa me ligou.

— Olá baby.

— Callie. Como foi o seu último dia, querida? — sua voz me acalmou um pouco.

— Foi bom! Rhonda parece se encaixar bem. Porra, eu estou contente de finalmente sair de lá.

— Você e eu, amor. Eu odiava você trabalhar naquele lugar.

— Sim, sim, — eu ri, puxando para o estacionamento do meu apartamento. — Eu não estou mais lá, então pare de reclamar.

Tudo o que ele disse em seguida foi completamente perdido quando eu olhei para o meu prédio e o barulho do meu coração começou a vibrar em meus ouvidos.

— Asa, eu tenho que ir, — eu interrompi, parando o carro no estacionamento e lutando para sair do meu cinto de segurança.

— O que há de errado, Callie? — ele retrucou freneticamente, sua extremidade da linha farfalhando com o movimento.

— Farrah, — eu disser antes de enfiar o meu telefone no meu bolso e saltar para fora do carro.

Ela estava sentada sem jeito, a meio caminho até as escadas para o meu apartamento, embalando um braço e me olhando através de dois olhos negros inchados. Suas roupas estavam impecáveis, mas sua camisa estava pendurada sobre o peito, com um braço pela manga e o outro s em seu ombro, e calças de yoga que ela jurou que ela nunca usava fora de casa pairando em sua magra cintura.

[18] Drogada.

Eu tropecei em direção a ela, desejando não chorar quando ela tentou se levantar.

— Eu tenho a minha chave, mas eu não consegui subir as escadas, — ela balbuciou entrecortada, os lábios divididos parecendo tanto uma careta como um sorriso.

— Oh meu Deus, Farrah! Não se mova! — eu disse, correndo para seu lugar na escada enquanto ela balançava bêbada.

Quando cheguei a ela, eu não estava certa onde tocá-la para estabilizá-la. Eu joguei meus braços em torno dela, agarrando o corrimão para me preparar no caso de ela cair na minha direção.

— Você pode descer se eu te ajudar? — eu perguntei a ela suavemente, procurando seu rosto para a verdade. — Precisamos te levar para o hospital.

— Nada de hospital.

— Que diabos você está falando? — eu gritei, a assustando e fazendo-a estremecer.

— Só me leve para dentro, ok? Eu preciso sentar, — ela murmurou de volta, girando suavemente até que ela estava subindo as escadas. Quando ela se virou, eu notei hematomas por toda suas costas e seu cabelo bagunçado coberto de sangue seco.

Oh, Deus.

Engoli contra a crescente necessidade de gritar de horror e segui enquanto ela fez lentamente seu caminho até as escadas, a apenas balançando de volta contra mim uma vez antes que ela desse mais um passo. Ela embaralhou na minha porta da frente lentamente, usando um braço para se apoiar contra a parede enquanto eu observava em silêncio.

Eu não sabia o que fazer.

Quando entramos e eu tinha colocando ela no sofá, corri para o quarto e liguei para uma pessoa que eu sabia que poderia consertar qualquer coisa.

— Asa? — engoli em seco, vasculhando meus produtos de higiene pessoal para encontrar suprimentos de primeiros socorros.

— O que está acontecendo, Calliope? Fale comigo, amor.

Sua voz suave quebrou um buraco na parede de minhas emoções e todas elas vieram derramando.

— Farrah, — eu soluçava, tentando recuperar o fôlego. — Ela está, meu Deus. Alguém bateu nela pra caralho!

— Quem? — ele trovejou, sua voz aprofundando de uma forma que eu só ouvi uma vez antes na varanda da casa da minha avó.

— Eu não sei! — eu soluçava, ainda procurando em vão por Band-Aids ou gaze. — Eu acabei de por ela dentro de casa e liguei para você. Ela não quer ir para o hospital e eu não sei o que fazer!

— Callie, — ele retrucou, — Você precisa se recompor agora. Você está me escutando?

— Sim, — eu engasguei, balançando a cabeça enquanto eu limpava meu nariz no ombro da minha camisa.

— Você não precisa fazer merda nenhuma. Ok? — ele me disse suavemente. — Você acabou de chegar; se certifique de que ela tenha o que ela precisa. Ela está sangrando?

— Seu cabelo tem sangue, mas não parece que tem sangue pingando. — *Por que diabos eu estava à procura de Band-Aids?*

— Ok, isso é bom, baby. Isso é muito bom. — ele fez uma pausa por um momento e eu ouvi sua respiração gaguejar enquanto eu o imaginei passando a mão pelo rosto. — Eu vou fazer algumas chamadas. Se certifique de que a porta esteja trancada e não abra para qualquer um além dos meus meninos.

— Ok. Eu só— eu andei em torno meu quarto sem destino, minha mente correndo em mil direções diferentes.

— Callie! Vá verificar a sua amiga e tranque a maldita porta.

— Ok. Vou fazer isso agora, — eu disse a ele calmamente, ajeitando meus ombros antes de sair do quarto.

— Eu vou te ligar de volta. Eu te amo. — ele desligou antes que eu pudesse dizer alguma coisa.

Eu verifiquei a porta primeiro e depois fui para Farrah, que não tinha se movido uma polegada.

— Eu não sei como posso te ajudar, — eu sussurrei, me ajoelhando a seus pés. — Devo pegar um saco de gelo?

— Nah, eu estou bem, — ela me disse arrogantemente, seu balbuciar desmentindo as palavras. — Eu só preciso dormir. Vai estar dez vezes melhor amanhã.

— Farrah! — eu bati de volta, frustrado que, mesmo quando ela estava sentada no meu sofá toda fodida, ela ainda se recusava a me deixar entrar. — Eu acho que seu braço está *quebrado.*

— Oh, — ela parecia perplexa quando ela olhou para seu braço e, em seguida, voltou para o meu rosto, seus olhos cheios de lágrimas pela primeira vez. — Sim, pode ser.

— Sim, garota, — eu disse a ela suavemente, meu próprio nariz formigando com lágrimas. — Eu tenho certeza.

— Ok. — ela olhou ao redor da sala como se procurasse alguma coisa e então seus olhos inchados me encontraram novamente. — O que eu vou fazer?

Eu não tinha certeza se ela estava em choque ou apenas completamente dominada, mas, naquele instante, era uma criança quebrada e com medo que estava olhando para mim como se eu tivesse que protegê-la. Meu peito se encheu com um propósito e pela primeira vez desde a morte dos meus pais, eu pisei nesse papel. Era uma sensação feroz de necessidade quase ardente que me encheu.

Daquele momento em diante, eu iria matar para protegê-la.

Eu morreria para protegê-la.

— Você não tem que fazer nada, — eu a tranquilizei, tirando as sandálias sujas. Parecia que seus pés eram as únicas coisas que tinham escapado do trauma. — Eu liguei para Grease e ele disse que vai enviar alguns meninos.

— Não! — ela gritou, todo o seu corpo enrijecendo. — Nãonãonãonãonão.

— Por quê? — eu perguntei firmemente, meu estômago afundando.

— Não Echo, — ela me disse suplicante. — Não Eco, ok?

Meu coração começou a correr com as implicações do seu pedido. *Santo inferno.*

— Por que não, menina? — perguntei em voz baixa, me preparando para sua resposta.

Ela fungou em silêncio por alguns minutos, antes de responder.

— Eu não quero que ele me veja assim, — ela sussurrou penosamente, seus olhos me implorando para mantê-lo afastado.

Eu queria suspirar de alívio por Echo não ser o responsável, mas eu não podia. Alguém tinha batido nela tanto que seu braço estava quebrado. Não havia alívio nisso.

— Ele só me vê quando eu estou bem, — ela gemeu, se inclinando para mim para obter o seu ponto de vista. — Ele não me quer mais. Eu não vou ter para onde ir.

Suas palavras foram como um soco no estômago. Eu queria discutir, lhe dizer que ele a tinha visto ficar mais magra e mais magra e não parecia importar. Eu queria dizer a ela que na minha festa de aniversário ela tinha batom em seus *dentes* e ele ainda via ela como se fosse a coisa mais linda que ele já tinha visto. Em vez disso, eu apenas balancei a cabeça.

— Você fica comigo, — eu disse a ela, apertando os pés dela em minhas mãos.

— Você está se mudando com Grease.

— Você. Vai. Ficar. Comigo, — eu disse de novo, minha voz firme.

Ela assentiu com a cabeça, mas não disse nada quando alguém começou a bater na porta.

— Não deixe ele me ver! — ela sussurrou freneticamente, como se os homens no corredor pudessem realmente ouvi-la sobre todo o barulho que eles estavam fazendo.

Eu balancei a cabeça e me levantei, querendo saber como eu iria manter Echo fora da minha casa. Eu não teria algo a dizer sobre o assunto.

Eu olhei pelo olho mágico e abri a porta para Michael e Echo no meu tapete de boas vindas.

— Onde ela está? — Echo perguntou freneticamente, se aproximando quando eu me recusei a ceder a partir da porta.

— Ela não quer ver você, — eu disse a ele em tom de desculpa, estremecendo quando seus olhos em pânico olharam para mim. — Você precisa ir.

Seu rosto ficou vermelho de raiva, olhando para mim, incrédulo.

— Callie, eu sei que você está preocupada com ela. Eu te respeito pra caralho por isso, — ele me disse com os dentes cerrados, muito obviamente tentando controlar seu temperamento. — Mas essa é a minha mulher lá dentro, e se você não se mover, eu não vou me importar quem você é, eu vou bater na sua bunda.

Eu fiquei lá por um momento pesando em minhas opções, mas eu não devo ter chegado a uma decisão rápida o suficiente, porque logo ele estava literalmente me pegando e me movendo para o lado.

Fiquei feliz que ele decidiu não bater em minha bunda.

Corri ao redor do sofá atrás dele, ansiosa para ser uma barreira para Farrah se ela precisasse. Mas eu desejei não ter feito isso.

Porque eu tinha um lugar na primeira fila quando ele parou na frente dela, congelado.

E eu vi quando ele caiu de joelhos e gritou de dor e raiva.

Eu queria me afastar, mas a coisa toda foi como um belo acidente de trem. Eu não podia tirar os olhos dela.

— Não olhe para mim! — Farrah gritou, sua respiração vindo em soluços duros. — Não olhe para mim! Eu estou deia. Não olhe para mim. — sua voz abaixou em um gemido quando ela segurou a mão ilesa dela em seu rosto.

Echo fez um som abafado e fugiu imediatamente entre suas pernas no sofá, sussurrando suavemente.

— Baby. Você é sempre linda... Eu preciso que você me olhe, Farrah. — sua voz era áspera com lágrimas quando ele puxou suavemente a mão dela e Farrah a deixou cair em seu colo em derrota. — Ah, baby. Shhhh.

Ela estava chorando de verdade, e a tristeza esmagadora em seu rosto tinha lágrimas escorrendo pelo meu.

— Eu liguei para você, — ela engasgou, procurando seus olhos. — Eu liguei para você. *Onde* você estava?

Ele fez um som como um animal ferido e baixou a cabeça em seu colo. Soluçando.

Farrah levantou a cabeça e encontrou meus olhos, sua mensagem clara. Eu balancei a cabeça e caminhei completamente para fora da casa e me sentei ao lado de Michael no topo das escadas.

— Eu não sei o que fazer, — eu disse a ele em voz baixa.

Ele jogou o braço em volta dos meus ombros e beijou o lado da minha cabeça. — Ela tem seu homem e o seu está a caminho. A única coisa que você pode fazer é esperar.

Capítulo quarenta e quatro

CALLIE

Echo convenceu Farrah a ir para o hospital, mas ela se recusou a deixá-lo levá-la.

Eu acabei levando ela com Michael amontoado no banco de trás do meu carro para a proteção. Eles não queriam que a gente fosse sozinhas, mas eu não entendi por que Michael foi com a gente porque eu vi Echo vindo atrás de nós em sua moto todo o caminho até lá.

Os médicos e enfermeiras tentaram repetidas vezes conseguir respostas de Farrah, mas ela não estava falando. Ela não ia contar a ninguém. A cena dela e Echo ficou na minha mente e eu me perguntei se ele sabia mais do que ele estava dizendo - não que eu pudesse perguntar a ele. Eu o perdi no estacionamento da emergência e eu não tinha visto ele desde então.

Levou horas, mas eles finalmente enviaram Farrah para casa comigo, porque ela se recusou a passar a noite no hospital. Ela me disse que não podia se dar ao luxo de ficar lá, mas havia uma razão subjacente em seus olhos que eu não consegui interpretar.

Demos as mãos e choramos quando eles tiraram fotos de seu corpo nu. Ela não me soltou e eu estava feliz. Eu não achei que poderia soltá-la também. Ela tinha hematomas cobrindo suas pernas e tronco e os vergões em seus seios pequenos pareciam queimaduras de cigarro. O sangue em seu cabelo tinha vindo de um pequeno corte na parte de trás de sua cabeça que nem precisou de pontos e ambos os ossos em seu antebraço foram quebrados. As contusões nas costas e na parte inferior eram ainda piores do que aquelas em sua parte dianteira e ainda acima de tudo isso, ela estava tão magra que eu podia contar cada uma das suas costelas.

Mais de uma vez durante todo o processo de documentação, eu tinha que engolir minha vontade de vomitar.

Eles enfaixaram seu braço o melhor que podiam antes de sairmos e eu estava grata pela forte injeção de dor que foi dada a ela. Ela havia caído no sono na cadeira de rodas antes de chegarmos à porta, o que era provavelmente o melhor porque Echo estava esperando por nós. Eu o assisti de perto enquanto ele a carregava como um bebê para o carro.

A culpa que ele sentia era como uma névoa que pairava em torno dele.

No momento em que cheguei em casa, era meio da noite e Asa estaria chegando daqui algumas horas. Me deixou louca saber que ele estava andando de moto durante a noite, mas ele teria rido de mim se eu tivesse dito algo. Eu confiei que ele sabia o que estava fazendo e deixei por isso mesmo. Eu era egoísta o suficiente para precisar dele comigo, não importa como ele chegaria aqui.

Eu fiz Echo colocar Farrah em nossa cama, embora ele argumentou que ela deveria ir para casa com ele. Eu sabia que ela não queria isso, mesmo inconsciente e eu me encontrei dizendo a ele para não leva-la. Ele tinha feito alguma coisa. Eu não sabia o quê, mas eu sabia que ele era culpado. Ele não a levaria em qualquer lugar.

Algumas horas mais tarde, Farrah acordou gemendo e eu estava sentado na beira da cama com ela quando Asa apareceu. Não havia nenhuma emoção em seu rosto quando ele se aproximou, olhando para nós dois de perto antes de se inclinar para um beijo.

— Você está bem, amor? — ele perguntou baixinho na minha boca.

— Melhor, agora que você está aqui.

— Bom, — ele respondeu rispidamente antes de virar para Farrah.

— Porra, garota. Espero que a outra pessoa esteja pior, — ele brincou com ela em voz baixa.

— Matei aquela puta, — ela respondeu com um pequeno sorriso.

— Sim? — ele questionou seriamente, sua voz ainda suave.

— Não, — ela gemeu de volta com o rosto amassado e as lágrimas começaram a correr pelo rosto.

— Bem, eu vou cuidar disso para você, — ele prometeu com um aceno de cabeça, fazendo com que Farrah acenasse de volta.

Eu dei a Farrah seu medicamento para dor e segui Asa para fora do quarto, fechando a porta silenciosamente. Antes que eu pudesse passar pelo corredor, ele estava em meu rosto, me empurrando contra a parede e passando as mãos por todo meu corpo.

— Porra, Callie, — ele sussurrou. — Porra. Porra.

— Eu sei, — eu sussurrei de volta, colocando minhas mãos em suas bochechas. — Ela está bem. Estou bem.

Ele me beijou longo e profundo, apertando minha cabeça na parede até que ele estava calmo o suficiente para recuar.

— Ela disse alguma coisa para você? — ele perguntou, travando o braço em volta do meu ombro enquanto ele nos guiava em direção à sala de estar.

— Não, — eu hesitei por um momento, — mas eu acho que Echo sabe alguma coisa.

Seus olhos atiraram para mim, incrédulo antes de concordar. As coisas não iriam ficar boas para Echo se ele tinha algo a ver com o que aconteceu com Farrah.

Nós desviamos em direção à cozinha quando vimos os caras no balcão e Asa se encostou na parede em frente a eles, puxando minhas costas contra seu peito para que ele pudesse envolver ambos os braços sobre meus ombros.

— Você tem algo a me dizer, Echo? — ele perguntou calmamente, observando Echo com uma intensidade enervante.

— Não, — Echo gaguejou de volta, suas sobrancelhas franzidas em confusão. — Do que você está falando?

— Parece que você sabe algo que você não está dizendo.

Echo engoliu em seco e abriu e fechou a boca algumas vezes antes de deixar cair os olhos para o chão.

— O padrasto dela é um membro, — Michael cortou, seus olhos balançando entre os outros homens na cozinha. — Echo veio até nós para falar sobre ele há alguns meses atrás e disse que algo não estava certo com o cara. — ele esfregou as costas de seu pescoço. — Farrah não estava falando, mas merda, todos nós vimos o jeito que ela estava definhando. Então tivemos uma pequena conversa com o cara.

Eu bufei mas fiquei em silêncio quando Asa me apertou em advertência.

— Então ficou tudo bem por um tempo, mas Farrah não estava aparecendo muitas vezes e Echo aqui estava ficando preocupado. Então, uma noite, de repente, ela aparece em sua porta, toda molhada e vestindo nada além de seu pijama. — ele parou por um momento, olhando longe do olhar de Asa, e quando ele olhou de volta, seus olhos estavam cheios de dor. — Toda a história saiu naquela noite. Parece que a mãe de Farrah estava batendo nela enquanto seu homem velho observava, e todo o tempo, Gator estava olhando para Farrah como se ela fosse um cobre nobre de carne.

Senti minhas pernas perderem todo o sentido e Asa envolveu um braço em volta da minha cintura para me manter em pé.

— Alguns dos meninos silenciosamente ensinaram ao homem uma lição. Ele é um irmão e ele merece algum respeito, mas essa é mulher de Echo. Para não mencionar o fato de que a menina pesava uma pena e estava ficando menor a cada dia. De maneira nenhuma poderíamos deixar essa merda continuar, mas nós não podíamos fazer nada *oficialmente* também.

Os braços de Asa ficaram tão apertados em volta de mim que foi uma luta respirar, mas ainda assim ele se manteve em silêncio, deixando Michael terminar a história.

— Nós pensamos que tinha acabado, nós pensamos que tínhamos deixado as coisas claras. — ele ergueu as mãos em súplica, mas eu não senti nenhuma simpatia quando ele terminou. — De jeito nenhum esse braço quebrado veio da mãe dela.

Eu me arranquei de Asa e voei pela sala até um Echo silencioso, o socando uma e outra onde quer que eu podia alcançar. Ele ficou ali estoicamente, me deixando bater nele com a mandíbula apertada e seu queixo levantado até que Asa me puxou para longe dele.

— Ele merecia respeito? — eu gritei. — Ela estava sendo ferida e você não fez *nada?* O que diabos há de errado com você! — eu puxei os braços de Asa, meu cabelo voando em todas as direções enquanto eu pegava Echo. — *Onde você estava?* Ela *precisava* de você! *Onde diabos você estava?*

Lutei e gritei até que Asa finalmente me pegou com uma mão sobre a minha boca. Eu assisti Echo, meu peito queimando e eu poderia ter de bom grado o matado sem sentir remorso.

— Ela me disse que estava ficando melhor. Ela disse que Gator não ficava mais tanto e ela estava passando a maior parte de seu tempo aqui com você! — ele olhou para mim acusadoramente até que Asa rosnou em advertência.

— Esta tarde, entramos em uma briga porque ela não queria ficar na minha casa e esperar enquanto eu cuidava de algumas coisas. Ela disse que estava vindo para cá. Ela disse que estava vindo para cá, então quando ela me ligou, eu *ignorei. Ela disse que estava vindo* para cá*!* — ele se virou e deu um soco na parede várias vezes, murmurando para si mesmo. — *Eu ignorei. Ela disse que estava vindo para cá,* — ele repetiu uma e outra vez até que seus ombros caíram e ele ficou em silêncio.

— Você fez o que pôde, irmão, — Asa disse baixinho e meus olhos se atiraram para ele em acusação. — Você fez o que pôde, não adianta olhar pra trás. Mas você tem uma garota lá dentro que precisa de você para que possamos lidar com isso. Você entende?

Eu não podia acreditar no que ele estava dizendo e meu peito queimou em traição. Eu não pude ouvir a resposta de Echo porque eu me virei e belisquei Asa duramente, o fazendo soltar seus braços para que eu pudesse escapar.

— Não me toque! — eu assobiei quando ele estendeu a mão para me agarrar. — Vocês são nojentos! Ele fez tudo o que podia, é? Um pouco de intimidação, porque, ei, o cara é um *irmão* e merece *respeito*? Isso é tudo o que ele poderia fazer? Vocês todos me deixam doente.

Eu invadi meu quarto para encontrar Farrah sentada na minha cama, chorando baixinho.

Capítulo quarenta e cinco

CALLIE

Deitei na cama com Farrah depois que ela chorou até dormir, mas eu não conseguia desligar meu cérebro.

Eu era culpada - tão culpada quanto os caras falando baixinho na minha sala de estar. Eu tinha notado que algo estava errado com Farrah. Eu já tinha visto todos os sinais, mas eu não tinha pressionado ela por informação porque eu acreditava que minha vida era tão incrivelmente difícil que eu não podia lidar com *seus* problemas, também.

Quando eu estava gritando para Echo, eu também estava gritando para mim.

Eu deveria ter feito algo.

Eu assisti o peito de Farrah subir e cair enquanto eu pensava sobre como os caras achando que tinham manipulado as coisas e como eu me sentia sobre as palavras de Asa. Ele agiu como se o que tinha acontecido fosse normal e completamente justificado em manter as coisas calmas e nem mesmo ir à polícia.

Eu sabia que o mundo de Asa era diferente do mundo que todo mundo vivia. Eu sabia disso a partir do momento que ele entrou impetuosamente na festa onde eu o conheci. Tudo o que ele fez foi uma prova de como ele viveu a sua vida, de tomar uma menina de dezesseis anos.

Então, o que ele tinha dito não era surpreendente, não realmente. Era evidente que eles viviam sob um código que eu nunca poderia entender; eu só não tinha visto a feiura do referido código até aquela noite. Asa ainda era o mesmo homem para quem eu corria quando as coisas estavam ruins, a mesma pessoa pra quem eu ligava se eu tivesse uma boa notícia, e até mesmo com quem eu dormia, quem ansiava tocar depois de estar longe por tanto tempo.

Eu tive que tomar uma decisão e eu não tinha ideia de como eu faria isso. Se eu escolhesse ignorar o que eu tinha ouvido na cozinha, eu iria senti como se estivesse perdoando sua decisão de deixar Farrah aos lobos, mas se eu deixasse Asa, eu não acho que eu iria sobreviver.

Quando Farrah acordou tarde na manhã seguinte, ela praticamente tomou a decisão para mim.

— Ei, Callie? — ela chamou sonolenta da cama. — Você pode ir buscar Echo para mim?

Eu olhei para ela em confusão, mas quando ela se levantou como se para chama-lo ela mesma, eu saí do quarto. Asa não estava no apartamento quando eu fiz o meu caminho para a cozinha, mas Echo sim. Eu balancei a cabeça em direção ao quarto, olhando suas roupas sujas e cabelo desarrumado antes de me virar quando ele saiu da sala. Eu nunca descobri o que eles disseram naquele dia e realmente não era da minha conta, mas quando eu fui verificar Farrah duas horas mais tarde, os dois estavam aninhados no meio da cama com Farrah dobrada delicadamente contra o peito de Echo.

Asa apareceu depois que eu tinha tomado banho e feito almoço, e eu tive que me esforçar para não olhar para ele quando ele pegou uma cerveja da geladeira.

— Você está me ignorando? — ele resmungou baixinho, seu tom insinuando que eu não estava sendo razoável.

— Não ignorando você, apenas não tenho nada a dizer, — eu respondi, sem nunca olhar em seu caminho.

— Sim, tudo bem, — ele zombou, e minha cabeça se levantou em irritação. — Ah, *aí está* a minha menina.

— Eu não acredito que você disse aquilo na noite passada! — rosnei em silêncio, na esperança de manter a nossa conversa de Echo e Farrah. — Ele fodeu tudo, muito!

— Sim, amor. Eu sei disso, — ele me disse com um aceno de cabeça, se movendo para frente para envolver seus braços em volta do meu corpo rígido. — Mas esses pensamentos não vão ajudar ninguém. Ele fodeu as coisas, acabou. Os homens tem que ficar com a cabeça no jogo - aquela garota lá precisa que ele seja um homem e não um viado fodido que não pode superar a culpa que ele está sentindo. Ela precisa dele para cuidar dela e ele não seria capaz de fazer isso agindo como ele estava ontem à noite.

Eu deixei suas palavras afundarem, decidindo que elas fizeram uma espécie estranha de sentido.

— Mas o que foi aquela merda sobre o respeito? — perguntei, incrédula. — Você realmente acredita nisso?

Ele suspirou e ficou em silêncio por um minuto antes de encontrar meus olhos. — Eu nunca na minha vida concordei com um homem colocando as mãos em uma mulher. Eu paro com essa merda quando eu posso e me mata quanto eu não posso. Mas o clube tem um conjunto de regras, Callie, — ele me disse quando eu revirei os olhos. — Não, não faça essa merda. Me deixe terminar. Nós temos nossas próprias leis pela qual vivemos, as quais *escolhemos* viver quando nós decidimos nos tornar parte desta vida. Do contrário, essa merda seria uma anarquia - irmãos caçando uns aos outros, apunhalando uns aos outros nas costas - nenhuma lealdade. Você entende o que eu estou dizendo a você?

— Eu entendo as palavras que saem de sua boca, mas ainda soa como merda, — eu respondi com petulância, cruzando os braços sobre o peito.

Ele bufou em diversão. — Pode soar como besteira para você, mas é a nossa forma de sobreviver. Echo bater em Gator poderia coloca-lo na merda. Ele não tem direitos sobre ela.

— Mas eles estão juntos há sei lá, mais de um ano!

— Sim, amor, mas ele nunca *reivindicou* ela. Farrah não queria essa merda – ela disse à Echo que ela não queria essa vida. — ele balançou a cabeça. — Suas mãos estavam atadas.

— Ok, — eu respondi baixinho, tentando processar suas palavras, — Mas o que acontece agora?

— Eu fiz algumas chamadas. Sabia que a mãe de Farrah soava familiar, só não me lembrava como. Me lembro agora. — ele ergueu a mão para o meu rosto. — O pai de Farrah está a caminho daqui, Calliope. Você precisa se preparar porque a merda vai piorar antes que fique melhor.

Meus olhos pareciam que iam sair da minha cabeça em sua revelação e eu abri minha boca e a fechei novamente antes que eu pudesse encontrar a minha língua.

— O quê? Ela nem sequer sabe quem é o pai dela! Por que você faria isso? — engoli em seco, assustada como o inferno sobre qual seria a reação de Farrah.

— Amor, as mãos de Echo estão amarradas. — ele se inclinou e me deu um beijo feroz antes de levantar a cabeça novamente. — As mãos de Slider *não*.

Capítulo quarenta e seis

CALLIE

O dia passou lentamente para todos na casa, mas especialmente para mim enquanto eu me preocupava com a chegada iminente do pai de Farrah. Aparentemente, ele era o presidente do clube de Asa, um presidente *casado*. O fato de que ele tinha sido casado por mais de 25 anos não me fez gostar do homem, mas eu parei todo o julgamento até que eu vi como ele tratou Farrah.

Ele tinha estado longe por toda a vida dela, contribuindo não mais do que com um orgasmo desprezível para a mãe nojenta de Farrah, mas o fato de que ele estava vindo para Sacramento para ela me deu esperança de que ele tinha *algumas* qualidades redentoras. Eu só rezava para que Farrah não se perdesse completamente quando ele chegasse.

Eu ouvi antes de vê-los.

O apartamento estava cheio com um rugido alto de motos, a ponto de chocalhar um frasco no parapeito da janela. Isso me assustou até que eu olhei para Asa, que usava um sorriso satisfeito no rosto. Ele abriu a porta da frente antes que alguém pudesse bater, e de repente minha casa estava cheia com pelo menos dez homens muito grandes. Eles não foram silenciosos em seus cumprimentos, e um som no meu quarto me fez correr para longe do grupo para Farrah.

— O que está acontecendo? — ela me perguntou em voz baixa quando Echo se levantou de seu lugar ao lado dela.

— Grease chamou reforços, — respondi a ela com um sorriso triste.

— Por que você está chamando ele de Grease? Você nunca chama ele de Grease, — ela respondeu, seu nariz amassado em confusão por apenas um segundo antes dela estremecer e levantar a mão ao rosto.

— Ele é Asa para *mim,* — eu disse a ela com pesar, subindo no espaço que Echo deixou. — Mas hoje ele é definitivamente Grease.

Nós nos sentamos na minha cama quando Echo entrou na sala de estar e eu agarrei a mão dela quando o meu coração disparou. Levou mais tempo para eles fazerem o seu caminho para o meu quarto do que eu pensava que levaria e pelo tempo que eles fizeram, Farrah estava inclinada fortemente contra o meu lado com a cabeça no meu ombro.

Asa levou um homem que eu nunca tinha conhecido até o quarto e eu me preparei, apenas para relaxar um pouco quando vi Poet vir por detrás deles. Era bom ver um rosto familiar, e eu não pude deixar de sorrir quando ele piscou para mim por trás dos outros.

— Farrah, — Asa disse, mas suas palavras foram cortadas pela menina ao meu lado.

— Ei, Pop[19]. O que você está fazendo se escondendo aí? — ela gritou arrogantemente.

Eu assisti com admiração quando três pares de olhos se abriram e o homem na frente pigarreou nervosamente.

— Você sabe quem eu sou? — perguntou ele, inclinando a cabeça para o lado enquanto ele estudava.

— Mamãe tem uma foto de você, — ela respondeu sem rodeios. — Você parece muito mais velho, sua cabeça já tá cinza, mas sim, eu sei quem você é.

Ele pareceu sem palavras enquanto olhava para ela, eventualmente se aproximando da cama. Com cada polegada, a mão de Farrah apertou a minha sob as mantas em nossos quadris, mas ela não mostrou nenhum outro sinal de nervosismo.

— Eu vou fazer isso direito para você, — ele disse a ela, com os olhos em seu rosto.

— Por que se preocupar? — ela zombou. — Quando a mãe estava por aí deixando viciados em nossa casa, você não fez nada direito para mim. Você não fez *merda* nenhuma quando ela começou a bater em mim sem nenhum motivo. E tenho quase a maldita certeza de que você estava longe de ser encontrado quando o marido dela me bateu pra caralho, — ela puxou a gola de sua camiseta para baixo, — e usou um charuto para me queimar.

[19] Pai.

Os olhos de Slider brilharam por um momento e Poet passou a mão em seu rosto quando ela descobriu o interior de seus seios. Quando ela virou a cabeça para longe deles em rejeição, Slider beliscou a ponte de seu nariz e esfregou os olhos com os dedos.

— Eu vou fazer isso direito para você, — ele repetiu, sua voz rouca. — Eu não deveria ter deixado você com sua mãe. Eu não tenho desculpa, exceto que eu tinha uma esposa-

— Sim, eu estou bem entendida sobre homens casados que fodem a minha mãe, — ela respondeu em um tom entediado, nunca olhando para a direção dele. — *E* os pais que colocam suas bundas antes de seus filhos.

— Eu sei que você está chateada comigo, e você tem direito de estar, mas eu *não* quero ouvir você desrespeitar a minha esposa de novo, — ele avisou, olhando para a parte de trás da cabeça dela, onde o cabelo dela ainda estava emaranhado e confuso.

— Você não tem que ouvir nada de mim, — respondeu ela calmamente. — Saia de perto de mim. Você não é nada.

Era assustador, e ele tinha uma maneira de olhar para você que te faz pensar que ele poderia te matar a qualquer momento e não sentir nada. Mas o tremor na voz de Farrah, e o conhecimento de que ela odiava o jeito que ele estava olhando para ela, me fez apertar sua mão e pular para fora da cama. Eu caminhei até onde seu pai estava de pé e parei bem na frente dele enquanto Asa olhava com sua mandíbula apertada.

— Saia, — eu pedi, apontando para a porta.

— O quê? — ele perguntou, incrédulo, levantando as sobrancelhas em surpresa.

— Saia deste quarto.

— Calliope. — Asa chamou em advertência, mas eu acenei para ele.

— Eu entendo que você é assustador e você provavelmente poderia me quebrar ao meio, — eu disse a ele séria, — mas ela não é sua, ela é *minha.* Você desistiu de seus direitos. Ela quer que você saia deste quarto e eu não me importo como você se sente sobre isso. Eu também não me importo como eu posso te tirar daqui, eu posso dar uma joelhada nas suas bolas e arrastar seu traseiro chorando no corredor, mas você *vai* sair deste quarto.

Nós encaramos um ao outro por alguns minutos antes dele se virar abruptamente e sair do quarto, murmurando para Asa controlar sua mulher. Virei de costas e Poet cobriu sua risada com uma tosse quando ele saiu atrás dele.

— Que porra, Calliope? — Asa rugiu para mim quando eu comecei a empurrá-lo para fora do quarto.

— Nós *não* vamos ter essa discussão agora, — eu informei a ele quando eu o levei para a porta. — Sua lealdade pode estar com ele, mas a minha está com ela. — eu apontei na direção de Farrah. — Agora se certifique de que esses homens estejam na sala de estar ou cozinha e fora do corredor. Vou ajudar Farrah tomar um banho. Ela parece uma merda.

Fechei a porta na cara dele e me virei rapidamente para o riso de Farrah.

— Eu não me importo em dar uma joelhada nas suas bolas! — ela riu para mim. — Isso foi fodidamente clássico.

— Sim, sim, — eu resmunguei de volta para ela enquanto eu tentava encontrar algumas roupas que coubessem em seu corpo magro. — É melhor você estar grata. Asa gosta de me espancar quando ele pensa que eu fiz algo errado.

Ela bufou com risadas e saiu suavemente da cama. — Cara, eu sei. Todos nós ouvimos essa merda na sua festa.

— Cale a boca, — eu reclamei de volta, minha pele queimando. — Pegue uma toalha do armário, sim?

Fizemos o nosso caminho para o banheiro, sem interrupção, mas eu estava a ajudando a se despir quando houve uma batida na porta.

— Estamos ocupados! Cai fora! — eu disse fazendo Farrah reprimir o riso.

— Sim, eu sei, — a voz de Echo entrou pela porta, fazendo com que nós duas congelássemos.

Olhei para Farrah para obter sua permissão e, em seguida, abri a porta um pouco para deixar Echo entrar no banheiro minúsculo. Seu olhar estava trancado em Farrah quando ele entrou e eu me senti como uma intrusa enquanto eu tentava fugir do caminho dele.

— Echo vai me ajudar, Callie, — Farrah me disse baixinho, levantando a mão em seu rosto.

— Okie doke! Eu vou apenas, você sabe, ir. — eu me mexi para abrir a porta e escapar da intimidade que eu estava presenciando. — Me deixe saber se você precisar de alguma coisa!

Depois que eu fechei a porta atrás de mim, endireitei meus ombros e fiz meu caminho para a sala de estar.

Capítulo quarenta e sete

GREASE

Eu tinha estado meio envergonhado e meio impressionado enquanto eu assistia Callie olhar para Slider e forçá-lo a sair do nosso quarto. Foi uma coisa estúpida de se fazer, mas o inferno se ela não tinha feito isso de uma forma que fez tanto Slider quanto Poet olhar para ela com respeito.

Estávamos em pé ao redor do balcão, calmamente fazendo planos, quando Callie entrou na ponta dos pés até a cozinha. Ela tentou agir como se ela não estivesse afetada pelos homens em nossa casa, mas eu poderia dizer que velhos demônios foram surgindo pelo olhar um pouco em pânico em seus olhos. Eu encontrei o seu olhar e levantei o braço para ela quando ela fugiu ao redor do balcão e deslizou ao meu lado, envolvendo os braços em volta da minha cintura e colocando a cabeça no meu peito.

— Ei, amor. Farrah ainda está no chuveiro?

— Sim, Echo está ajudando ela, — ela me respondeu calmamente. — Ela não precisa de mim lá dentro.

— Sim, ele vai cuidar dela.

— Como ele fez antes? — ela zombou levemente, antes de virar o rosto para longe de mim.

Eu fiz a ela um sinal para não começar uma discussão, não importa o quanto eu queria acertar as coisas. O homem fez o melhor que pôde e ele foi quebrado por isso. Não havia porque apontar o dedo a pessoas que não tinham culpa, especialmente se Farrah já havia perdoado.

— Você tem bolas de ferro, menina, — Slider disse para Callie do outro lado da mesa, um sorriso no rosto.

— Meu nome é Callie.

— Eu sei o seu nome, mas você ameaçou me chutar nas bolas antes, então eu acho que vou te chamar de menina.

— Que seja. — ela olhou para longe dele com o nariz para cima, e eu não podia parar meus lábios de puxar em um sorriso. *Bolas de ferro.*

— Menina, — a voz de Slider baixou, — Estou contente por a minha filha ter você do lado dela. Não são muitas pessoas que resistem a um homem como eu.

— Eu não ajudei quando ela precisava, — ela confessou baixinho.

— Não havia nada que pudesse fazer para parar isso, — ele respondeu, se inclinando sobre o balcão. — Garotas como você podem achar que pode cuidar mundo, mas é errado. Eu não conheço ela, mas eu tenho um sentimento de que sua amiga é muito parecida comigo - mantém seus cartões perto de seu peito. Duvido que você sabia o que estava acontecendo. — sua voz baixou a um sussurro intenso, — Você não tem culpa por isso.

Ele se inclinou para trás e se virou para Poet que estava observando a cena com um olhar pensativo no rosto. — Preciso de um cigarro.

Quando Slider saiu da sala, Poet se aproximou de Callie e estendeu a mão para correr ao longo de seu cabelo em um gesto suave.

— Definitivamente não é a mesma menina que conheci há um ano, — ele disse a ela com ternura. — Você continua lutando, Callie. Estou orgulhoso de você. — em seguida, ele seguiu Slider para fora da casa.

— Puta merda, — Callie comentou, olhando para mim com admiração.

— Sim, amor. Parece que você tem o selo de aprovação de dois dos homens mais assustadores nos Estados Unidos.

Capítulo quarenta e oito

CALLIE

Asa e a maioria dos homens saíram da casa naquela noite em torno do jantar. Eu sabia para onde eles estavam indo - todos nós sabíamos, mas ninguém disse uma palavra sobre isso. Eles simplesmente se levantaram e saíram pela porta em um determinado momento, sem quaisquer palavras. Echo foi com Asa, que não me surpreendeu, mas o que *me* surpreendeu foi que Poet ficou conosco.

Ele se sentou no nosso sofá, calmo e relaxado, observando algum Show de moto na TV a cabo e não deu qualquer atenção para Farrah e eu quando eu a trouxe para jantar para que eu pudesse trocar os lençóis da minha cama. Ela estava se levantando e indo tomar banho, mas ela não saiu do meu quarto enquanto Slider estava lá. Eu não podia culpá-la; ele não exatamente se tornou querido durante a conversa de cinco minutos.

Eu queria me sentar com Poet e lhe perguntar como ele estava, mas eu nunca tive a chance. Farrah estava presa a mim como cola naquela noite, pulando por causa de sombras e qualquer ruído comum do lado de fora. Ela tentou bancar a forte e não mostrar isso exteriormente, mas quando ela saiu da porta do banheiro enquanto eu fazia o meu negócio, eu queria chorar por ela. Ela me lembrou de mim, e isso me trouxe de volta há um tempo que eu tentei o meu melhor esquecer.

Os homens só se foram um par de horas antes de eu ouvi o rugido de motos lá fora. Farrah ficou tão perto de mim que estávamos quase nos tocando quando Poet destrancou a porta da frente, deixando os homens entrarem. Eu estava procurando por Asa e na hora que eu vi seu rosto, eu dei um passo involuntário para frente.

Ele parecia destruído.

Ele veio direto para mim sem parar por um segundo, e bateu em mim duro o suficiente para que eu perdesse o equilíbrio e tive que envolver meus braços em volta do seu pescoço para não cair. Ele não parou por aí, no entanto. Ele deu outro passo, batendo minhas pernas debaixo de mim quando ele agarrou minhas coxas e me envolveu em torno dele. Echo estava fazendo a mesma coisa com Farrah, embora muito mais suave, e nossos olhos se encontraram sobre suas cabeças.

Asa enterrou seu rosto no meu pescoço e tomou um longo suspiro quando puxei o elástico de seu cabelo para que eu pudesse correr meus dedos por ele. Eu não tinha certeza de como acalmá-lo, mas eu tentei o meu melhor quando eu apertei meus braços e pernas.

— Slider e os meninos estão indo para um hotel para a noite, — ele rosnou no meu pescoço, sua voz rouca e profunda. — Echo vai usar seu carro para levar Farrah para casa com ele.

Ele levantou a cabeça quando me virei em direção à Farrah, me preparando para discutir.

— Ele precisa de sua mulher esta noite e ela precisa dele. Não tem nada para você protegê-la. — eu balancei a cabeça uma vez, olhando para seu rosto, e meu peito queimando em suas próximas palavras. — Ele precisa de sua mulher e eu preciso da minha. Você vai dar isso para mim?

— Sim, Asa, — murmurei de volta suavemente, correndo os dedos no cabelo atrás da sua orelha. — Você pode ter tudo o que você precisar.

— Bom, — ele rosnou, antes de me por para baixo e ir embora.

Eu estava no meio da sala e vi os homens ao meu redor. Seus rostos eram duros e suas mandíbulas estavam apertadas, mas nenhum deles disse uma palavra sobre o que tinha acontecido. Asa e Slider se juntaram e quando Slider foi o único que sobrou, eu o observei andar até Farrah e colocar a mão em seu ombro. Ele sussurrou algo para ela que eu não podia ouvir, mas eu a vi acenar no peito de Echo antes de Slider se inclinar e dar um beijo suave na parte de trás de sua cabeça. Em seguida, ele se foi.

Echo e Farrah saíram logo após todos os outros e enquanto eu trancava a porta atrás deles, eu senti Asa se movimentar contra minhas costas.

— Preciso de você, Callie, — ele murmurou em meu pescoço, puxando a minha camisa sobre a minha cabeça, sem deixar que eu me virasse para longe da porta. Suas mãos empurraram e puxaram para mim, tirando a minha roupa de forma eficiente, até que eu estava completamente nua. Ouvi seu cinto tilintar enquanto ele desabotoava, mas eu não me movi da minha posição.

Ele estava montando uma linha fina de controle, eu podia sentir isso em cada um de seus movimentos e eu sabia que uma única contração poderia despertá-lo. Eu estava ofegante, descansando minhas mãos contra a porta quando eu o sentir cair de joelhos atrás de mim, empurrando meus quadris em direção a ele, então eu estava curvada na cintura.

— Porra, — ele sussurrou contra a minha pele, retardando seus movimentos. — Eu não quero te assustar.

— Você não me assusta, — eu murmurei, pressionando minha testa contra a porta.

Ele não respondeu porque ele estava empurrando seu rosto entre as minhas pernas e capturando meu clitóris entre os lábios, ignorando todas as outras partes. Ele a esfregou lentamente no início, me aquecendo, mas no minuto em que eu comecei a me contorcer, ele chupou. Levou apenas alguns minutos para eu gozar com ele me empurrando sobre o limite e antes que eu pudesse amolecer, ele estava de pé e me girando.

Seus jeans e boxers caíram a seus pés enquanto ele me levantava e sem parar, me pôs em cima dele. Ele usou seu corpo para me pressionar para a porta, mas em vez de me segurar com as mãos na minha bunda como eu estava acostumada, ele passou os braços sob meus joelhos até que eles estavam descansando no interior de seus cotovelos. Eu passei meus braços em torno de seu pescoço em um aperto de morte, mas a posição me deixou com absolutamente nenhum controle, a menos que eu quisesse cair no chão.

— Levante seu queixo para mim, amor, — ordenou com a voz rouca enquanto ele batia dentro e fora, fazendo com que minhas costas batessem na porta.

Inclinei a cabeça para trás, senti sua língua e os dentes em minha garganta quando ele mordeu e depois chupou fortemente. Quando ele terminou, ele se afastou para eu olhar para ele e murmurou, — Melhor, — antes de deixar cair a testa na minha clavícula. Eu soltei uma mão, confiando nele para me impedir de cair e passei a mão suavemente pelo

cabelo enquanto seus impulsos se tornaram rápido e ele gozou com um gemido lento.

Ele me segurou e nos arrastou para o nosso quarto, caindo de costas na cama. O beijei e me abaixei quando eu senti algo escorrendo pelo meu pé.

Nós não usamos proteção.

Eu não disse uma palavra enquanto eu corria para o banheiro para cuidar da bagunça e quando eu voltei para o nosso quarto, ele estava deitado na mesma posição com o antebraço descansando sobre seus olhos.

— Você quer falar sobre isso? — eu perguntei suavemente enquanto eu tirava suas botas e meias.

— Você não precisa dessa merda na sua cabeça, — ele me disse com um suspiro. — Foi uma merda. A mãe de Farrah estava lá.

Ele não disse outra palavra e eu não pressionei enquanto eu arrancava seus jeans. Eu estava indo até a cômoda para pegar algumas roupas limpas, mas ele me parou.

— Sem se vestir hoje à noite, — disse ele, cansado. — Quero sentir você quando eu durmo.

Eu não respondi, apenas me virei para ele e subi de volta na cama.

Mordi o interior do meu lábio enquanto ele engatinhava debaixo das cobertas, mas não pude me impedir de deixar escapar, — Nós não usamos proteção! — antes de desviar os olhos.

— Isso é um problema? — ele perguntou como se ele não visse um.

— E se eu engravidar?

— O que tem? Eu tenho um trabalho, nós dois somos adultos, e você seria um inferno de uma mãe, — ele respondeu, fechando os olhos como a cabeça afundada no travesseiro.

Minha boca abriu e fechou algumas vezes, tentando decidir sobre uma resposta adequada, mas ele estendeu a mão sem abrir os olhos e me puxou ao lado dele.

— Pare de se preocupar com isso, Callie, — ele me disse simplesmente.

Seu corpo ficou relaxado na cama, como se estivesse desossado e pela primeira vez naquela noite seu rosto não se apertou. Eu poderia forçá-lo a ter a conversa comigo; ele faria isso se eu pedisse. Mas, quando eu senti o braço dele apertar em torno de mim e sua respiração estabelecer, eu não podia dizer mais.

— Eu te amo, — eu murmurei, meus lábios pressionados contra o seu peito.

— Eu também te amo, querida.

Capítulo quarenta e nove

CALLIE

Os próximos dias passaram em um borrão enquanto Asa e eu discutíamos sobre quando eu iria me mudar. Ele achou que fazia sentido arrumar o resto das coisas e mudar quando ele saísse, então ele não tinha que fazer uma viagem extra. Eu podia ver a sua lógica e em qualquer outra situação, eu poderia ter concordado com ele.

Mas Farrah precisava de mim.

Eu não podia me mudar para Oregon quando ela ainda se assustava com cada ruído. Ela estava hospedada com Echo, mas vinha até a minha casa sempre que ele estava trabalhando, o que significava que ela estava em nossa casa muito.

Eu não tinha certeza do que estava acontecendo com os Aces, mas os caras que vieram com Slider e Poet ainda não tinham ido embora. Algo estava errado, algo grande, e eu me perguntava o que Asa não estava me dizendo quando ele e Echo desapareciam reunião após reunião. Por alguma razão, sua insistência em eu mudar para Oregon com ele imediatamente se transformou em quase desespero e ele estava brigando e rosnando para mim constantemente.

— Farrah não precisa de você aqui! — ele gritou, dando continuidade ao argumento no minuto em que ele entrou pela porta naquela noite. — Ela está vivendo com Echo! Ele vai lidar com a merda dela!

— Ela estava lá para mim quando você não estava, — eu disse a ele calmamente, me recusando a entrar em outro jogo de gritaria. — Ela se sentou comigo no dia do funeral dos meus pais. Ela veio todos os dias para ter certeza de que eu não ficasse sozinha.

— Não jogue essa merda na minha cara de novo, Calliope!

— Eu não estou jogando isso na sua cara, — eu respondi: — Eu estou tentando explicar para você que eu devo a ela.

— Você *deve a* ela? Isso é o que se trata? Isso é ridículo, porra.

Sua ignorância sobre isso me fez sentir algo tão forte que todo o meu corpo ficou tenso com raiva e eu tive dificuldade em me controlar quando eu lhe respondi.

— Ela estava cuidando de mim enquanto ela estava vivendo um pesadelo, Asa, — eu fervia com os dentes cerrados. — *Ela* estava cuidando de *mim* e eu estava tão envolvida em minha própria merda que eu nem percebi que algo estava errado com ela.

Seu rosto suavizou e sua voz baixou quando chegamos à parte de bajulação que terminou com cada um dos nossos argumentos.

— Amor, você não pode continuar a se martirizar sobre essa merda. — ele veio em minha direção, colocando as mãos em cada lado do meu rosto. — Não havia nada que você poderia ter feito e agora acabou.

— Sim, bem, eu me sentiria muito melhor se eu pudesse retribuir o favor por um tempo sem você na minha bunda o tempo todo, — eu respondi, tentando virar meu rosto longe dele.

Suas mãos apertaram na minha cabeça e ele baixou o rosto ao meu, sua mandíbula apertando. — Como é que eu vou te manter segura quando você está há centenas de milhas de distância de mim?

Ele não esperou uma resposta, porque ele me beijou duramente, não permitindo me afastar.

— Você não pode calar essa boca, Callie? — ele me beijou de novo, — É uma coisa atrás da outra.

Eu mordi ele em frustração na próxima vez que ele pressionou seus lábios nos meus, o fazendo soltar suas mãos da minha cabeça.

— Você quer uma foda com raiva, Callie? — ele me perguntou, suas narinas dilatadas quando ele deu um passo para trás. — Porque eu posso dar a você. Eu sou farto com suas lamentações.

— Foda-se, — eu zombei, limpando a boca com as costas da minha mão. — É tudo sobre você, certo? O mundo inteiro gira em torno de *Grease*.

Eu sabia o que eu estava fazendo. A raiva, culpa e frustração sobre a nossa situação me fez agarrar em todos que eu entrava em contato e me senti deslizar para o mesmo ressentimento que tinha me atormentado por meses. Eu odiava o clube e tudo o que ele representava, mas eu estava na posição insustentável de amar um dos seus membros. Gostaria de alguma forma se tornar uma lutadora, mas não havia nada para eu lutar contra.

Eu precisava dele para me tirar disso antes de eu arruinar tudo.

Seus olhos se fecharam em fendas, com o peito arfando, e eu congelei por um momento, pensando que eu tinha ido longe demais. Então, de repente, sem qualquer aviso, ele dobrou na cintura e empurrou seu ombro em minha barriga antes de ficar ereto, então eu estava pendurada nas suas costas.

Bati contra qualquer coisa que eu pudesse chegar enquanto eu gritava, mas ele me ignorou enquanto ele calmamente trancou a porta antes de nos levar para o quarto. Sua falta de preocupação com minha raiva me deixou ainda mais irritada, então eu puxei sua camisa e colete de couro para cavar minhas unhas em suas costas em frustração.

— Pare com isso, Calliope! — ele rosnou para mim, virando a cabeça para morder minha coxa quando sua mão golpeou minha bunda duramente.

Ele me jogou na cama e eu rolei, esperando que ele me pegasse a qualquer momento, mas ele não fez. Em vez disso, ele ficou na frente da porta, meu único meio de fuga, e, lentamente começou a se despir.

— Você vai fazer isso fácil e tirar a roupa? — ele perguntou em um tom aborrecido que fez meu estômago virar na incerteza. — Acho que não.

Eu estava no lado oposto da cama, me observando como um animal encurralado, enquanto eu repensava a minha abordagem. Eu não me sentia feroz mais. A única coisa que eu podia sentir era um nervosismo que não tinha nada a ver com danos físicos. E se isso fosse demais? E se ele decidisse que ele não precisava da minha merda mais e me deixasse? O velho medo de estar carente se levantou até que eu senti lágrimas picando meu nariz.

— Venha aqui, amor, — ele chamou suavemente.

Eu balancei a cabeça e apoiei na parede, praticamente hiperventilando. Eu queria ir com ele, me acomodar em vez de bufar,

mas eu não sabia como mudar minhas emoções. Meu coração ainda estava correndo com uma frustração que me fez querer gritar.

— Posso ir até aí, Callie?

Ele não estava interessado em um impasse porque ele começou a vir até a mim, seus passos medidos, mas sem recuar. Quando ele me atingiu, eu o empurrei, fazendo baixos ruídos na minha garganta, mas ele me despiu de qualquer maneira até que eu estava de pé nua com as mãos punhos.

— Eu te amo, — ele me disse suavemente quando ele me puxou para a cama e se sentou.

Ele me puxou entre os joelhos e me beijou docemente, esfregando os polegares contra minhas bochechas até que derreti contra ele. Em seguida, ele passou uma perna em torno das minhas e me empurrou de cara na cama assim eu estava inclinada sobre uma coxa, sua mão pesada na parte inferior das minhas costas.

Tapa.

Eu gritei, chateada que eu tinha sido enganada em conformidade.

— Você me chama de *Asa,* — ele rugiu, batendo na minha bunda novamente. — Apesar de você saber disso, acho que é isso que você quer. — *Outro tapa.*

— Fique longe de mim! — eu gritava, empurrando tão duro quanto eu poderia com meus braços, mas cheguei a lugar algum.

Ele esfregou minhas bochechas doloridas por um momento, silencioso, e em seguida, começou a espancar novamente.

— Você precisa de mim para bater em sua bunda? — tapa. — Você pode apenas pedir para isso, porra.

— Eu não.

Ele parou por um momento, quieto.

— Por que você pode pedir o que você precisa?

Ele esperou que eu respondesse, então suspirou profundamente quando eu não respondi e me bateu de novo.

— Me responda.

Tapa.

— Não é o mesmo, — eu soluçava, puxando meus braços debaixo de mim para que eu pudesse cobrir o rosto com as mãos. — Eu quero que você seja tão louco como eu! Eu quero que você fique frustrado! Eu tenho medo que você vá me deixar se você não ficar assim!

— Querida, — ele sussurrou com ternura, deixando de lado minhas costas para que ele pudesse esfregar suavemente.

Eu me arrastei para longe dele, odiando o fato de que eu estava nua na frente dele com as minhas palavras entre nós. Puxei os cobertores aos meus ombros, mas não me afastei dele enquanto eu o assistia correr a mão pelo rosto.

— Eu te amo, Calliope, — ele me disse baixinho, rastejando sob as cobertas comigo e me puxando para seus braços. — Eu não estou indo a lugar nenhum.

Fiquei em silêncio enquanto eu o observava, com lágrimas borrando meus olhos.

— Você é a minha família, — ele murmurou, me beijando e em seguida, esfregando os lábios no meu pescoço. — Você é tudo.

Ele tomou um mamilo em sua boca e chupou suavemente, empurrando as cobertas para nossos joelhos antes de pegar a parte de trás da minha perna e a deslizar até seu quadril. Ele passou os dedos entre as minhas pernas levemente, mal me tocando antes de deslizar para descansar no meu estômago. Ele soltou meu mamilo e passou a língua em torno dele uma vez antes de levantar os olhos para mim e se inclinar sobre um antebraço.

— Eu não vou a lugar nenhum, — ele prometeu quando ele mexeu seus quadris e empurrou dentro de mim. — Você pertence a mim.

Minhas costas arquearam e eu levantei a minha mão para seu cabelo para puxar seu rosto para o meu.

— Eu amo você, — choraminguei, sentindo meu corpo quase sem peso.

Sua mandíbula estava apertada com as minhas palavras e ele se inclinou para trás para que ele pudesse deslizar sua mão entre nós, acertando o local perfeito com o polegar.

Não demorou muito para que eu gozasse, o levando comigo.

Eu mal cheguei ao banheiro para limpar depois, antes de cair de exaustão. Ele me puxou para cima dele com um cobertor quando eu voltei para a cama e eu empurrei meu rosto em seu pescoço. Eu não podia chegar perto o suficiente dele. Nenhum de nós disse uma palavra sobre a nossa falta de proteção. Estávamos esquecendo dos preservativos e eu sabia que eu precisava começar a tomar remédio, mas cada vez que eu tinha usado no passado os meus períodos não paravam.

Eu me perguntei quanto tempo poderíamos brincar com o fogo antes de se queimar, mas eu não podia me importar.

Capítulo cinquenta

CALLIE

Eu não percebi que levaria quase um ano para Farrah voltar para si mesma. Eu deveria saber. Eu devia ter adivinhado que anos de abuso que terminam em uma surra tão ruim que ela sempre carregaria as cicatrizes levaria um longo tempo para se recuperar. Mas meu eu otimista achou que quando as coisas se acalmassem, ela iria voltar para a menina sarcástica que eu amava como uma irmã.

Esse ano foi um dos mais longos da minha vida.

Vovó trouxe Cody com ela para visitar algumas vezes, mas o irmão que eu conhecia estava longe de ser encontrado. Ele estava quieto e intenso de uma forma que nunca tinha sido antes e seu corpo havia mudado muito desde que eu o tinha visto pela última vez que foi surpreendente. Seus ombros tinham se ampliado e sua mandíbula estava mais acentuada, o fazendo parecer mais homem do que menino. Mas quando ele sorriu para Vovó, seus olhos brilhavam e eu não podia evitar ver o menino que eu tinha perseguido ao redor da casa com um tubo de batom da minha mãe quando eu tinha seis anos de idade.

Eu não mantive contato com ele no ano anterior como eu tinha prometido, mas era tanta culpa dele quanto minha. Nós tínhamos visto um ao outro em suas férias escolares, mas entre esses tempos, quase parecia como se ele estivesse me evitando. Tudo isso mudou no ano em que ele se formou no colegial.

Ele se tornou um visitante frequente no apartamento em Sacramento, gastando seu tempo igualmente entre a casa de Vovó e a minha sempre que ele estava em casa. No minuto em que ele terminou suas aulas, ele estaria no primeiro voo para a Califórnia, mesmo se recusando a participar da formatura. Eu amei. Isso me fez sentir como se a minha família estivesse junta finalmente.

Fiquei feliz em me reconectar com meu irmão, mas o resto da minha vida parecia estar em algum tipo de limbo.

Asa tinha parado de me perguntar quando eu iria me mudar, mas ele visitou mais esse ano do que antes, com média de cerca de seis semanas entre as visitas. Isso tinha que ter sido desgastante, viajando tantas vezes, mas ele não reclamou e ele não me deixava dirigir para o norte ao invés. Ele disse que não estava confortável comigo dirigindo sozinha, o que achei ridículo, mas não valia a pena causar uma discussão sobre isso.

Essas visitas também foram diferentes do que tinham sido antes. No passado, cada visita tinha se tornado um evento que eu planejava, mas eu não tinha mais tempo para me preocupar se o apartamento estava impecável ou se seus alimentos favoritos estavam na geladeira. Farrah pegou todo o meu tempo extra, vindo pra casa todas as horas para fazer nada além de assistir TV ou me ajudar a fazer o jantar.

Eu lentamente a assisti se curar e me recusei a me permitir ficar impaciente com seu progresso.

Era estranho, mas Farrah e Cody raramente se cruzaram. Ela parecia saber que eu precisava de um tempo com meu irmão e ela quase não aparecia quando ele estava na cidade. Eu odiava que ela agia tão estranha sobre isso, mas eu não a empurrei até que uma noite de verão, quando ela estava quase de volta ao normal e Echo ligou e ela chamou Cody e eu para sairmos com eles.

O bar que era gerido pelos Aces; eu juro que eles tinham as mãos em tantas coisas que eu não sabia como eles mantinham isso. Eu não estava reclamando porque Cody e eu andávamos por aí sem ter gente procurando por nós. Era em um prédio antigo construído na década de setenta e as janelas do chão ao teto na frente me fez supor que tinha sido uma lavanderia em algum ponto.

Cumprimentei Chucky e Echo, os apresentando a meu irmão enquanto eu procurava por Farrah. Ela estava em pé perto do bartender com uma mão em seu quadril, a pose me fazendo sorrir. Eu estava tão feliz que ela finalmente se assemelhava à garota que eu tinha conhecido dois anos antes, que eu estava sorrindo largamente enquanto ela entregava algo para o cara atrás do bar.

A música interrompeu com um grito quando ela fez seu caminho até o meio do chão e os homens ao redor gritaram seu aborrecimento quando a música começou novamente. Era uma espécie de música pop

que eu não tinha ouvido antes, mas a batida soou nos alto-falantes tão alto que eu podia sentir isso no meu peito. Isso não era algo que eles queriam ouvir e eles estavam reclamando em voz alta, mas eu não tirei meus olhos de Farrah e logo todo mundo estava olhando em silêncio também.

Ela estava dançando.

Seus quadris tremeram quando ela fez um show para os rapazes no bar e eu olhei por cima da mesa nervosamente, imaginando como Asa se sentiria se eu estivesse balançando a bunda no meio de um bar.

Echo estava relaxado em sua cadeira, um pequeno sorriso em seus lábios quando ele tomou um gole de sua cerveja. Ele deve ter sentido os olhos sobre ele, porque seus olhos pararam nos meus por um momento, piscando, antes de voltar para Farrah.

— Puta merda, — Cody suspirou ao meu lado, me fazendo rir.

— Feche a boca, irmão mais novo, — eu brinquei com ele quando Farrah se abaixou e seu cabelo estava escovando o chão.

Sua cadeira guinchou pelo chão quando ele me ignorou e tentou se levantar, mas a mão em seu ombro o impediu.

— Essa é minha, filho, — Echo disse a ele com um sorriso, se levantando de sua própria cadeira. — Consiga a sua.

Meus olhos voltaram para Farrah quando Echo chegou até ela e eu não podia para de olhar quando ela começou a dançar com ele enquanto ele estava relaxado, ainda bebendo sua cerveja. Ele queria ela; eu podia ver que ele queria para sua dança e arrastá-la para fora. Mas o orgulho em seu olhar era evidente, então ele a deixou fazer a sua coisa.

— Por que você está chorando? — perguntou Cody, perplexo. — Isso é quente como o inferno.

— Sim, — eu murmurei de volta, sem tirar os olhos do casal na pista de dança quando eu sorri. — Ela está de volta.

Capítulo cinquenta e um

CALLIE

Eu adorava quando Cody ficava comigo. Ele não só fazia as coisas ao redor da casa, como tirar o lixo, mas era bom voltar para casa com *alguém* - mesmo que fosse meu irmão fedido com os pés sobre a mesa de café. Nossa história era como um cobertor de segurança para nós dois e nós entendemos um ao outro de uma maneira que ninguém mais faria.

Estávamos arrumando meu apartamento, rindo sobre dispositivos da cozinha que pareciam instrumentos de tortura, e eu não conseguia me lembrar da última vez que eu me senti tão feliz. Eu estava tonta de emoção para me mudar para Oregon depois de tanto tempo, uma das minhas pessoas favoritas no mundo estava sentado no chão da minha cozinha e minha melhor amiga estava vindo. Era uma benção.

Algumas pessoas passam a vida inteira sem enfrentar a tragédia. Elas vivem cada dia como se nada de ruim fosse acontecer com elas, porque elas não têm experiência para tirar e nenhuma razão para estar cansadas. Outras estão sempre esperando pelo pior. Elas não assumem que algo de ruim vai acontecer, mas quando.

Eu esqueci por um momento que eu era dessas últimas.

Quando eu ouvi uma moto parar, eu corri para a porta e abriu, correndo escada abaixo para que eu pudesse encontrar Farrah. Eu não *precisa* fazer isso, não é como se ela precisasse de direção, mas eu queria dizer oi a Echo antes que ele saísse para cuidar de algum clube porcaria. Farrah sorriu para mim, tirando o capacete rosa brilhante, e eu acenei quando pulei os dois últimos degraus da escada.

Eu não percebi o carro em primeiro lugar. Eu não estava prestando atenção na estrada, porque mesmo que aquela fosse uma rua tranquila, carros passavam o tempo todo.

Não foi até Echo empurrar Farrah para mim que eu percebi que algo não estava certo. Eu a peguei e fomos tropeçando pela escada, mal estabelecendo nosso equilíbrio antes de chegarmos às escadas. Eu assisti por cima do ombro de Farrah, meus braços apertados em volta da sua cintura, quando Echo olhou para onde estávamos escondidas nas escadas e encontrou meus olhos.

Então seus olhos se deslocaram para os de Farrah e ele piscou.

— Ei, Ace! — alguém gritou.

É engraçado como o cérebro humano funciona. Ou é a velocidade do som que faz as memórias parecerem um pouco fora?

O corpo de Echo começou a empurrar antes de eu ouvir os tiros.

Ou talvez tenha sido depois.

Não me lembro, porque o minuto em que ele piscou, eu tive que apertar meus braços em torno Farrah e usar todo o meu peso do corpo para mantê-la de correr para ele.

Eu segurei um grito e envolvi minhas pernas ao redor dos seus quadris, suas costas cavando as escadas de cimento enquanto eu lutava contra ela.

Eu consegui por uma mão sobre seus olhos enquanto ela arrancava meus braços com as unhas, me fazendo a única que testemunhou Echo virar os olhos para Farrah quando ele caiu de joelhos e na calçada.

Nenhum de nós fez um som.

E então, com os pneus cantando, tudo estava acabado.

Capítulo cinquenta e dois

CALLIE

Eu perdi o meu domínio sobre Farrah quando Cody veio correndo pelas escadas.

— Que porra é essa? — ele me perguntou, me puxando para cima quando Farrah começou a correr para o corpo de Echo, nem mesmo tendo o tempo para cair.

— Eu não sei, — eu sussurrei de volta, vendo como ele correu em direção ao casal apenas alguns metros de distância.

Eu deveria ter gritado. Eu deveria ter corrido até onde Echo, Farrah e Cody estavam.

Mas eu não fiz nada disso. Eu estava de volta no meu forro e eu sabia que era melhor não fazer nenhum som. Em vez disso, eu puxei o meu telefone do meu bolso e liguei para Asa enquanto eu caminhava lentamente para onde meu irmão e Farrah estavam rolando Echo em suas costas.

Eu queria gritar para eles que não havia nada que eles pudessem fazer - que ele merecia manter um pouco de sua dignidade.

— Ei, amor, — Asa respondeu preguiçosamente, completamente inconsciente da cena que se desenrolava diante de mim.

— Asa, — eu disse asperamente: — Eu estou com medo.

— Fale comigo, Callie! — ele ordenou, toda a complacência desapareceu.

— Havia um carro, — eu olhei para a rua tranquila, mas não havia nada. — Echo trouxe Farrah.

— Você tem que me dizer o que aconteceu, querida, — ele cutucou com urgência.

— Eu não sei, — eu disse a ele vagamente, o mundo se tornando obscuro enquanto eu observava Farrah empurrar as mãos de Cody para longe para que ela pudesse beijar Echo docemente nos lábios.

— Calliope, eu não consigo entender o que você está dizendo. É o seu irmão aí?

— Sim. Ele está com Echo.

— Dê a ele o telefone.

— Mas suas mãos estão cheias de sangue...

— Dê ao seu irmão o telefone! — ele gritou.

Eu levantei o meu telefone na direção de Cody e ele deve ter estado me observando, porque ele o agarrou imediatamente.

— Grease, porra! É ruim, cara, — ele falava ao telefone em voz baixa, dando alguns passos para longe de onde Farrah e eu estávamos amontoadas sobre Echo.

Os próximos minutos pareceram uma eternidade enquanto nós nos ficamos sentadas guardando o corpo de Echo. Farrah ainda estava surpreendentemente silenciosa, mas ela estendeu a mão e agarrou a minha enquanto esperávamos. Eu não tinha certeza do que estávamos esperando, mas na hora que eu ouvi o rugido de várias Harleys, todo o meu corpo cedeu.

Enquanto os homens estacionavam suas motos e vieram em nossa direção, sirenes começaram a encher o ar.

— Você chamou a polícia? — um grande motoqueiro que eu nunca tinha visto antes perguntou a Cody.

— Nah, — ele respondeu, puxando o telefone para longe de sua orelha e gesticulando. — Grease. Foi provavelmente os vizinhos.

Eu assisti os rostos dos homens em torno de mim enquanto eles observavam a cena e apenas alguns foram bem sucedidos em manter suas expressões estoicas.

— Você sabe quem fez isso? — um homem com tatuagens em seu rosto perguntou a Farrah e eu, se ajoelhando ao lado de Echo e puxando algo do bolso no peito da camisa de Echo.

— Não, — eu respondi, balançando a cabeça um pouco.

— Bom. Isso é *exatamente* o que você vai dizer a polícia, — ele me disse ameaçadoramente antes de se levantar e desaparecer na multidão.

Eu sentei lá em transe quando uma ambulância parou com suas luzes piscando e eu não movi um músculo quando dois policiais ordenaram que todos colocassem suas mãos para cima.

Eles me trataram como uma ameaça e quando eles levaram Echo, eu fui algemada, de bruços no chão, a menos de centímetros do sangue dele.

O resto do dia e a noite foi um borrão, dando declarações e ouvindo desculpas de policiais cansados. Eles finalmente me desalgemaram, percebendo que eu era uma vítima, apesar de eu não me sentir como uma. Eu era apenas uma espectadora de algo horrível que eu era incapaz de falar, mas nunca iria esquecer.

Mais tarde, naquela noite, depois que a polícia havia deixado o apartamento e o lugar estava quieto, Farrah finalmente falou.

— Eu nunca pensei que eu pudesse me sentir pior do que a noite que eu percebi que a minha mãe nunca iria me amar, — ela me disse em voz baixa. — Eu estava errada.

— As coisas sempre podem piorar, — eu disse a ela seriamente.

— Eu não sei o que poderia ser pior do que isso.

— Eu também não, — respondi, envolvendo meu braço em torno do ombro dela.

Ficamos em silêncio por um tempo, ouvindo Cody ir pra frente e para trás na cozinha. Depois de todo o trauma da tarde, não havia nada para fazermos. Não havia papéis para assinar, não havia perguntas a responder, apenas... nada.

Eventualmente Farrah ficou de pé, me puxando com ela e foi em direção ao banheiro.

— Nós precisamos tomar um banho, — ela me disse sem rodeios, empurrando a porta e me conduzindo para dentro.

Ela tirou a sua roupa, jogando elas para fora da porta quando ela ligou a água. Achei que ela queria que eu ficasse com ela, então eu não fiz nenhum movimento para sair, mas fiquei surpresa quando ela se aproximou e começou a puxar minha camiseta.

— O que você está fazendo? — eu perguntei, curiosa quando eu a deixei puxar sobre a minha cabeça.

— Você precisa tomar um banho.

— Ok, eu vou tomar um quando você tiver terminado, — eu disse a ela suavemente, tentando puxar seus dedos da frente do meu jeans.

— Você precisa de um agora, — ela murmurou com urgência, olhando nos meus olhos. — Você tem san - você tem sang - você precisa tirar essas roupas. Você precisa tomar um banho *agora mesmo!*

Eu olhei para baixo em surpresa, percebendo pela primeira vez que eu estava coberta de sangue seco.

— Tudo bem, menina. Eu vou tomar um banho agora, — eu respondi a ela calmamente, movendo as mãos para que eu pudesse retirar meu jeans. — Entre.

O chuveiro ficou vermelho quando entramos e Farrah manteve os olhos apontados para o teto quando ela começou a lavar seu corpo e esfregar. Nós lavamos nossos braços e torsos até a metade – o sabonete desapareceu completamente. Então nós começamos com nosso cabelo.

Farrah estava lavando seu cabelo uma segunda vez quando Asa entrou no banheiro e, lentamente puxou a cortina. Eu podia ver as perguntas em seus olhos, mas ele não disse uma palavra quando ele estendeu a mão para mim.

— Precisamos de toalhas, baby, — eu disse a ele calmamente, ignorando sua mão.

— Ok, — ele respondeu com a voz rouca, olhando entre Farrah e eu antes de caminhar de volta para fora.

— Ok, Farrah, isso é o suficiente, — eu disse a ela suavemente quando ela começou a pegar o frasco de xampu. Eu cheguei por trás dela e desligou a água quando seus braços caíram para os lados. Torci seu cabelo quando ela ficou em silêncio, os olhos vagos.

— Aqui está suas toalhas, amor, — Asa disse, abrindo a cortina. — Você precisa de alguma ajuda?

— Não, está tudo bem, — eu assegurei a ele. — Vou por algumas roupas nela e então eu vou sair.

— Tudo bem, — respondeu ele, procurando o meu rosto quando ele colocou uma mão no meu rosto molhado. — Chame se precisar de mim.

Eu dei a ele um aceno de cabeça e voltei para Farrah, envolvendo uma das toalhas em torno de mim e usando a outra para secá-la. Eu segurei sua mão enquanto eu a levava para o meu quarto, mas seu aperto era inexistente.

— Farrah, peguei algumas roupas, — eu gritei, vasculhando minha cômoda para roupas íntimas e pijamas. Quando ela não respondeu, eu me virei para encontrá-la em pé exatamente onde eu tinha deixado ela no meio do quarto. — Você quer um pijama?

Ela estava olhando para mim, ciente de tudo o que estava acontecendo, mas era como se seu corpo tivesse simplesmente parado de funcionar, exceto pelas lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

— Eu vou te ajudar com isso, está bem? — perguntei, esperando que ela me afastasse e perguntasse se eu era lésbica. — Ok, bem, se você não se importa então nem eu, — eu disse a ela com um encolher de ombros.

Tirei a toalha e ele correu por cima da cabeça uma vez, mas ela estava começando a tremer, então eu deixei cair no chão atrás dela e comecei a despi-la. Eu soltei seu sutiã e puxei as alças por seus ombros, secando ela quando eu puxei uma blusa de dormir sobre sua cabeça. Quando essa parte foi feita, eu terminei de tirar o sutiã e puxei sua calcinha por suas pernas, grata que ela saiu delas sem reclamar.

Quando eu tinha acabado de por meu moletom sobre seus quadris, houve uma pequena batida na porta. Quando me virei em direção a ela, uma cabeça familiarizada estalou completamente, observando a cena antes de caminhar completamente para dentro do quarto.

— Vovó, — eu suspirei de alívio antes de correr para ela. — Cody te ligou?

— Sim. Ele me disse que meu bebê precisava de mim, então aqui estou eu, — ela me disse suavemente, beijando minha testa antes de virar para Farrah. — Coloque algumas roupas, Callie Rose, você vai pegar um resfriado nessa toalha.

Eu apressadamente coloquei uma camiseta de Asa – uma camiseta e um par de calças de yoga enquanto eu assistia Vovó levar

Farrah para a cama. Ela pegou minha escova de cabelo do armário e uma vez que Farrah estava sentada, ela parou atrás dela e começou a escovar.

— Asa está lá fora subindo pelas paredes, Callie, — Vovó me informou, correndo os dedos pelo cabelo de Farrah. — Eu vou fazer as coisas por aqui.

Oh, Deus. Eu tinha esquecido como era bom ter Vovó assumindo o controle de uma situação.

— Obrigada, Vó, — eu disse a ela calmamente, caminhando para fora da porta e a fechando silenciosamente atrás de mim.

Capítulo cinquenta e três

GREASE

— Dê ao seu irmão o telefone! — eu gritei para Callie quando eu pisei em minhas botas e saí do meu quarto.

Eu estava deitado na minha cama de cuecas, olhando fodidos anúncios de apartamentos quando ela ligou. Eu imediatamente coloquei um jeans quando ouvi sua voz com medo do outro lado da linha.

— Grease, porra! É ruim, cara, — Cody chiou, sua voz baixa. — Echo estava trazendo Farrah e Cal saiu para encontrá-los. Eu não vi. Eu estava no banheiro quando ouvi os tiros e vim correndo.

— Sua irmã está bem? — perguntei enquanto eu corria através da casa do clube procurando Poet ou Slider. *Onde diabos estava todo mundo?*

— Sim, ela não foi ferida. — ele fez uma pausa. — Echo está morto, apesar de tudo.

— O quê? — eu rugi, fazendo uma pausa em descrença. — O que diabos aconteceu?

— Eu não tenho maldita ideia. Quando eu saí do apartamento, Echo estava caído e Callie estava segurando com Farrah nas escadas.

Eu finalmente encontrei Poet e Slider fumando um cigarro. Eu não tinha certeza por que eles faziam isso, mas se eles iam fumar, eles sempre faziam isso lá fora.

— Prez, temos problemas do caralho, — eu gritei, praticamente correndo na direção dele. — Cody, eu vou enviar alguns meninos para você e te ligar de volta.

Eu desliguei o telefone quando eu alcancei os homens e levei um segundo para controlar minhas emoções.

— Alguns filho da puta mataram Echo no estacionamento de Callie, com Farrah e Callie observando a porra toda, — eu disse a eles quando eu abri meu telefone. — Eu não acho que eles sabiam quem era.

— As meninas estão bem? — perguntou Poet calmamente, mas seus dedos nervosos deu uma impressão diferente.

— O irmão de Callie disse que elas estão bem, — eu respondi, ouvindo a campainha do telefone de Michael toda repetidamente antes de desligar.

— Nós precisamos que alguns dos nossos meninos lá - Echo está morto no meio da calçada, — eu disse a ambos, mas Slider já estava em seu telefone.

— Nós vamos ter alguns homens lá, cara, acalme-se.

— Porra! Alguns fodidos mataram um irmão na porra da calçada da minha mulher! — eu rugi de volta, perdendo completamente as estribeiras. — Ela assistiu a porra toda e ela não é forte o suficiente para essa merda!

— Eu acho que a garota irá te surpreender, — Slider comentou quando ele empurrou o telefone de volta no bolso. — Eu vou sair com você e vamos falar com os meninos. Esteja pronto em dez.

Ele se virou e caminhou de volta para dentro do prédio enquanto eu fiquei lá encarando suas costas.

— Não se esqueça de que a filha dele estava lá, também. Não importa o quão bem ele a conhece, ela ainda é sangue dele, sim? — Poet me avisou baixinho, me dando tapinhas nas costas quando ele passou.

Não demorou dez minutos para deixar-demorou sete e pelo tempo que montou para fora, eu tinha falado com Cody e descobriu que os irmãos do Sacramento Capítulo já tinha aparecido. Eu ouvi sirenes no fundo como ele desligou, e eu esperava que ninguém fez nada estúpido.

Eu estava com tanto medo, me perguntando de que forma Callie estaria quando chegássemos lá que eu não conseguia me concentrar em *nada* além disso e acabei dirigindo no piloto automático.

Me fez lembrar muito da outra vez que eu corri para chegar até ela que isso parecia como um déjà vu.

Eu só rezava para quem quisesse me ouvir, que quando eu chegasse até ela, ela não fosse a garota que eu tinha encontrado escondida em um forro.

Capítulo cinquenta e quatro

CALLIE

Entrei na sala de estar para encontrar Cody, Asa e Slider falando baixinho. Asa estava de costas para mim e não disse nada quando eu vim por trás dele e passei meus braços em torno de sua cintura. Ele se virou com o meu toque e imediatamente trouxe ambas as mãos para os lados da minha cabeça.

— Você está bem? — ele perguntou ferozmente, procurando o meu rosto.

— Sim, — respondi seriamente, confortada só pelo fato de tê-lo sob minhas mãos. — Farrah está uma bagunça, no entanto. Ela está praticamente em coma.

— E o que foi aquilo sobre o chuveiro?

— Ela me puxou para lá e se recusou a entrar sem mim, — disse a ele com um encolher de ombros. — Tínhamos sangue por toda parte.

— Tenho que dizer que isso sempre foi uma fantasia, mas essa merda *não* era como pensei que seria, — disse ele com um pequeno aceno de cabeça, me fazendo sufocar uma pequena risada.

— Sim, nada sexy sobre limpar sangue, — eu disse a ele, minha boca tremendo pela primeira vez naquela noite.

— Cristo, Callie, — ele sussurrou, se inclinando para me beijar suavemente. — Você me assustou pra caralho.

— Me assustou pra caramba também, — eu respondi enquanto ele me levantava e, em seguida, se sentou no sofá, me colocando em seu colo.

— Como está Farrah? — perguntou Slider de seu lugar no chão. Ele estava sentado contra a parede com os cotovelos apoiados nos

joelhos dobrados. Seus olhos estavam cansados, enquanto olhava para mim e foi a primeira vez que eu vi qualquer emoção lá.

— Ela está um desastre. — eu disse a ele honestamente. — Não acho que ela te ver vai ajudar.

— Eu sei, — respondeu ele, esfregando a parte de trás do seu pescoço quando ele olhou para o chão. — Não poderia ficar em Eugene, mesmo que ela não queira me ver.

— Não acho que ela está pensando em você em tudo, — eu disse a ele.

— Isso é o suficiente, Callie, — Asa rosnou atrás de mim.

Balancei a cabeça e fechei minha boca. Ele estava certo. Slider estava tentando fazer a coisa certa, mesmo desencaminhado como era.

— O que acontece agora? — perguntei à Asa calmamente enquanto pressionava minha testa para o lado de seu pescoço.

— Aces têm uma pessoa dentro da polícia local, então não deve demorar muito para que eles liberem o corpo de Echo, — ele retumbou, esfregando minhas costas. — Então nós vamos ser capazes de fazer um funeral.

— E quanto a família dele?

— Ele não tem, até onde eu sei.

— Eu nem sei qual é o verdadeiro nome dele, — chorei baixinho quando me aconcheguei mais perto.

— William.

— Oh, — suspirei baixinho. — Esse é um bom nome.

— Sim, amor, é, — ele confirmou, beijando o lado do meu rosto.

— E os caras que fizeram isso?

— Acho que sabemos quem foi, mas não tenho certeza ainda.

— Eles o chamaram de Ace. — eu disse a ele, puxando meu rosto de volta para encontrar seus olhos. — Será que eles acharam que ele era você?

— Não. Não, amor. É isso que você está pensando? — ele perguntou suavemente.

Balancei a cabeça, o queixo tremendo. Esse pensamento esteve passando pela minha cabeça toda a noite, embora tentasse ignorá-lo.

— Baby. Somos *Aces*. Esse é o nome do clube. Você sabe disso. — ele passou a mão pelo meu rosto. — Echo estava em sua moto, o que significa que ele estava usando seu colete. Eles sabiam a quem ele pertencia.

— Oh, — suspirei de alívio e, em seguida, me senti horrível por isso. — Então você se juntou a um clube que tem quase o mesmo nome que você? Isso é uma coincidência estranha.

Slider soltou uma gargalhada tranquila atrás de mim e eu assisti as maçãs do rosto de Asa corar.

— Uh. Meu pai era um Ace, também, — ele resmungou. — Não ficou com a minha mãe por muito tempo, então quando nasci, ela me chamou de Asa.

— Em honra ao seu pai. Isso é bem legal, — eu disse a ele, cansada, colocando a minha cabeça de volta para baixo.

— Ha. Não. Foi mais como um lembrete, — ele bufou, soltando completamente o assunto quando ele começou a falar com os caras.

Fiquei ali em silêncio, sentindo o pulso contra a minha testa enquanto os homens falavam ao meu redor. Uma parte de mim ficou horrorizada que Cody tenha visto tanto, mas a outra parte de mim agradeceu a Deus que ele tenha estado lá. Não sei o que eu teria feito sem a sua ajuda, como Farrah e eu teríamos lidado com a situação nós mesmas.

Fui ficando mais e mais cansada enquanto ouvia a voz de Asa, e logo eu estava à deriva, desligada e ele sussurrou, — Durma Calliope. Estou com você.

Capítulo cinquenta e cinco

CALLIE

Eles enterraram Echo em um cemitério perto da minha vizinhança.

O funeral de um Ace era uma coisa linda. Não havia outra maneira de descrever isso.

Bem mais de cem motos escoltaram o carro fúnebre e uma limusine carregou Farrah, Cody, Vovó e eu da funerária para o cemitério. Aces de toda a Costa Oeste tinham aparecido para prestar homenagens e o rugido dos escapamentos das Harleys foram ouvidos por vários quarteirões de distância, sacudindo os vidros das janelas e trazendo famílias inteiras para fora de suas casas para nos assistir passar.

Farrah tinha saído do transe no dia seguinte que Echo foi baleado e eu a observei atentamente por dias, esperando ela quebrar.

Ela não fez.

Ela estava de luto, não havia dúvida, mas ela não tinha se perdido completamente do jeito que ela tinha feito um ano antes. Parecia que aquele ano com Echo a tinha feito infinitamente mais forte, porque uma vez que ela estava enfrentando uma vida sem ele, ela parecia apenas... Aceitar.

Não acho que eu seria capaz de fazer o que ela fez. Teria me quebrado completamente se eu perdesse Asa.

O pensamento de que ele poderia ser tirado de mim a qualquer momento passou pela minha mente em um replay constante. Comecei a odiar o clube a que ele pertencia, me ressentindo de cada minuto que ele tinha que passar lá. Foi à razão de Echo ser morto a tiros, a razão pela qual Asa e eu estávamos vivendo separados e a razão por Farrah

ter sido abusada por anos. Tornou-se demônio em minha mente que eu não conseguia ouvir nada sobre isso sem vacilar por dentro.

Comecei a ter pesadelos novamente pela primeira vez em meses. Acordava suando frio, enrolada contra Asa no sofá e o agarrando por vezes, o acordando apenas para que pudesse ouvir sua voz. Eu já não sonhava com a morte dos meus pais, eu sonhava com a de Asa. Eu mal dormia.

Uma semana depois do funeral de Echo, eu acordei lentamente, tendo obtido apenas uma hora de sono que valesse a pena na noite anterior. Os pesadelos me atormentavam toda vez que eu fechava meus olhos. Se tornaram tão vívidos que eu não tinha certeza se eu estava acordada ou dormindo e tinha me estabelecido no sofá, apavorada, enquanto ouvia a pulsação do coração de Asa.

Vovó chamou a partir do fogão. — Callie Rose, se vista! Temos coisa para fazer esta manhã e você vai vir comigo.

Eu resmunguei enquanto rolava para fora do sofá em minhas mãos e joelhos. — Affe! Me sinto uma merda, — eu reclamei enquanto me arrastava para os meus pés.

— Umhmmm, — Vovó disse da cozinha.

— Onde está Asa? — eu disse asperamente enquanto caminhava em direção ao meu quarto.

— Levou Farrah a algum tipo de compromisso, — ela disse por cima do ombro.

Deus, eu estava cansada. Levei duas vezes mais para me vestir do que costumava levar e na hora que saí, Vovó estava de pé na porta da frente.

— Eu vou escovar meus dentes e outras coisas, eu vou estar bem, — murmurei.

— Não! — ela retrucou e depois sorriu. — Vamos fazer um par de tarefas. Vamos lá.

Me queixei na minha cabeça enquanto ela me pedia para levá-la a uma farmácia a poucos quarteirões de distância do apartamento, mas a segui para fora do carro quando ela estalou os dedos para mim. Estalou os dedos como se eu fosse um cão. Não foi até que estávamos no

corredor de tampões que eu comecei a ficar um pouco estranha - ela parou no estante de testes.

— Você precisa escolher um teste, — ela me disse, apontando para uma infinidade de testes de gravidez ironicamente cercados por preservativos. — Tem sido um longo tempo desde que eu estive grávida e nós não usávamos essas coisas.

Eu fiquei boquiaberta para ela, chocada em silêncio enquanto ela me olhava com os olhos apertados.

— Bem?

— Um... — eu olhei para trás e para frente entre os testes e Vovó, completamente sem palavras.

— Estou supondo que você e Asa não têm sido muito cuidadosos, — comentou ela, olhando por cima dos óculos para mim. — Tenho certeza de que você está grávida.

— Por que você acha isso? — perguntei, lambendo meus lábios repentinamente secos.

— Porque você está cansada o tempo todo, você mal está comendo e você parece ter quatro peitos sob essa camisa porque seu sutiã está muito pequeno, — ela me disse com naturalidade quando olhei para os meus quatro seios.

— Oh, — suspirei. — Sim. Talvez devêssemos pegar um... Desde que nós já estamos aqui.

— Isso é o que eu venho dizendo durante os dez minutos que estamos aqui de pé, Calliope, — ela respondeu e se inclinou para pega um pacote verde-limão de preservativos com uns relevos. — Hmm, interessante.

— Oh. Meu. Deus, — murmurei, meu rosto ruborizado quando estendi a mão para pegar o teste mais próximo. — Este está bom!

— Bem, esse não detecta gravidez precoce como aquele ali, — ela argumentou, apontando para um teste que custava o dobro. — Você provavelmente deve pegar aquele.

— Ok, eu vou pegar aquele, então. — eu peguei um teste diferente.

— Não, aquele próximo a ele tem dois testes em uma caixa caso você deixe cair o primeiro no banheiro ou algo assim.

— Vovó, escolha *você* então!? — eu perguntei a ela, frustrada.

— Oh, tudo bem. — ela pegou a caixa que ela queria da prateleira e virou as costas para mim, caminhando em direção à frente da loja enquanto eu colocava todos os testes descartados de volta em seus devidos lugares.

Fizemos o nosso caminho para o carro em silêncio, enquanto minha mente corria. Asa e eu não tínhamos tentado engravidar, mas nós não tínhamos estado *não* tentando também. A situação de preservativos tinha sido bastante imprevisível no ano passado, mas eu nunca tinha ficado grávida, então apenas assumi que eu não ficaria. Asa foi me visitar apenas uma vez a cada seis semanas ou assim e eu sabia que o momento tinha que ser o momento certo para a concepção.

Eu não conseguia decidir se eu estava realmente apavorada ou realmente animada.

Vovó não tinha mais nenhuma tarefa no dia - ela só queria que eu fosse com ela na farmácia. *Que velha sorrateira.* Nós dirigimos diretamente de volta para o apartamento enquanto eu segurava uma sacola quase transparente em minhas mãos com a caixa rosa brilhante do teste de gravidez zombando de mim através do lado do saco.

Eu realmente esperava que ninguém estivesse em casa quando chegássemos lá, não tinha certeza de como poderia esconder isso.

Respirei um suspiro de alívio quando entramos no meu estacionamento e a moto de Asa ainda estava desaparecida. Eu só tinha que me preocupar com Cody, que eu tinha assumido que tinha saído em sua corrida matinal quando Vovó e eu saímos. Eu não sei como ele poderia correr depois de dormir no chão durante toda a noite.

Minha casa estava começando a parecer como uma estação de trem com todas as pessoas hospedadas nela - dormindo em todas as superfícies disponíveis.

Quando entramos no apartamento, meu irmão estava sentado no sofá assistindo televisão, então escondi o teste discretamente em minha axila e disse um olá quando corri para o banheiro.

— Aonde vocês foram? — eu o ouvi perguntar a Vovó, mas eu bati a porta do banheiro antes de ouvir a resposta dela.

Eu tinha tanto que fazer xixi que eu estava dançando em torno do banheiro enquanto puxava o teste para fora, sem me preocupar em ler as instruções antes de sentar no vaso sanitário. Quando eu estava pronta, fiquei onde eu estava quando coloquei o teste sobre a borda da banheira e tirei as instruções.

Então, estava sentada no banheiro, minhas calças em torno de meus tornozelos, escovando os dentes, fazendo a minha boca parecer amarga quando eu descobri que iria me tornar mãe.

Capítulo cinquenta e seis

CALLIE

Vovó estava de pé do lado de fora da porta do banheiro quando eu a abri, os olhos arregalados.

— Precisamos ir ao supermercado. — eu disse a ela baixinho, mordendo o interior da minha bochecha.

— Tem certeza?

— Sim, — eu murmurei, segurando o teste.

— Ok, me deixe pegar a minha carteira e nós vamos agora, — ela me disse com um aceno de cabeça, avançando para beijar minha cabeça.

Eu tinha visto filmes e lido livros onde a personagem principal poderia esperar dias, ou mesmo semanas, para dizer a seu homem que ela estava grávida. Ela hesita e fica indecisa sobre o momento certo, como se esperando que de alguma forma isso levasse a uma reação favorável. Eu não me senti assim. De modo nenhum.

Eu estava ansiosa para contar a Asa. Eu não estava preocupada com a reação dele, ou esperando até o momento perfeito para dizer. Eu só queria que ele soubesse. Eu queria compartilhar isso.

Mas havia algumas coisas que eu tinha que fazer primeiro.

Havia uma tradição na minha família que começou com Vovó. Ela foi provavelmente uma daquelas mulheres que oravam por uma reação favorável, e saiu do seu caminho para garantir que o cenário estivesse armado perfeitamente, antes de dizer a seu marido que estava grávida. Meu avô tinha sido um idiota. Mas quando chegou a hora para a minha mãe dizer ao meu pai sobre mim, ela seguiu os passos de Vovó e cozinhou seu jantar favorito, pôs a mesa com seus melhores pratos e velas, mesmo sabendo que meu pai estaria na lua de tanta excitação.

O jantar favorito de Asa era minha receita de espaguete caseiro da Vovó com feijão verde cozido com pequenos pedaços de bacon, e eu ia fazer isso por ele.

A nossa viagem para o supermercado levou mais tempo do que eu esperava, porque Vovó queria olhar todos os novos aparelhos no departamento de bebê. Eu teria pensado que ela iria ficar puta que eu mal tinha dezenove anos e teria um bebê, mas se ela estava, ela não deixou transparecer. Ela me tratou como qualquer outra mãe grávida, fazendo barulho sobre a chupeta em forma de borboletas e reclamando sobre o preço das fraldas.

No momento em que cheguei em casa já era fim de tarde e eu estava preocupada sobre como iria por todos para fora de casa assim Asa e eu poderíamos jantar sozinhos. Nós não tivemos qualquer momento para nós mesmos há tanto tempo que jantar juntos parecia uma novidade, e eu tinha começado a desejar que todos pudessem ir para casa e nos deixar em paz. Eu também não queria que houvesse uma audiência quando lhe dissesse a notícia. Ele merecia ser capaz de reagir do modo que ele precisava sem ter que se preocupar com o que todos estariam pensando. Além disso, o momento em que eu lhe der a notícia, deve ser apenas entre nós dois.

Eu só comecei a desempacotar as compras quando Farrah invadiu o apartamento com Asa seguindo atrás dela. Ele parecia cansado e irritado e me perguntei que compromisso tinha tomado tanto tempo que eles estiveram fora a maior parte do dia.

— Eu fiz uma tatuagem, — ela me disse sem rodeios, puxando uma banana da penca, descascando-a rapidamente.

— Um piercing, também, pelo jeito, — eu comentei, colocando os olhos no piercing no septo que não tinha estado em seu nariz na noite anterior.

— Sim! — respondeu ela ao redor do enorme pedaço de banana que estava praticamente inalando. — Veio com a tatuagem.

Olhei para, mas não podia ver a tatuagem em qualquer lugar. Quando ela pegou o meu olhar, bateu na parte de trás de seu pescoço.

— É no meu pescoço. Doeu como uma cadela, mas parece incrível. Eu vou mostrar a você mais tarde depois que tirar o curativo.

— Ok, — eu respondi lentamente, a olhando com cuidado. Eu não tinha ouvido qualquer menção sobre uma tatuagem antes dela sair e fazer isso e eu me perguntava o que a levou a acordar naquela manhã e colocar tinta permanentemente em seu corpo.

— Ei, amor, — Asa murmurou enquanto caminhava para a cozinha, ignorando completamente Farrah quando ele passou por ela. — Você está fazendo o jantar?

— Sim, — eu disse a ele calmamente, me inclinando para beijar seus lábios.

— Callie, o que estamos tendo para o jantar? — Cody chamou a partir do sofá, me fazendo cerrar os dentes.

— Eu estou fazendo macarrão e feijão verde, — eu falei categoricamente, voltando para o balcão enquanto Vovó saia do meu quarto.

— O meu favorito, — Asa mencionou com um sorriso, me dando tapinhas na bunda.

— Cody e Farrah, vamos sair para comer, peguem seus sapatos, — Vovó ordenou ao mesmo tempo.

Meu irmão, que tinha estado vagarosamente caminhando para a cozinha já lotada, parou abruptamente, sua boca caindo de surpresa quando seus olhos se estreitaram. — Oh, inferno, *não.*

— Nem mais uma palavra de sua boca, Cody Daniel, — Vovó se virou para ele, parando em sua frente para empurrá-lo em direção à porta com ambas as mãos em sua barriga. — Nós vamos dar a eles algum tempo sozinhos.

— Eu estou faminta como o inferno; eu não me importo onde nós vamos comer, — Farrah choramingou, completamente alheia dos significados implícitos em nossa conversa enquanto ela caminhava em direção à porta da frente. — Levem o seu tempo, crianças. Vou levar Vovó para o bar depois do jantar!

Eu estava tensa, amarrada como um fio pelo tempo que a porta se fechou atrás deles e eu não tinha certeza de como eu seria capaz de manter minha boca fechada até eu ter o jantar no balcão. Eu realmente desejava ter uma mesa de verdade, mas eu estava disposta a improvisar.

— Por que você não toma um banho e no momento em que estiver pronto, eu tiro o jantar do forno? — eu disse a ele brilhantemente enquanto eu servia macarrão em água fervente sobre o fogão.

— Não preciso de um banho, tomei um antes de sairmos e eu estive sentado na minha bunda todo o dia, enquanto Farrah perdia tempo no estúdio de tatuagem, — ele resmungou, se sentando no balcão. — Essa menina vai pirar em breve.

— O que aconteceu?

— Nada demais, ela só parece que estar tensa como o inferno, e está tentando encontrar uma maneira de deixar sair algum vapor. — ele balançou a cabeça. — É melhor tomar cuidado com esse seu irmão.

— Nojento! — eu exclamei, puxando o hambúrguer para fora da geladeira. — Cody não faria isso. Ele sabe que Farrah está tendo um momento difícil.

— Seu irmão tem um pau, — ele respondeu seriamente, olhando para o seu telefone. — Ele faria isso.

— Podemos não falar sobre meu irmão e minha melhor amiga fazendo sexo agora? — perguntei, frustrada com lágrimas nos meus olhos. Ele estava mandando mensagem para alguém em seu telefone, falando de pessoas que eu tinha acabado de chutar para fora da casa para que pudéssemos ficar sozinhos e eu estava tendo dificuldade em tentar não apenas deixar escapar a minha notícia antes do jantar estar pronto. A noite *não* estava indo como eu imaginava. — Eu só quero fazer a porra do jantar para você e para mim, sem qualquer outra merda ficando no meio disso.

Funguei uma vez, me virando para o fogão e em segundos ele estava passando os braços em volta de mim por trás.

— O que está acontecendo, querida? — ele perguntou suavemente, beijando a parte de trás do meu pescoço.

— Eu só quero terminar o jantar para que possamos sentar e comer a sua refeição favorita. Sozinhos. Eu quero que jantemos sozinhos sem nos preocupar com problemas de qualquer outra pessoa.

— Olhe para mim, Callie, — ele ordenou, puxando minha cintura.

— Eu preciso terminar isso, — eu disse a ele desesperadamente, despejando temperos na panela freneticamente. — O hambúrguer vai queimar se eu não mexer.

Ele passou por mim e desligou o fogo antes de me girar para encará-lo.

— Você vai arruinar isso! — eu praticamente gritei, empurrando suas mãos.

— O que diabos está errado? — ele retrucou, fazendo as lágrimas que haviam estado picando em meu nariz subirem para os meus olhos. — O que há de errado? — ele perguntou de novo, procurando o meu rosto que estava amarrotado.

— Eu só queria fazer o seu jantar favorito, — eu sussurrei, limpando meu rosto, — E agora está em ruínas e eu não tenho mais nenhum macarrão.

Rompi em soluços angustiantes e empurrei meu rosto em seu pescoço enquanto ele me pegava e caminhava em direção à porta da frente, a trancando antes de me levar para o quarto. Ele me colocou no chão perto da porta e caminhou até a cama, puxando, nos quatro cantos dos lençóis até que ele tinha embrulhado toda a roupa de cama em uma bola que ele jogou no chão.

— O que você está fazendo? — eu perguntei com a voz rouca enquanto ele colocava um lençol limpo na cama.

— Eu estou tirando a cama para que eu possa te foder sem sentir o perfume de Farrah e de sua avó, e eu vou deixar essa merda em uma pilha para que possamos colocá-los novamente mais tarde e elas não têm que sentir nosso cheiro, — ele me disse simplesmente, me fazendo chorar de novo.

— O que diabos está errado com você?

— Estou grávida. — *bem, merda.* Eu acho que eu *iria* apenas deixar isso escapar.

— O quê? — ele sussurrou, caindo sobre a cama.

— Fiz o teste esta manhã. Eu não tinha percebido... — engoli em seco enquanto eu caminhava em direção a ele. — Vovó me levou para a farmácia esta manhã e praticamente me emboscou para comprar um teste. Com todas essas coisas acontecendo, eu nem mesmo-

— Oh, merda, — ele sussurrou, com os olhos arregalados de horror.

— Não é a reação que eu estava esperando, Asa, — eu murmurei secamente, tentando disfarçar o pânico subindo na minha garganta. *Por que ele parece tão horrorizado?* Não é como se ele não soubesse o que poderia acontecer!

— Você está bem? — ele perguntou, caindo de joelhos e levantando minha camisa. — Está tudo bem aí?

Suspirei de alívio quando eu corri meus dedos por seu cabelo. — Eu não fui ao médico ainda. Mas eu acho que sim.

— Você caiu nas malditas escadas, — ele murmurou, desabotoando minha calça e as tirando pelas minhas pernas. — Eles te algemaram no chão.

— Eu tenho certeza que algo teria acontecido até agora se eu tivesse sido ferida, — eu garanti a ele, — Mas eu vou marcar um médico para me certificar de que está tudo bem.

Ele tirou a minha camiseta enquanto ficava de pé, olhando para os meus seios em espanto. — Uau! Os seus seios estão *enormes!* — ele ficou boquiaberto, se aproximando para pegá-los em suas mãos. — Como é que eu não percebi isso? Eles estão saltando por toda a parte!

— Provavelmente porque você não tem me visto nua desde sempre, — eu reclamei, empurrando seu colete de seus ombros.

Ele chegou por trás de mim para soltar meu sutiã e eu dei um enorme suspiro de alívio quando ele caiu. Eu não tinha notado que meus seios estavam maiores, mas eu *tinha* notado que a faixa tinha estado cavando em meus lados pelo que pareceu semanas. Isso deixava pequenas linhas que coçavam e que eu detestava.

— Merda, você está realmente grávida, — ele murmurou. — Ponha um pijama. Precisamos encontrar um médico.

Bati meu pé quando ele começou a se afastar. Eu realmente bati o meu pé.

— Você nem me beijou! — eu gritei, minhas emoções por todo o lugar. — Nós não precisamos chamar o médico agora! Eu preciso que você me beije e diga que me ama e então, me foder em nossa cama de quatrocentos dólares que você insistiu em ter!

Meu peito arfava quando ele se virou, o mais belo sorriso puxando suas bochechas e franzindo seus olhos.

— Você está tendo o nosso bebê, — ele gritou em voz alta, me levantando tão alto pela parte de trás das minhas coxas que eu tinha que me inclinar para a frente ou bater com a cabeça no teto. Eu ri histericamente quando ele girou em um círculo. — Eu amo você e você está tendo meu bebê.

— Sim, — eu sussurrei, meu sorriso trêmulo.

Ele cuidadosamente me deslizou pelo seu corpo até que minhas pernas estavam envolvidas em torno de sua cintura e segurou a parte de trás da minha cabeça.

— Eu te amo, — ele murmurou em minha boca. — Melhor coisa que já fiz – te levar daquela casa. Eu mudaria muita merda que veio depois se eu pudesse, mas mesmo se eu fizesse, nós ainda teríamos acabado aqui onde estamos agora.

Ele me beijou duro enquanto me deitava na cama.

— Você é tão bonita, — ele sussurrou enquanto suavemente esfregava seu polegar para frente e para trás no meu estômago. — O que eu fiz para merecer você?

— Você me salvou, — eu sussurrei de volta.

Capítulo cinquenta e sete

GREASE

Se eu pensei que deixar Callie era difícil antes, não era *nada* comparado a deixá-la depois. Merda estava esquentando com a gangue de Jimenez e eu tinha que voltar para Oregon para lidar com isso. Coisas como essa me fizeram feliz de Slider ser o chefe do clube. Ele era capaz de ver o todo, onde eu teria perdido o controle um ano antes.

Os irmãos Jimenez tinham errado gravemente quando me mandaram para Jose. Não só eles praticamente me empurraram para a porra de uma armadilha, mas eles ainda desviaram milhares de dólares quando tudo estava dito e feito. Eles tinham jogado como se eles não tivessem ideia do que estava acontecendo com Jose, que tinha agido por conta própria, mas não importava o que eles tinham alegado. Eles com sucesso se colocaram no radar de Slider, o que *nunca* era uma boa coisa.

Ao longo dos últimos dois anos, eles continuaram a bagunçar, falando merda para as pessoas erradas e reivindicando uma aliança com os Aces, nos deixando para suavizar a merda com clubes que nunca tínhamos tido problema antes. Isso foi uma merda.

O mais recente foi com um clube de fora de Montana e nós não resolvemos isso. Nós tínhamos jogado os meninos Jimenez sob o ônibus e quebrado toda a filiação em vez disso. Slider não estava mais disposto a ignorar a merda e era amigo do presidente do clube em Montana. Ele traçou a linha com o cara.

Me enfurecia ver que meu irmão Deke fazia parte desses idiotas, mas não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso. Eu tinha dado a ele mais do que suficientes oportunidades para romper com eles sem consequência, mas ele não tinha tomado. Não sei qual era o seu maior

problema: a sua lealdade para com eles ou a meta[20] que eles estavam fornecendo a ele. Eu tinha que deixá-lo enforcar a si mesmo, que era *exatamente* o que ia acontecer se Slider encontrasse provas de que eles eliminaram Echo.

Slider iria descobrir o que aconteceu e Deus ajude a pessoa que tinha cometido o assassinato. Eles não só levaram um dos nossos, mas poderiam ter matado a sua filha. Ele não ia deixar essa merda passar e quanto mais nós cavávamos, mais descobríamos que todos os sinais apontavam para o sul da Califórnia.

Eu levei Callie ao médico e me certifiquei de que tudo estava bem com ela e nosso filho. Eles até mesmo fizeram um ultrassom para ver de quanto tempo ela estava. Nos filmes, eles iriam colocar alguma merda em sua barriga e, em seguida, esfregar com um pequeno bastão, mas aparentemente era muito cedo para essa merda. Quando eles tiraram essa porra de sonda que eles enfiaram dentro dela, eu acho que nós dois ficamos um pouco pálidos. Assistir alguém, mesmo uma médica, lubrificar essa merda para que eles pudessem colocar dentro de um lugar que estava destinado para mim me deixou doente. Eu tive dificuldade até mesmo em focar na tela que eles estavam nos mostrando, sentindo minha pele muito apertada para o meu corpo de repente, e eu tinha estado feliz como o inferno quando tudo acabou. Eu a fiz tomar um banho quando nós chegamos em casa, ansioso para lavar essa merda.

Nós também conversamos com o proprietário do apartamento dela e o convencemos a deixá-la mudar para a unidade ao lado que tinha dois quartos. Eu não tinha certeza de quanto tempo ela ficaria lá - eu estava ansioso para tê-la comigo - mas ela não podia continuar dormindo na porra do sofá com Farrah e Vovó na nossa cama. Cody tinha ido para San Diego se certificar de que tudo estava ok com a casa de Vovó, mas eventualmente ele estaria de volta e havia muitas pessoas na porra de um apartamento de um quarto. Foi fácil movê-la, nós só tivemos que carregar merdas alguns metros para baixo do corredor, e eu podia ver como ela estava aliviada quando nós acabamos. Nós temos nosso próprio quarto novamente. *Obrigado porra.*

Eu estava me preparando para sair, arrumando meus alforjes, quando Callie veio tropeçando pelas escadas, esfregando os olhos. Ela estava vestindo um pequeno top preto sem sutiã e eu agradeci aos

[20] Metanfetamina.

deuses da gravidez pela forma como os peitos dela tinham crescido. Eu tinha pensado que ela era perfeita antes, mas puta merda, eles pareciam estar crescendo mais a cada dia, eu não conseguia manter as mãos longe deles.

Quando ela estava no final das escadas, ela congelou, seus olhos abrindo de forma ampla. Meu corpo ficou tenso e eu procurei na área por qualquer coisa fora do lugar, mas não podia ver nada que pudesse assustá-la.

— Ei, amor, — eu chamei, sorrindo. — Você está bem?

— Sim, estou apenas cansada, — ela respondeu com cautela, observando o bairro cuidadosamente enquanto ela vinha até mim.

— Temos meninos mantendo um olho aqui. Os homens vão estar ao redor, — eu disse a ela enquanto afivelava minha bolsa. — Não há necessidade de você se preocupar.

— Eu sei. Eu só estou um pouco nervosa, — ela murmurou, caminhando para mim e envolvendo os braços em volta da minha cintura. — Você terminou aqui? Nós podemos entrar?

— Sim, mas eu tenho que pegar a estrada em breve, — eu avisei a ela, colocando a mão na parte inferior de suas costas para conduzi-la até as escadas. — Você precisa colocar algumas roupas antes de sair de casa.

— Está parecendo uns setenta graus! — ela zombou, caminhando para dentro.

— Eu sei como está quente, Callie, mas seus peitos estão enormes e a sua regata é fodidamente pequena! — eu praticamente gritei enquanto seguia atrás dela.

— Posso, por favor, não ouvir sobre os peitos da minha irmã às nove da manhã? — Cody resmungou do sofá.

— Porra! — eu assobiei enquanto Callie me deu um olhar arrogante e pisou em direção ao quarto. — Cale a boca, Cody.

A segui até o quarto enquanto ela estava tirando sua regata e tentando por um sutiã. Eu não tinha certeza do por que ela não tinha comprado alguns novos ainda, mas os antigos pareciam desconfortáveis como o inferno.

— O médico disse que durante as treze semanas eles provavelmente ainda vão crescer um monte e eu não queria comprar novos ainda, — ela comentou, tirando as alças do sutiã sobre seus ombros, com raiva. — Mas eles são realmente desconfortáveis, Asa! E esses tops são apertados o suficiente para que eu possa usá-los sem sutiã.

— Eu não queria te envergonhar, Callie, — eu disse a ela, esfregando a minha mão pelo meu rosto. — Eu só não quero outros homens vendo seus peitos em todos os lugares que você vá.

Ela assentiu com a cabeça, tirando seu short de pijama e roupa íntima, e eu não pude evitar. Eu a peguei contra mim e a beijei. Até o momento que eu tinha a manobrado para a cama, eu já tinha desfeito o meu cinto e calça jeans e levou apenas uma questão de segundos para eu colocá-los para baixo e empurrar dentro dela. Porra, eu amava Callie mal-humorada pela manhã.

— Eu ainda estou irritada com você, — ela suspirou, puxando meu cabelo solto com uma mão. Toda vez que ela fazia isso era como um choque direto para o meu pau. — Você vai estar de volta em breve, certo?

— Sim, querida. Assim que eu puder. Eu estarei de volta, — eu assegurei a ela, alcançando atrás dela para desprender seu sutiã enquanto suas costas arqueavam. — Eu vou deixar algum dinheiro para você. Compre novos sutiãs.

Ela balançou a cabeça, os olhos atordoados, mas ainda seguindo a conversa: — Eu só vou crescer para fora deles.

Eu parei de me mover, a fazendo choramingar baixinho. — Então eu vou te comprar mais, sim? Não quero você andando por aí desconfortável por nenhuma razão quando eu posso corrigir isso.

Ela não discutiu, então comecei a me mover novamente, meu cinto tinindo alto quando atingia a borda da cama onde eu estava.

— Esses sutiãs são feios, — ela me disse suavemente, seus olhos encontrando os meus. — Quanto maiores, mais feios eles são.

Eu soltei uma gargalhada que a faz enrijecer e foi difícil não gemer quando ela apertou contra o meu pau. — Calliope, — engoli em seco, me movendo com mais força contra ela. — Eu não me importo como diabos eles se parecem, desde que eles sejam confortáveis. Eu

quero o que está *dentro* deles... e por que diabos nós ainda estamos falando sobre isso? — eu perguntei, correndo minha mão para baixo em sua barriga para que eu pudesse beliscar seu clitóris.

— Não tenho ideia, — ela choramingou de volta, arqueando seu pescoço quando eu acertei o ponto certo.

Eu a senti pulsando em torno de mim quando ela gozou e eu me perguntava como diabos eu iria deixá-la em uma hora.

Capítulo cinquenta e oito

CALLIE

Uma vez que Asa foi embora, eu senti um pouco mais apreensiva sobre a coisa toda de 'bebê'. Eu realmente não me sinto grávida, no entanto, na maior parte apenas cansada e o pensamento de crescer e, em seguida, empurrar um bebê do meu negócio me fez quebrar em um suor frio. Eu não podia deixar de estar animada, embora, especialmente depois que tínhamos visto o nosso pequeno feijão no ultra-som.

Farrah continuou a viver comigo em tempo integral, mas Vovó foi embora algumas semanas após Asa sair. Felizmente, por causa da bolsa de Cody ter expirado quando ele se formou, Vovó não estava mais amarrada a San Diego. Ela fez Cody dirigir para arrumar seu trailer e mover suas coisas para o norte - para o apartamento que eu tinha acabado de desocupar. Ela disse que não queria estar longe quando eu tivesse o bebê, o que fez a mudança para Sacramento parecer estranho para mim. Eu ainda estava pensando em ir morar com Asa, logo que Farrah se recuperasse, e, francamente, eu estava perdendo a paciência.

Não era como se eu pudesse colocar um limite de tempo. Eu não tinha feito isso. Mas ela parecia estar correndo em direção à borda de um penhasco e todos ao seu redor estavam apenas esperando a queda. Eu meio que desejava que ela chegasse a esse ponto para que pudéssemos lidar com as consequências e ela poderia começar a se curar. Todos lidamos com a dor de forma diferente e parecia como se a dor de Farrah estivesse se manifestando em bebedeiras, tatuagens, piercings extravagantes. Ela me fez lembrar de um livro para colorir; cada vez que ela chegava em casa ela tinha algo novo elaborado ou preso em seu corpo. Infelizmente, Asa também tinha batido o prego na cabeça quando ele me disse para ficar de olho em Cody. Alguma coisa estava acontecendo com eles, embora nenhum dos dois estivessem falando sobre isso. Foi quase um alívio Cody ir para Yale no outono e eu não teria que me preocupar com o que quer que estava acontecendo. A última coisa que Farrah precisava era de um nova cara

fodendo com sua vida, especialmente se esse cara fosse meu irmão mais novo.

Foi a terceira semana após Asa ir embora que eu estava me preparando para a sua visita. Tudo era tão mais vivo agora que nós estávamos começando uma família. Eu sentia falta dele muito mais, o amava mais, queria ele mais - era como se cada emoção que sentia tivesse sido ampliado por dez. Eu queria que tudo estivesse perfeito quando ele chegasse, mesmo indo tão longe a ponto de comprar novos lençóis para nossa cama e limpar o banheiro.

— Querida, estou em casa! — ele gritou da porta da frente, me surpreendendo quando vi sua cabeça no topo do armário que eu estava limpando.

— Acabei de falar com você há três horas! — eu gritei de volta, correndo para ele para que eu pudesse saltar e envolver meus braços e pernas em torno dele. — Você disse que estava vindo!

— Eu menti, — ele respondeu presunçosamente, agarrando o meu cabelo em um punho e me beijando profundamente. — Você está surpresa, amor? — ele sussurrou em minha boca, indo para o nosso quarto.

— Melhor surpresa de *sempre,* — eu sussurrei de volta, sorrindo largamente.

— Eu até mesmo parei na sua Vó e deixei ela saber que eu estava aqui, para que ninguém atrapalhasse.

— Eu vou te foder sem público? — perguntei maliciosamente. — Eu não vou saber o que fazer comigo mesmo.

— Que tal você fazer todos aqueles barulhos que eu não tenho ouvido desde sempre? — ele me disse com um gemido quando eu mordi seu pescoço.

Ele me levou para a cama, nunca deixando meus pés tocarem o chão. Quando ele me colocou no chão, eu fiquei lá preguiçosamente quando ele começou a se despir. Seu colete veio primeiro, deslizando por seus ombros largos até que ele o agarrou com uma mão e o atirou no final da cama, sem tirar os olhos de mim.

Quando ele chegou por trás de seu pescoço e mal começou a subir sua camiseta, eu fiz um barulho no fundo da minha garganta.

— Você continua ficando maior, — eu suspirei com a voz rouca.

— Não há muito que fazer, exceto beber quando eu não estou no emprego, — ele me disse com um sorriso. — Além de malhar, só posso bater punheta no tempo libre.

Eu bufei, então ri histericamente. — Esteve um pouco frustrado, baby?

— Eufemismo do caralho, — ele resmungou na minha risada quando ele tirou suas botas e jeans.

— Eu posso ajudar com isso, — eu murmurei, meus olhos arregalados quando eu percebi que ele não tinha seus boxers.

— Você acha? — perguntou ele, se acariciando vagarosamente enquanto eu observava.

— Com certeza, — minha voz saiu como Jessica Rabbit e eu tive que limpá-la antes de continuar, — Eu tenho certeza.

— Bom, — ele respondeu, acenando com a cabeça. — Tire.

Meu coração estava correndo enquanto eu subia até os joelhos, as mãos indo diretamente para o cós da minha bermuda. Puxei eles lentamente, observando suas narinas quando meu shorts e roupas íntimas caíram para a cama. Me debrucei para retirá-los e dei a ele uma boa vista, mas ele não tomou o convite, continuando a assistir enquanto ele acariciava a si mesmo.

— A camisa, — ele comandou, sua voz um grunhido profundo que eu ansiava.

Eu puxei a minha camisa lentamente. Uma vez que estava fora, eu me lembrei do que eu estava usando sutiã e corri para retirá-la, mexendo e virando meu corpo para longe dele enquanto eu tentava desfazer o fechamento na parte de trás.

— Ei, — ele chamou, estendendo a mão para pegar as minhas enquanto eu freneticamente tentava tirar. — O que está acontecendo?

— Eu comprei um sutiã realmente sexy que eu ia colocar quando você estivesse quase aqui, — eu gemi, envergonhada. — Eu iria trocar antes de você chegar aqui.

— Por quê? — ele perguntou, franzindo as sobrancelhas em confusão.

— Porque esse é um sutiã de velha, — eu bufei de volta, finalmente desistindo de tentar desenganchar as três fileiras de gancho.

— Querida, é apenas um sutiã, — ele me disse, se inclinando para correr os lábios por cima dos meus seios. — Esse parece ser confortável.

— E é, — eu disse a ele suavemente, correndo a mão pelo seu cabelo enquanto ele colocava beijinhos por todo o meu peito. — Mas o outro é bonito e este não.

— Se você não gosta deste sutiã, então por que você comprou?

Agarrei seu cabelo e inclinei o rosto para o meu. — Este é um dos meus sutiãs confortáveis. Os outros são para você ver.

— Você está dizendo que eu não posso ver a maioria dos seus sutiãs?

— Só os confortáveis, — eu disse com um aceno de cabeça.

— Você está doida, — ele declarou com firmeza, puxando meus quadris até que eu tinha caído de costas na cama. — Você vai jogar todos esses sutiãs desconfortáveis no lixo.

— O inferno que eu vou! — eu engasguei, tentando me sentar.

— Calliope, eu quero você, — ele me disse seriamente, correndo os dedos até o centro da minha barriga até que ele chegou ao calor entre minhas pernas. — Eu não dou a mínima para que tipo de sutiã que você está vestindo, desde que ele não esteja cavando em suas costelas e seus peitos. Se você tem sutiãs desconfortáveis, jogue fora essas merdas.

Seus dedos começaram a explorar como se eles não tivessem me tocado um milhão de vezes antes, e minha respiração engatou quando ele bateu no meu clitóris.

— Agora, tire esse sutiã que você está reclamando, — ele sussurrou quando ele se inclinou para me beijar suavemente.

Eu arqueei minhas costas e facilmente abri meu sutiã com uma mão quando ele se inclinou em seus joelhos, com as mãos passando pelo meu corpo.

— Jesus Cristo, você é linda, — ele murmurou quando eu joguei meu sutiã pelo quarto. Ele ficou ali olhando pelo que parecia uma eternidade e eu perguntei se ele estava percebendo as coxas mais grossas e cintura que eu estava ostentando. Quando ele não tinha se

movido por mais de um minuto, eu me senti envergonhada, embora eu sabia que era ridículo.

— Você vai me tocar? — eu perguntei em um tom arrogante, minha insegurança saindo mal-intencionada.

— Sim, amor. Eu vou tocar em você, — respondeu ele, passando a mão na minha perna. — Eu quero olhar para o seu novo corpo primeiro.

— Catalogando minha gordura, hein?

— Cala a boca, Callie, — ele respondeu ferozmente. — *Nunca* diga essa merda para mim.

Minha boca se fechou em sua ordem, meu rosto queimando de vergonha. Eu sabia que não era gorda, mas insegurança era uma cadela e parecia que eu estava ganhando peso mais rápido do que eu deveria.

— Você era linda quando te conheci, — ele me disse em voz baixa, passando a mão de cima de meu ombro para o meu pulso. — Mas agora? Você é tão bonita que quase dói olhar para você. Os seus seios estão todos cheios e redondos, sua barriga já está aparecendo um pouquinho e *porra,* eu tenho certeza que suas coxas e bunda vão me dar um ataque cardíaco. — enquanto ele detalhava as minhas partes do corpo, ele passou as mãos sobre mim levemente até que todo o meu corpo estava coberto de arrepios.

— Tão falador, — murmurei de volta, chegando a correr meus dedos em seu queixo enquanto as lágrimas encheram meus olhos.

— O objetivo é agradar, — ele resmungou de volta, se inclinando para pegar um mamilo.

Funguei uma vez antes de por minhas lágrimas sob controle e arqueei as costas quando ele puxou duro com os dentes.

— Cuidado! — eu assobiei baixinho. — Estou super sensível e dolorida.

— Ah, me desculpe, — ele murmurou de volta, lambendo o mamilo ofendido como se para acalmá-lo. — Você está dolorida aqui também? — ele perguntou quando ele deslizou pelo meu corpo até que ele estava olhando entre minhas pernas.

— Não, — eu engasguei quando ele me lambeu gentilmente. — Não está dolorido.

Eu acho que ele murmurou a palavra — Ótimo, — mas eu não tinha certeza porque seus lábios firmemente encontraram meu clitóris e eu rugi baixo na minha garganta. Ele lambeu e chupou e me mordeu até que eu estava me contorcendo na cama, mas logo quando eu estava prestes a gozar, ele se afastou.

— Asa! — eu lati, puxando seus cabelos em uma tentativa de mover o seu rosto de volta onde eu queria.

— É isso mesmo, amor, — ele assobiou quando ele puxou minhas mãos para longe de sua cabeça, as prendendo em cima de mim quando ele se moveu entre as minhas pernas.

Ele fez uma pausa até que eu estava empurrando em meus braços e inclinando meus quadris contra ele, então se inclinou e cochichou no meu ouvido: — Agora grite isso para mim, — quando ele empurrou para dentro com um impulso poderoso.

— Porra! — eu gritei, chocada com a sensação disso após três semanas.

— Não era que eu estava procurando, — ele comentou quando ele puxou lentamente e bateu de volta.

— Asa, — eu gemi, tentando seguir suas instruções, mas incapaz de recuperar o fôlego o suficiente para fazer isso.

— Mais alto, — ele resmungou, soltando uma de minhas mãos para que ele pudesse muito gentilmente torcer meu mamilo.

Eu empurrei para fora da cama, em resposta, começando a tremer enquanto sua pélvis esfregava contra o meu clitóris com cada movimento lento. Ficamos em silêncio por alguns momentos, nos observando mutuamente quando meu clímax ficou cada vez mais perto, até que, finalmente, ele bateu.

— Asa! — eu gemi alto e gozei.

— Perfeito, — ele engasgou quando sua mão escorregou para o meu queixo, inclinando a cabeça para trás. — Perfeita. Tão malditamente perfeita.

Então ele chegou até minha garganta e chupou com força, me marcando quando ele gozou.

Depois de pegar a nossa respiração, eu me limpei e rastejei de volta para a cama com ele, satisfeita em sentir sua pele contra a minha.

— Você se sentindo bem? — ele perguntou, passando a mão suavemente sobre minha barriga.

— Sim. Sem problemas até agora, — eu respondi, plantando meu cotovelo na cama para que eu pudesse me inclinar e traçar a tatuagem em toda sua clavícula.

— Odeio estar tão longe, — ele me disse seriamente. — Eu quero ver tudo isso. Parece que você já mudou nas três semanas desde que te vi pela última vez. Esta curva é nova.

— Sim, é meio engraçado, porque as pessoas não conseguem descobrir se é um bebê ou apenas gordura, — eu disse a ele com uma risada.

— Quando é que você vai deixar Farrah estar em seus próprios pés? — perguntou ele com um suspiro. — Eu sei que ela é sua melhor amiga, mas ela parece não ver ninguém além dela mesma e você não está fazendo nada além de dar a ela um lugar livre para viver.

— Eu sei, — eu murmurei, me jogando de costas na cama. — Mas eu não posso simplesmente largar ela. Todo mundo em sua vida fode com ela. Eu não quero ser outra pessoa nessa lista.

— Eu acho que você vai ter que ter um 'venha para a luz' com ela. Não podemos continuar a adiar a nossa vida por causa dela, Callie. Tem que parar em algum momento, — ele me disse, brincando com meus dedos.

Quando eu fiquei em silêncio, ele mudou de assunto: — Por que você não pinta as unhas dos pés? Seus dedos das mãos estão sempre com diferentes cores, mas você nunca pinta os dedos dos pés.

Eu escorreguei em uma memória de pintar meus dedos enquanto eu ouvia meus pais e empurrei isso para fora da minha cabeça. Era uma pergunta simples e não exigia uma longa explicação, mas eu não podia forçar a resposta pela minha garganta.

— Não me importo se você pintar os dedos dos pés, Callie, — ele me assegurou, chegando à conclusão errada sobre o meu silêncio.

— Um dia antes de meus pais forem mortos, em vez de conversar com eles, me sentei no meu quarto e pintei as unhas dos pés, — eu disse a ele com um encolher de ombros e aceno de cabeça. — Porque isso era tão importante, porra.

— Isso não tinha nada a ver com o que aconteceu, — ele me disse baixinho, se inclinando sobre mim.

— Eu sei disso.

— Você precisa parar de ignorar isso, Callie.

— Eu não estou ignorando qualquer coisa. Eu só escolho não me lembrar.

— Querida, isso só vai continua voltando. Você não vai conseguir segurar isso para sempre, — ele afirmou seriamente.

— Podemos falar de outra coisa? Você acabou de chegar em casa e eu só quero me deleitar disso um pouco, — eu respondi, me inclinando para lhe dar um beijo na boca.

— Sim, mas nós vamos falar sobre isso depois, — ele alertou.

— Tudo bem, — eu fiz beicinho, então ordenei: — Me diga o quanto você me ama.

— Mais do que minha moto, e menos que meu pau, — ele respondeu com uma cara séria.

— Ha! Imbecil! — eu ri quando ele começou a me fazer cócegas.

Esse fim de semana com ele se tornaria uma das minhas melhores memórias e mais importantes.

Capítulo cinquenta e nove

GREASE

Callie estava enviando fotos de sua barriga todos os dias e eu jurei que eu podia ver uma diferença em cada uma delas. Eu estava merda *farto* de tê-la tão longe de mim. Ela já estava a meio caminho de sua gravidez e eu ainda estava arrastando minha bunda para Sacramento cada chance que eu tinha. Era uma loucura quanto tempo nós tínhamos esperado para finalmente estarmos em um lugar juntos.

Tanto quanto eu estava preocupado, Farrah poderia lidar com sua própria merda. Ela ainda estava festejando e fazendo porra nenhuma para ajudar a si mesma e eu não vi um fim à vista. Eu odiava que Callie estava lá cuidando da merda dela quando ela deveria estar se preocupando com ela e nosso filho. Ela estava cansada toda a porra do tempo, porque ela estava tendo dificuldade em dormir e eu sabia que ter Farrah tropeçando bêbada como a merda no meio da noite não estava ajudando.

Essa merda precisava parar.

Eu estava arrumando minha moto para pegar a estrada naquela manhã quando Tommy Gun veio da casa do clube chamando meu nome. Eu estava bem na frente dele e eu balancei a cabeça quando ele gritou meu nome novamente.

— O quê? — eu lati, ansioso para pegar a estrada.

— Slider quer falar com você, — ele murmurou, levantando as mãos com as palmas das mãos para fora.

— Você sabe do que se trata? — eu questionei, enchendo o resto das minhas roupas nos alforjes.

— Não. Eu sou apenas o mensageiro! — ele respondeu quase um minuto mais tarde, enquanto eu estava andando de volta para dentro.

Slider estava sentado no bar quando entrei e ele levantou o queixo para mim como eu fui em direção a ele. Ele tinha um pacote embrulhado em papel pardo no bar em frente a ele e ele a espalmou quando eu chegou até ele.

— Você está indo para o sul? — ele perguntou, batendo os nós dos dedos na bancada.

— Aham. Callie tem uma consulta médica que eu vou perder se eu não sair agora, — eu respondi com impaciência.

Suas sobrancelhas se juntaram em resposta ao meu tom e eu tomei automaticamente um passo para trás.

— Não vou te segurar. Só preciso de você deixe esse pacote em Sacramento quando chegar lá, — ele respondeu calmamente, deslizando o pacote para mim do outro lado da bancada.

— Só isso?

— Só. Te vejo quando você voltar, — ele respondeu, se levantando. — Verifique minha menina para mim, tá bom?

— Sim. Estou saindo. — eu me virei e caminhei em direção à porta, levantando meu queixo para Dragon que tinha desmaiado em um dos sofás e estava olhando para mim com os olhos turvos sobre a cabeça de uma garota loira.

A primeira hora do passeio foi sem intercorrências. Eu tinha tomado a viagem tantas vezes que eu provavelmente poderia dormir e eu tinha ficado complacente sobre observar radares de velocidade e patrulha da estrada. Eu estava pensando sobre o ultra-som, animado pra caralho para ver meu filho novamente.

Eu sei que a maioria das pessoas dizem algo estúpido em não se importar se seu filho era um menino ou uma menina, desde que ele era saudável, mas eu não pensei sobre isso dessa forma. Claro que eu queria uma criança saudável, mas eu queria um menino, porra. Eu queria um menino tanto que era como um peso nas minhas entranhas, algo que eu pensava constantemente, não importa o que eu estava fazendo. Imaginei que Callie provavelmente queria uma menina que ela poderia vestir com fodidos babados, mas o pensamento de uma menina me deixou ansioso como o inferno.

Eu queria um menino que eu poderia ensinar a jogar futebol e desmontar uma moto. Eu não sei o que diabos fazer com uma menina.

Eu estava voando pela estrada, pensando sobre nomes e de como diabos eu iria convencer Callie de se mudar e soltar esse fodido peso em torno de seu pescoço, então eu não vi o carro da polícia sob um viaduto com uma arma de radar esperando por estúpidos desgraçados como eu.

Quando notei as luzes no meu espelho, eu estava irritado pra caralho que eles iriam me segurar. Estava ficando cada vez mais tarde e Callie teria minhas bolas se eu não a encontrasse no consultório do médico naquela tarde.

Eu parei ao lado da estrada e desliguei a minha moto, colocando o descanso para baixo e tirando meu capacete enquanto eu esperava.

— Você sabe porque eu te mandei parar? — perguntou o policial enquanto ele caminhava ao meu lado.

— Rápido demais, — eu respondi, correndo a mão sobre a minha barba. *Porra, eu precisava cortar essa merda para que eu não parecesse como um homem das montanhas a primeira vez que visse o meu filho.*

O policial olhou para a minha barba e, em seguida para o meu colete, levantando a boca em um sorriso de escárnio.

— Eu vou ter que pedir para você sair de sua moto, — ele me disse condescendentemente, dando um passo para trás e soltando a mão para a arma em sua cintura.

Idiota do caralho. Ele ia se meter comigo e não havia uma maldita coisa que eu poderia fazer sobre isso. Eu sai da moto e fiquei com os braços ao meu lado enquanto ele falava no radio em seu ombro antes de levantar os olhos para mim.

— Licença e registro.

Quando cheguei até a minha carteira dentro do bolso da minha camisola, ele puxou a arma.

— Mãos onde eu possa vê-los! — ele gritou, me irritando pra caralho.

— Minha carteira está no bolso da frente da minha camisa, — eu disse a ele, com as mãos levantadas no ar. — Pensei que você queria a minha licença?

— Uma mão fica no ar, pegue sua carteira lentamente, — ordenou ele, me observando de perto.

Eu segui as ordens dele, lentamente usando as duas mãos para dar a ele a merda que ele precisava. Eu não queria que algum policial novato atirasse no meu peito porque suas bolas ainda não tinham caído.

— Espere aí, eu já volto, — ele resmungou, pegando a minha merda enquanto caminhava em direção ao seu carro.

Ele tomou um longo tempo do caralho e eu considerei seriamente pular na minha moto e deixar sua bunda para trás. Se ele não tivesse pego minha papelada, eu teria decolado.

— Você tem alguma coisa em sua moto que eu deveria saber? — perguntou ele quando ele chegou onde eu estava.

— Não, — eu disse a ele com um sorriso.

— Eu acredito que você esteja bêbado. Eu vou revistar você e sua moto.

— Que porra é essa? — eu gaguejei, completamente confuso.

— Mãos sobre o capô do carro.

— Vá se foder.

— Você está resistindo, Sr. Hawthorne? — ele perguntou ameaçadoramente, com uma sobrancelha levantada. O filho da puta estava morrendo de vontade de me pegar em alguma coisa.

Me debrucei sobre o carro, chateado como o inferno, mas ainda relativamente despreocupado enquanto ele me revistava. Eu não carregava arma quando eu estava fazendo viagem até Callie, porque eu estava em liberdade condicional por causa de uma merda que tinha acontecido anos atrás. Eu tinha uma na casa dela que eu carregava quando eu estava na cidade, mas se eu não estivesse em uma corrida, eu não me incomodava de carregar uma. Era mais incômodo do que valia a pena.

— Mantenha as mãos no veículo, — ele ordenou enquanto se dirigia para a minha moto. Porra, o cara estava demorando e eu estava contando os minutos para dar o fora dali, me perguntando como diabos eu ia chegar a tempo.

Ele estava brilhando uma lanterna sob minha moto mesmo que o sol estivesse nascendo e bufou quando ele não encontrou nada. Então ele procurou através das minhas malas, retirando principalmente

boxers porque eu tinha comprado umas novas e feias para usar ao redor de Callie para que ela não se preocupasse com os fodidos sutiãs dela.

Ele terminou com a primeira bolsa, não encontrando nada, mas quando ele começou a puxar as coisas da segunda, ele fez uma pausa. Ele enfiou a mão no fundo do saco e meu estômago caiu quando ele puxou o pacote que Slider me deu naquela manhã. Ele olhou para mim, provavelmente para me certificar de que não havia se movido, em seguida, usou as duas mãos para retirar o lacre da embalagem e abrir.

— Puta que pariu, — murmurei, deixando cair a cabeça em derrota quando eu vi o que ele tinha enviado.

Eu não observei o policial mais; eu só olhava para o capô de seu carro quando o meu coração disparou. Eu ia perder a maldita consulta e quem diabos sabe o que mais.

Quando o policial andou até mim e puxou minhas mãos atrás das minhas costas, eu sabia antes dele começar a ler meus direitos que eu estava indo para a cadeia.

Capítulo sessenta

CALLIE

— Onde ele está? — eu perguntei a Vovó enquanto eu andava pela sala de espera do consultório do meu médico. O técnico do ultra-som estava com meia hora de atraso, portanto, vinte minutos tinha passado da minha hora marcada e Asa *ainda* não tinha aparecido.

— Provavelmente atrasado, — ela respondeu calmamente, folheando uma revista. — Você sabe que ele não posso ligar quando ele está na estrada.

— Ele teria parado para ligar se ele fosse atrasar, — eu me preocupava, mastigando o interior da minha bochecha.

— Ou ele está andando como o inferno para chegar aqui e não teve tempo para parar, — ela me disse com firmeza. — Agora, sente e se acalme.

Eu me deixei cair pesadamente no assento ao lado dela e olhei meu telefone. Não havia chamadas recebidas ou não atendidas, e quanto mais tempo eu ficava sem nenhuma notícia de Asa, mais ansiosa eu ficava.

— Calliope? — eu virei minha cabeça quando a enfermeira me chamou da porta de entrada para as salas de exame, mas não conseguia me fazer levantar.

— Bem? — perguntou Vovó impaciente. — Vamos querida.

Eu arrastei meus pés enquanto fazia meu caminho para a enfermeira, olhando atrás de mim algumas vezes na esperança de que Asa estaria andando pela porta.

— Podemos esperar mais alguns minutos? — eu perguntei a ela quase desesperadamente quando a encontrei na porta.

— Desculpe, hum. — ela me olhou com simpatia. — Nós já estamos atrasados, você teria que remarcar.

Olhei para Vovó, esperando que ela me assegurasse de que devemos voltar, mas seus lábios estavam pressionados em uma linha reta. Minha mente correu enquanto eu pensava sobre isso, mas a mão de Vovó nas minhas costas me fez caminhar através da porta e em direção a um quarto antes que eu pudesse chegar a uma decisão.

— Não há necessidade de tirar a roupa, — a enfermeira me disse. — Basta puxar sua camisa e suas calças para baixo um pouco. A técnica virá em breve.

Ela fechou a porta atrás dela, enquanto as lágrimas encheram meus olhos.

— Calliope Rose Butler, olhe para mim, — Vovó disse com força, pressionando ambas as mãos contra os lados da minha cabeça e me puxando para perto até ficarmos quase nariz com nariz. — Eu sei que você está decepcionada, baby. Eu sei que você está preocupada e ansiosa e Deus sabe mais o quê. Mas, ver o seu bebê naquela tela e ouvir eles te dizerem se você está tendo um menino ou uma menina - isso só acontece uma vez na vida. *Uma vez,* Callie. Você nunca vai poder voltar este momento.

Eu balancei a cabeça e funguei enquanto ela estudava o meu rosto.

— Se recomponha e prepare-se para ver o bebê e deixe tudo do lado de fora daquela porta. Isso não tem lugar aqui com você e eu. — ela me beijou rapidamente e deu um passo para trás, me dando uma palmada no quadril. — Vamos lá, vamos saber quem está aí dentro.

Eu tentei empurrar tudo para fora da minha cabeça quando a técnica da ultra-som entrou e começou a conversar. Eu não ouvi uma palavra do que ela disse, porque eu estava tão ocupada tentando filtrar tudo o que acontecia fora da sala. Doeu que Asa não estava comigo e ele sabia por semanas o dia da consulta. Se ele quisesse estar aqui, ele estaria.

Eu observava atentamente quando ela usou o computador para medir o meu pequeno feijão, traçando pequenas linhas sobre sua cabeça e o torso e em diferentes partes do corpo. Eu estava tão concentrada no bebê que ela me assustou quando ela falou.

— Você quer saber o sexo?

Olhei para Vovó que tinha se levantado de seu assento para assistir de perto o monitor.

— Vamos lá, — ela me disse com um aceno de cabeça, agarrando minha mão com força.

— Sim. Queremos saber, — respondi, procurando o rosto da técnica.

Ela se virou para o monitor e começou a mover seu mouse ao redor novamente. — Você vê aquilo ali? Você, minha cara, está *definitivamente* tendo um menino.

— Tem certeza? — perguntei, atordoada.

— Eu venho fazendo isso por cinco anos, e eu estive errado duas vezes. Eu estou razoavelmente certa, — ela me disse com um sorriso enquanto se levantava de sua cadeira e me entregou uma fileira de fotos preto e branco. — O médico estará aqui em alguns minutos depois que ele olhar os resultados. — ela deu um pequeno sorriso antes de sair do quarto.

— Um menino, — Vovó murmurou baixinho, passando a mão pelo meu cabelo. — Não há nada no mundo como isso.

Ignorei seus olhos marejados, sabendo que ela não apreciaria se eu fizesse um grande alarido sobre isso quando eles limparam a gosma da minha barriga. O médico veio poucos minutos mais tarde, nos falando sobre todos os resultados do teste e saí do escritório atordoada, grata que Vovó tinha me levado para a consulta.

Estávamos tendo um menino e Asa tinha perdido isso. Como ele poderia ter perdido? Eu oscilei entre preocupação e fúria quando voltamos para casa. Como ele pôde? *Onde diabos ele estava?* Se ele tivesse tido um acidente eu iria ficar sabendo? Eu estava listada como seus familiares em um pequeno cartão em sua carteira, alguém teria me ligado.

Eu não pude pensar em mais nada quando meu telefone começou a tocar estridentemente em minha bolsa e meu estômago caiu.

— Não. Não. Não, — eu murmurei quando eu puxei o telefone e vi um número desconhecido no identificador de chamadas.

— Olá? — eu respondi freneticamente.

— Ei, menina.

— Poet? O que está errado? Asa deveria estar aqui esta tarde e ele não apareceu. — minhas palavras foram caindo enquanto eu olhava fixamente para fora do para-brisa.

— Asa está bem-

— Então onde diabos ele está?

— Ele teve alguns problemas em seu caminho esta manhã...

— Por que eu estou ouvindo isso só agora? O que diabos está acontecendo? — eu perguntei quando Vovó estacionou o carro e eu me joguei para fora do carro para que eu pudesse andar.

— Acabei de saber. Te liguei logo após.

— O quê. Está. Acontecendo? — eu lati de volta.

— Asa foi preso esta manhã e ele teve que usar sua chamada para o telefone de Slider-

— Preso? — eu sussurrei e meu estômago caiu. — O que aconteceu?

— Não tenho certeza dos detalhes, no entanto, só queria que você soubesse que ele está bem. Ele estava realmente insistente que eu te ligasse assim que pudesse.

Eu pressionei a minha mão para a minha cabeça, tonta de repente, e eu senti Vovó envolver o braço em volta da minha cintura, me levanto para as escadas.

— Ok, bem, me deixe saber...

— Eu vou te manter atualizada. Não se preocupe, querida, ele vai estar fora antes que você perceba.

Subi as escadas, cansada quando Poet desligou e eu não conseguia nem responder as perguntas nos olhos de Vovó. Eu estava tão confusa. Por que ele teria sido preso vindo pra cá? Não fazia qualquer sentido e minha mente estava girando.

— O pai do bebê arrasou, hein? — Farrah murmurou com a boca cheia do que parecia ser cereal de trigo. Meu coração acelerou enquanto eu olhava para ela em descrença. Ela parecia uma merda. Seu cabelo estava emaranhado de um lado e havia sujeita de rímel debaixo de seus olhos. Ela provavelmente acabou de acordar depois de sua bebedeira

ontem à noite e ela estava tranquila enquanto eu estava pirando pelas últimas duas horas.

— Vá se foder, Farrah! — eu gritei, jogando minha bolsa para ela e espalhando cereal em todo o meu sofá. — Sua um puta de merda!

Senti a mão de Vovó no meu cotovelo, mas eu estava muito emocionada dar qualquer atenção a ela.

— Que merda que *eu* fiz? — Farrah gritou de volta, de pé do sofá.

— É tudo sobre a fodida pobre Farrah! Farrah teve um tempo de merda por isso ela trata a todos ao seu redor como uma porcaria total! — minhas mãos cerraram em punhos enquanto ela olhava para mim, incrédula. — Eu deveria ter me mudado para Oregon por agora! — eu gritei, as veias nas minhas têmporas latejando.

— Foda-se! Eu não te pedi para ficar! Se mude pra fodida Oregon, então! — ela recuou, deslizando seus pés em seus sapatos. — Eu não preciso que você fique aqui, Callie. Eu me dava muito bem sem a sua bunda.

Quando ela estava terminando, Cody entrou pela porta, seu rosto uma máscara de fúria. — O que diabos está acontecendo? Eu podia te ouvir gritar.

— Sua irmã está puta porque seu namorado não apareceu e agora ela está descontando em mim, — Farrah respondeu, dobrando o cobertor que eu tinha jogado sobre ela na noite anterior, quando ela não tinha ido ao seu quarto antes de desmaiar. — Aparentemente, tudo é *minha* culpa, por ter apanhado e tive a má sorte de ter a porra do meu namorado morto, também. Eu sou a porra de um fardo porque ela se sentia obrigada a ficar em vez de começar sua própria vida de merda.

Em suas palavras, eu perdi todo vapor e de repente estava esgotada. — Eu fiquei porque eu te amo, — eu disse a ela, as lágrimas enchendo meus olhos. — Mas você não se importa. Você não se importa que eu esteja grávida de cinco meses e fui para o meu ultrassom hoje. Você não se importa eu ter adiado toda a minha vida para me certificar de que você estava bem. — fiz uma pausa, soluçando. — Eu precisei de você hoje e você estava desmaiada no sofá, e na hora que eu passo pela porta que você faz esse fodido comentário estúpido sem *nenhuma* vez perguntar se tudo estava bem, porque obviamente não estava.

Eu balancei a cabeça e caminhei em direção ao meu quarto. — Eu vou tirar um cochilo, Vovó. Você pode ficar com o meu telefone no caso de alguém ligar?

— Sim, menina. Eu vou correr para o meu apartamento e pegar algumas batatas para o jantar e eu vou cozinhar aqui esta noite, — ela me disse suavemente. — Descanse um pouco.

Ouvi Cody e Farrah começar a discutir quando cheguei ao meu quarto, mas eles ficaram em silêncio quando a voz irada de Vovó rugiu através do apartamento.

Eu mal me arrastei até a minha cama antes de começar a soluçar.

Capítulo sessenta e um

CALLIE

Eu acordei na manhã seguinte com Farrah sentada na beira da minha cama, segurando um prato cheio de waffles tostados.

— Eu estou aqui para rastejar, — ela me disse com um sorriso triste, gesticulando com o prato. — Eu não sou muito boa nisso.

Eu dei a ela um pequeno sorriso, deslizando na cama para que eu pudesse me inclinar contra a cabeceira.

— Eu tenho sido uma idiota, — disse ela, me entregando a comida. — Eu sei quando eu estou sendo uma idiota e às vezes parece que eu não posso parar.

— Me desculpe ter gritado com você na noite passada, — respondi calmamente, ajustando os waffles no meu colo. — Eu estava assustada por causa de Asa e você estava na linha de fogo.

— Sim, mas você quis dizer o que disse. — ela levantou a mão quando eu tentei interromper. — Não. Entendi. Você ficou aqui para me ajudar e eu fui uma idiota ingrata. Vou tentar fazer melhor.

— Eu só quero que você esteja bem. — eu estendi a mão e apertei seu joelho.

— Sim, eu estou saindo de qualquer maneira, — ela me disse com um encolher de ombros. — Eu preciso conseguir um emprego ou algo assim. Eu não posso viver de sua comida e da bebida de outras pessoas para sempre.

Eu bufei e comecei a engasgar.

— Cale a boca, — ela riu para mim. — Eu vou conseguir um emprego. Eu vou pensar em alguma coisa.

— Eu sei que você vai, — eu engasguei, minha garganta ainda coçando. — Eu estava mais preocupada com a coisa das festas e piercings que você tem feito.

— Porra! — ela sussurrou, caindo para trás na cama. — Eu vou ter que tirar alguns deles ou eu nunca vou ser contratada.

— Você realmente se importa? — perguntei seriamente.

Ela levantou a cabeça, embasbacada comigo. — Eles doeram como o inferno e agora eu tenho que tirá-los!

Eu comecei a rir, meu coração se sentido mais leve do que tinha estado em semanas.

— Bem, talvez não todos eles, — respondeu ela, levantando as sobrancelhas para cima e para baixo.

Nós nos sentamos na minha cama rindo por alguns minutos, antes que a realidade viesse abaixo com a chegada de Vovó na porta do meu quarto. — Poet, — ela murmurou silenciosamente, entregando meu telefone para mim.

— Ei, Poet, — eu respondi com cautela.

— Ei, menina. Eu só queria te dar uma atualização. Parece que eles têm Grease em uma violação de liberdade condicional. O engravatado diz que ele deve ser capaz de tirá-lo de lá na segunda-feira.

— Isso são dias a partir de agora! — argumentei.

— Essa merda leva tempo querida. Não se preocupe; nós vamos ter o seu homem fora logo. Você tem outro número de telefone?

— O que? Não, apenas este, — eu respondi, confusa.

— Ele não vai ser capaz de ligar, então. Não é possível fazer chamadas a cobrar para um telefone celular, tem que ser um telefone fixo.

— Eu posso arranjar um! — respondi quase freneticamente. — Eu vou hoje.

— Sábado, menina. Nada está aberto. Basta dar a ele alguns dias e ele vai ser capaz de ligar. Eu vou deixar você saber se alguma coisa vier à tona.

Ele desligou novamente sem dizer adeus e eu deixei cair o telefone no meu colo.

— Porra, — eu sussurrei, levantando os olhos para Farrah e Vovó que estavam à espera. — Violação de condicional. Eu nem sei o que isso significa!

— Apenas significa que eles vão prendê-lo por alguns dias, talvez mais, — Vovó me tranquilizou, se sentando ao meu lado na cama. — Apenas se preocupe com você e esse bebê.

— Eu preciso ir para Oregon, — eu respondi, lançando meus cobertores para trás para que eu pudesse rastejar para fora da cama.

— Por que diabos você faria isso? — Vovó argumentou. — Não há nada que você possa fazer lá que você não possa fazer aqui. Você precisa apenas esperar até sabermos quanto tempo ele vai ficar lá.

— Eu não posso ficar aqui. Eu sinto como se fosse rastejar para fora da minha pele sabendo que ele está lá. — meu nariz formigava com lágrimas enquanto eu vasculhava minha cômoda, escolhendo roupas. — Eu tenho de fazer alguma coisa.

— Por que não podemos ir às compras para o bebê? — Farrah saltou de onde ela estava deitada, coberta pelos cobertores que eu tinha jogado. — Além disso, você precisa de algumas roupas novas, essa camiseta é pequena demais.

Olhei para a camiseta que eu tinha colocado e puxei a bainha para cobrir a porção de barriga que eu estava mostrando. Eu tinha ficado significativamente mais redonda no último mês e eu tive que começar a usar calças de yoga e leggings constantemente, porque eu não podia fechar meu jeans.

— Eu posso esperar um pouco mais antes de eu comprar coisas de maternidade, — eu respondi, enrugando o meu nariz em desgosto. Eu tinha visto algumas das merdas que as outras senhoras no consultório do meu médico estavam usando. Não obrigada.

— Cara, você é como o Hulk; você está rebentando dessa merda. Precisamos, pelo menos, comprar para você algumas merdas normais e maiores, as pessoas já estão olhando porque você parece com um daqueles filmes para jovens. Não é preciso procurar lixo branco[21], também, — Farrah me disse seriamente enquanto ela descia da cama.

— Eu não sou branca, — eu comentei comicamente, enquanto eu a seguia para fora do meu quarto.

[21] Lixo branco nos EUA são as pessoas brancas que são marginais.

— Lixo meio branco, então! — ela falou enquanto andava até seu quarto e fechou a porta atrás dela.

— É bom tê-la de volta, — eu disse baixinho para Vovó, colocando meu braço em torno do seu ombro quando chegamos à sala de estar.

— É, mas não pense que a menina está toda curada só porque ela apareceu toda sorrisos esta manhã. Nada é assim tão fácil, — ela advertiu. — Eu vou pegar minha carteira em casa e deixar Cody saber para onde estamos indo.

Eu escovei meus dentes e cabelo, mas não me incomodei com qualquer outra coisa antes de me sentar no sofá para esperar por Vovó e Farrah. Eu precisava de um momento, só um momento, para deixar tudo desde as últimas 24 horas afundar. O pêndulo de minhas emoções havia balançado amplamente no dia anterior, de preocupações sobre Asa para completo temor por nosso filho e eu sentia como se eu não pudesse recuperar o fôlego.

Eu não tinha percebido o quanto eu ainda dependia de Asa para me sentir segura, até que Poet havia me dito que ele estava preso longe de mim. A totalidade da minha necessidade por ele foi desmascarada e eu não sabia como lidar com isso, então eu puxei uma briga com Farrah. Nossa discussão tinha demorado para chegar, mas eu não me iludi pensando que eu tinha estado irritada com ela. Ela era apenas a ponta do iceberg, não o pedaço sólido abaixo da superfície.

Eu me senti perdida sabendo que Asa não estava disponível para mim e com medo que ele estava na prisão preocupado e fora de si. Eu sabia que ele poderia cuidar de si mesmo, ele deixou isso claro em várias ocasiões, mas eu odiava que ele tinha perdido o nosso compromisso e iria provavelmente se culpar sobre isso. Eu queria desesperadamente ele comigo.

— Ok, estou bonita! Você está pronta? — Farrah falou alegremente enquanto ela vinha pelo corredor, atirando sua bolsa por cima do ombro.

— Quem é você?

— Sua legal-como-a-merda melhor amiga. Agora levante sua bunda e vamos, — ela respondeu com um sorriso.

— Vovó pegou você, não foi? — perguntei desconfiada, estreitando os olhos para ela.

— Ela me rasgou novamente. Ainda dói para sentar, — ela me disse com uma careta quando eu ri. — Aquela velhota sabe exatamente como torcer a faca.

— Ha! Você não viu nada ainda, — eu disse a ela enquanto nós caminhamos para fora da casa e trancamos a porta atrás de nós. — Ela é uma megera parva.

— O que diabos é isso?

— Callie, pare de tagarelar e vamos embora, — Vovó falou como se eu não estivesse esperando por ela. Eu balancei a cabeça e sorri quando ela começou a descer as escadas.

— Você precisa ler mais, — eu disse a Farrah provocativamente enquanto nós descíamos as escadas atrás de Vovó, parando apenas um pouco quando chegamos ao último degrau. Nós tínhamos ficado melhor sobre ignorar o local onde Echo tinha sido morto, mas eu sabia que nós duas ainda sentíamos essa sacudida de medo sempre que atingíamos o degrau. Poderíamos ter nos mudado para outro lugar que não nos fizesse estremecer, mas por alguma razão, esses apartamentos de merda nos fazia sentir seguras. Eles pareciam com uma casa.

— Corre! — Farrah falou enquanto corria em direção ao meu carro.

— Porra! Eu sou a única grávida! — eu reclamei de volta enquanto eu gingava atrás dela.

Deus, eu sentia falta dela. Mesmo com a minha mente girando com preocupação sobre Asa, eu ainda estava quase tonta com a ideia de fazer compras para as coisas do bebê.

E eu me recusei a me sentir culpada por isso.

Vovó tinha razão quando ela falou suas palavras de sabedoria no consultório do médico no dia anterior.

Estes momentos só aconteceriam uma vez, e eu poderia deixar forças externas ofuscarem a alegria que sentia sobre o meu bebê, ou eu poderia me deleitar com a sensação apesar dessas forças.

Eu ia ter um filho. Eu escolhi me deleitar.

Capítulo sessenta e dois

CALLIE

Segunda-feira veio e foi sem nenhuma palavra de Poet ou Asa.

Assim como terça e quarta-feira.

Na quinta-feira vomitei duas vezes de nervos e ainda nenhuma palavra.

Eu finalmente recebi um telefonema na sexta-feira.

— Asa! — eu atendi o telefone animadamente, sentindo como se eu estivesse respirando fundo pela primeira vez em uma semana. — Olá?

— Ei, amor, — ele respondeu calmamente.

— Senti sua falta! Você está bem?

— Sim, eu estou bem. Como estão as coisas com você e o bebê?

Sua voz parecia desligada e meu estômago revirou.

— Nós dois estamos bem. O médico disse que tudo no ultrassom parecia ótimo! — eu respondi com falsa alegria.

— Lamento por não ter podido ir, querida. Eu realmente queria estar lá, porra.

— Eu sei, baby, — eu disse a ele em voz baixa. — Eu gostaria que você estivesse lá, também. Você quer saber o que vamos ter, ou você quer esperar até eu te ver?

— É melhor me dizer ao telefone, Callie. Não tenho certeza quando eu vou ser capaz de fazer a viagem até aí. — ele parou por quase um minuto inteiro. — Eu não posso deixar o estado.

— Bem, eu vou ir até você, então! — eu prometi, ainda pairando em minha falsa alegria. — Posso sair agora e estar aí hoje à noite!

— Isso não vai funcionar, Calliope, — ele respondeu vagamente, e enquanto eu o ouvia, minhas pernas começaram a formigar como se estivessem adormecendo.

— O que? Por quê? Eu posso estar aí. Eu levo até mesmo a Vovó comigo, se é com isso que você está preocupado. Ou Cody! Eu posso levar Cody! — eu estava correndo através das palavras freneticamente, tentando convencê-lo de que era uma boa ideia.

— Eu te amo. Eu te amo tanto, — ele me disse seriamente e eu caí contra a parede enquanto ouvia sua respiração engatar, minhas pernas cedendo até que eu deslizei totalmente para baixo para minha bunda.

— Eu também te amo, — eu sussurrei de volta. — Eu quero estar com você.

— Amor, as coisas são piores do que pensávamos. Eu gostaria de poder explicar tudo isso a você, mas o advogado disse para não falar sobre isso no telefone, então você apenas vai ter que confiar em mim.

— Confiar em você com o que? O que está acontecendo, Asa?

— Eles acham que encontraram algo na minha moto que eu não deveria ter, — ele murmurou, fazendo uma pausa para suspirar profundamente, — Eu estava vindo do clube e o pai de sua amiga disse para levar o seu amor à ela.

Confusão se instalou e eu me sentei em silêncio por alguns instantes antes de eu perceber que ele estava falando em algum tipo de código.

— Quando eu fui parado, eles me pegaram. O juiz irá me deixar sair sob fiança, mas é apenas uma questão de tempo antes que eles me prendam novamente. O advogado acha que eles vão fazer de mim um exemplo, — ele me disse em voz baixa. — Eu não quero que você dirija todo o caminho até aqui antes da data do julgamento.

Eu inalei com um soluço, assustada como o inferno. — Eu só vou chegar e vê-lo e, em seguida, partir novamente. Eu não vou estar aí por muito tempo! — eu implorei.

— Não é bom para você se sentar por muito tempo em um carro, amor, — ele respondeu suavemente. — A viagem de ida e volta são quase vinte horas. Você tem que cuidar de você e do bebê.

— Mas eu sinto sua falta, — eu choraminguei, não estando disposta a desistir.

— Porra, eu sinto sua falta também. Mas eu não quero que você dirija todo o caminho até aqui, — ele me disse com firmeza. — Eu tenho que ir, amor. Estou sentado no estacionamento do caralho da cadeia, mas eu queria te ligar primeiro. Eu te ligo de volta logo que eu chegar em casa, ok?

— Vamos ter um menino, — eu respondi rapidamente, em um lance ansioso para mantê-lo no telefone.

— Um menino? — ele sussurrou.

— Sim. — eu sorri com lágrimas escorrendo pelo meu rosto. — Eles até tiraram uma foto para provar isso.

— Eles tiraram uma foto do pau do nosso filho? — ele perguntou, sua voz se levantando no final em descrença.

— Calma! — eu ri. — É uma foto em preto e branco granulada. Não é pornô!

— Um menino, — ele murmurou, de novo em silêncio. — Obrigado.

— Eu tenho certeza que você determinou isso, mas de nada.

— Eu tenho que ir, Callie. Eu vou ligar para você novamente, — ele murmurou abruptamente, estilhaçando o momento que vínhamos tendo.

— Assim que você chegar lá?

— Sim, Calliope, eu vou ligar na hora que eu estacionar, — ele me assegurou. — Eu te amo.

— Eu também te amo, — eu murmurei e, em seguida, ouvi o clique quando ele desligou.

Cody me encontrou chorando no chão da cozinha apenas alguns minutos mais tarde.

— Que diabos, Callie? — ele entrou em pânico, me levantando em meus pés com as mãos debaixo dos meus braços.

— Asa ligou, — eu disse a ele sombriamente enquanto pegava um copo e o enchia com água. — Ele está solto.

— Então por que diabos você estava chorando no chão?

— Ele disse que é ruim, Cody, — eu sussurrei, olhando diretamente em seus olhos. — Ele disse que eles vão prendê-lo novamente.

— O quê? Por que? — ele perguntou, confuso.

— Eu não sei! Ele disse que o pegaram com alguma coisa, e, em seguida, disse algo sobre Slider enviar seu amor para Farrah! Ele não estava fazendo sentido! — eu lati, passando a mão pelo meu cabelo frustrada.

— Espere, o que Farrah tem a ver com isso? — perguntou ele de forma protetora, empurrando o peito e cruzando os braços sobre ele.

— Eu não faço ideia. Acho que ele estava tentando me dizer algo sem realmente dizer.

— O que exatamente ele disse?

— Que ele veio do clube e o pai da minha amiga pediu a ele levar o seu amor à ela.

— Santa merda, — ele murmurou, olhando para o chão e esfregando a parte de trás do seu pescoço. — Ele estava carregando algo para Slider.

— O quê? — eu gritei.

— Isso faz sentido. Pense nisso, eles descobriram algo sobre ele, certo? E ele disse: Slider enviou o seu amor para Farrah, mas isso seria uma coisa estranha pra caralho para ele fazer, — ele me disse atentamente, seus olhos perfurando os meus. — Slider enviou alguma coisa com ele.

— Você acha que ele estava fazendo uma entrega para Slider quando ele deveria estar vindo para a consulta com nosso médico? — perguntei, incrédula. — Isso seria tão fodido!

— Isso é o que parece, — ele confirmou.

— De jeito nenhum, — eu murmurei, passando por ele. — Diga a Vovó que estarei lá mais tarde. Eu preciso tomar um banho.

Eu caminhei para o banheiro, terminando efetivamente a nossa conversa. Eu precisava pensar.

Asa não teria feito uma entrega quando ele estava vindo para algo tão importante. Eu conhecia ele. Eu sabia que ele não iria manchar o nosso dia com o clube de merda. Ele sabia como eu me sentia sobre o clube, embora eu nunca tivesse manifestado isso.

Minha mente correu a mil milhas por minuto enquanto eu tomava um banho e eu tentava desesperadamente encontrar mais algo escondido em suas palavras.

Quando eu saí e me sequei, eu notei uma chamada não atendida de Asa, mas eu não liguei de volta. Eu precisava colocar minha cabeça em ordem antes de falar com ele e não queria acusá-lo de algo que não era verdade. Eu tinha medo de que se eu ligasse, eu iria exigir que ele me dissesse que Cody estava errado, que ele não tinha feito a sua viagem para me ver uma incumbência sórdida do clube.

Eu não estava com medo somente que isso fosse verdade, eu também tinha medo de que se eu perguntasse a ele diretamente e alguém estivesse ouvindo, eu iria colocá-lo em ainda mais problemas. Havia certas coisas que eu sabia que ele mantinha de mim, coisas que ele fez para os Aces. Eu não tinha certeza se ele não poderia me dizer, ou apenas escolheu manter em segredo em uma tentativa equivocada de me abrigar e honestamente eu nunca me importei antes. Eu deliberadamente escolhi ignorar essa parte de sua vida que não diz respeito diretamente a mim, como eu fiz com a maior parte de tudo na minha vida.

Fui egocêntrica? Provavelmente, mas eu não podia parar. Eu tinha ficado me protegendo por tanto tempo, nesse ponto, que era uma segunda natureza para eu levar as coisas pelo seu valor e me recusar a questioná-las. Eu deveria ter aprendido com Farrah que eu precisava ser mais consciente das coisas que acontecem na minha periferia, mas eu não tinha. E agora, mais uma vez, o fato de eu ter feito vista grossa estava voltando para me assombrar.

Eu me vesti e me dirigi até Vovó lentamente, detestando ter que responder as perguntas que eu sabia que ela e Farrah fariam. Elas estavam curiosas e preocupadas, assim como eu estava e eu sabia que teria que dar um relato completo do que Asa disse. Eu ainda estava tentando me convencer de que Cody tinha estado errado e mais alguma coisa estava acontecendo, quando eu entrei porta da frente da Vovó.

— Ei, garota! — Farrah disse da cozinha, enquanto eu caminhava. Ela estava ajudando Vovó fazer o jantar e me deu uma sensação acolhedora quando eu pensei sobre o quão próximas elas se tornaram. Farrah tinha basicamente crescido sem pais, cuidando de si mesma a partir de uma tenra idade e foi bonito ver como ela absorveu a presença de Vovó.

Vovó tinha entrado em cena com pouco alarde e tratou Farrah da mesma forma que ela fez com Cody e eu, amorosa com um toque de remorso quando necessário.

— Ei, — eu respondi de volta, observando de perto Farrah. — Eu conversei com Asa.

— Sim, Cody nos disse, — ela respondeu timidamente, virando do fogão para olhar para mim.

— Ele disse que Slider lhe disse para trazer a você seu amor.

— Sim, certo! — ela zombou, se virando novamente.

Por alguma razão, essas palavras me confirmaram o que eu tinha me recusado a acreditar e uma pequena chama de ressentimento começou no fundo do meu peito.

Slider pediu a Asa para trazer algo totalmente diferente para a Califórnia.

Capítulo sessenta e três

GREASE

Eu estava tendo uma semana de merda.

Primeiro, eu fui parado e preso, em seguida, o advogado do clube me disse que o promotor sentiu cheiro de sangue na água e parecia que o juiz ia fazer de mim um exemplo, e, finalmente algo estava acontecendo com Callie. Eu não tinha certeza do que estava acontecendo, mas quando ela me ligou de volta na sexta à noite, ela parecia desligada.

Eu não tinha certeza se ela tinha compreendido totalmente o que eu estava dizendo a ela quando tinha falado, mas ela não pediu novamente para me visitar. Eu estava chateado comigo mesmo que eu disse não, porque eu sentia falta dela como o inferno, mas eu sabia que a viagem seria horrível para ela e eu não era boa companhia, de qualquer maneira. Eu estava no cepo do caralho esperando a lâmina. A espera foi pior do que a punição, porque eu sabia que iria ver o interior de uma cela de novo e não saber quanto tempo eu ficaria lá foi me deixando louco.

Tínhamos um bebê a caminho. Um filho. E eu tinha certeza que eu ia perder a primeira parte da vida dele. Havia uma pequena chance que eu estivesse fora em quatro meses, mas eu nem sequer me deixei pensar que seria uma possibilidade. Não, eu ficaria trancado e, provavelmente, perderia uma tonelada de merda.

Me deixou mal pensar em Callie passando por tudo isso sozinha. Eu sabia que sua avó estaria com ela a cada passo do caminho, mas eu não. Eu não ia chegar a vê-la gingando ao redor e reclamando sobre como as suas costas doem.

Eu ia perder a emoção de sua bolsa rompendo, das contrações que fariam ela me odiar e o alívio em seu rosto quando algum médico finalmente desse a ela as drogas que ela precisava para se acalmar. Eu

ia perder seu cabelo suado e rosto cansado e a maneira que eu sabia que ela ia olhar para mim, como se eu pudesse fazer tudo melhor.

Eu ia perder o olhar no seu rosto quando ela visse nosso filho pela primeira vez.

Doeu demais.

Eu passei a semana colocando as minhas merdas em ordem. Me certifiquei que alguém depositasse dinheiro na minha conta periodicamente, verifiquei e chequei com Poet e Slider para me certificar que eles mantivessem um olho sobre Callie e paguei todas as contas de Callie com seis meses de antecedência para que ela não tivesse que se preocupar. Eu não queria deixar nada ao acaso; eu não queria que nada a preocupasse enquanto eu não pudesse estar lá.

Eu também liguei para a minha garota constantemente naquela semana. Eu não tinha nada para fazer enquanto esperávamos, então eu passei o tempo com ela. Bem, tanto quanto eu podia estar com ela a centenas de milhas de distância. Estávamos gastando mais tempo no telefone do que jamais estivemos, discutindo tudo, da política até nomes para o bebê. Nós ainda discutimos o que iria acontecer enquanto eu estivesse lá dentro, como ela precisa lidar com as contas, como desligar meu celular uma vez que eu não precisava disso, os rapazes em Sacramento que ela poderia chamar se ela estivesse tendo problemas com o carro. Nós conversamos sobre tudo, exceto o que estava incomodando ela e tive seu silêncio acontecendo por alguns minutos completos de cada vez, enquanto eu me perguntava o que diabos estava errado. Passada a dor que nós dois estávamos sentindo no pensamento de estarmos separados. Alguma coisa estava acontecendo com ela e eu não tinha ideia do que era ou como corrigir.

Eu estava preso em Eugene, esperando o inevitável enquanto algo comia ela em Sacramento e não havia absolutamente nada que eu pudesse fazer sobre isso.

Mais de uma semana depois de ter sido preso, era hora do meu julgamento. Eu montei com o advogado para o tribunal, mas eu não tinha mais ninguém comigo. O advogado havia dito que os rostos famosos de Slider e Poet poderiam ferir minhas chances e eu nem sequer mencionei nada a Dragon ou Tommy. Eu não queria que eles me vissem parecido com um idiota, sendo algemado por um fodido policial gordo, então eu estava sozinho. Assim que chegamos, o advogado saiu do carro para que eu pudesse fazer um último telefonema.

— Ei! — ela respondeu calmamente, um sorriso em sua voz.

— Ei, querida. — eu odiava o fato de que eu iria limpar aquele sorriso para longe. — Está na hora.

— O quê? Eu pensei que você tivesse mais algumas horas! Eu pensei-

— Amor, nós falamos sobre isso. Nós sabíamos que estava chegando, — a corrigi suavemente, conforme eu deslizei minhas mangas para baixo nos braços e abotoei em torno de meus pulsos. Eu não conseguia esconder as tatuagens no meu pescoço ou as das minhas mãos, mas eu não achei que minhas tatuagens no braço precisassem estar em exibição.

— Eu sei, — ela gemeu surdamente, fungando no telefone.

— Então, nós verificamos tudo para que você não deva ter quaisquer problemas, ok? — eu disse a ela com urgência, quando ouvi as portas do carro fechando e o advogado bateu na janela do lado do motorista. — Eu vou ter um dos meninos te ligando uma vez que soubermos o que estará acontecendo.

— Ok. — eu a ouvi fungar novamente antes de sua voz ficar mais forte. — Eu estou bem, nós vamos ficar bem. Acabe de fazer o que você precisa fazer e eu vou esperar.

Um nó se formou na minha garganta quando eu abri a porta e sai do carro. Porra, ela tinha crescido desde que eu a conheci, como uma medrosa menina de dezesseis anos de idade.

— Eu te amo, — eu disse a ela fervorosamente, quando o advogado começou a me conduzir para as portas dianteiras.

— Eu também te amo, muito.

— Seja forte, ok? Isso vai acabar em breve, eu prometo, e então poderemos finalmente te mudar para cá e ser uma família, — eu prometi freneticamente, enquanto nós nos juntávamos a linha na frente dos detectores de metal e eu revistei meus bolsos, me certificando de que eu não tinha colocado acidentalmente a minha faca no bolso como eu costumava fazer.

— Não desligue! — ela chorou histericamente, fazendo meu peito sentir como se estivesse implodindo. — Eu não estou preparada! Não desligue!

— Eu te amo, amor. Fique forte, — eu respondi calmamente, quando eu ouvi um barulho do outro lado do telefone.

— Ei, Asa, — Cody cumprimentou enquanto eu ouvia Callie fungando no fundo. — Eu tenho ela, só se preocupe com sua merda. Cuidado.

O clique do final telefonema me fez estremecer.

Eu estava de pé, com a mão no meu rosto e meu telefone pendurado em meus dedos quando o guarda de segurança chamou por mim.

Uma vez que o advogado encontrou o tribunal certo, nós caminhamos em silêncio para encontrar alguns lugares e meu coração disparou quando eu vi a parte de trás de uma cabeça cinza familiar sentada duas fileiras da frente.

— Rose?

— Asa, — ela falou de volta com um aceno de cabeça, enquanto se levantava de sua cadeira.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, confuso. Eu pensei que ela estaria na Califórnia cuidando de Callie.

— Eu nunca deixaria um dos meus enfrentar algo como isto sozinho, — ela me disse com firmeza, fazendo um gesto com as mãos assim que eu me inclinei para ela.

No minuto em que minha cabeça estava abaixada, ela puxou uma gravata quadriculada azul de sua bolsa e a envolveu em torno do meu pescoço.

— Feche esse botão de cima, — ela ordenou e o tribunal começou a se encher. Depois que eu tinha seguido sua ordem, seus dedos começaram a voar quando ela atou a gravata.

— Pronto, agora você não parece com um vagabundo.

— Eu não acho que uma gravata vai fazer a diferença, — eu disse a ela com sinceridade, com medo de que ela estivesse imaginando um resultado muito diferente do que eu estava esperando.

— Não importa. Você sabe que você fez o seu melhor para colocar o pé direito à frente, isso é o que é importante, — ela afirmou séria, alisando a gravata com os dedos nodosos.

— Precisamos tomar nossos lugares, — o advogado interrompeu atrás de mim.

— Meu advogado, — eu informei a Rose com um movimento da minha mão.

— Sim, o traje me deu a dica, — ela respondeu com ironia, fugindo pelo corredor, pois não havia espaço para nós três nos sentarmos.

Quando chegamos em nossos lugares, eu senti as paredes começarem a se fechar em torno de mim. Porra. O tempo na prisão não era uma merda; eu tinha feito isso antes sem problema. Mas a ideia de deixar Callie era como um peso de chumbo no meu estômago. Eu estava puxando a gola da minha camisa quando eu senti uma pequena mão seca ficar sobre a minha.

— Não há nada de errado com sua camisa. Pare de ficar remexendo, — Rose ordenou calmamente, frente a frente.

Sua mão na minha e o tom sensato de sua voz me fez parar imediatamente e eu respirei fundo enquanto eu apertava a mão dela.

— Obrigado por vir, — eu sussurrei de volta.

— Eu não ficaria em qualquer outro lugar, — ela assegurou ferozmente.

Tivemos de nos sentar por dois outros casos antes que fosse a hora do meu e ela segurou minha mão suada o tempo todo. Quando eles chamaram meu nome, ela me deu um aperto e me soltou quando o advogado e eu nos levantamos.

— É hora, filho, — ela murmurou, olhando atentamente para os meus olhos. — Está pronto?

— Sim. — eu olhei para ela conforme o meu coração bateu freneticamente e minha cabeça começou a latejar. — Estou pronto.

Capítulo sessenta e quatro

CALLIE

Quando nos preparávamos para Asa ir embora - era assim como eu gostava de pensar sobre isso - não tinha imaginado o período de tempo que acarretaria.

Deram a ele 25 meses. Vinte e cinco meses, porque ele havia quebrado sua liberdade condicional, o que tinha anulado a sua pena suspensa por uma acusação de agressão de três anos antes.

Vinte e cinco meses, porque Slider lhe pediu para levar uma arma para Sacramento.

Na primeira semana que ele se foi, eu quase não saí da cama.

Na segunda semana, eu enfureci.

Na terceira semana, eu joguei o jogo *e se*.

Na quarta semana, eu percebi que eu tinha um bebê crescendo dentro de mim que não merecia um caso perdido como mãe.

O tempo todo eu me enfureci, chorei e implorei, meu ressentimento com o clube que ele chamava de lar toda a sua vida aumentou. Aumentou em proporções tão maciças que eu não poderia suportar ver os membros da facção de Sacramento quando eles vinham para me checar. Mesmo Michael foi barrado na minha porta da frente, sua aparente confusão quando eu a fechei em seu rosto.

Asa ligava tão frequente quanto podia, mas as chamadas eram muitas vezes formais e desajeitadas. Ele se recusou a falar sobre qualquer coisa a ver com o seu encarceramento e respondia todas as perguntas que eu fazia com sim ou não, respostas que me fizeram querer arrancar meus cabelos. A maioria de nossas conversas foram feitas por mim, enquanto eu falava sem parar sobre o bebê.

Conforme esses primeiros meses passaram, eu cresci.

Minha barriga se tornou cada vez mais proeminente, se tornando tão grande que até mesmo as camisetas de maternidade deixavam uma pequena porção de barriga em exibição. Uma vez que inchou, ganhei linha após linha de estrias vermelhas, começando por meus quadris e envolvendo em torno da metade inferior da minha barriga, me fazendo parecer como se eu tivesse ficado frente a frente com Freddy Kruger e seus dedos de faca.

Minha barriga não era a única coisa que cresceu nesses meses. Meus seios se tornaram enormes, tão grandes que Farrah corria ao redor da casa com meu sutiã em sua cabeça como um kippah[22], discursando palavras hebraicas aleatórias. Meus pés estavam tão inchados que Vovó me fez passar horas a cada noite com eles elevados, embora nunca parecesse ajudar. Meu rosto, coxas e bunda ficaram mais redondas, até que eu parecia um boneco de neve com todos os meus pedaços.

E enquanto o meu corpo mudava e eu gravava tudo para Asa, meu ressentimento aumentou.

Uma manhã, quase cinco meses depois de Asa ir para a prisão, eu acordei tendo contrações. Elas me assustaram pra caralho e me encheram de tanta adrenalina que eu estava tremendo. Saí da cama lentamente, tomei o tempo para tomar banho e secar meu cabelo antes que eu acordasse Farrah. Quando eu estava finalmente pronta, eu caminhei para o quarto dela, apenas para encontrá-la de pé colocando os sapatos.

— Eu ouvi você no chuveiro e você nunca se levanta tão cedo. Está na hora do bebê? — ela me perguntou rapidamente, enquanto ela puxava o cabelo em um rabo de cavalo alto. Ela lentamente, mas certamente, voltaria a ser a menina que ela era antes e eu me perguntava o quanto disso foi por causa de sua necessidade de cuidar de mim. Parecia que nós duas tínhamos quebrado em momentos diferentes e a única coisa que nos colocou de volta juntas foi a necessidade da outra. Era um inferno de um ciclo.

— Sim. Vamos acordar Vovó, — eu disse a ela quando ela passou por mim. — Espere por mim!

A bolha que eu estava flutuando sobre o pensamento de correr para o hospital e saltar expelir meu filho estourou quando chegamos ao apartamento de Vovó.

---

[22] O Kippah é o ato de cobrir a cabeça comumente usado por homens judeus em todos os momentos.

— Você não precisa ir para o hospital ainda, — ela afirmou a questão com naturalidade. — Eu vou me vestir. Eu estarei lá fora em um minuto.

Observei ela caminhar para meu antigo quarto com meu queixo caído bem aberto com a sua reação indiferente. Eu estava tendo um bebê! Será que ela não via a urgência da situação? Que diabos?

Farrah estava andando atrás de mim quando Vovó finalmente saiu de seu quarto, vestindo um conjunto completo de equipamentos de corrida. Ela ainda tinha uma faixa em sua cabeça.

— O que diabos você está vestindo? — Farrah latiu, dobrando ao meio quando ela explodiu em gargalhadas histéricas.

Eu olhei para Vovó à espera de uma explicação, mas ela apenas sorriu alegremente para mim.

— Hora de ir para um passeio! — ela ordenou, batendo palmas.

— Eu estou em trabalho de parto, Vovó. Temos de ir para o hospital, — eu expliquei devagar, imaginando se ela finalmente perdeu a cabeça.

— Andar primeiro, Callie Rose, — ela me disse conforme ela me empurrava para a porta. — Confie em mim; vá colocar uns tênis.

Ela fechou a porta sobre a risada de Farrah enquanto eu estava no patamar, de boca aberta.

Eu queria que meu irmão não tivesse saído para a escola alguns meses antes. Ele iria entender a minha necessidade pelo hospital. Ele não me diria para colocar tênis, ou riria, ou me forçaria a andar.

Eu marchei para casa e coloquei um tênis, encontrando com Vovó e Farrah do lado de fora.

— Nós vamos caminhar em torno do quarteirão primeiro, — Vovó nos informou, decolando antes que eu pudesse responder. Eu tive que correr para alcançá-la, o que não estava ajudando minhas contrações ou pés inchados em nada.

— Primeiro? — eu praticamente gritei. — Que diabos, Vovó?

— Você não está nem respirando com dificuldade e eu aposto que essas contrações mal machucam, — disse ela com um aceno de cabeça, quando ela parou na calçada. — Você não quer estar sentada em uma cama de hospital maldita, esperando por horas e horas, antes de

qualquer coisa até mesmo começar a acontecer. Andar faz as coisas movimentarem.

Ela me deu um apertão no meu braço antes de virar e seguir novamente.

Então, nós caminhamos.

E andamos, andamos, andamos, até que o sol estava avançando em direção ao meio do céu e minhas contrações estavam vindo difíceis e dolorosas. No entanto, nós ainda não nos dirigimos para o hospital.

Primeiro Vovó me ajudou a tomar um banho e trançou meu cabelo. Em seguida, ela fez um pequeno almoço para mim e Farrah. Então ela chamou meu irmão para que ele soubesse que nós estávamos saindo.

Depois de tudo isso, eu ainda mal estava dilatada quando chegamos ao hospital.

Demorou horas para eu chegar ao ponto onde eu senti a necessidade de empurrar e eu estava exausta. O anestesista tinha vindo em torno das seis naquela noite e colocado uma agulha enorme nas minhas costas, quase que instantaneamente proporcionando alívio da dor, mas eu ainda não recebi qualquer descanso. Era impossível transformar minha mente tempo o suficiente para obter mais de quinze minutos de sono de cada vez e a pressão das contrações não estava ajudando a situação.

Eu queria Asa tanto que era difícil de respirar às vezes.

Eu me perguntava o que ele estava fazendo enquanto eu estava em trabalho de parto e se ele sabia que estávamos no hospital. Eu me perguntei se ele podia sentir em algum lugar em suas vísceras quanto eu precisava dele nesse momento.

Eu empurrei por mais de uma hora, Vovó e Farrah em meus joelhos, apoiando contra eles, enquanto eu estourava os vasos sanguíneos nas minhas bochechas e olhos. Elas encorajaram, persuadiram e limparam meu rosto com uma toalha fresca, mas nada e ninguém, era um substituto para o Asa.

— Eu preciso de Asa, Vovó, — eu gemia, completamente fora da minha mente com medo e exaustão. — Estou cansada. Eu quero Asa.

— Eu sei, querida. Mas ele não pode vir, então nós vamos ter que servir. — ela limpou meu cabelo para trás da minha testa com a palma da sua mão. — Vamos tirar o seu menino. Você pode fazer isso, Callie.

— Eu posso fazer isso, — eu respondi com um aceno, qualquer reafirmação me dando força nesse ponto. — Eu posso fazer isso. Vamos tirá-lo fora. Quero ele para fora.

— Está certo. Empurre, Callie. Empurre!

Eu cerrei os dentes e dei à luz e em poucos minutos eu o senti correr do meu corpo, gritando.

O puseram no meu peito, coberto de coisa branca e sangue, e tudo que eu conseguia pensar era o quanto eu o amava e que ele tinha o nariz de Asa.

— Por que as bolas dele são tão grandes? — Farrah engasgou com medo.

As enfermeiras começaram a rir em voz alta. — Há muita pressão sobre ele no canal de parto e ele tem hormônios da mãe correndo por ele. Elas diminuem em poucos dias, — uma enfermeira assegurou a Farrah, enquanto pegava suavemente meu menino. — Eu só vou pesá-lo e testá-lo bem rápido, — ela se dirigiu a mim, me dando um sorriso compreensivo. — Eu vou trazê-lo de volta.

— Tire fotos, Vovó! — eu falei para ela quando ela seguiu a enfermeira até a pequena cama, do outro lado da sala.

Os minutos seguintes foram um nojo, entregar a placenta e obter pontos. Sim, pontos. A única desvantagem de ter filhos com Asa foi o quão ridiculamente largos eram os ombros de seu filho.

— Aqui está, mamãe, — Vovó falou carinhosamente quando ela trouxe o bebê para mim e o deitou no meu peito novamente. — Você pode querer começar a tentar amamentar. Melhor para ele começar de imediato.

— Ok, — eu sussurrei, chegando às cegas no botão para levantar minha cama enquanto eu o observava abrir e fechar a boca. — Ele se parece com Asa.

— Sim, mas ele tem sua pele, pequeno sortudo, — Farrah comentou em voz baixa, estendendo a mão para tocar com um dedo o lado de seu rosto. — Qual o nome dele?

— William Butler Hawthorne, — eu respondi, observando como seus olhos se arregalaram antes que ela treinasse suas feições.

— Boa escolha, — ela respondeu com um pequeno sorriso. — Ei, Will.

Capítulo sessenta e cinco

GREASE

Quase cinco meses passaram e apenas mais vinte para ir.

Eu estava tentando não contar os malditos minutos, mas era difícil como o inferno. A merda não era ruim dentro se você não se preocupa com a comida imunda e completa falta de liberdade. Felizmente, tínhamos rapazes do lado de dentro, então eu raramente tinha de rebentar cabeças para me certificar que os filhos da puta me deixassem sem paz. Entre os outros Aces trancados por uma variedade de crimes e meu tamanho, os caras não mexiam muito comigo.

Peguei o telefone e passei por toda a merda que eu precisava fazer para ligar para Callie, ansioso por ouvir a voz dela depois de uma noite de quase nenhum sono. Tínhamos passado da data prevista um par de dias atrás e eu não conseguia dormir pensando se ela estava bem. Depois de todos os nossos anos vivendo longe um do outro, eu estava acostumado a não ver seu lindo rosto todos os dias, mas era foda não poder ligar para ela sempre que eu tivesse vontade. Eu tive que esperar até a porra da hora designada, o que normalmente significava que eu ficava esperando horas antes que eu tivesse a chance.

Seu telefone tocou e tocou, e quando ela não atendeu, meu coração começou a bater forte no meu peito. Tentei dizer a mim mesmo que ela provavelmente estava dormindo, ou esqueceu seu telefone em algum lugar, mas eu sabia no meu estômago que nenhuma era verdade. Ela sempre atendia seu telefone, não importa o que ela estava fazendo.

Eu desliguei e comecei o processo novamente, ligando para Rose desta vez, mas ela não atendeu, também. Minhas mãos tremiam e meu peito parecia que tinha um peso de 45kg nele quando eu desliguei e comecei de novo. O cara atrás de mim na fila começou a reclamar sobre como ele estava esperando o telefone e levou tudo que eu tinha para não me virar e calá-lo. Tudo o que seria necessário era um soco no queixo, mas eu sabia que se eu começasse uma briga, eu teria que

esperar Deus sabe quanto tempo antes de eu chegar a um telefone de novo.

Eu respirei profundo de alívio quando Cody atendeu.

— Olá?

— Ei, cara, é Grease, — eu disse a ele em voz baixa.

— Ei, como você está? — eu podia ouvir os carros no fundo e o vento soprando no celular, fazendo meu intestino apertar por um segundo quando eu imaginava a vida lá fora.

— Eu estou bem. Vivendo um sonho, — eu respondi sem rodeios, fazendo ele rir.

— Sim, eu aposto. E aí?

— Eu estou tentado falar com a sua irmã, mas ninguém está atendendo. Você sabe onde ela poderia estar?

Houve silêncio no final da linha por tanto tempo que eu pensei que tinha perdido ele. — Olá?

— Sim, eu estou aqui. Eu só, ninguém tentou falar com você?

— Não sei como elas poderiam, — eu respondi calmamente, conforme eu me senti quebrar em um suor frio.

— Sim, só um segundo. — eu ouvi um barulho e Cody disse algo a alguém antes que ele ficasse em silêncio em sua extremidade novamente. — Tive que sair para o corredor, a aula está começando. — ele fez uma pausa enquanto eu segurava minha maldita respiração e cerrei os dentes contra a necessidade de gritar para ele apenas cuspir.

— Callie entrou em trabalho ontem, — ele me disse em voz baixa. — Demorou um pouco, mas ela o teve esta manhã. Vovó diz que tudo correu bem. Ela está bem e assim como o bebê.

Fechei meus joelhos para que eu não caísse no chão e esfreguei atrás do meu pescoço com os dedos. *Porra. Porra. Porra.*

Eu não podia dizer nada. Eu sabia que ele estava à espera de uma resposta, mas minha garganta parecia que estava fechada. Ela teve o nosso filho e eu tinha perdido, porque eu estava apodrecendo em uma prisão de merda do caralho. Eu sabia que eu estava perdendo uma tonelada de merda enquanto eu estava lá, mas o que eu tinha perdido nunca tinha sido mais claro.

Eu tive que me conter quando ouvi o palhaço atrás de mim reclamando novamente.

— Ela está bem, cara. Vovó disse que estava acordada e andando logo depois que ela o teve e ele teve alta avaliação em todos os testes que eles fizeram.

— Vo— eu gaguejei e limpei a garganta numa tentativa de me recompor. — Você sabe o quão grande ele era, ou qualquer uma dessas merdas?

— Uh, eu acho que eu escrevi. Eu escrevi tudo isso quando ela me ligou, porque eu sabia que iria esquecer se não o fizesse, — ele murmurou. — Tinha essa garota quente pra caralho no meu quarto, eu estava um pouco ocupado.

Eu esperei em silêncio enquanto ele procurava, mesmo que eu queria dizer a ele que eu não dava a mínima sobre a sua explosão da noite anterior.

— Consegui! — ele falou. — Ele pesou 3.700 kg, e ele tem sessenta e oito centímetros de comprimento. Vovó disse que é um garoto muito grande. Eu não escrevi o quão grande era a cabeça, embora, desculpe.

Eu engoli mais e mais, tentando me endireitar enquanto eu olhava para o azulejo amarelo sob meus pés. *Um garoto muito grande. Eu tinha um muito grande.*

— Preciso fazer uma fodida ligação! — o cara reclamou atrás de mim.

— Você sabe como ela o chamou? — eu perguntei com a voz rouca, ignorando o palhaço, ansioso para saber qualquer coisa que Cody pudesse me dizer e irritado que eu tive que arrastar isso dele.

— Sim. William Butler Hawthorne, — ele respondeu com orgulho.

— Obrigado, cara, tenho que ir. — eu desliguei na cara dele enquanto ele tentava dizer algo mais. Eu não sei quanto tempo mais eu teria sido capaz de me manter falando com ele sem perder a cabeça.

Hawthorne. Ela deu a ele o meu nome.

Assim que eu desliguei o telefone, eu girei e encarei o filho da puta que tinha ficado na minha bunda desde o minuto em que eu peguei o telefone. Seus olhos se arregalaram de medo quando viu o

olhar na minha cara, mas eu não lhe dei uma chance para se desculpar.

Eu balancei meu braço e dei um soco duro na sua garganta, seguindo com ele quando ele caiu no chão. Eu bati nele pra caralho, até que os guardas me puxaram para longe e mesmo que eu soubesse que eu estava ficando na solitária pela briga, eu não estava arrependido.

Porque, se eu não tivesse usado meus punhos, eu teria chorado como uma porra de um bebê.

Eu tinha um filho.

Capítulo sessenta e seis

CALLIE

Eu tive que esperar uma semana depois de Will nascer para falar com Asa. Cody disse que tinha falado com ele na manhã que eu dei à luz e eu estava frustrada que Vovó tinha silenciado os nossos telefones para que eu pudesse descansar um pouco. Eu preferia ter falado com Asa do que dormir, especialmente quando nós não o ouvimos novamente.

— Asa! — respondi alegremente.

— Ei, mamãe, como está nosso garoto? — sua voz estava rouca e baixa e eu senti meus olhos se encherem de lágrimas. Querido Deus, eu sentia falta dele.

— Ele está bem. Comendo como um porco no momento.

— Sim? Você decidiu amamentar?

— Esse é o plano, — eu disse a ele com tristeza. Para algo tão natural, com certeza não era tão fácil como eu tinha imaginado.

— Você está me dizendo que seus peitos estão pendurados para fora agora? — perguntou ele com uma risada.

— Cala a boca. Seu filho está se alimentando. Não é sexy.

— Amor, você está sempre sexy e você está alimentando o nosso filho. Não consigo pensar em nada mais bonito, — ele sussurrou baixinho.

— Estou louca de saudades.

— Você não tem ideia, — ele resmungou. — Você está bem?

— Sim, eu estou dolorida, especialmente com os pontos, mas não é horrível. E meus seios doem.

— Pontos?

— Seu filho tem ombros largos, — eu respondi secamente.

— Puta merda.

Eu comecei a rir com o horror em sua voz e assustei Will, que imediatamente soltou o meu mamilo e começou a lamentar.

— Desculpe, me dê apenas um segundo! — eu praticamente gritei, tentando fazê-lo voltar. Quando ele finalmente se acalmou, ele começou a mamar bem alto e eu ri. Pequeno leitão.

— Você ainda está aí? — eu perguntei com um sorriso na minha voz.

— Sim, ainda estou aqui, — respondeu ele, limpando a garganta. — Ele tem um bom conjunto de pulmões, sim?

— Sim. Ele é alto como o inferno, mas é geralmente se ele quer alguma coisa, caso contrário, ele é bem tranquilo.

— Isso é bom, querida. Muito bom. — suas palavras foram murmuradas como se sua mão estivesse cobrindo a boca.

— Nós queríamos que você estivesse aqui, — eu disse a ele suavemente, meus olhos começando a aguar. — Eu sinto falta de você pra caralho.

— Eu gostaria de estar também. Eu estarei em casa antes que você perceba.

Eu sabia que ele estava tentando me confortar e se a maneira tensa que ele falava era qualquer indicação, ele estava frustrado como o inferno que ele não podia. Ele não estaria em casa antes que eu percebesse. Nós não estávamos nem mesmo no meio do caminho.

Eu belisquei meu nariz e puxei o telefone para longe do meu rosto para que eu pudesse fungar e me recompor. Quando eu senti como se pudesse falar com ele sem chorar, eu coloquei o telefone de volta no meu ouvido.

— Então, eu estava pensando, assim que o sistema imunológico de Will ficar mais forte, poderíamos ir visitá-lo.

— Você o chama de Will?

— Sim, William faz soar com um banqueiro.

— Eu gosto de Will, — disse ele com um suspiro.

— Você acabou de suspirar? — eu provoquei com uma voz profunda, o imitando.

— Cale a boca. — eu podia ouvir o sorriso em sua voz e isso fez meu peito doer. Eu olhei para o nosso filho e gentilmente o puxei para longe de onde ele tinha caído no sono, com meu mamilo em sua boca.

— Então, a visita?

— Você realmente quer o nosso filho aqui? Você acha que é uma boa ideia? — ele parecia cético, mas debaixo da preocupação atada a sua voz, eu podia ouvir a esperança.

— Sim, eu olhei no site e ele dizem que as crianças podem ir.

— Eu sei disso, querida. Apenas não tenho certeza se o nosso filho deve vir.

— Eu quero que você o conheça, — eu respondi baixinho.

— Porra. — ele soltou uma respiração áspera. — Eu também.

— Ok, bem, terá que ser em um par de meses. Eu não acho que ele está pronto para esse tipo de viagem ainda de qualquer maneira.

— Eu te amo assim muito, Calliope.

— Eu também te amo, baby. Tudo bem com você?

— Minha mulher vai trazer meu filho para uma visita, está tudo ótimo, — ele respondeu sério.

— Bom.

— Eu tenho que ir, amor.

— Já?

— Sim. Não tenho muito tempo.

— Eu sei. Este foi rápido, embora, — eu resmunguei.

— Porque nós tivemos um monte de merda para falar. Eu te amo, beije o meu menino por mim.

— Eu irei. Amo você também.

Escutei quando ele desligou, e continuei a segurar o telefone na minha cara como se segurá-lo lá iria mantê-lo mais perto. A separação

foi mais difícil do que eu imaginava, especialmente com Will. Ele era um bebê fácil, e Vovó ou Farrah estavam sempre ajudando, então não era como se eu estivesse sobrecarregada. A parte mais difícil estava em olhar ele mudando, o que estava acontecendo a um ritmo alarmante, e sabendo que Asa nunca iria conseguir vê-lo. No momento em que fosse capaz de visitar, Will estaria completamente diferente, ele estaria mais alerta e ativo, e sua cabeça de cone teria ido. Era angustiante saber que Asa nunca iria ver o doce e fofo estágio recém-nascido.

Suspirei e encostei a cabeça no encosto do sofá. Dois meses não poderiam passar rapidamente o suficiente para mim.

— Callie! — Farrah gritou, sussurrando quando ela entrou pela porta da frente. Ela tem sido muito boa em manter o ruído baixo desde que Will nasceu. Nós nunca sabíamos quando ele estaria dormindo, e ele odiava ser acordado assustado, portanto, a crise de choro quando eu tinha falado com Asa.

— E aí?

— Eu tenho a melhor ideia. De sempre. Na história do mundo.

Ela olhou para mim com expectativa, enquanto eu a estudava, ainda sentindo ressaca depois do meu telefonema com Asa.

— Bem? Derrame.

— Devemos ir para a escola de cosmetologia!

— Que inferno que você está falando? — eu zombei, levantando do sofá para levar Will para o meu quarto. Normalmente ele dormia por algumas horas durante a manhã e eu realmente precisava de uma soneca.

— Seria perfeito! Nós duas somos órfãs e você é uma mãe solteira, poderíamos obter todos os tipos de subsídios para pagar por isso e demora apenas um ano.

— Eu não sou uma mãe solteira, — eu retruquei, abraçando Will ao meu peito quando eu fiz uma careta para ela.

— Eu não quis dizer isso, Callie, — ela respondeu suavemente. — Eu sei que você não é, mas Asa não mora aqui. Ele não vai estar por aqui até depois de nós terminarmos a escola e termos empregos espetaculares.

— Eu nunca disse que eu iria fazer isso!

— Você irá. Você seria boa nisso. Basta pensar, você poderia lidar com os clientes elegantes e eu poderia aproveitar os Rock-a-Billy[23]. É um casamento feito no céu!

— Você é louca, — eu sussurrei enquanto eu colocava Will em seu berço portátil. — Eu vou tirar uma soneca.

— Nós vamos falar sobre isso quando você se levantar!

— Bom. Agora me deixe dormir. — resmungando, eu me arrastei para minha cama e puxei as cobertas sobre minha cabeça.

Farrah estava certa. Depois de ouvir a sua persuasão e lamentação por semanas enquanto eu surgia com cada desculpa que eu pudesse pensar, ela finalmente me desgastou. Eu acho que o fator decisivo foi Vovó. Ela foi inflexível que eu fosse a algum tipo de escola para que eu pudesse conseguir um emprego decente. Eu tive sorte que Asa ainda estava apoiando Will e eu, mesmo que ele não estivesse trabalhando, mas eu não sei se isso iria durar para sempre. Eu tinha que ser capaz de nos apoiar se eu precisasse. Era hora de eu estar em meus próprios pés.

No momento em que Vovó e eu fomos para Oregon para visitar Asa, eu estava matriculada e pronta para começar o período seguinte. Farrah estava certa sobre os subsídios também. Estávamos participando da escola gratuitamente, o que parecia louco para mim, mas eu não iria reclamar.

A viagem a Oregon demorou uma eternidade. Will foi bem fácil, mas ele ainda queria comer a cada duas horas, e tivemos que parar em cada parada de descanso na I-5 entre Sacramento e Salem. Eu nunca me senti tão aliviada de sair de um carro na minha vida.

Nós ficamos em um hotel em Salem na noite antes da visita, mas não importa o quanto eu estava exausta, eu ainda não dormi. Eu estava no lado de Vovó, Will dormindo pacificamente entre nós, apreensivo. Eu não tinha visto Asa em sete meses, mais tempo do já tínhamos ficado separados desde que nos conhecemos.

Meu corpo estava diferente, meu rosto mais redondo e eu me perguntei o que ele pensaria. Eu estava com medo das coisas serem estranhas, que não teríamos nada para dizer um ao outro, que a nossa conexão seria forçada ou completamente ausente.

[23] Estilo dos anos 50.

Eu também estava preocupada com o fato de que eu não poderia usar um sutiã, o que significava que meus seios não estariam no seu melhor. Foi uma coisa estúpida para se preocupar, eu sabia que era, mas eu queria ter uma boa aparência. Eu queria que ele ainda me quisesse, mesmo que meus olhos tinham círculos escuros sob eles e meus seios estivessem diferentes.

Eu finalmente me arrastei para fora da cama quando eu vi a luz do sol fraca que espreitava através das cortinas e depois de colocar um cobertor enrolado ao lado de Will, tomei um banho. Eu tomei meu tempo, raspei minhas pernas e condicionei o meu cabelo duas vezes. Eu fui com tudo, coloquei maquiagem pela primeira vez em meses e me enchi em calças jeans pré-gravidez, com um top para esconder onde minha cintura gordinha borbulhava no topo. Eu tinha uma assustadora pança. Isso me fez querer chorar.

Quando eu terminei de ficar pronta, eu saí do banheiro para encontrar Vovó caminhando para frente e para trás com Will através da sala.

— Ele está com fome, mas eu queria te dar algum tempo extra, — ela me disse com um sorriso. — Ele não vai esperar muito mais tempo, no entanto.

Eu peguei Will e me sentei para amamentá-lo na cama, fazendo caretas enquanto meu jeans cavava minha cintura.

— Você não pode vestir jeans, — Vovó comentou quando ela vasculhou sua bolsa por algumas roupas. — Os presos usam jeans. Você vai ter que colocar outras calças.

— O que? — eu suspirei. — Como você sabe disso?

— Eu liguei para a prisão. Você não olhou o site?

Eu tinha, mas a única coisa que eu lembrava era a regra estúpida sobre sutiãs com arame inferior. Eu estava ferrada. As únicas calças que eu trouxe eram jeans para a visita e leggings surradas, então eu estaria confortável na viagem. Eu me senti começando a entrar em pânico, abrindo e fechando a boca, e tentando não gritar de frustração.

— Eu não tenho quaisquer outras calças! — eu lamentei, assustando Will aos gritos e causando uma anarquia completa em nosso quarto.

— Calma, Callie, — Vovó ordenou bruscamente. — Você tem outras calças. Eu duvido que você estivesse pensando em dirigir para casa em sua roupa de baixo.

— Sim, mas essas são nojentas! Elas estão todas esticadas e elas não combinam com a minha camiseta!

— Não grite comigo porque você não leu as regras, — ela retrucou e eu imediatamente me senti uma merda.

— Sinto muito. Estou um pouco nervosa, — eu disse a ela, meus olhos lacrimejantes e um meio sorriso no meu rosto. — Eu só queria que fosse perfeito.

— Não tenho certeza o quão perfeita você vai ficar na sala de visitas da penitenciária do estado, — ela murmurou, entrando no banheiro. Eu acho que ela não estava pronta para perdoar a minha aberração ainda.

Quando Will havia acabado de comer, eu troquei para as minhas leggings desagradáveis e comecei a deixá-lo pronto para o dia. Eu não queria dar a ele um banho no desagradável banheiro do hotel, então ao invés disso, eu usei apenas um pouquinho de sabão de bebê para o moicano, o pequeno pedaço de cabelo no topo da sua cabeça. Eu queria que Asa fosse capaz de sentir o cheiro, o cheiro fresco de bebê.

Eu tinha menos de trinta minutos antes de termos de sair para a prisão, então eu consegui vesti-lo também. Eu coloquei ele em uma camiseta da Harley Davidson preta de manga comprida que a esposa de Slider, Vera, tinha enviado quando ele nasceu. Eu pensei que era uma coisa agradável para ela fazer, especialmente que eu nunca tinha conhecido ela, mas achei que era mais por Asa do que eu. Era a roupa perfeita para ele conhecer seu pai.

Quando nós chegamos e estacionamos, eu estava um pouco assustada quando Vovó não saiu do banco do motorista.

— Você não vem?

— Não. Eu só vou sentar aqui e ler, — ela me disse, puxando um livro de bolso desgastado de sua bolsa com um casal seminu na frente.

— Mas eu pensei que você estava vindo comigo!

— Eles têm um sistema de pontos. Eu ir lá significa que ele usará pontos para o mês. Não quero que ele fique sem, — ela respondeu por

cima de seus óculos. — Esse tempo deve ser apenas para vocês três, Callie Rose.

— Ok. — a palavra saiu em um longo suspiro e eu balancei minha cabeça enquanto eu puxava Will e um pequeno cobertor de seu assento do carro. Rezei para que ele não precisasse comer enquanto estávamos lá, porque ele não estava pegando a mamadeira ainda e eu tinha certeza de que eles não me deixariam amamentar no meio da sala de visitas.

Minha ansiedade aumentou quando eu passei pelos procedimentos necessários e os guardas me deixaram muito nervosa quando eles passaram por todas as minhas coisas. Eu estava com medo de que eu não tivesse seguido alguma regra e que eles iam me mandar embora. Pelo tempo que eu estava passando pela segurança, eu senti meu coração batendo na base da minha garganta e eu tive problemas para recuperar o fôlego.

Eu não antecipei que quando o visse, todo o nervosismo e preocupação que eu estava sentindo iria apenas... derreter.

Capítulo sessenta e sete

GREASE

Minha perna estava pulando nervosamente debaixo da mesa. Eu estava com medo que ela não ia aparecer, por algum motivo, e eu a construí tanto em minha mente que eu fodidamente ia me perder se eu não a visse. Eu estava ansioso para ver o meu filho também, mas ele era ainda mais uma ideia na minha cabeça. Eu não tinha tido a chance de sentir falta dele ainda.

Quando ela atravessou as portas, me levantei automaticamente e quase tropecei no banco em que eu estava sentado. *Realmente muito bom, Grease*. Ela estava vestindo um top roxo solto que cobria fodidamente tudo, desde o pescoço até os quadris, mas maldito seja se eu não podia imaginar tudo por baixo, mesmo com nosso filho descansando contra seu peito.

Meus olhos se moveram de seu peito para baixo, e notei suas leggings; elas tinham um buraco no joelho e algum tipo de mancha branca sobre elas. Fez o meu estômago apertar por algum motivo ver aquelas calças. Quando eu finalmente fiz meus olhos encontrarem os dela, eu juro por Deus que era como se toda a sala tivesse ficado em silêncio.

Ela tinha um pequeno sorriso em sua boca, como se ela não tivesse certeza se ela deveria estar sorrindo ou não, e isso me fez sorrir, porra. Ela era tão bela. Seu rosto estava um pouco mais redondo e assim estavam seus quadris, mas para mim ela nunca tinha sido mais sexy.

Meu sorriso a fez se mover e ela começou a andar rápido até que eu encontrei na borda da mesa

— Ei, querida, — eu murmurei, engolindo em seco.

A puxei em meus braços e a abracei em torno do bebê enquanto ela fungava no meu pescoço. Nós só poderíamos abraçar por um

minuto, existiam regras sobre essa merda, dentro de segundos eu estava inclinando o seu rosto para o meu para que eu pudesse beijá-la. Eu não esperei até que estivéssemos nos sentindo confortáveis; nós não tínhamos tempo para isso. Eu só inclinei a cabeça para a dela e puxei seu lábio inferior em minha boca um pouco e corri minha língua por ele antes de me afastar.

Eu não podia beijá-la como eu queria. Eu não poderia colocar a minha língua em sua boca, ou puxar a dela na minha e essa porra me matou.

O guarda na extremidade da sala limpou a garganta, então eu me afastei e agarrei a mão dela. Ela ainda não tinha falado no momento em que tinha se sentado e eu não conseguia pensar em uma maldita palavra para dizer.

Eu estava apenas olhando para ela. Absorvendo tudo.

— Ei, — ela sussurrou, olhando para o meu rosto e esfregando o polegar sobre a palma da minha mão.

— Esta porra é estranha, certo?

— Um pouco. — ela sorriu suavemente, e eu queria puxá-la sobre a maldita mesa. — Você quer conhecer Will?

Por um segundo, uma fração de segundo, eu tinha esquecido que ele estava lá enquanto eu olhava para ela.

— Si— limpei o nó nervoso na minha garganta. — Sim. Eu quero.

Ela o desembrulhou de um cobertor verde escuro e a primeira coisa que eu notei foi a porra de um moicano preto no centro da sua cabeça. Ele estava dormindo, o punho no seu rosto e vê-lo foi como um soco no peito.

— Você quer segurá-lo? — ela perguntou, parecendo ansiosa. — Eu verifiquei as regras e eu acho que você pode segurá-lo.

Antes que eu pudesse responder, ela se inclinou sobre a mesa e o deitou no meu peito, então eu não tinha escolha além de colocar meu braço sob ele. Ele era tão minúsculo; meus alforjes vazios devem pesar mais do que ele.

— Puta merda, — eu engasguei, tentando descobrir a melhor maneira de segurá-lo, assim sua cabeça não estava se jogando ao redor.

Minha cabeça se levantou quando eu a ouvi rir e quando encontrei seus olhos, algo somente clicou. Nós éramos pais. Puta merda.

— Eu não vou escrever isso em seu livro do bebê, — ela me disse com um sorriso. — A primeira vez que seu pai pegou você, ele disse, *puta merda*. Foi um momento de ternura...

Eu bufei uma risada e senti minha garganta começar a se fechar.

Estendi minha mão de volta para a dela e ela a pegou imediatamente, observando Will e a mim com um olhar suave no rosto. — Ele se parece com você, — ela murmurou.

— Não, ele é todo você. Olhe para esse cabelo!

— Eu sei, certo? Eu não podia acreditar que ele nasceu com ele assim. Vovó diz que é bastante normal e pode até cair.

— De que cor são os olhos dele? — eu perguntei em voz baixa, olhando para seu pequeno rosto, com a boca estalando como se ele estivesse tentando comer ou algo assim.

— Eles começaram com essa cor cinza escura e eu tinha certeza de que eles iriam ficar azuis, mas ele tem olhos marrons. Eles estão ficando cada vez mais como os seus.

— Eu não posso acreditar que fizemos ele, — eu sussurrei baixinho para mim mesmo, mas sabia que ela me ouviu quando sua mão apertou a minha.

— Muito legal, né?

— Ele é fodidamente lindo, — eu disse a ela sério, levantando o meu rosto para que eu pudesse me concentrar nela novamente.

Eu estava segurando meu filho nos braços e de mãos dadas com a minha mulher e foi a melhor coisa que eu tinha sentido em meses.

— Eu mal posso esperar até que você esteja em casa.

— Nem eu, amor.

Nós ficamos em silêncio novamente, mas era confortável desta vez. Eu estava absorvendo essa merda. Eu podia sentir o cheiro da loção dela do outro lado da mesa e eu rezei para que eu fosse capaz de sentir o cheiro nas minhas roupas depois que ela tivesse ido. Ela tinha

acabado de chegar e eu já estava temendo sua saída, tanto que eu estava tendo dificuldade para respirar.

Eu queria sair por aquela maldita porta com ela. Eu queria levar meu filho para o carro, coloca-lo lá, entrar, e depois beijar a sua mãe. Eu queria segurar a mão dela enquanto eu dirigia até em casa, vê-la alimentar Will, dar um banho nele e trocar a porra das fraldas de merda. Eu queria tudo e doeu demais não poder ter isso.

— Eu me inscrevi para a escola de cosmetologia, — ela me disse abruptamente, mordendo o interior de sua bochecha. — Farrah e eu iremos juntas.

— É isso que faz maquiagens e essas coisas?

— Não, é principalmente corte e coloração de cabelo, coisas assim. — ela estava parecendo nervosa e eu não conseguiria pela vida descobrir o porque.

— Isso é ótimo, Callie. Você está animada?

Eu assisti os seus ombros esvaziarem em alívio. — Sim eu estou. Estou animada para aprender um monte de coisas novas e ser capaz de conseguir um bom emprego.

— Então o que há de errado? Por que você está amarrada como merda?

— Eu só não tinha certeza do que você pensaria, — ela murmurou, olhando para a mesa.

— Ei, olhe para mim, — eu sussurrei suavemente quando um dos guardas filho da puta deu um aviso de dez minutos. — Estou tão feliz por você, baby. Você vai fazer isso bem.

— Você acha?

— Tenho certeza. Vai se sentir bem quando você puder conseguir um bom emprego, não tendo que trabalhar em uma porra de fast food para sempre, sim?

— Sim, eu estou feliz que eu vou ser capaz de nos apoiar.

Eu sacudi em meu assento com suas palavras e imediatamente me senti desconfortável. — Por que você precisa disso? Eu sempre vou cuidar de você.

— Não foi isso que eu quis dizer, — ela recuou, fazendo minha ansiedade engrenar um pouco. — Eu só não quero ter que depender de você para tudo. Não é justo para nenhum de nós.

— Não me ouço reclamando, Callie, — eu retumbei, completamente frustrado na virada da conversa. Eu desviei o olhar, tentando me recompor quando ela apertou minha mão.

— Eu te amo e eu sei que você sempre vai cuidar de nós. Eu só quero ser capaz de fazer a minha parte, ok?

— Sim, amor. Ok. — eu poderia entender isso; ela estava vulnerável por um tempo muito longo. Eu odiava a ideia de ela seguir em frente sem mim, mas eu não ia estragar a nossa visita por ser um idiota. Comecei a me sentir confortável novamente exatamente quando o guarda falou que as visitas terminaram e eu senti meu pânico aumentar.

— Posso te abraçar de novo? — ela sussurrou enquanto ela se levantou na minha frente.

— Porra, sim, — eu resmunguei, a seguindo e a puxando para perto. — Eu te amo tanto, muito.

— Nós também te amamos, — ela sussurrou quando ela começou a chorar. — Eu queria não ter que ir.

— Eu sei, querida. É só por agora, ok? — eu sussurrei de volta ferozmente. — Obrigado por trazer Will.

Entreguei a ela o nosso filho e passei meus braços em volta de ambos.

Que era onde eu deveria estar. Era para eu estar segurando minha família, cuidando deles. Eu não deveria estar visitando eles com as pessoas nos observando a cada fodido movimento, analisando a maneira que eu segurava a mão dela ou carregava o meu menino.

Ela inclinou a cabeça para mim em convite e eu peguei, porra. Eu empurrei minha língua entre os seus lábios franzidos por apenas um segundo, a saboreando e depois me afastei antes que os guardas pudessem foder com a gente.

— Eu vou ligar em um par de dias. Me envie algumas fotos de você e Will, sim?

— Ok. — ela estava chorando muito, em seguida, fungando, a maquiagem escorrendo pelo rosto. — Eu te amo.

— Eu também te amo. É melhor você ir, — eu disse a ela, levantando o queixo em direção à entrada.

Quando ela se virou para se afastar de mim, eu quase caí de joelhos.

Meu peito estava em chamas.

Eu não estava pronto.

Eu ainda não terminei.

Eu precisava de mais tempo do caralho.

Eu estava perdendo malditamente tudo.

Eu não estava fodidamente pronto.

Eu só precisava de um pouco mais de tempo.

Só mais alguns minutos malditos.

Puta merda.

Já não poderia aguentar mais.

Capítulo sessenta e oito

CALLIE

Essa primeira visita a Asa foi a mais difícil. Chorei todo o caminho de volta para o hotel com Vovó segurando minha mão. Ela não falou; ela apenas embrulhou minha mão na dela na hora que eu sentei e dirigiu.

Eu não me lembro muito das próximas horas, mas finalmente eu me recompus e partimos para Sacramento na manhã seguinte.

Depois disso, tanto chegar na prisão quanto sair ficou mais fácil, ao menos suportável. Eu sabia que Will e eu estaríamos de volta e isso me deu algo para olhar para frente. Às vezes nós trazíamos Vovó, ou Cody durante as férias escolares, mas na maior parte era só eu e Will. Precisávamos desse tempo, apenas a nossa pequena família.

Farrah e eu começamos a escola e ela estava pirando fantasticamente em tudo. Enquanto eu tinha que estudar e praticar até que eu achasse que meu cérebro ia escorrer para fora dos meus ouvidos, ela parecia pegar tudo de primeira. Foi frustrante, mas eu não podia ficar muito chateada sobre ela, ela adorou. Ela, obviamente, encontrou algo que a fazia feliz e depois de tudo que ela passou, ela merecia.

Vovó cuidava de Will, mesmo que ele a deixasse exausta no final do dia. Ela nunca se queixou, mas sempre ficava aliviada quando Cody ia para casa da escola e podia ajudá-la. Ela se recusou a me deixar procurar uma babá diferente, mas às vezes me sentia culpada por deixá-lo com ela durante todo o dia. Deixá-lo era muito mais difícil do que eu imaginava, mas o olhar de orgulho no rosto de Vovó quando chegávamos em casa da escola era como uma afirmação de que eu estava fazendo a coisa certa.

Will cresceu como uma erva daninha. Seu cabelo demorou muito para crescer, mas ele nunca perdeu o pequeno moicano com o qual ele nasceu e eu o amava enlouquecidamente. Ele era o meu pequeno bebê

roqueiro e algumas das minhas memórias favoritas são de Farrah e eu dançando com ele em torno da casa, enquanto ele ria histericamente, sua pequena boca derramando baba em toda a frente de nossas camisetas.

Ele estava sorrindo em quase todas as fotos que tiramos e ele parecia mais com Asa a cada dia. Seu pequeno corpo era robusto e era uma tarefa difícil manter o pobre menino em roupas que se encaixavam. Eu amei. Cada minuto de cada dia, eu estava grata pela pequena pessoa que entrou na minha bolsa de maquiagem e derramou todo o meu pó, então ficou acordado até altas horas da noite quando eu tinha teste no dia seguinte. Quando olhava para seu rosto, via uma mistura perfeita de seu pai e eu e eu não poderia imaginar minha vida sem ele.

Nós gravamos cada etapa, não importa quão pequeno, com vídeo e fotos e enviei as fotos para Asa semanalmente, o mantendo atualizado sobre o que nosso filho estava fazendo. Eu sabia que ele odiava estar perdendo tantas coisas, então eu tentei mantê-lo tão envolvido quanto possível. Não foi fácil.

Às vezes eu só queria aproveitar o momento, sem me sentir em pânico quando eu não conseguia encontrar a câmera. Mas eu nunca parei o diário em vídeo. Se eu estava me sentindo frustrada, eu sabia que Asa estava se sentindo mil vezes pior.

O meu ressentimento por nossas circunstâncias cresceu a cada dia que passava, ardor se agitando dentro de mim, até que eu me senti pronta para entrar em erupção. Foi culpa do clube que o nosso filho mal conhecia seu pai. Era a culpa deles que eu estava dormindo sozinha todas as noites e que Asa estava preso atrás das grades em uma prisão cheia de assassinos e estupradores e Deus sabe o que mais. Meu ódio pelos Aces me alimentou, ele me mantive focada e calma quando eu sentia o oposto e reforcei a parede entre mim e qualquer coisa que eu sabia que seria demais para eu manipular.

Isso me manteve segura de minhas memórias, me dando outra coisa para me concentrar enquanto Asa tinha ido embora.

Nós só fomos capazes de visitar Asa na minha folga escolar, o que às vezes nos deixava sem o contato humano durante meses. Aqueles foram os momentos mais difíceis. Eu vivia para os momentos que eu podia vê-lo sorrindo para Will, olhando como Will se sentou pela primeira vez sobre a mesa pequena dos visitantes, ou vê-lo tropeçar no

quarto pela primeira vez em seus próprios pés. Nesses momentos éramos como qualquer outra família no mundo.

O primeiro aniversário do Will passou com pouco alarde, Vovó fez um bolo caseiro de abacaxi e uma viagem para a prisão para uma visita. Isso pareceu ser a nossa vida em poucas palavras.

Seis meses mais tarde, Farrah e eu nos formamos na escola de cosmetologia e encontramos emprego em um pequeno salão de beleza no shopping. O salário não era grande, mas eles nos permitiam fazer nossas próprias horas e fomos capazes de trabalhar juntas, o que ajudou quando meu carro morreu de vez e tivemos que ir de carona até que eu pudesse conseguir um novo.

Nós estávamos andando no meu carro novo, um barato Toyota usado que foi fácil de financiar, quando Will disse sua primeira palavra. Ele estava murmurando e dizendo Mama e Papa, Fawa e Vovó há meses, mas foi a primeira palavra que não era um nome. Ele apontou para a janela para o caminhão próximo a nós na estrada e disse *caminhão*, como se ele sempre soubesse como dizer isso.

Chorei todo o caminho de casa enquanto eu aplaudia e chorava porque eu não tinha trazido a minha câmera com a gente para o supermercado e Asa tinha perdido isso.

Alguns dias eu não sabia como eu iria continuar sem Asa e outros parecia como se ele nunca tivesse estado lá, para começar. Eu comecei a sentir como se eu tivesse sempre vivido sem ele e isso me assustou tanto que eu voltei a sentir falta dele ao ponto de loucura. Foi um ciclo que se repetiu uma e outra vez até que eu me sentia exausta com isso, mas uma coisa era certa: não havia um minuto que eu não gostaria que ele estivesse ao meu lado.

A vida passou lentamente em alguns momentos e rapidamente em outros, deixando uma sensação agridoce para trás. Por mais duro que eu desejasse que o tempo passasse depressa, eu também pedia a ele que abrandasse. Eu sentia falta de Asa, mas Will estava crescendo tão rápido que eu mal podia segurá-lo.

E então, depois de 25 meses de espera, ele estava fora.

Capítulo sessenta e nove

GREASE

O ar cheirava como doce do lado de fora.

Os rapazes tinha trazido a minha moto para a prisão para que eu pudesse dirigi-la para casa, e eu parecia um idiota na minha camisa do caralho, mas eu não me importei. Eu estava tão feliz por estar indo para casa, para Callie, que eu teria montado em uma roupa de palhaço.

Eu tive que parar pelo clube no meu caminho para fora da cidade para pegar algumas mudas de roupa e falar com Slider, mas eu estava pensando em pegar a estrada no momento que eu tivesse as minhas coisas. Eu mal podia esperar para ver Callie e meu pau tinha estado duro desde o momento em que eu sentei na minha moto e tinha certeza de que eu estava fora de lá.

Eu prometi a Callie que eu iria direto para ela uma vez que eu tivesse agarrado minhas coisas, ela tinha estado praticamente cheia de emoção pelo último mês enquanto esperávamos para a minha libertação. Eu me perguntei se ela teria Will com ela quando eu chegasse lá, ou se ela teria o deixado com Vovó para que pudéssemos ter um pouco de tempo para nós primeiro. Eu não me importava de qualquer maneira, eu mal podia esperar para ver o meu filho, mas eu estava morrendo de vontade de estar dentro da minha mulher de novo também.

Eu trabalhei com isso para que eu pudesse dirigir e voltar para Sacramento, enquanto eu deixava alguém saber que eu estava indo, mas eu estava esperando que eu não tivesse que fazer essa viagem por muito tempo. Eu estava além de pronto para viver com Callie e Will em tempo integral e eu não iria lidar com ela adiando essa merda. Eu esperei quatro anos pela chance de viver com a minha mulher e eu não ia esperar mais.

Quando eu fui até o clube, o lugar estava lotado. Quando eu estacionei e desci da minha moto, eu me virei para Dragon, para ver o que diabos estava acontecendo, mas antes que eu pudesse dizer uma palavra, um barulho veio trovejando para fora das portas da frente. Os meninos estavam gritando e aplaudindo, e até mesmo algumas old ladies estavam fodidamente gritando e batendo as malditas palmas. Foi embaraçoso como o inferno.

— Bem vindo a casa, rapaz, — Poet me disse alegremente, envolvendo o braço em volta dos meus ombros.

— O que é tudo isso? — eu perguntei com um sorriso, eu não pude evitar. Ele estava balançando de um lado para o outro, me levando com ele e eu raramente o vi tão bêbado.

— É uma festa de boas vindas, obviamente, — Vera falou conforme ela e Slider vieram ao nosso encontro. — É bom ter você em casa.

— É bom estar de volta. Callie está aqui? — olhei ao redor da multidão, mas não podia vê-la em qualquer lugar.

— Não foi possível falar com ela. — Slider resmungou.

— O quê? Eu pensei que você estava mantendo um olho nela?

— Mantemos meninos com ela desde que você foi embora, mas ela não fala com qualquer um deles. Não atende as ligações, não atende a porta, nós fizemos o que podíamos.

— Por que diabos alguém não me disse? — eu rosnei. — Eu vi você uma vez por mês durante dois anos!

O rosto de Vera era simpático, mas Slider e Poet estavam inexpressivos.

— Fizemos o que tínhamos que fazer, Asa, — Slider retumbou, seu uso do meu nome verdadeiro me assustando. — Você não precisa se preocupar com essa merda. Sabia que ela ainda iria te ver, não queríamos causar problemas entre vocês dois quando não havia uma merda que você pudesse fazer a respeito. Não queria correr o risco de que você parasse de receber essas visitas.

Eu estava fodidamente atordoado.

Eu também estava chateado como o inferno.

Que caralho Callie estava passando?

— Venha, querido, — Vera disse vigorosamente. — Vamos pegar uma bebida. Esta é uma celebração!

Eu a deixei me arrastar para o clube.

As duas horas seguintes foram um borrão de brindes feitos com qualquer bebida que tínhamos na mão. Irmãos foram me trazendo as bebidas de sua escolha, na maior parte uísque e tequila e eles estavam tão genuinamente felizes que eu estava de volta que eu não poderia recusá-las sem me sentir como um idiota.

Eu acordei na manhã seguinte, de cara na minha cama, com minhas botas penduradas para fora de meus pés e sem camisa.

Ah Merda. Callie ia estar fodidamente puta.

Eu rolei para fora da cama lentamente, meu estômago revolto pra caralho enquanto eu ficava de pé. Eu precisava de um chuveiro e um pouco de café antes que eu pudesse sequer pensar em pegar a estrada.

Levei menos de uma hora antes de eu sair, mas parecia dias enquanto eu tentava conseguir falar com Callie no telefone. Ela não estava atendendo e eu sabia que ela estava chateada. Dragon me seguiu, fazendo com que deixássemos Sacramento sem problemas e foi chato pra caralho que eles achavam que eu precisava de algum tipo de babá. Eu não me importava com a companhia embora, ele me deu algo para me concentrar além da briga que eu sabia que ia ter com Callie.

Dragon continuou andando quando eu puxei para o estacionamento dos apartamentos. Eu reconheci o carro novo de Callie pelo que ela descreveu para mim, mas eu não vi em qualquer lugar o de Vovó. Ótimo. Eu não queria lidar com outras pessoas quando eu estava lidando com toda a merda de tempestade que eu estava entrando.

A porta estava trancada quando cheguei ao apartamento dela, então eu estendi a mão e peguei a chave que eu sabia que iria estar escondida por trás do tapume acima da porta. Eu disse a ela e Farrah para parar de colocar essa merda lá, mas eu de alguma forma sabia que não o fariam. Idiotas do caralho. Qualquer um poderia simplesmente entrar em sua sala de estar.

O lugar estava tranquilo quando eu abri a porta, mas eu imediatamente vi Callie sentada em silêncio no sofá de frente para mim. Ela estava usando um pequeno robe negro que mal cobria suas coxas e a forma como ele ficou entreaberto entre os seios dela deixou o meu coração trovejando no meu peito. Ela estava com as costas

perfeitamente retas, pés apoiados no chão e suas mãos estavam agarradas firmemente em seu colo enquanto me observava entrar.

Não havia nenhuma expressão em seu rosto.

— Ei, querida, — eu falei baixinho, fechando e trancando a porta atrás de mim e embolsando a chave. — Eu sei que você está chateada, mas eu posso explicar.

Ela não disse uma palavra.

— O clube tinha uma festa de boas-vindas para mim na última noite, planejei sair depois de um par de horas, mas os meninos estavam me trazendo bebidas e eu não queria acabar recebendo um DUI[24] na porra no meu caminho, — eu disse enquanto eu caminhava lentamente em direção a ela, cada parte do meu corpo me implorando para correr. — Eu sei que você está com raiva.

— Eu não sou com raiva, — ela me falou seriamente. — Estou farta.

— O quê? — eu lati e parei a poucos metros dela.

— Eu não posso mais fazer isso, — respondeu ela calmamente.

— Caralho, explique Calliope.

— Ontem à noite, — ela engoliu, apertando os seus olhos fechados, antes que ela me perfurasse com eles. — Ontem à noite, Will e eu fizemos espaguete, — ela me disse, analisando o meu rosto. — Eu disse a ele tudo sobre como seu pai estava voltando para casa e tínhamos que fazer dele um jantar especial. Então nós cozinhamos e eu o ajudei a guardar seus brinquedos enquanto ele perguntava sobre seu pai, em sua maioria merdas que eu não conseguia entender, porque ele está com vinte meses de idade e a maior parte da merda que ele diz é conversa fiada.

Suas unhas começaram a coçar contra a pele de sua mão enquanto eu a observava, vômito se construindo na minha garganta.

— Eventualmente, eu tive que fazê-lo comer o jantar, mesmo ele estando inflexível que o papai deveria comer o macarrão. — ela fez uma pausa e respirou fundo. — Então, nós comemos, e nós esperamos. Will finalmente caiu no sono depois de agitar e protestar por horas, porque ele não queria ir para a cama e depois era só eu, esperando.

[24] Driving under the influence, ou seja, dirigir embriagado.

— Eu-

— Eu esperei aqui, a noite toda, — ela me cortou. — Porque eu sabia que você estaria aqui. Eu sabia que você estava tão ansioso quanto eu estava e eu não tinha dúvidas de que você estava vindo. Eu não duvidei porque você prometeu que estaria vindo direto para cá. Então eu esperei. E, eventualmente, Will acordou e quis café da manhã. Então eu fiz a ele o café da manhã enquanto ele tagarelava sem parar sobre você, mas você ainda não estava aqui.

— Eu cheguei aqui assim que pude, — eu disse a ela ansiosamente, palmas para cima.

— Eu esperei enquanto eu estava dando a Will seu banho, e almoço, e, finalmente, o coloquei para seu cochilo da tarde enquanto ele lutava comigo. — Seu olhar atravessou a sala, olhando para o nada, e eu imediatamente senti falta de seus olhos em mim. — E agora são 24 horas mais tarde e eu ainda estou na camisola que eu comprei especialmente para o seu regresso a casa e eu não tenho absolutamente nenhum desejo de mostrá-lo a você. Nada. Estou farta.

— Querida, eu sei que você está com raiva. E eu sinto muito não estar aqui e não ter ligado...

— Não teria importância se você fizesse, — ela me disse com um aceno de cabeça. — Eu o quebrei ontem à noite.

Eu segui seu olhar para o canto da sala e para o celular rachado na base da parede.

— Você foi para o clube em vez de voltar para casa, — ela sussurrou pesarosamente.

— Você poderia ter estado lá! — eu respondi, a cortando como uma merda e atacando em defesa. — Eles tentaram falar com você, mas você os ignorou o tempo todo que eu estive fora!

— Por que eu iria querer algo com eles? — ela zombou, me fazendo dar um passo para trás em surpresa. — Esse clube fodeu completamente a minha vida por quatro anos! Eles foram a razão maldita pela qual você estava na prisão!

— Esse clube tem alimentado e vestido você por quatro anos também, — eu rosnei de volta, irritada pra caralho.

— *Não*. Você me sustentou. Eles não deram *nada* para mim, — ela atirou de volta, seu rosto imediatamente suavizando novamente. — E eu nem sequer preciso de você para fazer isso.

Olhei para ela, boquiaberto. Foi muito pior do que eu pensava. Eu sabia que ela estava chateada, mas eu não tinha ideia de quão profunda era essa merda e agora eu estava fodido.

— Amor, não faça isso, — eu sussurrei, toda a minha vida desmoronando ao meu redor. Eu queria sacudi-la, empurrá-la no sofá e provar que ela era minha. Mas não consegui. Ela era a mãe do meu filho e ela estava quebrando bem na minha frente.

— Will ainda está dormindo, — ela me disse com desdém. — Eu sei que você está com seu telefone, pois eu o liguei novamente, então eu vou ter Vovó te ligando quando ele acordar.

— Eu vou ficar até que ele acorde, — eu respondi, me movendo em direção ao sofá.

— Não. Você não vai, — ela ordenou, sacudindo a cabeça enquanto se levantava, o robe de seda caindo nas suas coxas de uma forma que fez minha boca aguar. — Eu estou pagando este apartamento por meses, Asa. Ele não é mais seu. Vovó vai ligar para você quando ele acordar e você pode vir para uma visita, depois nós vamos trabalhar em algo.

— Você não quer fazer isso, Callie, — eu avisei a ela, meus músculos tencionados em frustração. — Você não quer me deixar.

— Eu provavelmente vou chorar, — ela me disse baixinho, abrindo a porta e fazendo sinal para eu andar por ela. — Eu provavelmente vou chorar e ficar deitada na cama por horas e sentir que meu coração está sendo arrancado do meu peito. — ela analisou meu rosto enquanto eu estendia a mão para tocá-la, mas ela puxou a cabeça para trás antes que eu pudesse fazer contato. — Mas eu não vou mudar de ideia.

Só assim, ela destruiu completamente a porra da minha vida.

Capítulo setenta

CALLIE

No minuto em que Asa saiu pela porta, eu queria pegar tudo de volta.

Eu queria dizer a ele que eu estava com raiva, que eu o amava e queria que ele me segurasse. Fazia tanto tempo desde que ele tinha sido capaz de me segurar sem a ameaça de um limite de tempo, ou que seja um pensamento inadequado. Eu só precisava que ele lutasse por mim, me dizer que o clube não era mais importante e que ele iria colocar Will e eu em primeiro lugar a partir de então.

Eu caí sobre o sofá, atordoada que ele havia saído. Quando eu percebi que não tinha ouvido a sua moto ligar ainda, eu pulei e corri para a porta da frente. Corri para o estacionamento e olhei para encontrá-lo falando em seu telefone. Corri para baixo das escadas com os pés descalços, ansiosa para chegar até ele antes de ele sair e ele não notou quando eu parei apenas alguns metros atrás dele.

— A cadela maldita me expulsou, — ele sussurrou para quem ele estava falando. — Sim, eu vou estar aí em breve. Nah, cara. Cuide disso para mim, sim?

Eu senti meu nariz começar a correr antes mesmo das lágrimas caírem dos meus olhos e pensei vagamente quão estranho foi enquanto eu calmamente me afastava dele. Eu errei. Eu tinha ido longe demais, e mesmo que essa fosse a minha intenção, eu me senti eviscerada.

Recuei para a escada antes que ele pudesse me ouvir e ouvi quando ele ligou sua moto. Dentro de momentos ele se foi e à tarde quente de repente parecia gelada no meu minúsculo robe. Eu fiz meu caminho de volta para o apartamento em passos silenciosos e orei para que eu não tivesse acordado Will quando eu tinha atirado a porta aberta. Eu não sabia se eu poderia lidar em ser mãe quando eu não

podia nem sentir minhas mãos. Por que eu não conseguia sentir minhas mãos?

Eu não estava em casa por muito tempo, sentada no sofá onde Asa havia me encontrado antes, quando alguém estava batendo na porta. *Ele voltou!* Fiquei tão aliviada que corri em pânico para a porta, meus dedos se atrapalharam com os bloqueios até que eu consegui abrir.

— Ei, lembra de mim? — uma voz falou jovialmente. — Eu sou o irmão de Grease, Deke, nós nos encontramos uma vez antes.

Meu corpo inteiro desabou quando eu percebi que Asa não tinha voltado e depois endureceu quando notei como o homem estava me observando. Eu não me movi da porta, mas ele usou minha surpresa e desapontamento contra mim quando ele deslizou por mim e para o apartamento.

— Parece que ele poderia ter te arranjado algo melhor do que isso, — comentou ele, balançando a cabeça enquanto olhava ao redor do apartamento.

— Eu sinto muito, eu realmente não me lembro de você, — eu respondi calmamente, conforme eu me coloquei entre ele e o corredor. — Nós já nos conhecemos?

— Sim, eu estava lá na noite que Grease te encontrou. Lembra? Eu tinha um moicano. — Ele estava me observando atentamente, desfrutando de meu robe pequeno e isso me assustou completamente. Havia algo de errado com seus olhos. Suas pupilas estavam muito grandes, os olhos vidrados e injetados de sangue ao mesmo tempo.

— Sim, eu me lembro de você agora, — eu disse a ele com uma risada falsa. — Aquela noite é uma espécie de borrão.

— Eu aposto. Jose sempre teve merda boa na casa dele, — ele respondeu insensível, como se eu tivesse escolhido ser drogada.

— Você está procurando Asa? Ele acabou de sair pra ir ao supermercado, ele deve estar de volta muito em breve, — eu menti por entre os dentes.

— Oh sim? Bem, eu vou apenas sentar e esperar, então.

Eu o vi ficando confortável no meu sofá enquanto meu estômago virava. Deveria ter dito a ele que Asa não ia voltar? Parecia mais seguro mentir e dizer que Asa estaria lá a qualquer momento, mas agora ele

estava agindo como se ele não fosse sair e eu não tinha ideia do que fazer.

— Eu vou me vestir rapidinho, — eu murmurei, o observando de perto.

— Não há necessidade de fazer isso por mim, eu estou apreciando a vista, — ele olhou de soslaio, fazendo minha pele arrepiar.

Eu não respondi quando me virei e fiz meu caminho para o quarto de Farrah. Havia uma cesta de roupas da lavanderia lá e eu nunca tinha estado tão feliz que ela se recusou a guardar qualquer coisa quando era sua vez de lavar a roupa. Eu deixei a porta entreaberta uma polegada para que eu pudesse ouvir o que ele estava fazendo, e corri para puxar um jeans e duas camisetas. Eu não tinha a porra de um sutiã lá, mas eu não estava prestes a trazer qualquer atenção para o meu quarto com Will dormindo dentro.

Me troquei silenciosamente com as coisas de Farrah, um olho na porta enquanto eu abria sua primeira gaveta. A cômoda era alta o suficiente para que Will não pudesse alcançá-la e eu dei um suspiro de alívio quando a minha mão envolveu o que eu estava procurando, se escondendo debaixo de uma infinidade de lingeries de seda e rendas. A .45 estava pesada na minha mão enquanto eu checava o pente, encontrando seis balas. Eu estava feliz como o inferno que eu tinha encontrado calças jeans de cintura alta no cesto de roupa suja, porque a coisa era tão grande que não havia nenhuma maneira que eu poderia tê-la escondido atrás de mim se eu não tivesse.

Puxei minhas camisetas para baixo sobre o cós da minha calça jeans, antes de abrir a porta de Farrah para que eu pudesse deslizar completamente. Ele ainda estava sentado no sofá quando voltei para a sala, mas seu joelho estava saltando em impaciência.

— Não posso dizer que a vista piorou, — ele comentou ironicamente enquanto olhava para os meus seios sem sutiã.

— Asa vai te ligar quando ele voltar. — eu disse calmamente, cruzando os braços. — Tem sido uma longa noite e eu não estou realmente pronta para companhia.

— Bem, nós dois sabemos que ele não vai voltar, — respondeu ele, balançando a cabeça em falsa simpatia. — Você chutou a sua bunda para fora, certo?

Minha garganta se fechou quando ele se levantou do sofá e meu instinto de luta ou fuga chutou por apenas um segundo, mas não havia escolha.

Meu filho estava dormindo pacificamente no quarto ao lado. Eu não poderia ir a qualquer lugar.

— Se você sabia que ele não estava vindo, por que está aqui?

— Vim pegar o seu filho para ele, — ele me disse com tristeza. — Ele não queria lidar com o drama inevitável, então ele me enviou em seu lugar. Mas eu estou pensando... eu e você podemos trabalhar em algo. Eu colocarei uma boa palavra por você e talvez ele não tome o seu filho...

— Dê o fora da minha casa, — eu assobiei, meu coração batendo em meus ouvidos.

— Não posso fazer, querida, — ele zombou. O termo carinhoso de Asa soou como uma maldição vinda dele e isso me fez sentir como se mil formigas estivessem rastejando em toda a minha pele.

— Ele não iria te enviar aqui, — eu argumentei quando ele me jogou de costas para a cozinha. — Você é um maldito drogado.

Ele afastou sua mão e eu notei uma tatuagem estranha nela antes que ele me desse um soco na cara, me mandando tropeçando na geladeira.

— Você acabou de me chamar de drogado? — ele rosnou ameaçadoramente, me socou no estômago tão forte que eu dobrei ao meio quando minha respiração me deixou.

— Huh? — perguntou ele, usando um dos meus braços para me girar ao redor e pressionar o meu rosto contra a porta do congelador.

— N-não, — eu gaguejei quando ele puxou meu braço tão longe das minhas costas que o meu ombro estava gritando de dor.

— Eu tenho certeza que é o que eu ouvi, — ele sussurrou em meu ouvido, puxando meu braço até que eu senti a dor lancinante de meu ombro deslocando. Mordi através do meu rosto, tentando não gritar e sentiu o acúmulo de sangue na minha boca.

Ele me empurrou para o chão e me chutou duas vezes nas costelas antes que ele começasse a andar, murmurando baixinho para si mesmo. Eu não tinha certeza do que ele estava drogado, mas ele

estava agindo como uma porra louca e eu sabia que era só uma questão de tempo antes que as coisas ficassem muito piores. Eu lentamente me empurrei com as pernas para as portas do armário, usando um braço para me puxar até uma posição sentada, enquanto o meu outro braço caia inutilmente ao meu lado.

Quando minhas costas tocaram os armários, eu assobiei em dor, e minha cabeça começou a ficar confusa.

— Você sabe, eu o odeio! — ele queixou em voz alta. — Ele acha que é melhor do que eu, porque ele é parte do Aces, o que não é verdade! — ele andou em torno da cozinha enquanto ele falava, agitando os braços no ar. — Todos os Aces pensam que são bons! Agindo como se não fôssemos nada, enviando fodidos prospectos de merda para nos apertar por dinheiro, isso é um insulto!

Seus olhos caíram para mim e eu gemi quando ele me chutou forte na coxa.

— Então, nós os enviamos para Jose ensiná-los a porra de uma lição, e o que acontece? — ele balança a cabeça e começa a chutar minhas pernas novamente entre cada palavra. — Ele-sobrevive-e-mata-alguns-de-nossos-melhores-homens!

Minhas pernas estavam em chamas enquanto eu choramingava e as puxava tão perto de meu corpo quanto eu podia. Ele começou a respirar pesadamente e isso me assustou, porque eu podia ver em seu rosto que ele não tinha intenção de parar tão cedo.

— Você sabe, quando nós matamos seus pais, eu tinha certeza de que iriam entender a coisa, — ele me disse baixinho, como se em desculpas. — Eu vi o jeito que ele olhou para você, então eu sabia que você era a resposta, mas quando aparecemos, você estava longe de ser encontrada.

Eu parei de respirar como as implicações de suas palavras irrecuperáveis. Ele tinha sido um dos homens em minha casa. Ele tinha sido um dos caras procurando por mim.

— Sua mãe era um pedaço quente de bunda. Mm mm mm, — ele sussurrou. — Pena que eu estava procurando por você e não pude ter tempo para apreciá-la.

Eu senti como se estivesse em um túnel, me afundando no lugar onde nada poderia me machucar e eu poderia apenas flutuar como se

eu tivesse no espaço. Eu não queria ouvir qualquer outra coisa que ele estava dizendo, eu não queria saber mais.

Eu tinha chegado nesse lugar em minha mente, quando duas coisas aconteceram simultaneamente.

Ele puxou o pé para trás, me chutando forte no estômago, pressionando minhas costas nos armários e ouvi uma pequena voz gritar: — Mama! Porta! — conforme pequenos punhos batiam de dentro do meu quarto.

Sua cabeça se virou bruscamente em direção ao corredor, ouvindo, e eu agradeci a Deus pela distração quando eu usei meu braço bom para puxar a arma da parte inferior das minhas costas onde eu tinha esquecido. Como eu poderia ter esquecido?

Eu destravei a segurança com o polegar e sua cabeça se virou para mim enquanto eu montava o dispositivo de volta contra a borda dos armários.

— Saia da minha casa, — eu avisei a ele em voz truncada, o sangue ainda escorrendo de minha boca quando eu a apontei para ele.

Meu coração estava disparado com adrenalina, todas as cores na sala nítidas e vivas quando ele sorriu ameaçadoramente e puxou a perna de volta.

Eu não hesitei e eu não pensei.

Eu apenas puxei o gatilho, a arma recuou com tanta força que ela me bateu no rosto e quebrou meu nariz.

Eu estava momentaneamente atordoada com o impacto, mas ele não caiu. Ele só tropeçou e veio para mim de novo, os olhos arregalados e loucos.

Eu atirei nele novamente, mas ele continuou chegando.

Como se dois tiros no peito não fossem nada, além de picadas de abelha.

Eu gritei quando ele chegou perto novamente e preparei os meus braços quando eu esvaziei todo o pente em seu peito, a última bateu em sua garganta quando ele tropeçou para trás contra a bancada, finalmente caindo no chão.

Capítulo setenta e um

VOVÓ

Farrah e eu chegamos em casa de uma viagem à minha irmã, ansiosa para ouvir sobre o reencontro. Nós tínhamos saído no dia anterior para que eles pudessem ter um pouco de tempo sozinhos, mas eu não estava disposta a ficar fora por mais tempo do que isso. Eu sabia que essas coisas raramente iam conforme os amantes imaginavam e quando eu não consegui alcançar Callie em seu telefone, eu decidi dirigir para o norte.

Eu não sei porque eu tive um sentimento tão terrível, as coisas pareciam bem quando saímos, mas eu tinha aprendido ao longo dos anos a nunca ignorar o que meu instinto me dizia.

Já estava quase escuro no momento em que estacionei e eu estava preocupada quando eu não vi a moto de Asa.

— Farrah, você vê a moto de Asa estacionada no meio-fio? — eu perguntei quando eu arrastei meus velhos ossos para fora do carro. As longas viagens estariam chegando ao fim para mim em breve, se meu corpo dolorido tinha algo a dizer sobre isso.

— Não. Parece que ele não está aqui.

Nós marchamos até as escadas e ela foi para seu apartamento quando eu empurrei a chave para desbloquear a minha porta. O cabelo na parte de trás do meu pescoço estava em pé e ouvi atentamente quando eu empurrei a porta aberta.

Eu não tinha dado um passo para dentro antes da voz aterrorizada de Farrah percorrer a noite.

— Vovó!

Me virei, batendo meu ombro no batente da porta antes de eu correr para baixo das escadas, xingando meu velho corpo por não

deixar me mover mais rápido. Quando cheguei à porta de Callie, eu parei abruptamente.

Farrah estava pasma pelo homem morto deitado em uma grande poça de sangue no chão da cozinha.

— Callie! — eu sussurrei para mim mesma, olhando para longe do homem morto e fazendo meu caminho apressadamente através do apartamento. — Onde você está?

Encontrei ela rapidamente, mas eu pensei que eu ia ter um ataque cardíaco quando eu fiz.

Eu vi um monte em meus 73 anos nesta terra. Eu costurei cortes escancarados sobre meus filhos e eu ajustei o meu próprio braço depois de uma luta incrivelmente ruim com o meu marido. Eu identifiquei quatro dos cadáveres dos meus filhos, dois de ferimentos de faca e dois de ferimentos de bala. Mas nada nesta terra sobre a experiência da minha vida, poderia ter me preparado ou machucar tanto, com o que encontrei no quarto de Callie.

Ela estava sentada no chão, a .45 de Farrah estava descansando dentro de seu alcance em cima da cômoda, cercada por balas ensanguentadas e a caixa de papelão que elas vieram.

O rosto dela estava quase irreconhecível, o nariz e os olhos tão inchados que o último estava completamente fechado e ela tinha sangue por todo o corpo. Um de seus braços estava pendurado ao seu lado e o outro estava correndo pelo cabelo de Will enquanto ele estava deitado ao lado dela, com a cabeça em sua coxa.

Pela primeira vez em sua vida, o menino estava completamente imóvel, deitado de lado com uma palma achatada perto de seu rosto na perna de Callie.

Cobri minha boca com horror quando percebi que eles estavam ambos cobertos de sangue.

Meu Deus.

— Mama? Dodói, — Will murmurou, virando um pouco a cabeça para que ele pudesse olhar para o rosto de Callie.

— Sim, meu filho. Mama tem um dodói, — ela respondeu suavemente em um tom que indicava que era uma conversa que tiveram antes.

— Will beija, — ele disse suavemente, virando a cabeça para que ele pudesse beijar sua coxa, antes que ele se acomodasse contra ela.

— Obrigada, Will, — ela comentou, fechando seu olho bom quando ela apoiou a cabeça contra a parede atrás dela. — Mama se sente muito melhor agora.

Capítulo setenta e dois

GREASE

Eu estava sentado em um restaurante a poucos quilômetros da casa de Callie, esperando que ela telefonasse. Eu estive imaginando cenários onde ela ligaria e pediria desculpas e imploraria a mim para voltar e nós poderíamos agir como se as últimas horas nunca tivessem acontecido.

Eu não podia acreditar que ela me chutou para fora e eu não tinha certeza de como eu deveria ter reagido.

Eu passei sobre isso mil vezes em minha cabeça, diferentes cenários que poderiam ter ajudado a mudar de ideia. Se eu tivesse lutado mais, talvez ela tivesse cedido. Talvez ela precisasse que eu lutasse, necessitava libertar o que ela costumava ser quando nós não tínhamos visto um ao outro por meses.

Eu tinha saído, a deixando em vez disso, porque tinha passado tanto tempo que eu não podia ler sua mente como eu tinha sido capaz de fazer antes. Eu não tinha sido capaz de dizer se ela estava falando sério, ou apenas empurrando como ela tinha feito um milhão de vezes antes.

Cristo.

Meu telefone vibrou ao lado do café sobre a mesa na minha frente, piscando o número de Rose e eu o peguei antes do primeiro toque ter acabado.

— Callie? — eu atendi, esperança e temor juntos em minhas entranhas.

— É Farrah, — veio uma voz monótona do outro lado. — Você precisa vir aqui... e chame seus meninos com uma caminhonete. Nós vamos precisar de uma limpeza.

O telefone ficou em silêncio antes que eu pudesse fazer qualquer pergunta e eu olhei para ele por um momento de horror antes que eu pulasse e deixasse cair uma nota de cinco dólares sobre a mesa.

Eu estava no meu telefone antes que eu tivesse chegado à minha moto, latindo ordens para Dragon enquanto eu subia e disparava para cima.

Eu cheguei em Callie em minutos e quase deixei cair a minha moto quando eu fui sair. Uma vez que eu lembrei que não tinha deixado o suporte de apoio para baixo, eu o abaixei rapidamente, pulando e saindo correndo pelas escadas.

Sua porta estava aberta.

Eu peguei a bagunça na cozinha, meu irmão...

Que porra é essa?

Me virei para Farrah quando ela veio pelo corredor e eu entrei em pânico ao ver a expressão em seu rosto. Mesmo durante os tempos mais difíceis com ela, eu nunca tinha visto o rosto dela do jeito que estava.

Ela parecia derrotada.

— Callie está no quarto dela. Vovó está na cama, — ela me disse estupidamente. — Tenha cuidado quando você entrar e faça isso lentamente.

Meu coração bateu alto em meus ouvidos enquanto eu fazia o meu caminho para o quarto, e meus olhos ficaram borrados quando eu tropecei na porta e vi.

Devo ter feito algum barulho, porque sua cabeça se ergueu até a porta e ela ergueu o braço, apontando uma enorme .45 para o meu peito.

Ela estava coberta de sangue, seu rosto estava tão inchado que parecia que ia explodir e no seu colo estava meu filho.

— Não chegue mais perto, — ela ordenou, soando arrastada.

Haviam lenços de bebê usados por todo o chão em volta dela e parecia que ela tentou limpar o sangue dela e Will, mas só conseguiu manchá-lo mais.

Eu perdi a sensibilidade em minhas pernas e caí em meus joelhos do caralho.

— Está tudo bem, querida, — eu assegurei a ela calmamente, a fazendo recuar.

— Não me chame assim, — ela murmurou enquanto Will se virava, de frente para mim com a cabeça no seu colo. Ele não parecia ferido ou com medo, mas ele também não se levantou.

— Ok, Callie, — eu murmurei, me sentando para trás em meus calcanhares e levantando os braços na frente de mim.

— Seu irmão está morto, — ela sorriu maldosamente.

— Eu vi isso.

— Eu o matei, — ela murmurou, olhando para Will e, em seguida, até onde sua Vó estava a observando em silêncio, lágrimas escorrendo pelo rosto. — Eu o matei e ele continuou vindo, então eu tive que fazer isso novamente.

Eu não tinha certeza do que diabos ela estava falando, mas ela estava me deixando nervoso.

— O que aconteceu? — eu perguntei baixinho, me encolhendo quando seus olhos se mudaram de volta para mim.

— Disse que ele veio aqui procurando por você, — ela me disse tristemente, oscilando seu braço até ela deslizar a arma em cima da cômoda. Suspirei profundamente em alívio, mas foi de curta duração.

— Eu disse a ele que você estava a caminho de casa, — ela encolheu os ombros, trazendo a minha atenção para o braço que eu não tinha percebido que ela não estava movendo. Sua mão foi para o topo da cabeça de Will conforme seus olhos ficaram vítreos.

— Ele sabia. Ele sabia. Ele *sabia* que você não viria. Disse que ele estava vindo para— ela não disse seu nome, mas inclinou a cabeça para baixo para olhar para Will que ainda estava olhando para mim. — Disse que você pediu a ele para vir.

As lágrimas começaram a rolar para fora de seus olhos quando ele vieram para os meus.

— Eu nunca faria isso, amor. Eu nunca iria levá-lo. Você sabe disso.

— Eu sei, — ela sussurrou. — Mas isso não importa.

Me mexi lentamente de joelhos quando ela ficou quieta e comecei a passar pelo quarto, mas parei imediatamente quando sua mão se levantou da cabeça de Will para o topo da cômoda.

— Você não me disse que ele matou meus pais, — ela acusou, sua pálpebra fechando pela metade em derrota.

— O quê? Amor, o que foi que ele disse?

— Ele os matou, — ela murmurou. — Sua mãe é um pedaço quente de bunda. Raiva dos Aces. Me matar para chegar até você.

Eu não tinha ideia de que Deke era uma parte disso. Eu sabia que os irmãos Jimenez estavam chateados como o inferno quando eu tinha matado seus meninos, mas quando Deke havia me ligado, eu tinha assumido que ele não tinha parte nisso. Ele me convenceu de que não havia nada que pudesse fazer para detê-los, mas ele estava nisso desde o início. Senti raiva como se uma dor de cabeça enorme atingisse a traseira de meus olhos, mas me forcei a focar no que importava. Callie e meu menino.

— Você tem ele, baby. Acabou. Você tem ele, — eu murmurei enquanto eu me movia para dentro do quarto.

Quanto mais perto eu cheguei dela, mais claramente eu vi que havia algo seriamente errado com seu braço.

— Você protegeu o nosso filho, baby, — eu disse a ela suavemente, aliviado quando eu parei há menos de trinta centímetros dela e ela ainda não tinha pegado a arma. — Você fez muito bem. Will está ok?

— Ele está bem, — ela sussurrou, olhando para ele. — Ele estava aqui. Eu tinha que ter certeza que ninguém o pegasse, — sua voz se levantou quando ela olhou para mim ferozmente. — Tive certeza. Tive certeza.

— Sim, você tem. Eu te amo tanto, Calliope, — eu sussurrei, estendendo a mão para colocá-lo suavemente na dela que descansava sobre a cabeça de Will. — Mas você está ferida amor e cheira como se Will precisa trocar a fralda.

Ela parecia que ia concordar, ela até começou a acenar com a cabeça lentamente quando ouvimos homens vindo pela porta da frente.

Sua mão se moveu mais rápido do que eu poderia pegar e em segundos a .45 estava descansando contra o meu esterno, o dedo no gatilho.

Ela não desviou o olhar quando ela chamou baixinho por Will. — Vá para Vovó, Will, — disse ela suavemente. — Corra para Vovó.

Ele subiu até seus pés devagar, balançando um pouco de uma forma que fez meu coração balançar no meu peito, mas ele chegou à Vovó quando ela se levantou da cama.

— Tire ele daqui. Tranque-se em seu apartamento, — Callie ordenou, nunca olhando para longe do meu rosto. — Vá, Vovó!

Rose disparou para fora do quarto e no momento em que ouviu a porta da frente bater, a mão de Callie caiu para seu colo.

— Pegue seu irmão e dê o fora da minha casa, — ela murmurou cansada enquanto eu ouvia alguém pequena caminhando por trás de mim.

— Precisamos levá-la a um hospital, Callie, — eu sussurrei, enquanto eu puxava suavemente a arma de seus dedos.

— Vou levá-la, — argumentou Farrah nas minhas costas.

— Eu te amo tanto, amor. — eu ignorei Farrah quando eu coloquei a .45 de volta no armário e corri o dedo para cima e para baixo no topo da mão de Callie, o único lugar que eu tinha certeza de que eu não iria machucá-la. — Deixa eu cuidar de você.

Ela virou a cabeça para longe de mim, sem dizer uma palavra quando ela empurrou a cabeça contra o lado da cômoda.

— Vá, Grease, — Farrah ordenou atrás de mim. — Tire seus caras e os leve para fora do nosso apartamento. Eu vou cuidar de Callie.

— Ela é minha, — eu assobiei, virando a cabeça para Farrah. — Vá se certificar de que Will esteja bem.

Eu comecei a virar quando eu notei outra arma, desta vez em sua pequena mão.

— Will está bem com Vovó, — ela me disse seriamente, sua mão pendurada relaxada em sua coxa. — Agora você precisa dar o fora daqui antes de deixar ela pior.

— Ela precisa de mim, — argumentei, apertando minha mão em Callie. — Eu vou cuidar dela. Eu sempre cuidei dela.

— Olhe para ela, Grease, — Farrah retrucou rispidamente. — Ela não precisa de você, porra.

Minha cabeça se virou para Callie, para ver que ela ainda estava de frente para a cômoda, seu olho inchado praticamente escondendo o resto de seu rosto de mim.

— Callie? — eu questionei suavemente, quando seu corpo começou a balançar em movimentos minúsculos.

— Por favor, me deixe em paz, — ela choramingou, nunca olhando para mim. — Me deixe em paz. Me deixe em paz. Me deixe em paz

Eu ouvi o revólver de Farrah quando ela o estalou no lugar e eu virei minha cabeça para vê-la apontando diretamente para minha cabeça.

— Eu não sou Callie, — ela me disse com calma. — Eu vou puxar o gatilho.

Eu não achei que ela faria, mas isso não importava.

Eu balancei a cabeça em derrota, sabendo que ela estava certa. Eu não estava fazendo nada melhor.

Eu não consegui parar de me inclinar para frente uma última vez e beijar Callie levemente no lado da sua cabeça. — Eu te amo. Não vou longe, — eu prometi.

Obriguei-me a sair do quarto quando Farrah se ajoelhou para ajudar Callie a se levantar.

Capítulo setenta e três

CALLIE

Os médicos me disseram que as cicatrizes psicológicas do ataque seriam muito mais difíceis de curar e eles estavam certos.

Farrah tinha informado à polícia que meu agressor fugiu e ela me encontrou no nosso apartamento. Eu não a contestei. Eu não disse nada. Não para os enfermeiros ou médicos ou os assistentes sociais ou os policiais.

Não falei.

Eles ficaram frustrados comigo, fazendo as mesmas perguntas mais e mais, às vezes mudando as palavras que eles usavam, como se fraseando algo de forma diferente me faria responder. Eu escutei eles argumentando como se eu não estivesse lá, às vezes afirmando que eles precisavam me deixar em paz e outras vezes lutando que alguém precisava me tirar do nevoeiro que eu estava.

Eu teria gostado de vê-los tentar.

Ninguém sabia o que aconteceu quando eles me encontraram porque os Aces tinham levado o corpo de Deke em vez de deixar a polícia fazer o seu trabalho. Foi um caso claro de autodefesa, como o meu corpo quebrado poderia provar, mas eu estava feliz que eu não tive que explicar a ninguém o que tinha acontecido.

Eu estava em um nevoeiro, não fazendo um barulho quando eles acertaram o meu ombro e fizeram uma checagem no resto do meu corpo. Minhas pernas e estômago estavam machucados, meu nariz estava quebrado e eles ficaram mais preocupados com o meu olho que estava inchado, tanto que se eu olhasse do outro lado da ponta do meu nariz, eu podia ver a sobrancelha do outro lado.

Eles tiraram fotos que eu sabia que eles nunca precisariam, mas eu não lutei contra eles. Eu não fiz nada além de me mover quando eles me mudaram e olhei fixamente enquanto tentavam obter respostas.

Em algum momento, Cody apareceu no hospital e eu podia ouvi-lo no corredor discutindo com Farrah, mas eu não me importei. Eu não me importava com nada.

Nem mesmo com o meu filho.

Porque quando Asa me deixou, eu recuei com sucesso para esse lugar especial onde nada importava.

Me mantiveram no hospital por alguns dias para ter certeza que eu não ia perder meu olho, apertando e cutucando e fazendo pergunta após pergunta enquanto eu olhava para eles fixamente. Mas, mesmo depois que eles sabiam que eu iria guardar isso, eles não me deram alta.

Em vez disso, eles me mudaram para a ala psiquiátrica.

Eles enviaram uma boa psicóloga que me fez perguntas enquanto eu olhava para ela e mesmo que eu pudesse ver a frustração em seus olhos, ela continuava voltando. Eu acho que ela estava sendo paga para isso, embora, por isso não foi surpresa que ela fosse tenaz. Ela tem um cabelo loiro avermelhado bonito. Eu me perguntava como Farrah pareceria com o cabelo dessa cor.

Vovó e Farrah raramente saíam da minha cama, fazendo turnos com Will para que eu não ficasse sozinha, mas elas não me alcançaram e nem Cody quando ele apareceu. Nada estava me alcançando e às vezes eu os ouvia discutindo calmamente sobre o que fazer.

Alguma coisa tinha quebrado em mim quando Deke estava falando sobre meus pais. Eu não acho que ninguém entendia porque eu simplesmente desapareci dentro de mim mesma, eu não esperava que eles entendessem, realmente não. Só eu sabia o que eu tinha tentado ignorar, o que eu tinha empurrado para trás tão longe que eu raramente pensava mais nisso. Só que eu sabia que eu estava construindo esses muros entre a minha memória e eu, de modo que quase nada poderia rompê-los.

Ninguém tinha ficado escondido comigo dentro desse espaço minúsculo, ouvindo meus pais morrerem e seus assassinos chamando meu nome. Só eu sabia o horror.

Asa era o único que poderia ter adivinhado onde minha mente estava, nós tínhamos tido uma conversa vaga sobre isso anos antes, mas por alguma razão, ele não estava lá. Se eu estivesse sentindo alguma coisa, eu acho que eu teria ficado triste com isso.

Fiquei ali, ouvindo Vovó gritar com a psicóloga enquanto eu pensava sobre a mancha de água no teto. Gostaria de saber se alguém notou isso ou se foram apenas os pacientes que já tiveram essa visão e eles simplesmente nunca disseram nada.

— Você tem feito do seu jeito por três semanas e esta merda não está ajudando, — trovejou Vovó. — Eu não dou a mínima para o que você pensa. Eu vou fazer isso do meu jeito e se você tem um problema, eu vou levar a minha neta para casa comigo!

A psicóloga de cabelos bonitos murmurou algo tranquilizador que eu não pude ouvir.

— Oh foda-se você e seu grau de fantasia! — Vovó gritou. — Eu conheço ela! Eu limpei sua bunda e enfaixei seus cortes. Eu vou fazer o que eu acho que é melhor!

Eu não ouvi nada por um tempo depois disso.

— Callie, — Vovó estalou, horas mais tarde, empurrando o botão do lado da minha cama até que eu estava sentada. — Você parece uma merda e você está ignorando seu filho que já está chorando por você por semanas.

Eu a olhei enquanto ela abria as cortinas do meu quarto, me fazendo olhar de soslaio quando a luz do sol filtrou através dela. Ela rearranjou minha cama para que ela estivesse deitada no meu colo, e afastou o cabelo do meu rosto enquanto eu a observava em silêncio.

— Você tem um visitante, — ela me informou quando ela caminhou para fora da porta.

Quando ela voltou, ela estava carregando meu lindo filho em seus braços.

Seu rosto se iluminou quando ele me viu, mas caiu quando eu não reagi à sua presença.

— Segure seu filho. Ele sente falta de você, — ela me disse firmemente quando ela o colocou no meu colo.

Ele se aconchegou no meu corpo, pressionando sua cabeça contra meu peito e de repente eu senti que não conseguia respirar. Ele cheirava muito bem, como xampu e chocolate e o calor de seu corpo penetrou em mim até que eu não tinha certeza de onde ele acabava e eu começava.

— Mama, — ele suspirou, alcançando e apalpando meu peito como havia feito mil vezes desde que ele parou de amamentar quase um ano antes.

— Vem, — eu ouvi Vovó chamando enquanto eu olhava para Will, forçando os meus braços a se moverem em torno dele até que eu sabia que ele não iria cair da cama.

As emoções me oprimindo foram demais. Esperança e medo, amor e horror e tristeza tão forte que eu cerrei minha mandíbula contra elas, implorando para meu cérebro me mandar de volta. Eu tinha quase conseguido, minha visão ficando cinza nas laterais, quando o senti chegando na cabeceira da cama.

— Ei, amor, — ele sussurrou suavemente, estendendo a mão para correr pelo meu cabelo. — Nós sentimos sua falta.

Meu corpo inteiro sacudiu e eu levantei meus olhos para ele, o olhar terno em seu rosto abrindo as comportas quando eu comecei a chorar. Eu chorei alto, soluços ofegantes que fizeram Will começar a gritar de medo e mesmo assim eu não conseguia pará-los. Vovó veio para pegar o bebê, lágrimas em seu rosto enquanto ela me beijava na cabeça e, no minuto seguinte, Asa estava na cama comigo, envolvendo todo o seu corpo ao redor do meu.

— Você está bem, Callie, — ele murmurou mais e mais, nunca me deixando ir enquanto eu soltava anos de dor, gritando no alto dos meus pulmões e esmurrando meus punhos contra suas costas.

Quando eu finalmente me acalmei em soluços quietos, ele puxou seu rosto longe do meu pescoço.

— Se alguma vez você me assustar assim de novo, eu vou acertar sua bunda, — ele rugiu, sua voz soando rouca e cru. — Nosso menino precisa de você, amor. Eu preciso de você.

Eu balancei a cabeça uma vez, enquanto esfregava minhas costas e enfiava meu rosto no meu local, entre seu queixo e ombro.

Minhas emoções estavam por todos os lugares, mas eu o deixei ter aquele momento. Uma vez que meu corpo tinha relaxado, notei que

o seu tremia e algum lugar dentro de mim não o deixaria ir embora. Eu o amava muito e culpa empilhou em cima da tristeza enquanto eu pensava em todas as coisas nas quais eu o coloquei e o resto da minha família no mês que eu tinha ido embora.

Eu não sabia onde eu poderia ir de lá. Eu me sentia muito exposta, muito sobrecarregada para apenas voltar para o meu dia-a-dia. As paredes que eu tinha construído para me manter segura, para manter meu mundo são e ordenado, tinha quebrado em torno de mim e me sentia como se eu estivesse de pé no meio de uma zona de guerra com nenhuma ajuda à vista.

Eu amei Asa. Eu o amava muito e eu me alegrava com a maneira como seus braços em volta de mim me seguravam firmemente contra ele. Eu amava a barba em seu cangote contra o meu queixo e o jeito que ele sempre cheirava a cigarro, colônia Armani e couro. Eu amava o jeito que ele olhava para mim e nosso filho.

Eu o amava, mas isso não parecia fazer qualquer diferença, porque no momento em que ele se arrastou para fora da minha cama, eu iria dizer a ele que não queria mais vê-lo.

Eu não podia suportar olhar para ele.

Capítulo setenta e quatro

GREASE

Deixar Callie após seu colapso foi a coisa mais difícil que eu já tinha feito. Eu queria protegê-la, salvá-la de quaisquer demônios que ela estava lutando.

Eu não entendia como eu poderia ter sido tão estúpido, como eu poderia ter pensado que eu a tinha salvado. Que eu poderia consertá-la.

Ela estava se afogando lentamente durante anos e eu tinha perdido. Eu tinha perdido todos os sinais porque eu acreditava que, enquanto eu cuidasse dela, ela estaria bem. Eu fodidamente amava o jeito que ela precisava de mim, me divertia o jeito que ela tinha sido tão pegajosa no início do nosso relacionamento.

E, no final, a tinha fodido ainda mais.

Me matou pensar na maneira que eu a ignorava quando eu estava chateado, do jeito que eu tinha a jogado para fora de casa porque ela não ia às compras, do jeito que eu tinha empurrado e empurrado para ela agir normalmente quando ela estava fazendo o melhor que podia.

Eu não tinha visto isso antes, mas tenho certeza pra caralho que vi enquanto ela segurava uma pistola maior do que seu braço.

Então, quando ela me disse que ela não queria me ver, eu tinha tomado sua palavra pela primeira vez. Eu tinha dado a ela o espaço que ela precisava enquanto eu a assistia lentamente ficar mais forte e deixar o hospital.

Eu tinha dado a ela espaço quando ela se encontrou uma psicóloga três vezes naquela primeira semana fora do hospital e eu esperei. Quando nenhuma palavra veio dela que eu seria bem-vindo de novo, eu disse adeus ao meu filho.

— Você sabe que pode vir vê-lo sempre que quiser, — Vovó me garantiu com tristeza. — Ela não quer mantê-lo de você.

— Eu sei, Rose, — eu disse a ela com um aceno de cabeça, enquanto eu observava Will conduzir o seu caminhão monstro numa perna de mesa.

— Te disse anos atrás que para me chamar de Vovó, — ela repreendeu, envolvendo o pão de banana para eu levar.

— A merda agora é diferente, — eu murmurei, meu coração quebrando enquanto eu observava a bundinha coberta de fralda de Will trepidando para a música baixa proveniente do aparelho de som.

— Nada é diferente para mim, — ela repreendeu sobre a borda de seus óculos. — Você ainda é um dos meus.

Eu balancei a cabeça novamente, sentindo minha garganta apertada e depois saltei para os meus pés quando Cody veio correndo pela porta da frente.

— Você está partindo?

— Sim, é hora de eu cuidar de algumas coisas e deixar a sua irmã, — eu respondi, as palavras com gosto de ácido.

— Você vai buscar vingança?

— Vingança? — eu ri um pouco. — Você quer dizer se eu vou cuidar disso? Sim.

— Me leve com você, — ele perguntou seriamente. — Ela é a minha irmã. Aqueles eram os meus pais. Me leve com você.

Olhei para ele por um momento e percebi que o garoto que me lembrava, os pés grandes e braços que eram longos para o corpo, tinha se transformado em algo completamente diferente. Ele era um homem. Quando inferno isso tinha acontecido?

Ele parecia um homem de briga, limpo e em roupas da Ivy League.

— Sua irmã me mataria, — eu murmurei, consciente dos olhos de Vovó na parte de trás da minha cabeça.

— Minha irmã não está nem mesmo falando com você, — ele respondeu sem rodeios, me fazendo querer socá-lo na porra da boca.

— Você está bem com isso? — perguntei a Vovó, virando as costas para Cody.

— Ele é um adulto, — ela murmurou, olhando para Cody e depois de volta para o pão que ela estava enrolando. — Ele pode fazer suas próprias escolhas. Não me coloque no meio delas.

Como diabos eu acabei montando para Eugene com Cody seguindo atrás de mim em um pedaço de merda alugada, eu nunca vou entender.

E uma vez que estávamos lá, ele se fez conhecido. Ele brincou com Slider e Poet como se fossem seus melhores amigos, e ao fazer isso, comprou para si o respeito de cada membro do clube naquela noite. Era uma loucura, mas eu estava muito envolvido em minha própria merda para dar a mínima.

Sentir falta de Callie foi como perder um membro. Ainda sentia como se ela estivesse lá e às vezes eu alcançava ela quando eu dormia, ou pegava o telefone para ligar para ela e em um pico de clareza percebia que eu não podia. Eu passei tanto tempo esperando por ela e trabalhando em direção a nossa vida juntos, que eu não sabia o que fazer comigo mesmo uma vez que ela tinha ido embora.

Os meninos e eu fomos para San Diego esta semana, usando Cody como uma espreitadela para descobrir o que estava caindo com os irmãos Jimenez. Ele tinha contatos em todos os malditos lugares e eu não tinha ideia de como, porque ele estava indo para a escola fora do estado durante os últimos dez anos. No entanto, ele os encontrou, eu não poderia argumentar que o cara não era eficaz. Ele sabia de merdas antes que o resto de nós o fizesse, e ele podia se mover dentro e fora de lugares como ninguém que eu já tinha visto.

Ele só parecia se misturar na multidão, onde quer que fosse e desaparecer. Você poderia estar olhando diretamente para ele e ainda não vê-lo. Era estranho como o inferno.

Nós usamos seus contatos para descobrir onde os cães grandes estavam tendo sua reunião semanal e com certeza como a merda, nós os encontramos em um armazém tão ao sul que ele poderiam muito bem estar no México. Eles não nos esperavam e nem sequer um deles teve tempo para levantar do seu assento em torno da mesa de poker, antes que estivesse morto.

— Não brinque com a minha família, — Slider murmurou, nos levando de volta para fora do armazém e para nossas motos. — Bom trabalho, garoto.

Cody ergueu o queixo em resposta, mas eu poderia dizer pelo olhar selvagem em seus olhos que ele estava prestes a se perder.

— Bloqueie isso, irmãozinho, — eu o avisei, agarrando a parte de trás do seu pescoço e dando um aperto. — Tudo acabou agora. Callie está segura e você conseguiu o que você veio fazer.

Ele balançou a cabeça algumas vezes, subiu na moto que ele tinha comprado de um dos irmãos e colocou seu capacete. O merdinha iria manter a calma. Obrigado.

— Ei, — Poet falou quando ele subiu em sua moto e fez um gesto em direção a Cody com o queixo. — O chame de Casper. O garoto se move como um fantasma do caralho.

Nós fomos para casa naquela noite, não parando mais tempo do que levava para reabastecer. Fiquei surpreso quando Cody não pegou a saída quando rolou através de Sacramento, mas não era como se eu pudesse perguntar a ele sobre isso. Eu queria parar e ver Will no caminho, mas eu tinha medo de que ele não tivesse tido tempo o suficiente entre as visitas e eu não queria aborrecer Callie parando quando eu não era esperado.

Os médicos disseram a Vovó que eles achavam que Callie tinha TEPT[25]. Eles não tinham certeza de qual foi a causa, ela se recusou a falar com eles sobre isso, mas o resto de nós sabíamos exatamente quando isso tinha começado. Felizmente ela encontrou um médico semanas antes de eu sai que ela gostava o suficiente para começar a contar sua história. Eu só esperava que o cara fosse capaz de ajudá-la, porque o tempo foi passando e eu não sei quanto tempo eu seria capaz de viver do jeito que estávamos sem perder a cabeça.

Passei os próximos meses do jeito que eu tinha anos antes, trabalhando tanto quanto eu podia e tomando qualquer tempo que eu tinha indo para Sacramento. Mas nesses dias, eu estava vendo meu filho. Ele foi crescendo rapidamente e cada vez que eu o via, ele sabia mais palavras que ele me recitava como um pequeno dicionário. Era bonito como a merda e eu desejei poder brincar com Callie sobre isso.

Eu não a tinha visto em meses, porque a qualquer momento que eu fosse passar um tempo com Will, ele estava na Vovó quando eu chegava lá e Callie ficava trancada firmemente em seu apartamento até que eu tivesse ido embora.

[25] Estresse pós traumático.

Eu tinha prometido dar a ela espaço, mas isso não significava que eu gostava e um dos dias mais difíceis veio quase nove meses depois. A filha do Poet, Brenna, tinha chegado em casa um dia, do nada, e ela tinha trazido uma criança com ela que parecia exatamente como Dragon. Tentei ficar fora das coisas dele, não era da minha conta como eles escolheram lidar com as coisas, mas foda-se se eles não se mantiveram me puxando de volta.

Uma tarde, eu parei em casa e encontrei Cody sentado enquanto a casa estava em silêncio. Ele não se sentia confortável o suficiente em verificar Brenna a manhã inteira, mas o silêncio finalmente o fez ansioso o suficiente para destravar a porta da frente e entrar.

Eu estava bem atrás dele quando a encontramos e o inchaço na bochecha dela me levou imediatamente de volta a um tempo e lugar diferente, me enchendo de raiva. Ela me acalmou o melhor que pôde, e começou a contar a história toda para seu pai, Vera e eu. Eu tinha entendido. Eu tinha entendido como isso poderia ter acontecido do jeito que ela disse que tinha, mas eu não tinha sido capaz de limpar a neblina vermelha da minha visão. Dragon tinha batido em uma mulher que eu tinha pensado como uma irmã mais nova e eu queria matar ele.

Mas no momento em que eu queria segurar Callie, foi o momento que eu dei as minhas chaves de moto para Tommy, então eu não estaria tentado a subir e dirigir até ela e esse foi o dia em que tínhamos encontrado Brenna espancada e sangrando por seu ex-marido e Cody baleado no ombro na porta da casa dela. Ele estava tentando protegê-la.

Eu pensei que eles estavam mortos quando tínhamos os encontrado. Por um segundo culpado, eu agradeci a Deus que não era Callie, que ela tinha sobrevivido e estava em algum lugar em Sacramento vivendo sua vida, mesmo se a sua vida não me incluísse.

Eu me senti tão culpada por trazer Cody na confusão em que estava, que me levou três tentativas para criar coragem de ligar para Rose naquela noite, a deixando saber o que estava acontecendo. Ela tinha levado bem a notícia, como se eu não tivesse acabado de dizer a ela que seu neto tinha sido baleado e eu estava maravilhado de novo com a força daquela mulher. Mas, mesmo enquanto eu falava com ela, preocupado com a reação dela, eu ainda estava fodido o suficiente para ficar desapontado quando eu não ouvi a voz de Callie no fundo quando Rose me agradeceu por dizer a ela e desligou o telefone.

Eu queria Callie tanto naquela noite. Eu queria que ela viesse a mim e corresse os dedos pelo meu cabelo, então eu sabia que ela estava bem. Eu precisava saber que ela estava a salvo.

Mas eu me forcei a não entrar em contato com ela, porque se ela estava ficando melhor e ela precisava de tempo longe de mim, eu iria dar isso a ela.

Capítulo setenta e cinco

CALLIE

Era quase um ano depois que eu disse a Asa que eu não poderia estar mais com ele e eu estava finalmente pronta para falar com ele novamente.

Meu tempo na terapia tinha sido a coisa mais difícil que eu já tinha feito e eu provavelmente nunca serei capaz de ficar sem isso. Eu tinha um monte de culpa pairando sobre mim pelas mortes de meus pais e isso não iria embora, mas com a ajuda do Dr. Howell estava ficando mais fácil de entender e gerenciar.

Dr. Howell era um velho grisalho veterano de guerra e eu gostei dele instantaneamente quando nos conhecemos. Ele não só contava piadas sujas quando ele sabia que precisava dar um passo para trás por alguns minutos, mas ele também sabia como a culpa poderia regiamente estragar a vida de alguém - ele tinha passado por isso quando ele voltou do Vietnã.

Eu aprendi a deixar as coisas e nós trabalhamos em frente para os meus demônios de uma forma que eu nunca me deixei fazer antes. Ele me disse algo e eu tenho certeza que ele tinha roubado de outra pessoa, porque ele estava sempre citando calendários de autoajuda e canecas de café, — Demônios saem no escuro porque eles têm medo da luz. Precisamos quebrar esses filhos da puta em pedacinhos com a luz. — ok, eu tenho certeza que ele parafraseou, mas o resultado foi o mesmo.

Nós trouxemos tudo para a luz.

Eu tinha vergonha que eu tinha responsabilizado Asa e o clube por um monte de coisas que eles não poderiam ter mudado, mas eu finalmente entendi que minhas emoções confusas tinham sido totalmente normais.

Minha vida tinha sido uma série de eventos infelizes por um longo tempo, começando com a minha decisão de me esgueirar para fora da minha casa para ir a uma festa e terminando quando eu tinha chutado Asa para fora da minha vida completamente. Olhando para trás, eu não sei como eu teria sido capaz de juntar minhas coisas sem saber que ele estava lá para me proteger. Teria sido muito fácil para mim deslizar de volta aos velhos hábitos.

Eu tinha perguntado por um longo tempo se o meu relacionamento com Asa tinha sido um acaso. Que talvez eu estava tão profundamente envolvida por ele porque ele me salvou e por nenhuma outra razão. Tornou-se um medo quase insuportável - que nosso amor não fosse real - e eu não tinha sido capaz de tirá-lo da minha mente até que eu tinha trabalhado nisso por semana com o Dr. Howell.

Eu aprendi uma coisa durante aquelas semanas quando nós fizemos exercício após exercício me ajudando a descobrir e compreender os meus sentimentos.

Eu amava Asa. O amava. Não tinha nada a ver com como ele poderia me proteger ou algum senso de dívida com ele.

Levei tudo para fora, até que havia apenas Asa e Callie e eu ainda o amava com uma intensidade que beirava a loucura.

Poucos meses depois de Cody ter sido baleado, eu me encontrei com dinheiro suficiente para ir até Oregon. Eu estava chateada com o meu irmão por se recusar a vir para a Califórnia para me ver e preocupada que ele não estava cuidando de si mesmo. Eu precisava levá-lo para longe dos Aces, de volta para a escola que ele abandonou e para longe de uma vida que iria levá-lo à morte.

Eu também estava irracionalmente irritada que Asa não tinha vindo para mim ainda. Eu lhe pedi um tempo, mas ele parecia contente em dar isso para mim e quando o tempo passou, eu me preocupei que ele não estava voltando. Eu estava furiosa que ele não estava lutando por mim, com raiva que ele tinha desistido tão facilmente. Dr. Howell teria tido um dia de campo com essa informação, mas nós ainda não tínhamos tocado nas dificuldades que tinha de controlar minha raiva.

Eu cheguei lá e fiz meu caminho para dentro com alguns problemas, mas a poucos minutos da minha chegada, o amor da minha vida estava caminhando para fora das portas da frente gritando comigo.

E depois de uma luta espetacular com Asa na frente de cerca de trinta motoqueiros e suas old ladies, ele me jogou por cima do ombro e caminhou passando por todos em seu quarto.

Ele me soltou em cima da cama e deu um passo para trás, cansado. — Onde está Will?

— Deixei ele com Vovó, — eu respondi baixinho com um aceno de cabeça. — Eu não acho que seria uma boa situação trazê-lo.

— O que diabos você estava pensando, Callie? — ele perguntou, desanimado quando ele passou a mão pelo cabelo.

Olhei para ele de perto pela primeira vez em meses e eu não conseguia parar as palavras que vieram derramando para fora da minha boca. — Eu te amo! — fritei. — Não me chame de baby. Por que você estava me chamando de baby? Você me chama de amor.

Seu corpo ficou completamente imóvel. — O que você acabou de me dizer?

— Não me chame baby. Você me chama de amor.

— Antes disso, Calliope, — ele retumbou, suas mãos caindo para os punhos em seus lados.

— Eu te amo. Eu sei disso agora.

— Oh, você sabe *agora*, hein? — ele perguntou suavemente.

Eu balancei a cabeça rapidamente, me puxando nos meus joelhos.

— Bem, eu sabia disso *antes*, — respondeu ele, balançando a cabeça enquanto passava a mão pela barba. — Eu não posso fazer isso com você, amor.

— Eu te amo. Eu te amo e eu quero ser uma família. — cheguei para ele em frustração, mas recuei e comecei a chorar na angústia em seu rosto. Ele estava se afastando. Ele não me queria. Toda a minha raiva me deixou em um instante, substituído pelo medo e desespero. — Eu estou melhor! Eu juro! Eu vou fazer melhor! Eu sinto tanto a sua falta.

— Eu sei que você está melhor, — ele me disse baixinho, se aproximando para enxugar as lágrimas do meu rosto. — Você está indo tão bem, Calliope. Mas eu não posso ser o motivo de você deslizar de volta para essa merda.

— Você não vai! — eu implorei. — Não tem nada a ver com você!

— Besteira, Callie, — ele atirou de volta, andando em direção à porta. — Você não poderia nem mesmo olhar para mim.

Ele estava quase fora da porta quando eu desesperadamente gritei a única coisa que eu prometi que nunca revelaria a ele.

— Eu culpo você! — eu gritei, observando suas costas ficarem retas. — Eu culpo você e é isso que fez tudo pior.

— Todo esse tempo? — ele se virou para mim. — Todo esse tempo eu venho tentando construir uma vida com você, lutando com a minha própria merda sobre o que aconteceu com seus pais, sabendo que não havia uma maldita coisa que eu poderia mudar... Todo esse tempo você foi me culpando e nunca disse uma maldita palavra?

Sua voz era rasa e a dor em seus olhos me fez sentir como se eu fosse vomitar.

— Eu não pensei sobre isso, — eu funguei e ele se virou para sair pela porta. — Eu não pensei sobre isso, porque se eu pensasse em como eu culpei você, eu não podia ignorar como eu me culpava, — eu sussurrei, coçando um dos meus braços com as unhas curtas.

Ele ficou em silêncio por longos momentos enquanto eu me perguntava como eu tinha conseguido foder tanto as coisas. Eu tinha usado um *taser* para fazer o meu caminho em um complexo fechado, gritei como uma louca para o meu irmão, que terminou por nem estar lá e convenci o amor da minha vida que eu o culpava pela morte de meus pais.

Eu estava coçando mais rápido, com lágrimas borrando meus olhos, quando senti uma mão quente cobrir a minha.

— Pare de coçar, amor, — ele murmurou suavemente. — Vai cortar a pele se você continuar fazendo isso.

— Eu sinto muito. — eu soluçava. — Eu sei que não foi culpa sua. Eu sei disso agora. Eu sei que não foi culpa sua. Eu era uma bagunça, mas eu sempre te amei. Eu nunca menti sobre isso. Isso sempre foi verdade.

— Eu sei, baby, eu sei, — ele murmurou, se sentando e me puxando para o seu colo.

— Não me chame de baby! — eu gemia, o fazendo rir um pouco. — Não ria de mim!

— Não estou rindo de você, — ele comentou, puxando meu rosto para ele. — Eu te chamei de baby antes, você está muito louca. Basta chamar você de amor. Você não quer que eu chame você de baby, sim?

— Não, — eu disse com força, a memória de Deke ainda fazendo minha pele arrepiar.

— Ok, então você tem amor ou baby quando eu estou fazendo amor com você. Callie quando eu preciso dizer seu nome e Calliope quando eu preciso ter certeza de que você está prestando atenção, — ele me disse com um sorriso, se inclinando para correr o seu nariz ao longo do meu.

— Ok, — eu sussurrei em sua boca. — Eu te amo. Sinto muito.

— Nós temos nos culpado por uma merda que não temos culpa, — ele me disse sério. — Não me diga mais que você está arrependida, Calliope.

— Eu estou prestando atenção.

— Eu sei que você está. Não me diga mais que você está arrependida. Não peça mais desculpas. Você não fez nada de errado. — ele se inclinou uma fração de uma polegada para passar sua língua levemente sobre o meu lábio inferior. — Nós estamos seguindo em frente a partir daqui.

— Só isso?

— Eu estive esperando por um ano para que você voltasse para mim. Não vamos perder mais tempo.

— Eu estive esperando um ano para voltar para você também.

Ele gemeu profundamente em sua garganta e me beijou com força, sua língua empurrando em minha boca.

— Sem correr, sem nos esconder, — ele ordenou enquanto me afastava e levantou minha camisa sobre a minha cabeça. — Nós vamos lidar com as merdas conforme elas vêm e você vai encontrar uma opção aqui.

— Ok, — eu choraminguei quando ele tirou meu sutiã. — Eu prometo.

Ele se levantou da cama e tirou seu colete e camiseta, os jogando em todo o quarto assim quando ele desfez a fivela do cinto. — E você deixará seu cabelo crescer, — ele insistiu, apontando o dedo para mim. — Seu cabelo está mais curto do que o meu, porra.

Eu ri um pouco, me sentindo mais leve do que eu jamais poderia lembrar. — Farrah quis tentar algo novo. — eu engasguei quando ele puxou minha calça e calcinha pelas minhas pernas, amaldiçoando quando ele não podia passá-los por minhas botas.

— Da próxima vez, diga para Farrah se foder, — ele murmurou enquanto ele arrancava minhas botas, finalmente as puxando para fora de meus pés junto com minhas calças.

— Porra, Calliope, — ele xingou e parou com as mãos na frente de sua calça, olhando para mim. — Tem sido tanto tempo.

— Cerca de três anos, — murmurei de volta, fugindo para cima da cama com um sorriso sensual no meu rosto. — O que você está esperando?

Ele estava fora de suas calças e em cima de mim antes que eu pudesse parar de rir com o choque no rosto.

— Seu corpo é tão fodidamente suave, — ele murmurou contra meu peito antes de puxar o meu mamilo em sua boca. — Seus seios estão maiores.

— Sim, isso e algumas outras coisas, — eu gemi quando sua mão correu entre minhas pernas.

— Ah, sim, o que mais? — ele perguntou seriamente, sua mão parando logo acima de onde eu precisava dele.

— Minha bunda, minhas coxas, minha cintura, — eu respondi, irritada, movendo os quadris contra sua mão.

Ele se inclinou para trás em seus calcanhares entre as minhas pernas e eu quase gritei de frustração ao intervalo do contato.

— Não parece ser diferente aqui, — ele murmurou, correndo os dedos sobre minha barriga, — Exceto por essas pequenas marcas que prova que você carregou o meu filho.

Ele recuou enquanto eu observava seu rosto ficar suave.

— Estes também? — ele perguntou, envolvendo as mãos em volta de minhas coxas. Ele olhou para mim, e no meu aceno de cabeça, deu a

elas um aperto. — Posso, ainda, quase embrulhar minhas mãos em torno delas, amor. E elas são inacreditáveis, porque elas apontam para o meu lugar favorito. Você sabe onde é, sim?

Eu balancei a cabeça novamente, meus olhos borrados de lágrimas enquanto ele catalogava o meu corpo com mãos suaves e palavras mais suaves ainda. Sua mão correu até o interior da minha coxa até que seus dedos estavam esfregando suavemente sobre o meu clitóris. — Lugar favorito, — ele murmurou novamente. — Onde estávamos? Certo, sua bunda.

Ele puxou minha perna sobre seu colo e me virou antes de passar suas mãos sobre minha bunda.

— Nah. Você nunca pode estar muito gorda aqui, — ele me disse com uma risada.

Eu puxei minhas mãos, pronta para a batalha, mas parei quando ele me puxou para cima assim minha bunda estava descansando contra seus quadris. — Olhe quanto eu tenho pra pegar, amor. Grande o suficiente para caber em minhas mãos, macios o suficiente para que eu possa agarrá-los assim. — ele colocou as mãos em ambas as faces, puxando para além de necessidade.

Eu gemi e coloquei minha cabeça em seu travesseiro, inalando profundamente seu cheiro lá.

— Você é tão sexy, Calliope.

— Eu estou prestando atenção, — eu murmurei, empurrando meus quadris contra ele.

— Sim, baby, você está, — ele gemeu, correndo os dedos através da umidade entre as minhas coxas. — Quero ver o seu rosto.

Ele me virou novamente, me deixando saltar contra a cama por um minuto antes de voltar para baixo até que ele estava me cobrindo completamente.

— Enrole suas pernas em volta de mim, Callie.

Fiz o que ele mandou, mas o momento em que ele começou a empurrar dentro de mim, eu o interrompi.

— Eu preciso saber se você vai colocar Will e eu em primeiro lugar, — eu disse a ele em voz baixa. — Eu preciso saber se posso contar com você para fazer o que é melhor para a nossa família.

Ele rosnou profundamente em sua garganta e mergulhou dentro de mim, me fazendo arquear para fora da cama enquanto seus dentes apertaram o lado da minha garganta e ele começou a chupar duramente. Ele se retirou lentamente e bateu de volta mais e mais, até que ambos os nossos corpos estavam cobertos de suor e eu tinha três chupões diferentes salpicando meu torso e pescoço, e então, de repente, ele parou.

— Nada é mais importante do que você, Calliope. Você não vê isso ainda?

Olhei em seus olhos, mas eu já sabia o que ia encontrar.

— Sim, querido. Eu vejo isso.

E lá em sua cama, com os dedos em seus cabelos e sua boca no meu pescoço, sem culpa entre nós, ele me amava e nós dois nos redimimos.

Epílogo

CALLIE

Estávamos deitados em sua cama, suados e exaustos, quando minha mente voltou para a principal razão para a minha visita.

— Onde está Cody? — eu perguntei, me inclinando sobre o cotovelo para que eu pudesse olhar para o rosto de Asa. — Eu não o vi em meses!

— Indo para Sacramento, imagino, — respondeu ele distraidamente, olhando para os meus seios enquanto ele corria um dedo sobre um dos meus mamilos.

— Por que ele não disse nada? — eu exclamei, batendo a mão levemente e me jogando de costas na cama, exasperada. — Eu venho implorando a ele para voltar desde sempre e agora ele está lá e eu estou aqui!

— Não acho que ele estava indo para te ver, amor, — respondeu ele com um sorriso.

— Não! — eu engasguei. — Vovó?

— Não. Duvido que ela vá saber que ele está lá.

— Puta merda, irmãozinho, — eu sussurrei para mim mesma.

— Levar um tiro pode alterar as prioridades de um homem, sim? Eu tenho certeza que ele está farto de deixa-la afastá-lo, — ele murmurou, rolando em cima de mim. — Agora, pare de se preocupar com seu irmão e seus problemas com a sua melhor amiga e me beije, porra.